

TEATRO JOÃO CAETANO

Praça Tiralentes

TEATRO POPULAR DE ARTE de São Paulo

Apresenta:

"HOMENS DE PAPEL"

De Plinio Marcos

PROGRAMA PARA O PERIODO DE: 1 a 8 de Dezembro de 1967

Distribuição

ELIAS GLEZER	Berrão
RAUL MARTINS	Giló
EDUARDO ABAS	Chicão
JOVELITA ALVARENGA	Maria Vai
VICENTE ACEDO	Pelado
TEREZA DE ALMEIDA	Noca
SILVIO ROCHA	Tião
OSWALDO LOUZADA	Coco
RAYMUNDO DUPRAT	Bichado
IVETE BAMFÁ	Poquinha
MARIA DELLA COSTA	Nhanha
FERNANDO BALERONI	Frido
WALDEREZ DE BARROS	Ga



Direção Artística de:

JAIRO ARRONHA FLESA

Produção:

SANDRO POLONI

Cenários e Figurinos de:

CLOVIS BUENO

DPF - DELEGACIA REGIONAL - GB.
SEÇÃO DE CENSURA FEDERAL

APROVADO

Diariamente R\$ 21,15

EM, 12/11/67

[Signature]
 CHEFE DA SEÇÃO

São de Janeiro, 1 de Dezembro 1967

[Signature]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0059 p. 3
TEATRO JOÃO CAETANO
Praça Tiradentes

TEATRO POPULAR DE ARTE de São Paulo

apresenta:

"HOMENS DE PAPEL"

de Plinio Marcos

PROGRAMA PARA O PERIODO DE: 24 a 30 de Novembro de 1967

Distribuição

ELIAS GLEZER Berrão
RAUL MARTINS Gilo
EDUARDO ABAS Chicão
JOVELITA ALVARENGA Maria Vai
VICENTE ACEDO Belado
TEREZA DE AIMEIDA Noca
SILVIO ROCHA Tião
OSWALDO LOUZADA Coco
RAYMUNDO DUPRAT Bichado
IVETE BOMFÁ Pequinha
MARIA DELLA COSTA Nhanha
FERNANDO BALERONI Frido
WALDEREZ DE BARROS Ga

Direção Artística de:

JAIRO ARCO E FLEXA

Produção de:

SANDRO POLONI

Cenários e Figurinos de:

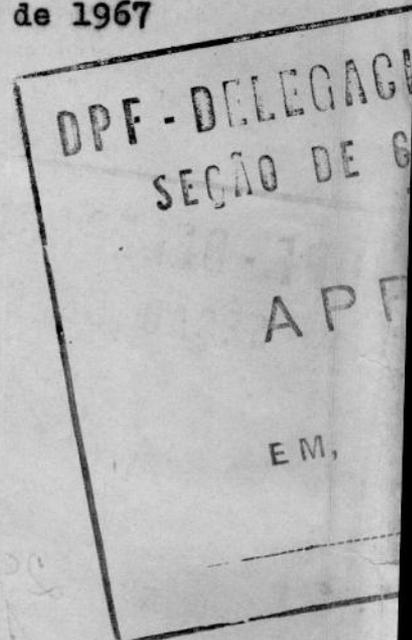
CLOVIS BUENO

Diariamente as 21,15 horas

Sabados as 20 e 22,30 horas

Quintas (vesperais) as 17 horas

Domingos (vesperais) as 18 horas



Plinio Marcos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0059, p. 4

DPF - DELEGACIA REGIONAL - GB.
SEÇÃO DE CENSURA FEDERAL

APROVADO

EM, 24, 11, 67

[Handwritten signature]
LA SCP

Proibido p/ menores até 18 anos e/ corty. Certificado 3460/67-SP.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0059, p.5
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
CERTIFICADO DE CENSURA



Nº de Registro 3460/67-SP - LIVRO Nº 2 - PÁGINA Nº 146

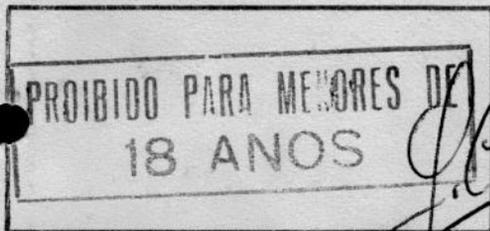
Título do PROGRAMA : " HOMENS DE PAPEL " (PEÇA TEATRAL)

AUTOR: PLÍNIO MARCOS

RESPONSÁVEL : CIA. MARIA DELLA COSTA.

Aprovado pelo S. C. D. P. PARA MAIORES DE 18 ANOS, COM CORTES NAS
PÁGINAS 23, 29, 30, 31, 37, 39, 45, 48, 49, 50 e 51.

Validade ATE 22 DE MARÇO DE 1968



Brasília, 28 de SETEMBRO de 19 67

Certificado de Censura

CHEFE DO S. C. D. P.

OS HOMENS DE PAPELautor: PLÍNIO MARCOS

(Ao abrir o pano, Giló, Tião, Maria-Vai, Chicão, Côco, Pelado e Noca estão em fila diante de Berrão, que traz um revólver na cinta e uma balança de gancho na mão. Cada uma das pessoas da fila arrastam sacos cheios de papel.)

BERRÃO - Avança o primeiro.

(Giló aproxima-se.)

GILÓ - Apanhei três sacos.

BERRÃO - E daí? O peso é que interessa.

GILÓ - Estão bem cheinhos.

BERRÃO - A balança é que vai dizer.

GILÓ - Nos três sacos, um pelo outro, deve dar uns trinta quilos.

BERRÃO - Vamos ver. (Pesa o primeiro saco.) Três quilos.

GILÓ - Só?!

BERRÃO - Só por que?

GILÓ - Não foi mole arrastar os sacos até aqui.

BERRÃO - É que tu tá podre. Pensa que cachaça sustenta? Tem que comer às vezes.

GILÓ - Não bebo.

BERRÃO - Come com farinha. (Pesa o segundo saco.) Dois e meio.

GILÓ - Tá marcando mais.

BERRÃO - Estou vendo. Não sou cego.

GILÓ - Então não é dois e meio.

BERRÃO - Aqui a gente sempre arredonda.

GILÓ - Pra menos.

BERRÃO - É.

GILÓ - Mas está dando quase três.



BERRÃO - Dois e meio e fim. Se não estiver contente, vai vender em outra parte. (Pesa o terceiro saco.) Também dois e meio.

GILÓ - Poxa, seu Berrão. Ola aí. Falta só um pouco pra três quilos.

BERRÃO - Será que tôda a mão vou ter que explicar o negócio do arredonda?

GILÓ - Não... É...

BERRÃO - Então não torra as minhas idéias. Se começar a me aporri-nhar, te risco da lista.

GILÓ - me desculpe, falei por falar.

BERRÃO - Veja lá! Em boca fechada não entra mosquito! Deu oito quilos bem pesados. Duzentos mangos por quilo. Um conto e seis-centos. Desconta a gasolina do caminhão e a minha parte. Tenho que te dar seiscentos mil réis.

GILÓ - Sempre foi meio a meio.

BERRÃO - Até ontem! Agora a gasolina subiu. Se não quiser fazer acêrto comigo, leva direto na fábrica. Mas, já vou avisando, e é bom que todo mundo escute. Tenho arrêglo com os caras da fábrica. Dou sempre um come-quieto pro sujeito que compra papel. Se falar pra êle não comprar de alguêm, êle não compra mesmo. Assim, me cubro de sacanagens. Agora, sua cabeça é seu guia. Quer ir lá vender, vai.

GILÓ - Não. Sempre fiz acêrto com o senhor.

BERRÃO - Então pega o teu tutu e cai fora. Já enjoiei das tuas fuças. (Giló pega o dinheiro e três sacos vazios e se afasta.)

BERRÃO - Vem outro.

(Aproxima-se Chicão.)

CHICÃO - Só dois.

BERRÃO - Pombas! Ninguém quer mais nada?

CHICÃO - Foi noite ruim.

BERRÃO - Sei! Tu ficou em algum boteco enchendo a caveira de pinga. Isso que foi.



CHICÃO - Foi ruim pra todo mundo. Pode perguntar pra BERRÃO.

MARIA-VAI - Foi ruim mesmo, seu BERRÃO.

PELADO - Parece até que alguém catou antes da gente.

NOCA - Nós que é de catar cinco, catou só dois.

TIÃO - Acho até que deu uma dor de barriga de lascar e a gentara-da usou todo o papel.

(Todos riem.)

BERRÃO (bravo) - Psiu! Que folga é essa?

(Silêncio imediato.)

BERRÃO - Quero respeito aqui! Não sou nenhum moleque pra escutar gracinha. Quem se fizer de besta comigo, já viu! Sou muito legal. Agora, se me esquento, viro bicho.

CHICÃO - É que não deu mesmo pra catar mais. Se desse, a gente catava. No duro que parece que alguém catou antes de nós.

BERRÃO - Catou uma pinóia. Tu e essa gente são tudo uns vadios.

CHICÃO - Vadios, não!

BERRÃO - Vadios, sim! E tu é o pior! Mas estou de olho em ti. Dá uma sopa pro azar e tu vê. Acerto o teu passo. (Pausa) Quero ver amanhã, se tu me aparecê só com dois sacos. (Pesa os sacos de Chicão.) O primeiro tem quilo e meio e o segundo tem dois.

CHICÃO - Eu pesei na venda do seu Quim, antes de vir pra cá. Deu cinco quilos.

BERRÃO (Atira os sacos na cara de Chicão.) - Tá aí! Vai vender para o seu Quim.

CHICÃO - Ele não compra.

BERRÃO - Então se dane!

(Chicão fica parado olhando Berrão.)

BERRÃO - Cai fora, anda!

CHICÃO - Compra aí, seu Berrão. Estou duro.

BERRÃO - Aqui é três quilos.

CHICÃO - Três e meio. O senhor falou.



BERRÃO - Falei três?

CHICÃO -, Escutei bem. O senhor disse: três e meio.

BERRÃO - Falei três e não vou pesar de novo só pra tirar sua grama.

CHICÃO - Todo mundo viu o senhor falar três e meio.

MARIA-VAI - Eu não escutei nada.

TIAJÓ - Eu estou por fora.

PELADO - Negócio dos outros não quero nem saber.

NOCA - É melhor. Se a gente mete a butuca vão dizer que a gente tá secando.

BERRÃO - Mas tu ouviu eu falar três, não ouviu, Noca?

CHICÃO - Ele não disse três e meio?

NOCA - Disse três. Só falei o que escutei. Porque fui perguntada.

BERRÃO - É três mesmo. Pega a grana e te arranca.

(Chicão pega o dinheiro e os dois sacos e se afasta.)

BERRÃO - Anda tu, Baiano Côco da peste!

COCO - Tá aí. (Apresenta meio saco.)

BERRÃO - Éta raça ruim! Meio saco! (Arranca o saco da mão de Côco e joga junto com os outros.) Isso não vale a pena nem pesar. Cai fora! Não vou pagar isso, não!

COCO - Aí tem coisa minha. (Vai pegar o saco.)

BERRÃO - Ei! Que tu quer aí? Tira a pata dêsse saco.

COCO - Só vou apanhar uma coisa.

BERRÃO - Pega logo e se afasta dos sacos. Não quero ver ninguém aí.

(Côco abre o saco e retira uma boneca quebrada.)

BERRÃO - Que porcaria é essa?

COCO - Uma bonequinha.

(Todos riem.) -

BERRÃO - Pra que tu quer essa droga?

COCO - Pra mim.

BERRÃO - Vai brincar com boneca, agora?

(Todos riem.)

BERRÃO - Por isso é que êsse país não vai pra frente. Ninguém quer saber de nada com o pesado. Êsse ^{Bruto} puta marmenjo deu agora pra brincar com boneca.

(Todos riem.)

BERRÃO - É o fim da picada. Vem outro!

(Aproximam-se Maria-Vai e Tião.)

BERRÃO - Pra que vêm em dois? Tu sai de lado. Deixa tua mulher cuidar das coisas. Ela espia melhor do que tu.

TIÃO - Fica os dois. Os dois que catou.

MARIA-VAI - Te arranca, Tião. Seu Berrão já falou.

TIÃO - Cala a bôca, mulher. Sei o que faço.

BERRÃO (Empurra Tião pra longe.) - Deixa só ela aqui! Tem mêdo que eu cante tua mulher?

MARIA-VAI - Onda dêle, seu Berrão. Êle não é de nada.

(Tião afasta-se, triste.)

BERRÃO (Pesa os sacos.) - Todos juntos dá seis quilos.

MARIA-VAI - Pouco.

BERRÃO - Quer ir na fábrica conferir? Como no outro dia?

MARIA-VAI (sem jeito) - Vou.

BERRÃO - Então tu vai. Tião, tua mulher não confia na balança. Diz que estou roubando. Pra tirar a cisma dela, vou levar ela comigo até a fábrica.

TIÃO - Eu vou junto.

BERRÃO - Tu não vai a parte nenhuma.

TIÃO - Então a maria também não vai.

MARIA-VAI - Vou! Quero saber o certo.

TIÃO - Não vai.

MARIA-VAI - Vou! Tu não me manda.

TIÃO - Não vai!

BERRÃO - Ela vai!

BERRÃO - Ela vai! Se ela não fôr, te tiro o ponto. Não vou querer lidar com gente que acha que eu estou metendo a mão. Dembas! Hoje que estou de boa lua, que vou dar uma colher de chá pra ela ir saber lá na fábrica como é o massete, tu vai se invocar? Ela vai. Se tu espernear, te tomo o ponto e dou pra outro.

MARIA-VAI - Deixa de ser chato, Tião.

(Tião afasta-se, triste.)

BERRÃO - Tu fica lá junto dos sacos.

(Maria-Vai fica perto da pilha de sacos.)

BERRÃO - Anda, gente. Vamos logo com essa porra!

(Noca aproxima-se e Pelado vai para juntos dos outros.)

BERRÃO - Dois sacos. (Pesa.) Cinco quilos.

NOCA - Vai levar a perebenta pra conferir?

BERRÃO - Ti vai amanhã.

NOCA - Deus me livre. Tu quer passar doença dessa vaca pra mim?

BERRÃO - Dor de corno, bichinha.

NOCA - Arruda!

(Noca pega o dinheiro e vai para junto de Pelado.)

BERRÃO - Quem está faltando?

MARIA-VAI - O Richado e a Poquinha.

BERRÃO - Que COISA merda! Sempre se espera pelos mais jogados fora. Será que é aquêles dois não sabem que não estou aqui pra perder tempo? Têm a noite inteira pra se virar, mas ficam dormindo. Daí se atrasem. Também, têm um negócio. Se me chegarem aqui com as mãos vazias, vão netrar bem. Não compro nada.

(Pausa. Berrão anda nervosamente de um lado pra outro. O pessoal está arachado. Todos em silêncio. Chicão, sem que Berrão perceba, aproxima-se de Tião.)

CHICÃO - Tu vai deixar êle outra vez levar tua mulher?

TIÃO - É só pra conferir.

CHICÃO - Tu vai engolir isso?

TIÃO -



TIÃO - É bom alguém daqui ir conferir.

CHICÃO - Então, por que ele não te leva? Porque tu és feio que nem a peste. Leva a maria, que é fêmea.

TIÃO - Que tu quer dizer com isso?

CHICÃO - Que ele vai se servir às custas da tua mulher. Seu chifre vai crescer mais um pouco.

TIÃO - Filho da puta! CACHORRO

CHICÃO - Banca o homem pra cima do Berrão.

TIÃO - Tu me dá nôjo.

CHICÃO - E tua mulher? Esse vaca sem-vergonha que te passa pra trás na tua cara?

TIÃO - Ela também me paga,

CHICÃO - Papo furado.

TIÃO - Ninguém vai perder por esperar.

CHICÃO - Tu não é de nada. Quem tem de fazer o azar faz na hora. Esse negócio de ficar nas encolhas é de trouxa.

TIÃO - O bom cabrito não berra.

CHICÃO - Chifre tu já tem. Só que em vez de cabrito parece um bode.

TIÃO - Te arranca daqui! Vai dar palpite na vida da peste que te pariu.

CHICÃO - Não precisa azedar. Só estou querendo te dar uma mão.

TIÃO - Que mão! Só sabe me azucrinar.

CHICÃO - Quem azucrina tua vida não sou eu, não. É tua mulher mais esse Berrão. Ele que te desgraça. É ele. E não é só contigo que o merda se invoca. É com todo mundo. Vive sacaneando a gente.

TIÃO - Se não é só comigo, tá aí. Por que ninguém estrila?

(Pausa. Chicão sente a aproximação de Berrão, disfarça. Quando Berrão se afasta, Chicão volta a falar.)

CHICÃO - Esse cara há de morrer leproso.

TIÃO - Gente ruim não morre.

CHICÃO - Tu podia acabar com ele.



TIÃO - Não viu a razão pendurada na barriga dêle?

CHICÃO - É... Ele é a lei. Pau mais forte.

TIÃO - Não adianta a gente apitar. Temos que esperar ^{volta}

CHICÃO - Nós devíamos armar um chaveco pra êle.

TIÃO - Não dá.

CHICÃO - Podemos forçar a barra.

TIÃO - Bobagem. O Berrão é uma parada federal.

CHICÃO -, Como tá, não tá direito.

BERRÃO - E êsses desgraçados não chegam. Quero ser mico de circo se não pegar de pau êsse Bichado.

MARIA-VAI - Deixa êles no ora-veja. Vamos nós.

BERRÃO - Se tu mais essa corja não fôsem uns vagabundos, podia ir. Mas, como vou aparecer lá na fábrica com êsse pingo de papel? Os caras vão cair no meu pêlo. Esse porcaria não paga nem a gasolina. Mas êsses dois vão ter um acêrto comigo. Pode botar fé.

(Berrão continua a andar nervosamente de um lado para outro.)

CHICÃO - Tu escutou.

TIÃO - A Maria está assanhada, né? Mas, quando ela voltar, tu vai ver. Arrebento essa vaca.

CHICÃO - Psiu! (Pausa) Não falei da Maria, não. Tu não escutou o Berrão se queixar que é pouco papel?

TIÃO - E daí? O miserável sempre quer mais.

CHICÃO - E é aí que êle pode cair do ourro.

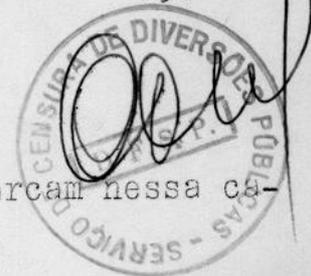
TIÃO - Não sei por que.

CHICÃO - Sei eu. É só a gente encostar o corpo, êle entra em pua. Se ninguém catar papel pra êle, quero ver o que o sacana vai dizer na fábrica.

TIÃO - Precisava ser todo mundo junto nessa jogada.

CHICÃO - Claro!

(Pausa. Os dois pensam.)



TIÃO - Tu já falou com os outros?

CHICÃO - Ainda não. Mas, se a gente fala, êles embarcam nessa canoa. Pode crer. Todo mundo tem bronca dêsse Berrão.

TIÃO - Isso é mesmo. Fala com o pessoal, se êles entrarem no arrôxo, eu também entro.

CHICÃO - Não. Tem que ser tu o cara a levantar a lebre.

TIÃO - É idéia tua.

CHICÃO - Poxa, mas tu tem mais papo que eu.

TIÃO - Te manjo. Tu sabe enrolar. Fala com os outros. Daí me avisa.

CHICÃO - Tem que ter a tua fôrça.

TIÃO - Vai ter. mas só depois que estiverem todos papeados.

CHICÃO - Tu tá com medo.

TIÃO - Claro. Como tu.

CHICÃO - Eu estou firme.

TIÃO - E quer tirar o loló da seringa?

CHICÃO - Eu, não! Não falei com tu?

TIÃO - Então fala com os outros.

CHICÃO - Mas, que é isso? Se abre com êles. Tu sempre teve na boa com êsse povo. Já de mim, tem cara que estranha.

TIÃO - O lance é teu. Te vira.

CHICÃO - Meu, não. De todos.

TIÃO - mas tu é o pai da criança.

CHICÃO - Tu tem mais motivo que eu de querer ferrar o Berrão.

TIÃO - Não sei por que. Ele mete a mão no teu bolso como no meu.

CHICÃO - mas passa tua mulher nas armas.

TIÃO - Corta êsse papo.

CHICÃO - mas não é?

TIÃO - Isso é comigo. Tu não te mete.

CHICÃO - Então vai lá e dá uma chifrada nêle.

TIÃO - Filho de uma puta! Eu te arrebento!

(Tião pula em Chicão.)



NOCA - Briga!

PELADO - Deixa brigar.

COCO - Dá-lhe! Dá-lhe!

GILÓ - Quem puder mais hora menos.

BERRÃO - É sô os dois. Ninguém se mete.

(Entte vaias e risos, os dois homens rolam pelo chão.)

MARIA-VAI - Dá-lhe, Tião! Dá nêle, Tião.

(Chicão leva a melhor e vai estrangulando Tião.)

(TIÃO (sufocando) - Ai... Ai...

CHICÃO - Geme, corno menso. SEU MISERÁVEL

TIÃO - me larga... me ... larga... Ele me... mata... Me... ajuda...

PELADO - Ninguém se mete.

MARIA-VAI - Ele vai matar o Tião. Não deixa, seu Berrão. Não deixa!

CHICÃO - Ésse sacana vai se acabar aqui.

BERRÃO (Dá um pé no peito do Chicão e o joga longe.) - Mixou!

CHICÃO - Ele que quis! Deixa comigo!

BERRÃO - Mixou, já disse! Se quiser encrenca, é pra mim agora!

(Puxa o revólver.) Vai querer?

TIÃO (levantando-se, gemendo) - Vai ter forra! Pode contar!

CHICÃO - A hora que tu quiser.

MARIA-VAI - Por que tu não apertou os bagos dêle? Ele se entregava.

TIÃO - Deixa êle. Eu ferro ésse miserável.

CHICÃO - Estou aqui mesmo.

BERRÃO - Já mandei acabar ésse assunto. Já estou de ovo virado por-
que aquêles dois não aparecem. Se me torram o saco, acerto um.

(Pausa)

MARIA-VAI - Por que tu se grudou com êle?

TIÃO - Ainda pergunta, sua vaca?

MARIA-VAI - Eu que pago o pato?

TIÃO - Foi por tua causa. Se tu não fôsse tão galinha, eu não tinha
que escutar desafôre.



MARIA-VAI - mas que é isso? Que é que eu fiz?

TIÃO - Não tem nada que ir na fábrica.

MARIA-VAI - Só vou lá conferir pêso.

TIÃO - mas todo mundo fica falando que o Berrão te passa na cara.

MARIA-VAI - O Chicão falou isso?

TIÃO - Foi.

MARIA-VAI - Filho da puta Nojenyo! Vai provar! (Para Chicão) Que tu tem que se meter na minha vida, seu lazarento?

CHICÃO - me deixa, mulher.

MARIA-VAI - Cavallo! Não sabe arrumar mulher no papo, fica costurando a vida delas.

CHICÃO - Cala a bôca!

MARIA-VAI - Tu vai provar o que disse de mim.

CHICÃO - Que foi?

MARIA-VAI - Que o Berrão se trata comigo!

CHICÃO - Vai à merda! Todo mundo sabe disso.

MARIA-VAI - O senhor escutou, seu Berrão?

BERRÃO (que está um pouco afastado) - mas, pombas! Que é agora?

MARIA-VAI - Esse desgraçado falou que o senhor me leva no caminhão pra dormir comigo.

BERRÃO - Tu disse isso?

CHICÃO - Eu, não!

MARIA-VAI - Disse, sim! Agora não dá pra trás.

CHICÃO - Falei nada, não!

MARIA-VAI - Por que o Tião se pegou com tu?

BERRÃO - Foi por isso, Tião?

TIÃO - Foi!

BERRÃO (puxando o revólver) - Canalha! Que tu quer me aprontar? O que? Te meto uma bala na testa, seu sacana de merda! Que tu quer comigo? Diz! (Pausa) Tu não é bravo? Então, diz! O que quer comigo?

CHICÃO - Nada, não.

MARIA-VAI - Mojento! Na hora de provar, afina!

BERRÃO - Vou te dar um castigo! (Dá vários tapas na cabeça do Chicão, joga-o no chão e lhe dá pontapés.) Quer mais? Diz, Quer mais?

CHICÃO - Por favor, chega.

MARIA-VAI - Eu sei por que êle se mete na minha vida. Quis xamêgo comigo e eu não me arreglei com êle. É isso. Só pode ser isso.

CHICÃO - Eu, não! Nunca te cantei.

BERRÃO - Porco! Sem-vergonha! Dando em cima de mulher que já tem homem. (Dá mais uns pontapés em Chicão.)

TIÃO - Essa eu não sabia. Mas fica na conta. Vai ter acêrto.

BERRÃO - Eu devia te tomar o ponto.

CHICÃO - A rus é livre. Eu cato papel onde quiser.

BERRÃO - E limpa o rabo com êle. Eu não vou comorar de ti. Vai vender pra quem?

NOCA - Dá pra nós o ponto dêle, seu Berrão. Eu cato numa rua, o Pelado na outra.

MARIA-VAI - Ela mais o Pelado não dão conta nem do ponto que têm. Dá pra gente, seu Berrão.

NOCA - ^{BRUXA} Puta, invejosa!

MARIA-VAI - Não se mete comigo!

NOCA - Então não se atrevesse no meu caminho.

MARIA-VAI - Quem se meteu foi tu. Ninguém te chamou na conversa. (Entram Bichado e Poquinha, seguidos de Frido, Gá e Nhanha.)

BICHADO - Olha o que a gente achou!

POQUINHA - Caras novas.

BICHADO - Catando papel, sem ordem do seu Berrão.

POQUINHA - Pêgaram seis sacos.

(Dicam todos amontoados olhando Frido, Nhanha e Gá. Esta agarra-se nas saias de Nhanha, que também está meio assustada. Pausa longa.)

GILÓ - Foi êles que catararam nos pontos da gente.

PELADO - Por isso que a gente não catou o de sempre.



NOCA - Poxa, bem que a gente desconfiou.

TIÃO - Os sacos dêles é da gente.

CHICÃO - É de quem pegar.

(Todos precipitam-se sôbre os três novos. Frido e Nhanha tentam impedir, são derrubados e pisoteados, Gá grita, aflita. Reina grande confusão. Os catadores velhos pegam os sacos e disputam entre si com grande violência. Frido e Nhanha tentam recuperar os sacos, mas são repelidos. Berrão diverte-se-)

NOCA - Larga essa droga!

MARIA-VAI - Ésse saco é meu, sua desgraçada!

CHICÃO - Solta daí, seu trouxa!

GILÓ - Agarra outro, paspaího!

COCO - Ésse é meu!

TIÃO - Cai fora, miserável!

FRIDO - Por favor, gente, êsses sacos são meus.

NHANHA - Larga daí, môça!

NOCA - Te arranca, pantera!

MARIA-VAI - Cai fora, peste. Não gosto de mulher!

CHICÃO - Já disse que êsse saco é meu.

FRIDO - Eu que catei êle.

CHICÃO - E daí? Vai empombar comigo?

GÁ (acarrando-se em Nhanha) - Nhanha... Nhanha...

NHANHA - Espera, Gá. Deixa eu sôlta! Deixa eu! Eles querem roubar o papel da gente!

GÁ - Nhanha... Nhanha...

NHANHA - Me solta, peste! (Empurra Gá longe.)

MARIA-VAI - Aqui ninguém rouba nada, não! Entendeu?

NHANHA - Então larga os sacos da gente, môça. Deixa a gente em paz.

NOCA - Que saco teu? Tu não tem nada aqui.

GÁ (Chora, nervosa) - Nhanha, ói a Gá! Ói a Gá!

MARIA-VAI - Vai cuidar da tua cria! Vai à puta que te pariu, mas te larga daqui!



NOCA - Ou prefere levar umas porradas?

GÁ - Nhanha! Nhanha!

FRIDO - D uida da Gá, Nhanha! Cuida dela!

NHANHA - Essa gente tá roubando nós!

FRIDO - Deixa comigo. A Gá vai ter um ataque.

(Nhanha não sabe o que fazer. Gá começa a ter um ataque epilético.)

BERRÃO - Éta gente esganada. (Ri.)

FRIDO - Por favor, me ajuda!

BERRÃO - Aqui é cada um por si.

FRIDO - Larga daí, seu peste!

GILÓ - Que é? Vai roncar grosso?

FRIDO - Larga êsse sacco?

GILÓ - E se não largar?

FRIDO - Êsse sacco é meu!

GILÓ - Era. Agora é meu!

CHICÃO - Tu aqui não tem vez.

TIÃO - Pega a reta, otário. É o único jeito de livrar a tua cara.

(Gá atinge o auge do ataque epilético.)

NHANHA (que atende Gá) - Por favor, me ajuda, gente. Minha Gá vai morrer. Vai morrer!

FRIDO - Precisa de água! Ajuda, gente! Ficam com os sacos, mas ajuda!

BERRÃO - Só faltava essa.

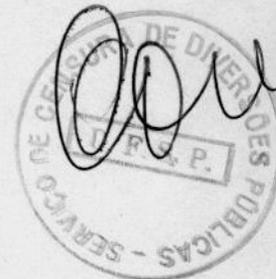
(Todos rodeiam Gá. Côco traz uma vasilha com água.)

NHANHA - Gá! Gá! Minha Gá! (Berrando.) Ela morreu! Minha filha morreu! A Gá morreu!

FRIDO - Não morreu, não! Ela não morreu, Nhanha. É sempre assim.

NHANHA - Dessa vez morreu! Morreu! Ai, meu Deus! Minha Gá! Minha Gá morreu!

(Todos ajoelham-se e começam a rezar. Os únicos que ficam de pé são Berrão e Côco, que segura a vasilha com água. Nhanha chora, debruçada em cima de Gá.)



TODOS - Ave Maria, cheia de graça etc...

(No meio da prece, Berrão avança até Gá.)

BERRÃO (gritando) - Parem com essa droga!

(Todos param de estalo. murmúrio geral.)

NHANHA - É minha filha! Ela está morta!

BERRÃO - Arreda daí, mulher!

FRIDO - O que vai fazer?

BERRÃO - Olha pra ver. Chega aqui, Côco.

(Arranca a vasilha de água das mãos de Côco e joga a água no rosto de Gá, que se mexe na hora. Todos murmuram.)

NHANHA - Está viva. Está viva. Graças a Deus!

(Todos vão se levantando, alguns se benzem. Estão contentes.)

FRIDO - Obrigado! muito obrigado!

BERRÃO - Deixa pra lá.

CHICÃO - Boa, seu Berrão!

BERRÃO - Eu sei das coisas.

TODOS - Váva. Viva!

GILÓ - Esse negócio merece uma cachaça!

CÓCO - Boa! Boa!

TIÃO - Estamos aí!

GILÓ - Quem vai entrar na vaquinha?

TODOS (gritando) Tou aí! É comigo! Vou nessa! Olha eu! Boa! Boa!
Vamos molhar a guela!

MARIA-VAI - É eu que tenho que ir na fábrica!

TIÃO - Vai a lugar nenhum!

BERRÃO - Te levo amanhã. Hoje já estou atrasado.

NOCA - Fica com nós, seu Berrão. Vai ser farra grossa.

BERRÃO - Outra vez.

POQUINHA - Fica hoje, seu Berrão. O senhor salvou a menina.

BERRÃO - Coisa à-toa!

TODOS - Fica, seu Berrão! Fica!

BERRÃO - Não dá. Se desse, ficava de gosto. mas não dá.

NHANHA - Então . obrigado.

BERRÃO (Olha Nhanha de cima em baixo.) - Tu fica me devendo favor, mulher.

NHANHA (encabulada) - Não sei como pagar.

BERRÃO - Sem eu. Pode deixar que chega a hora.

FRIDO - Que Deus lhe pague, meu senhor.

BERRÃO - Nada de botar na conta de Deus. Se tem que pagar, se paga aqui.

FRIDO - Se a gente puder lhe fazer alguma coisa, a gente faz.

BERRÃO - Vamos ver. Agora, vou fazer os acertos dos sacos. Quantos tem aí?

BICHADO - Eu mais Poquinha apanhamos três. Essa gente, cinco.

BERRÃO - Os dêles ficam meus. E os teus não vou pesar hoje, não. Assim tu aprende a chegar na hora.

BICHADO - mas a gente está a nenhum vintém.

POQUINHA - O que vamos comer?

BERRÃO - Tem cinco quilos aí nos três sacos. Não vou pesar. Se tiver menos, azar meu. Se tiver mais, azar do teu lado. (Dá dinheiro para Poquinha.) E estou dando essa colher de ché porque tu e teu homem trouxeram êsses caras pra cá.

BICHADO - É o caso dêles? O homem me viu catando papel e veio a mim, pra saber onde eu vendia. Êle chegou hoje e já foi pondo a cara. Fazia isso na terra dêle.

BERRÃO - Que tu acha?

BICHADO - Sei lá!

BERRÃO - Ô, tu aí!

FRIDO - Eu, senhor?

BERRÃO - Tu quer ser catador de papel?

FRIDO - É só o que sei fazer.

BERRÃO - Tá danado. Que tu fazia antes?



FRIDO - A gente era de tratar a terra.

BERRÃO - Trabalhava na roça?

FRIDO - Capinava. Limpava as terras.

BERRÃO - Saiu de lá por que?

FRIDO - Ganhava pouco. Não dava pra nada. E a gente queria vir pra cidade grande cuidar de arrumar um doutor pra menina. Nós foi sair no Rio. Lá a gente catou papel.

NHANHA - A gente escutou o povo dizer que aqui dá mais. Nós viemos. Chegamos hoje.

BERRÃO (irônico) - Aqui é só trabalhar que ficam ricos.

FRIDO - Basta poder ajuntar algum pra levar a Gá no doutor e a gente volta pra terra da gente.

BERRÃO - Tu é de trabalhar?

FRIDO - Trabalho não me mete medo, não, senhor. Nem em Nhanha. Ela também trabalha como homem. Pode levar fé na gente.

BERRÃO - Vamos ver. Côco!

COCO - Eu?

BERRÃO - Essa gente vai catar no teu ponto. Junto com tu. Vai achar ruim?

COCO - Eu, não. Pode catar. Eles precisam.

BERRÃO - Eu não gosta de trabalhar mesmo. Bem, o pessoal te põe por dentro do massete. Pega êsse dinheiro. Depois a gente desconta.

FRIDO - Obrigado.

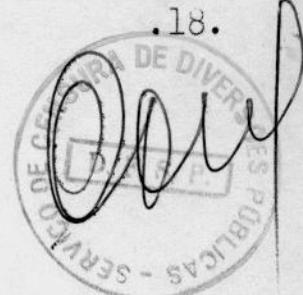
BERRÃO - Ajuda a botar os sacos no caminhão.

(Todos pegam os sacos e saem acompanhando Berrão, que não pega saco nenhum. Só ficam em cena Gá e Côco. Côco espia para ver se o pessoal se afastou mesmo, depois se aproxima de Gá. Côco tira a boneca do bolso e a mostra pra menina.)

COCO - Olha!

GÁ - Dá pra Gá!

COCO - Tu quer a bonequinha?



GÁ - Quer! Gá quer!

CÔCO - Mas é do Côco. (Ri.)

GÁ - Dá pra Gá! Gá quer!

CÔCO - Se tu quer, eu te dou.

GÁ (alegre) - Dá! Dá! (Tenta pegar.)

CÔCO (Tira a boneca) - Não hoje. Outro dia. O Côco te dá. Mas tu tem que agradecer o Côco.

GÁ (Passa a mão no rosto de Côco.) - Dá!

CÔCO ~~(Entre as pernas da mulher dele)~~ - Vou dar! Vou dar! Mas não vai ser hoje. O povo só foi até o caminhão. (Olha pra ver se não vem ninguém.) Outro dia que tu e Côco ficarem sòzinhos, tu ajuda o Côco e êle te dá.

GÁ (Arrada Côco.) - Dá pra Gá! Gá quer! Dá!

CÔCO - Agora não! Agora não!

GÁ - Dá! Dá!

CÔCO (Esconde a boneca e se afasta bem transtornado) - Hoje não! Hoje não dá! Eles vêm aí!

(Entram todos os que saíram, menos Berrão e Giló.)

CHICÃO - Tomara que êsse desgraçado encontre um poste no caminho.

MARIA-VAI - Vai ser bem feito.

NOCA - O diabo que o carregue.

BICHADO - Umha de fome.

POCULHA - Morfético! Nojento!

TIÃO - Cara ruim de doer. E a bruxa não esbarra nêle.

CHICÃO - Nasceu de bunda pra lua!

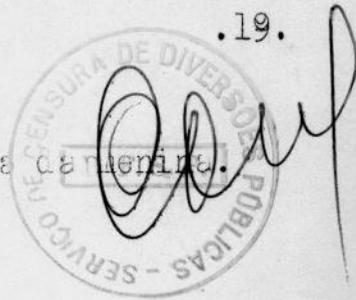
PELADO - Onde será que êsse desgraçado arranjou êsse caminhão?

BICHADO - Entre as pernas da mulher dêle. Aquela galinha é que arranja as molezas pra êle. Se passa com o dono da fábrica.

TIÃO - Tem cara de corno manso.

NOCA - Fedorento! (Pra Nhanha) Não te fia na bondade dêle, não. Ele é a peste.

NHANHA - Êle foi bom pra gente.



MARIA-VAI - Não fêz mais que jogar água na cara da menina.

POQUINHA - Nossa reza é que valeu pra ela.

NHANHA - Estou agradecida a todos.

POQUINHA - Não foi nada.

MARIA-VAI - E a menina está melhor.

NHANHA - Agora tá.

POQUINHA - Ela sempre tem isso?

NHANHA - Só quando se assusta.

NOCA - A gente não sabia.

NHANHA - Já passou. Agora temos que juntar dinheiro pra levar ela num doutor.

POQUINHA - Doutor é atraso de vida. Só serve pra comer dinheiro.

NOCA - São todos uns enganadores.

NHANHA - mas a menina precisa. Que se há de fazer?

MARIA-VAI - Podia levar no hospital do govêrno. Lá é de graça. É para os pobres.

NOCA - Lá é que matam a menina de uma vez. Tu não lembra quando o Berrão atirou no Zé Catinga? Levaram êle no hospital do govêrno. Demoraram tanto pra tratar do bruto, que êle se apagou antes. Só queriam saber quem atirou nêle. Botar remédio que é bom, nada.

MARIA-VAI - O melhor é mandar benzer. Tu acredita em reza?

NHANHA - Escutei dizer que é bom.

NOCA - A gente conhece Dona Chica macumbeira. Ela faz trabalho forte. A gente pode mandar ela vir rezar a menina.

NHANHA - Ela cobra caro?

MARIA-VAI - Coisa pouca. Só as velas, a cachaça e a comida do santo. Mas tira qualquer encôsto.

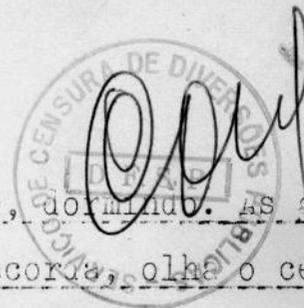
NHANHA - Então, deixa a gente poder. Manda ela aí.

NOCA - Isso é encôsto, só pode ser.

CHICÃO - E êsse Giló que não vem com a pinga.

TIÃO - Vai ver que se chapou sozinho.

PELADO - Ele não é besta de fazer uma dessas.

SEGUNDO ATO

(Ao abrir o pano, todos estão jogados pelos cantos, dormindo. As garrafas vazias estão espalhadas pelo palco. Nhanha acorda, olha o céu, o Sol lhe fere as vistas. Nhanha sacode Frido.)

NHANHA - Acorda, Frido!

FRIDO - Que é?

NHANHA - O Sol já está alto. Levanta, homem.

FRIDO - Deixa eu dormir.

NHANHA - Acorda, Frido. (Sacode Frido.) Levanta, homem de Deus! Levanta!

FRIDO (sentando-se) - Hein? Que é?

NHANHA - Se mexe, homem. O dia já vai longe.

FRIDO - minha cabeça... Como dói!

NHANHA - Quem mandou beber?

FRIDO - Não ia fazer desfeita pro pessoal logo no primeiro dia aqui! Não conheço ninguém. Eles podiam arrearar.

NHANHA - Eu não gostei dessa gente. E tu?

FRIDO - Sei lá. (Passa a mão na cabeça.) Sei que não estou bem.

NHANHA - molha a cara que melhora.

FRIDO - É. mas onde?

NHANHA - Não sei.

FRIDO - Essa cabeça está uma lasqueira, parece que vai arrebentar. Vou descansar um pouco. (Deita-se.)

NHANHA - Levanta, Frido. A gente tem que saber da vida. Precisamos arrumar dinheiro. Nós tem que cuidar da Gá. A pobrezinha tem cada vez mais êsse negócio ruim. Levanta, homem! Levanta! É preciso sacudir o corpo, Frido!

FRIDO - Eu sei! (Senta-se.) Eu sei! Oh, vida!

NHANHA - A gente não pode reclamar. Tu bebeu. Não tem costume, paciência. mas tem que dar duro. A Gá precisa de doutor. E com ela sarada a gente volta pra nossa terra. Isso aqui é muito bom, mas não presta

FRIDO - Todo lugar é igual. Ai, minha cabeça. Ai, como dói. Me dói tudo, parece que apanhei de rabo de tatu.

MARIA-VAI (acordando) - Está de ressaca, parceiro? (Ri.)

FRIDO - Estou bem ruim.

MARIA-VAI - Com o tempo acostuma.

NHANHA - Deus queira que não. Frido nunca foi de beber. Só bebeu ontem pra não desfeitear ninguém. A gente é nova aqui, alguém podia arrearar.

MARIA-VAI - Um fogo nunca matou ninguém. Nós, tôdas as noites, enchemos a cara de cachaça. É o jeito. A vida é uma merda, mesmo. Só com cachaça a gente escora.

NHANHA - A senhora é só com seu Tião. Mas nós tem que pensar na Gá. Ela precisa de doutor. Deus me livre que Frido mais eu falte. Que vai ser dela largada nesse mundo?

MARIA-VAI - Se sossega! Quem morre na véspera é peru. Nós dá jeito nela. A gente chama Dona Chica. Ela, com reza, bota essa menina boa.

NHANHA - A gente agradece. Mas também quer saber do doutor.

FRIDO (Tenta ficar em pé.) - Ai, tá tudô rodando!

MARIA-VAI (Ri.) - Amarrô um fogo de gente, hein! Tá que não pode com o cadáver!

FRIDO (envergonho)- Falta de costume. (Senta-se.)

NHANHA - Tem jeito, Frido. Temos que ir.

MARIA-VAI - Onde quer ir a essa hora?

NHANHA - Catar papel.

MARIA-VAI (Ri.) - Gente fominha! Isso lá é hora de se virar? Nós aqui só sai à tardinha. Antes é besteira. Não tá vendo o povo dormindo? Só vão scordar na hora de ir.

FRIDO - É assim?

NHANHA - Gente mole.

MARIA-VAI - Ninguém está com a ganância pêga. Nós sabe das coisas. Com trabalho ninguém se ajeita nessa merda de vida. Pra que dar duro? Pro Berrão ficar mais rido? Aqui, ó! (Faz gesto.)



NHANHA - Mas nós não vai esperar deitado a noite chegar. Não estamos acostumados.

MARIA-VAI - Que mulher mendinguenta. Descansa e deixa teu homem descansar. Não se aguenta nas pernas. Fica aí.

FRIDO - Acho que a dona tem razão.

NHANHA - Tu quer passar o dia todo como um bicho preguiça?

FRIDO - Só hoje.

NHANHA - Não me dá gosto.

CHICÃO (Acorda.) - Que puta falação é essa?

MARIA-VAI - Esse povo queria catar papel desde já.

CHICÃO - Estão loucos, gente?

NHANHA - Nós precisamos.

CHICÃO - Todo mundo precisa.

FRIDO - Nós tem a menina.

CHICÃO - E daí? Vai dar jeito um quilo a mais, um quilo a menos?

NHANHA - Um quilo hoje, outro amanhã...

FRIDO - De manhã não dá?

CHICÃO - Sempre dá.

NHANHA - Então a gente vai.

CHICÃO - Vai uma vez! o cassete!

FRIDO - O que o senhor quer dizer?

CHICÃO - Que de manhã ninguém sai catando porra nenhuma!

FRIDO - E por que não?

CHICÃO - Porque eu não vou deixar. E pra seu govêrno, é bom não se escamar comigo. Sei o que faço. Se tu sai cedo, vai pegar uns dez sacos. Aí, o Berrão vai querer que a gente pegue igual a tu.

NHANHA - Mas nós precisamos. Nós tem a menina.

CHICÃO - Tu cala a boca. A conversa é de homem.

FRIDO - Escute aqui, seu môço. Nhanha é minha mulher, tem que ser respeitada.

coisa
MERDA
CENSURADO



CHICÃO - Vai à merda! Tu e ela. Quem chega por último, o que os outros fizeram.

FRIDO - Acho que já falou demais.

CHICÃO - E daí?

FRIDO - Não gostei.

CHICÃO - Come menos.

FRIDO (Tenta ficar em pé, sente-se tonto, senta-se outra vez.) - Ai, minha cabeça!

CHICÃO - Está podre e ainda quer bancar o valente! Logo comigo, raça da peste? Tudo sabujo do manda-chuva!

NHANHA - Se Frido estivesse bom, tu ia ver. Ele não é homem de aturar desafôro.

CHICÃO - Papo furado. Não boto fé em cara que não sabe beber. Por isso é que teve essa filha endoidada da moléstia.

NHANHA - A coitadinha não tem culpa de ser assim.

CHICÃO - Disso eu sei. A culpa é dêsse frouxo.

FRIDO - me respeite, homem!

CHICÃO - Vai querer?

FRIDO - Espera eu melhorar.

CHICÃO - Otário! Devia te arrebentar!

MARIA-VAI - Deixa pra lá, Chicão.

NHANHA - O Frido não está bom. Quando êle sarar, o senhor fala com êle. Aí quero ver.

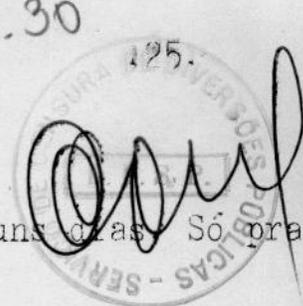
CHICÃO - Vai ver! É só avisar que está no jeito! Boto êle outra vez de mólho.

MARIA-VAI - Esquece essa onde, Chico!

CHICÃO - Tu abre o olho. Se sair catando papel antes de nós, te estrepo.

MARIA-VAI - Vai, vai puxar tua palha!

CHICÃO - Logo agora que a gente está querendo dar um gêlo no desgraçado do Berrão, êsse aí vai querer furar a chapa catando mais?



MARIA-VAI - Que gôlo é êsse que não sei?

CHICÃO - A gente está combinando de não catar nada uns dias. Só pra ver a cara do Berrão.

MARIA-VAI - Se o Berrão sabe, come a alma de um.

CHICÃO - Cagueta pra êle. Foi jogada do Tião.

MARIA-VAI - Como êle não disse nada?

CHICÃO - Não se fia em ti.

MARIA-VAI - Miserável! Êle me paga!

CHICÃO - Não vai dizer que eu falei.

MARIA-VAI - Não sou de entregar ninguém!

CHICÃO - Melhor pra ti. Agora, segura êsses dois, pra êles não se assanharem. Se o Berrão se engraça com êles, tira o ponto de um de nós e dá pra êles. Nosso trunfo é todos juntos. (Deita-se.)

NHANHA - Que pouca vergonha! Teve mêdo do homem?

MARIA-VAI - Não liga, não. Um dia é da caça, outro do caçador.

NHANHA e mulher de homem nunca é desfeiteada.

FRIDO - Não estou bom, mulher!

NHANHA - Quem mandou beber? Está aí! Vexaram a gente.

FRIDO - Vai ter trôco.

NHANHA - A senhora desculpe a gente. Nós não estamos acostumados a comer enrolado, não. Nunca ninguém falou grosso assim com nós. Nem o capataz gritava com Frido. Êle sempre foi homem de se respeitar. Só aqui é que aconteceu isso. Porque êlel bebeu e não está acostumando.

FRIDO - Cala a bôca, Nhanha! Cala a bôca! Já não chega eu estar no virador? Já não chega êsse peste me destratar, tu também vai botar lenha na fogueira? Então não sabe o homem que tem?

NHANHA - Eu sei...

FRIDO - Então fica calada! Tu acha que vou engolir tudo sem tugar nem mugir? Espera eu sarar. Êle engole cada um dos desaforos que me fês.

MARIA-VAI - Não fica queimando a mufa à-toa. Também não foi o fim do mundo. Pior foi comigo que o cachorro do Tião não me botou dentro da presepada que vão armar pro Berrão. Ele, sim, me pagar. Vem molhar essa cara, homem. Só assim tu fica bom. Vou te levar na bica.

(Maria pega Frido pela mão e sai com êle. Nhanha fica meio aflita, faz menção de sair. Gá acorda, chorando.)

GÁ - Nhanha! Nhanha!

NHANHA - Estou aqui, Gá!

GÁ - Gá tá com fome, Nhanha!

NHANHA - Sei. (Apanha uma trouxa de tampa.)

GÁ - Gá tem fome, Nhanha!

NHANHA - Já vai, Gá! Já vai! (Tira da trouxa um pedaço de pão velho e dá pra Gá.)

GÁ (Come com gula.) - Pão bom, Nhanha!

NHANHA - Come, Gá! Come! (Levanta-se, olha apreensiva para o lado em que Frido saiu.)

GÁ - Nhanha! Nhanha!

NHANHA - Eu estou aqui! Não vou longe! (Volta.)

(Tião acorda.)

TIÃO (Olha em volta.) - Poxa, essa Maria já se mandou? (Grita.)

Maria! Maria! Onde tu se meteu?

NHANHA - Ela saiu, môço.

TIÃO - Onde ela foi? Não disse?

NHANHA - Foi mostrar a bica para o meu Frido, que não está bom.

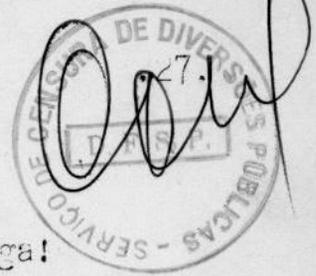
TIÃO - Galinha desgraçada! Não pode ver macho, que já quer sair pra se roçar com êle. Vadia sem-vergonha! Hoje ela me paga!

NHANHA - Mas ela foi só levar o Frido na bica.

TIÃO - Manjo essa história de bica! Mas hoje pego essa vadia puta na porrada. Frito ela!

NHANHA - Frido é um homem direito!

TIÃO - Não duvido! Mas a Maria é uma vaca descarada. Me larga dormindo pra andar com outro homem. Vagabunda! (Grita.) Maria! Maria!



MARIA-VAI (de fora) - Já vai, coisa ruim!

TIÃO - Tá pondo as calças? Vem, desgraçada de uma figa!

MARIA-VAI (de fora)- Espera! Não vou fugir!

(Tião começa a procurar um pedaço de pau. Acha um que lho serve.)

TIÃO - Hoje ela vai se rebolar!

NHANHA - O que o senhor vai fazer?

TIÃO - Fazer o cassete cantar!

NHANHA - Dona Maria não fêz nhada de mais.

TIÃO - Deixa essa cadela pra mim!

(Entram Maria e Frido, que vem com a cara molhada.)

MARIA-VAI - Ainda está molhado. (Levanta a saia e enxuga a cara de Frido.) Pronto, está aí teu homem. Está novinho outra vez.

TOÃO - Se apronta, sua vaca! Vai ganhar o teu!

MARIA-VAI - Que é que eu fiz?

TIÃO - Muito engraçada! Sai com o cara e ainda pergunta?

MARIA-VAI - Só fui mostrar a bica pra êle.

TIÃO - Nojenta!

FRIDO - É verdade.

TIÃO - Tu não se mete! É melhor pra ti! Tu fêz teu trabalho de homem. Mulher deu sopa, pegou e pronto. Tá certo assim. Agora, não põe o teu nariz em briga de casal, senão engrossa pro teu lado.

FRIDO - Mas não aconteceu nada.

TIÃO - Vai acontecer agora. Há muito que estou pra dar uma entortada nessa galinha. (Tião agarra Maria-Vai pelo braço e bate-lhe com o pau.) Toma, cadela! Toma!

MARIA-VAI - Porco! Nojento! Só faz valentia com mulher! Ai, ai! Cor-
no manso! Ai! Ai!

(Todos acordam e ficam assistindo.)

TIÃO - Vagabunda! (Bate mais. Derruba Maria no chão.)

MARIA-VAI - Socorro! Socorro! Ai! Ai! Ele me mata! Socorre, gente!
Ele me mata!



FRIDO - Isso não está direito! (Faz menção de entrar na briga.)

BICHADO - Não se mete! Isso é coisa deles. Vivem juntos porque que-
rem.

POQUINHA - São brancos, que se entendam!

MARIA-VAI - Ai! Ai! (Levanta-se e sai correndo para o lado onde
está Gá.) Socorro! Socorro!

GÁ (que já está assustada, começa a chorar) - Nhanha! Nhanha! (Gá
tenta se levantar. Maria tropeça nela e as duas caem.)

NHANHA - Olha a menina aí!

GÁ - Nhanha! Nhanha!

MARIA-VAI - Me larga! Me larga!

(Tião continua batendo em Maria-Vai. Nhanha tenta tirar Gá do bolo.
Consegue. Gá tenta se afastar e cai em cima de Chicão.)

CHICÃO - Poxa, que zorra! (Levanta-se e puxa Gá com brutalidade.)

GÁ - Não! Não! Nhanha!

(Antes que Nhanha e Frido possam fazer alguma coisa, Côco agarra
Chicão e o atira longe.)

CÔCO - Não toca na menina! Não toca! (Gá corre para junto de Nhanha
e se abraça com ela. Todos estão olhando Côco. Até Tião pára de
bater em Maria e espia.)

CHICÃO - Que é, Côco? Tu acha que eu ia fazer maldade com a menina?

CÔCO - Se tu tocar nela, eu te mato!

CHICÃO - Sou teu chapa! Não faço mal pra menina, não! Logo eu!

(Côco afasta-se. Chicão fica em pé. Frido olha tudo pateticamente.)
Maria está jogada no chão gemendo.)

CHICÃO (para Frido) - Abre o olho com esse cara. Cuida da tua menina.
Ele não é certo da cachola.

CÔCO (Aproxima-se da Gá, que está chorando) - Não chora, menina! Côco
não deixa ninguém te bater! Côco não deixa! Quem quiser te maltratar,
Côco mata!

NHANHA - Viu, Gá? O homem não quer que tu chore.



CÔCO - quer a bonequinha? (Ri.) Côco te dá. Depois tu dá de novo pro Côco. (Tira a boneca do bolso e dá pra Gá.)

GÁ - Gá quer! Gá quer!

CÔCO (Ri.) - É do Côco.

FRIDO - Devolve essa droga pra êle, Nhanha!

NHANHA - Deixa ela brincar.

FRIDO - Mandei devolver.

CÔCO - Deixa com ela.

FRIDO - Entrega essa ^{porcaria} merda pra êle, andã!

NHANHA - Cuida daquela boneca ali. Ela está machucada por tua culpa.

FRIDO - Tu quem sabe! (Afasta-se, brave.)

GÁ (ninando a boneca) - Nana! Nana! Nana!

(Côco ri, feliz, mas vidrado na menina.)

MARIA-VAI - Ai, ai, meu Deus! Ai!

(Poquinha e Noca aproximam-se dela.)

POQUINHA - Levanta, Maria!

NOCA - Vai ficar aí jogada fora?

MARIA-VAI - Ai! Ai!

(Poquinha e Noca ajudam Maria-Vai a fica em pé.)

MARIA-VAI - Êle me quebrou tôda.

NOCA - Isso passa.

POQUINHA - Não é nada.

MARIA-VAI - Não foi no teu dombó as pauladas.

NOCA - Deixa de onde, Maria! Logo tu está inteira.

MARIA-VAI - Onda? Tu vai ver o que é onda quando eu entregar êsse porco nojento pro Berrão.

TIÃO - Vai querer dizer que eu te bati? Êle vai cagar de rir. Vai achar que foi bem feito.

MARIA-VAI - Vou caguetar pra êle que tu anda enchendo a cabeça do pessoal contra o Berrão.

TIÃO - Eu? Tu ficou louca? Acho que te deixei de moleira mole!

MIJAR
CENSURA



MARIA-VAI - Pensa que eu não sei?

TIÃO - Sabe o que?

MARIA-VAI - Que tu arrumoy pra ninguém catar papel, só pra encher a bucha do Berrão.

TIÃO - Eu? Eu, não!

(Todos murmuram.)

MARIA-VAI - Tu mesmo. Está todo mundo nessa jogada. E tu é o cabeça!

BICHADO - Não mete eu nisso.

POCA - Nem eu!

PELADO - Livra minha cara!

GILÓ - Vai botar a gente no fogo!

NOCA - Veja lá!

TIÃO - Esta cadela está batusquela!

MARIA-VAI - O Chicão- me pôs por dentro. Tu tinha mêdo que eu dedasse? Agora é que dedo mesmo.

TIÃO - Que palhaçada é essa, Chicão? Tu que apareceu com êsse papo! Eu caí fora!

CHICÃO - Escuta aqui, gente. Ninguém está por dentro. Só que joguei verde. Agora o jôgo está aberto. Que tu diz, Pelado?

PELADO - Sei, não.

CHICÃO - O Tião acha que a gente tem que dar um arrôxo no Berrão.

TIÃO - Eu, não! Tu que acha!

CHICÃO - O filho da puta anda metendo a mão na gente, sem dó. Rouba pra valer.

(Pausa)

BICHADO - Continua.

CHICÃO - O Tião acha que se a gente não catar nada por uns dias, êle sente o aroma da pèrpetua e daí maneira.

TIÃO - Eu não acho coisa nenhuma! Isso é idéia tua!

GILÓ - Se todos toparem, eu pago pra ver.

CHICÃO - Só dá certo se ninguém mijar pra fora do pinico.

POQUINHA - Quem furar a chapa ganha divisa.



CHICÃO - E aí a gente apaga o miserável.

BICHADO - Sei, não.

CHICÃO - Tem que saber.

GILÓ - Eu já disse. Se todos toparem, estou aí.

PELADO - Também eu.

NOCA - Vamos lá.

BICHADO - Há muito que êsse Berrão precisava de uma entortada.

TIÃO - Por isso que eu bolei o azar.

CHICÃO - Com o Côco não tem mosquito. Nunca cata nada mesmo.

POQUINHA - Eu vou firme.

MARIA-VAI - Tu me fêz de palhaça. Mas eu sou firme.

TODOS - Viva a Maria! Viva a Maria!

TIÃO (Abrança a Maria-Vai.) - Mulher legal!

(Todos empurram o casal e dão vivas.)

POQUINHA - Berrão que se estrepe!

NOCA - Vai entrar bem.

BICHADO - Vai gastar gasolina à-toa.

PELADO - Não leva um saco daqui hoje.

GILÓ - E a pinga?

(Todos murmuram.)

NOCA - Tenho algum. Dá pra cachaça.

TODOS - Boa! Boa!

CHICÃO - Berrão caiu do burro!

(Todos cantam e dançam.)

TODOS - O Berrão não é mais aquele/Pau ^{no rabo} nas ^{lombo} bunda dele. (Várias vezes)

CHICÃO - Espera, gente.

(Todos murmuram.)

GILÓ - Que foi?

CHICÃO (Aponta Frido.) - E êsse?

TIÃO - Como é? Tá com a gente?

(Pausa. Frido olha pra Nhanha e abaixa a cabeça.)

MARIA-VAI - Como é? Tá com a gente?



FRIDO - Estou.

TODOS - Boa! Legal! Viva nós! Cassete no Berrão!

CHICÃO - É tua mulher?

FRIDO - Tá comigo.

TODOS - Legal! Berrão se danou! Boa!

NHANHA - Espera! (Pausa) Estou com a Gá. Com ela que estou. Vim aqui pra ganhar dinheiro pra levar ela no doutor. E vou ganhar! Quer queiram, quer não. Foi só pra isso que vim aqui pra essa lasqueira dessa terra. Não tenho nada com a vida dos outros. Quero que cada um amargue o seu giló. Mas, de mim e da Gá sem eu. Se todos aqui são vagabundos, eu não sou. Já perdi o dia, não vou perder a noite. Vou catar papel. Pela minha menina. Ela precisa.

NOCA - Fominha!

POQUINHA - Morta de fome!

MARIA-VAI - Unha da miséria!

GILÓ - mulher machuda!

PELUDO - O homem dela não manda?

CHICÃO - É. Não é tu o galo dessa galinha?

TIÃO - Se ela engrossa, faz que nem eu fiz com a Maria.

FRIDO - Eu cuido dela.

CHICÃO - A gente quer ver.

FRIDO - Nhanha, eu sei que a Gá precisa do doutor. Mas, se tá todo mundo querendo se juntar contra um cara que é ruim, nós está com essa gente.

NHANHA - Essa gente não presta.

(Todos vão.)

FRIDO - Tu faz o que eu mandar.

NHANHA - Vou catar papel. A Gá precisa de doutor.

MARIA-VAI - A gente traz a dona Chica rezadeira.

o.

FRIDO - Está aí! Pronto!

NHANH. - Tu tá afrouxando, Frido. Homem à-toa! Nós veio pra ganhar dinheiro. Só ~~xx~~ pra isso. Tu se meteu com essa mulher e com a bebida e já é igual à peste. Te desconheço. Mas, ainda ou mais eu. Bari essa criança e sei que não vou soltar ela no mundo. Precisa de outor. Vou dar! E tu com essa gente pode ir à merda!

(Pausa)

GILÓ - Até de noite ela se encolhe.

NOCA - Deixa ela esfriar a cuca.

MARIA-VAI - A gente traz a dona Chica rezadeira. Ela se sussega, então.

FRIDO - Faz o que tu quiser. (Sai.)

PELADO - Vamos procurar comida.

POQUINHA - A hora é essa.

(Saem Pelado, Poquinha, Noca, Bichado e Giló.)

CHICÃO - Vê lá, mulher..É melhor não se botar contra a gente.

(Chicão e Nhanha encaram-se. Depois Chicão sai.)

CHICÃO - Vamos nós.

MARIA-VAI - Vamos.

(Saem Chicão, Maria-Vai e Tião. Pausa. Nhanha está triste. Côco assiste à menina brincar. Depois de algum tempo, Nhanha repara em Côco.)

NHANHA - Tu não vai comer?

COCO - Não estou com fome. (Pausa) A menina não tem fome?

NHANHA - Ela já comeu pão. Dá pra se aguentar. Já passou por, tá acostumada.

COCO - Tu não tem fome?

NHANH. - Não! (Pausa) Frido deve trazer comida pra gente. Ele nunca se esquece de nós. Ele é um bom homem. Hoje que ele está ruim. Foi beber ontem a noite, não tem costume, deu o que deu. (Pausa) Mas, o Frido é um homem de trabalho. Sempre deu duro. É que a sorte não caiu pra nós. Tivemos a menina assim. Não tem culpa, coitadinha. Mas atrapalha. A gente já podia ter se ajeitado na vida.

GÁ - Naná! Naná! Naná!

(Côco ri.)

NHANHA - Pobre Gá. Nós tem que ajuntar dinheiro logo para te levar no doutor. Assim que tu sarar, nós volta pra nossa terra. Lá que é nosso lugar. Bem que o povo fala: cada macaco no seu galho. Lá que a gente estava bem. Mas lá não tem doutor bom. A gente teve que vir.

(Côco, sem ligar para o que Nhanha fala, contempla com desejo estampado no rosto a menina brincar.)

NHANHA - Eu só tenho medo que o Frido fique igual aos homens daqui. Que êle fique homem à-toa. A gente tem que cuidar da Gá. Se a gente faltar, que há de ser dela? Nem é bom pensar em desgraça. Valha-me Deus, Nosso senhor! (Benze-se.)

(Nhanha pára de falar, cai em si. Olha pra Côco, que está fixo em Gá. Nhanha fica meio apreensiva.)

NHANHA - Agora chega, Gá! Já brincou! Dá a boneca pro homem.

GÁ - Não: É dá Gá.

NHANHA - Dá a boncea, Gá.

COCO (ri.) - É do Côco.

(Nhanha tira a boneca de Gá e dá pra Côco, que se afasta.)

GÁ - Quer! Gá quer!

COCO - Depois tem mais. (Afasta-se.)

GÁ - Quer! Gá quer! (Chora.) Gá quer!

NHANHA - Pára de chorar, Gá! Não adianta abrir o berreiro. Não é da gente. Tem que se aguentar.

GÁ - Gá quer!

NHANHA - Não resmunga!

(Gá fica emburrada e Nhanha, pensativa. Entram Chicão, Noca, Poqui-nha, Giló e Bichado.)

CHICÃO - Já se decidiu a topar a parada com a gente?

NHANHA - Sei de mim. Alguém viu o Frido por aí?

GILÓ - Tá num pau só, lá no botequim. Ele mais o Tião e o Berrão.
Estão enchendo o caco.

NHANHA - Frido também?

GILÓ - Todos os três.

NHANHA - Valha-me, Deus! Que será que deu no meu Frido pra êle se desgarrar a beber?

NOCA - Nada. Só que hoje não vai sair ninguém catando papel. Então boja pra beber.

NHANHA - Nós vamos. O Frido sabe que nós temos precis"õe de dinheiro.

PELADO - Mas sabe também que com a gente não vale a pena bancar o marrudo.

BICHADO - Com a gente é nessa toada. Quem quiser sair catando papel, sai. Ninguém vai atrapalhar. Só que tem um porém... Quando voltar, a gente toca fogo nos sacos.

(Todos riem.)

POQUINHA - E se duvidar, a gente toca fogo no vestido da trouxa. É só ela bancar bôca dura.

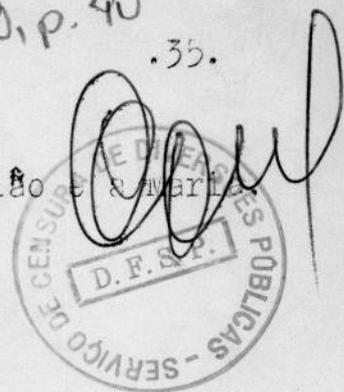
PELADO - Quando a gente cisma, é dureza. Nós derruba qualquer um. Tu vai ver o Berrão. Vive aprontando as dêle.. Todo mundo deixou andar. Um dia a gente se invocou. Êsse dia foi hoje. Armamos a cama pra êle se deitar. Depois de hoje, êle se manca e fica manso como um bugio velho. Aquêle canhão que êle traz na barrigueira não vai lhe valer. Ninguém vai brigar, nem nada. Só que não se cata papel. Manda o palhaço dar tiro, gritar, espernear. Vai se estrepar. Vai dar tiro na vaca que o pariu. Que aqui a gente se lasca, mas não cata papel pra êle.

GILÓ - Só quando êle falar direito com a gente.

CHICÃO - E arrumar uma balança sem truques pra pesar os sacos.

BICHADO - Os dias de machão daquele desgraçado acabaram. E não vai ser ninguém a dar colher de chá pro miserável. Entendeu? Ninguém!

POQUINHA - muito menos essa vadia aí.



GILÓ - Muito tempo a gente deu o lombo pras porradas d'êle. Agora é a hora da virada.

CHICÃO - O que êle fêz não se faz nem com um cachorro cheio de carna.

GILÓ - Roubava a gente de dar gôsto.

CHICÃO - E não era nada. Perto do que êle aprontava com o Bichado, Tião e Pelado. Cada dia arrastava a mulher de um.

NOCA - Eu, não!

POQUINHA - Eu, não!

CHICÃO - Tôdas! E daí? O Berrão era a lei. A gente se afinando êle se servia.

PELADO - Em tu, então! O sarro d'êle era bater na tua cara. Qualquer coisinha te descia o braço.

BICHADO - E tu não encarava.

GILÓ - E alguém podia com o peste?

CHICÃO - Era um salve-se quem puder de dar nôjo. Um com olho mais comprido que o outro nos pontos bons. Um fazendo chavecada do outro a tôda hora.

GILÓ - Isso quebrava a fôrça.

NOCA - Mas agora estamos aí!

POQUINHA - Todos contra o fedorento do Berrão.

NOCA - E quem não estiver com a gente entra bem.

CHICÃO - Vai ser aquela parada.

GILÓ - De dar gôsto.

PELADO - Assim que tem que ser.

BICHADO - Com cara homem, não se folga. Vamos mostrar.

NOCA - Se essa aí quiser catar papel, se dana tôda.

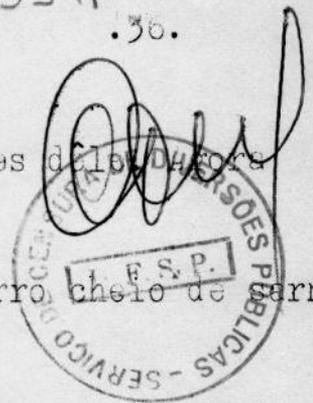
POQUINHA - Vai querer sair catando?

NHANHA - Já disse que a gente precisa. Eu e Frido vamos sair. Nós não é contra ninguém. Só que tem que olhar pela menina.

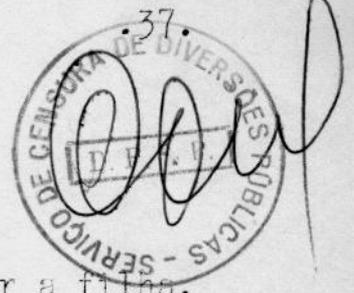
NOCA - O Frido não vai.

POQUINHA - Condição de sair é o... não vai sair... Frido.

NOCA - Não vai sair.



POMBAA ova



NHANHA - Vai, môça. Ele sabe que deve ir.

NOCA - Ele falou que não ia.

NHANHA - Conhaço bem meu Frido. Ele não vai esquecer a filha.

NOCA - Só sei que ele disse que tá com a gente.

NHANHA - Ele té com a gente dôle, que sou eu mais a menina.

NOCA - Mulher marruda, essa! Se o Frido disse que não vai, pronto.

Tu fica com ele, que dá certo pra tu também.

NHANHA - Frido nunca ia dizer isso.

NOCA - Quer me chamar de mentirosa?

NHANHA - Não quero nada. Só quero cuidar da minha vida!

NOCA - Então retira o que disse!

NHANHA - O que eu disse?

NOCA - Me chamou de mentirosa.

NHANHA - Só falei que eu e o Frido vamos sair pra catar papel.

NOCA - Vão a parte nenhuma! E tu dobra a língua quando falar comigo.

NHANHA - Me deixa em paz, gente.

NOCA - Quem mandou se meter?

CHICÃO - Agora aguenta!

POQUINHA - A Noca é dureza.

GILÓ - Briga de mulher é um sarro.

BICHADO - Vai engolir desafôro, Noca?

NOCA (Empurra Nhanha.) - Como é? Vai retirar o que disse ou não?

(Todos murmuram.)

NHANHA - Por favor, môça. Não falei nada demais. Se falei foi sem querer ofender. me desculpe, pronto. Agora deixa eu.

NOCA - Deixa ^{ova} uma porra. Tá com mêdo, por isso quer afinar. Mas, não vou deixar barato, não! Vou te ensinar a me dar respeito. (Empurra Nhanha.)

NHANHA - É pela menina que estou pedindo. Deixa eu em paz.

NOCA - Cadela afinada! Vou te comer de tapa. (Dá uma bordoadade na cara de Nhanha.)



NHANHA - Peste!

(Todos murmuram.)

NOCA - Quer mais?

(Nhanha atira-se sobre Noca e as duas rolam pelo chão em luta desesperada. Gá começa a gritar e tem o ataque outra vez. Ninguém liga. Todos incentivam a briga feroz de Nhanha e Noca.)

TODOS - Dá nela, Noca! Agarre o cabelo da otária! Fogo! Dá-lhe!

(Todos riem muito. Gá debate-se e geme. Côco tenta socorrer Gá. Entram Frido, Tião e Maria. Estão meio bêbados.)

TIÃO - Que zoeira é essa?

CHICÃO - Tá legal!

GILÓ - A mulher do Frido com a Noca.

BICHADO - Tua mulher briga direito.

PELADO - Tá enfrentando de verdade a Noca!

FRIDO - Olha a menina, gente! Olha a menina!

(Todos olham Gá.)

FRIDO - Acode a Gá, Nhanha! Tá ruim!

NHANHA - Me larga! Me larga, cadela!

(Nhanha, tomada de fúria, atira Noca longe com grande violência.)

NHANHA - Deixa eu cuidar da menina! (Empurra todos de lado.) É minha menina, eu cuido dela.

(Todos afastam-se um pouco, menos Frido.)

NHANHA - Sai tu também. Bêbado nojento!

FRIDO - Ela é minha filha também!

NHANHA - Devia ter vergonha nessa cara. Nós largada aqui sem comer e tu bebendo aqui com êsses vagabundos. Arreda daqui, anda! Tu, Côco, me traz água!

(Nhanha faz massagem no rosto de Gá.)

NHANHA - Filha! Gá! É a Nhanha, Gá!

CÔCO - Olha a água.

(Nhanha esfrega a mão molhada na cara da menina.)



NHANHA - Gá! Gá! Sou eu! Nhanha!

(Gá vai se recuperando.)

GÁ (gemendo) - Ai, ai... Nhanha...

NHANHA - Estou aqui!

COCO (Ri.) - Ela não morreu!

NHANHA - Graças a Deus!

GÁ - Ai, ai! Nhanha!

NHANHA - Encosta ela aqui, Côco. Aqui.

(Côco ajuda a encostar Gá em um caixote.)

NHANHA - Ela já está bem.

COCO - Quer a bonequinha?

NHANHA - Dá pra ela, Côco.

COCO - Só por um pouco. Depois ela devolve.

NHANHA - Por favor, depois ela devolve.

(Côco dá a boneca para Gá.)

GÁ (Ri.) - É da Gá.

COCO (Ri.) - Ela gosta!

FRIDO - Ela está boa de novo.

NHANHA - Graças a Deus! (Vira para todos. Está furiosa.) Escutem bem, seus filhos da puta!

CHICÃO - Está falando comigo também?

NHANHA (Agarra um pau.) - Estou falando com todos! Entendeu? Com todos! Cada um cuida da sua vida e deixa eu mais minha menina em paz. Não quero saber de ninguém. Se todos aqui são uns vagabundos, uns frouxos, uns miseráveis sem porquê, quero que se danem. Eu sei de mim e da minha menina. Se não querem trabalhar, é coisa de cada um. Eu preciso de dinheiro! Vou trabalhar! Quer queiram, quer não! Entenderam?

(Pausa)

GILÓ (Para Frido) - Tua mulher é paraíba?

MARIA-VAI - Ela é que manda em tua vontade?

CHICÃO - A grulhada te dobra fácil.

C B A D
grulhada
grulhada





POQUINHIL - Calou o bico de meio mundo.

PELADO - Como é, Frido? Fica assim mesmo?

TIÃO - Tu falou que fazia ela ficar com a gente.

(Pausa)

FRIDO - Escuta, Nhanha...

NHA..HA - Me deixa, tu também!

(Pausa)

FRIDO - Eles me falaram do tal Berrão. Ele roubava e desfeiteava todo mundo. O homem está mesmo precisando aprender. Não custa nada a gente perder um dia mis uma noite, pra mostrar para êle que aqui todo mundo é gente. Nós fica com todos! (Pausa) Então, Nhanha?

NHANHA - Tu virou molenga. Fica, se quer. Eu fico com a Gá! Foi pra isso que vim.

MARIA-VAI - Mas a gente sabe. É só por hoje. Pra gente pegar êsse merda do Berrão pelo pé. Êle vive tirando o ranço no lombo da gente. Precisa aprender.

CHICÃO - Todo mundo tem bronca dêle. É sinal que não presta.

POQUINHIL - Êle sempre rouba a gente. Se tu não fica com nós, êle te rouba também. E não vai te valer espernear.

MARIA-VAI - E se tu pensa que na cama tu ajeita a diferença, está engrupida. O sujeito é um cão. Com êle não tem arrêglo.

GILO - Se êle te rouba, rouba a tua filha.

CHICÃO - Isso! Êle vai roubar a tua filha.

BICHADO - E agora, que tu diz?

(Pausa)

MARIA-VAI - Perdeu a língua?

TIÃO - Aí é que tá o nó! Se êle mete a mão na tua grana, tua filha se estrepam! E tu vai reclamar sòzinha? (Pausa) Quero ver tu sair dessa. Vai ficar calada? Aí, tu sabe o que a gente queria dizer.

NHANHA - Se alguém me roubar e roubar a Gá, eu juro por esse ^{mãe} ~~puta~~ ^{que} que me alumia, eu mato o desgraçado filho da puta! E quando digo que mato, é que mato mesmo. (Pausa) Assim que tem que ser. Se um cabra sem jeito aporrinha a vida da gente, não adianta ficar cozinando o galo, não. Porque ele vai ser sempre sacana. O negócio é aqui, no pau. Acabar o cara pra sempre. Conversa de parar pra ver a vida passar é pra cara de vida à-toa. Cara de cabeça fresca. Os que têm a peste pra atormentar sabem que papo não serve pra nada. Diferença se tira é de pau. (Pausa) Se alguém entrava a vida da Gá, eu mato. Tá jurado pra todos. (Pausa) Mas eu não paro de trabalhar. (Nhanha olha bem de frente para todos. O pessoal abaixa a cabeça, para não encarar Nhanha. Depois de algum tempo, ela vai até Gá, que dorme abraçada à boneca. Examina a menina, depois, com cuidado, retira a boneca e dá para Côco.)

NHANHA - Pega a tua boneca. Obrigada. Não vou esquecer. Agora, deixa ela sussegada. Está dormindo. Ela tem sono de pedra. Só vai acordar com o dia alto. Vamos catar papel.

COCO - Ela fica sòzinha?

NHANHA - Fica. Não tem perigo, ela não acorda. Vamos, Frido! A gente tem precisão!

(Frido olha para todos como quem se justifica. Como ninguém diz nada, dá de ombros, apanha o saco e vai saindo junto com Nhanha, Passam na frente de todos, sem ninguém fazer um gesto para detê-los. Côco os segue mais devagar, sempre olhando para a menina, como se tivesse pena de deixá-la ali sòzinha. Depois que os três saem, reina grande silêncio. Um não tem coragem de olhar para o outro.)

CHICÃO - Eles foram catar.

GILÓ - Pois é!

(Pausa)

NOCA - Ninguém diz nada?

POQUINHA - Dizer o que?



TIÃO - Deixa ir.

(Pausa)

CHICÃO - Mas não estava acertado de não ir ninguém?

PELADO - Pra tu ver.

(Pausa)

MARIA-VAI (suspirando) - Quer saber? Aqui ninguém é de nada!

BICHADO - Agora disse tudo.

PELADO - A gente é frouxo mesmo. Sempre fomos. Sorte do Berrão.

(Pausa)

BICHADO - Eu acho que a gente devia ir também.

(Pausa)

CHICÃO - É melhor a gente deixar pra outra vez a chavecada.

PELADO - Se os três foram, a jogada está furada.

GILÓ - Azar.

(Pausa)

BICHADO - Então, vamos.

(Todos saem. Apenas Gá fica em cena. Dorme tranquilamente. Côco entra furtivamente, olha para todos os lados, para ver se ninguém o segue e, com todo cuidado, aproxima-se de Gá.)

COCO (baixinho) - Gá! Gá! Psiu! Gá!

(Côco sacode a menina várias vezes.)

COCO - Ei, menina, acorda! acorda! Gá!

GÁ (acordando) - Hum... Nhanha.... Nhanha...

COCO - Nhanha não está. Saiu,

GÁ (Senta-se, assustada.) - Nhanha!

COCO - Foi catar papel.

GÁ (chorando) - Gá quer Nhanha.Nhanha!

COCO - Eu estou aqui. Olha eu aqui.

GÁ (gritando) - Quero Nhanha! Gá quer Nhanha! Nhanha!

COCO - Psiu! Não grita! Não grita!

GÁ (com medo) - Quero a Nhanha!

COCO - Não adianta gritar que ela não vem.

(Gá começa a chorar.)

COCO (Tapa a boca de Gá.) - Pare com esse berreiro! Menina bonita não chora. (Pausa. Côco presta atenção para ver se alguém se aproxima, logo se tranquiliza.) Tu não precisa ter medo do Côco. Tu quer brincar com a boneca? Então pára de chorar. Se tu parar, Côco te dá a boneca. Quer? (Côco solta a Gá, que soluça.) Quer a boneca?

GÁ - Gá quer a Nhanha.

COCO - Ela não vem mais. Nhanha deu Gá pro Côco. (Ri.) Agora a Gá é do Côco. (Ri.)

GÁ - Nhanha! A Nhanha?

COCO - Foi embora.

GÁ (Chora.) - Nhanha! Nhanha!

COCO (Outra vez fecha a boca de Gá.) Quieta! Côco só estava fazendo onda. Nhanha volta logo. Ela foi catar papel. (Tira a boneca do bolso.) Tu quer? (Solta a Gá.)

GÁ - Quer a Nhanha!

COCO - Já falei que ela vem logo. Não precisa ficar aporrinhada. Ela já vem. O Côco toma conta da Gá até a Nhanha chegar. Quer a bonequinha? (Faz que vai dar a boneca.)

GÁ - Quer! Gá quer! (Vai pegar.)

COCO (Retira a boneca e ri.) - Ainda não! Tu tem que agradar o Côco primeiro. (Ri.) Agrada o Côco! Anda, agrada.

(A menina está meio emburrada. Côco agarra a mão dela e passa em seu próprio rosto.)

COCO - Assim! Faz sòzinha! Faz, que o Côco te dá a bonequinha.

(Gá agrada Côco, que ri nervoso.)

GÁ - Agora dá pra Gá!

COCO - Quero mais.

(Gá agrada mais Côco, que ri.)

COCO - Agora aqui. ~~Côco pega a mão de Gá e esfrega~~
no rosto.) Assim! Assim! Faz sòzinha! Faz, Gá! Côco faz também na Gá!
Côco faz!

(Côco bolina Gá, que ri como se estivesse com cócegas. Côco está
bem excitado. Levanta-se, pega a Gá pelo braço. Ouve-se um barulho
qualquer. Côco fica apreensivo. Olha para todos os lados. Certifi-
ca-se de que não há ninguém por perto ~~Côco olha para trás e vê a Gá~~

~~Côco olha para trás e vê a Gá~~

COCO - Ai, Gá! Ai, Gá!

GÁ - Nhanha! Nhanha!

COCO - Não grita, Gá! Fica quieta!

(Côco afasta-se da menina e aproxima-se de uma pilha de caixotes.
Está bem nervoso e a menina, meio indiferente ao que está se passan-
do.)

COCO - Vem buscar a boneca! Vem, Gá! Vem! Côco te dá a bonequinha
pra sempre. Vem, Gá. Vem aqui atrás.

(Côco entra atrás dos caixotes.)

Gá - Tem bicho aí.

COCO - Vem, não tem, não. Vem buscar a bonequinha! Vem! Côco te dá!

GÁ - Gá tem medo do bicho!

COCO - Côco mata o bicho. Pode vir. Côco não deixa o bicho pegar
a Gá.

GÁ - Gá não gosta do bicho.

COCO - Vou matar o bicho! Olha! Vem ver! (Côco sai de trás dos
caixotes com um pau e dá pauladas no ar, como se matasse o bicho.)

Morre, bicho! Morre! Gá tem medo do bicho! Morre! Morre!

(Gá ri muito dos gestos de Côco. Ri com muita inocência.)

COCO - Pronto, eu matei o bicho. Agora, vem!

GÁ (rindo, ainda) - Tem outro bicho lá!

COCO - Não tem mais. Vem! Olha a bonequinha! Vem pegar!

GÁ - Tem bicho!

(Côco agarra a menina pelo braço e a leva até os caixotes. Gá vai com medo.)

GÁ - Tem bicho! Gá tem medo.

COCO - Côco não deixa vir bicho.

(Os dois somem atrás dos caixotes.)

COCO - Olha a bonequinha!

GÁ - Dá pra Gá!

COCO - Gá agrada o Côco! Assim! Assim! Agora aqui! Aqui! Aqui!

Assim! Assim! Côco agrada Gá. Assim!

(Gá ri, com cêcegas.)

COCO - Agora aqui! Aqui!

GÁ (Grita, desesperada.) - Não! Não!

(Gá sai correndo de trás dos caixotes, traz a boneca na mão. Logo surge Côco atrás dela.)

COCO - Vem cá, menina! Vem cá!

GÁ (apavorada) - Não! Não!

COCO (Agarra a menina e começa a arrastá-la para trás dos caixotes.)

Côco não vai te fazer maldade! Não vai!

GÁ - Nhanha! Nhanha! (Gá debate-se e começa a ter um ataque. Cai no chão em convulsões.)

COCO (Desespera-se.) - Merda! Filha da puta! (Dá tapas na Gá, que se debate.) Pare com isso, Gá! Pare com isso! Fique quieta! (Côco, agoniado, começa a arrastar a menina para trás dos caixotes. Gá debate-se cada vez mais. Côco não consegue controlar-se.) Pare! Pare! Pare! Pare, filha da puta! Pare quieta! (Côco começa a estrangular a Gá.) Fique quieta! Fique quieta!

(Entra Giló.)

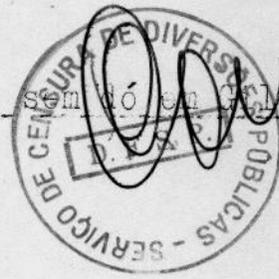
GILÓ - Porra! que é isso?

(COCO volta-se rápido para Giló.)

GILÓ - Tu pegou a menina?

COCO - Filho da puta!

GILÓ - Nojento! Porco nojento! (Cospe.)



Côco, com fúria, atira-se contra Giló. Côco bate ~~em Giló~~ que tenta fugir.)

GILÓ - Me larga! Me larga!

CÔCO - Côco vai te matar! Vai te matar!

GILÓ - Socorro! Socorro!

CÔCO (Puxa uma faca do bolso.) - Côco vai te acabar, seu merda!

(Giló, dum esforço desesperado, livra-se de Côco e desvia-se dêle com dribles de corpo.)

GILÓ - Tu vai se danar de verde e amarelo. Deixa o pessoal saber.

(Giló sai correndo. Côco, transtornado, vai até junto da menina e a fica olhando. Depois, deita-se a seu lado e tem uma crise de choro. Entram Giló, Chicão, Tião, Maria-Vai, Pelado e Poquinha.)

GILÓ - Olha lá o tarado!

MARIA-VAI - A menina está morta?

GILÓ - O ^{miserável} filho da puta é que matou.

CHICÃO - Cachorro da peste.

TIÃO - ^{Putá merda} Putá merda, que coisa da moléstia.

POQUINHA - A mãe vai se azucrinar tôda.

PELADO - Vamos agarrar êsse ^{miserável} puto.

(Côco, sem expressão, olha a menina. Está com a faca na mão.)

MARIA-VAI - Está de faca!

TIÃO - É fogo!

POQUINHA - Vamos esperar os outros.

PELADO - A mãe é que diz o que fazer.

TODOS - É! Isso! Melhor esperar! A gente fica nas encolhas! O cara está batusquela! É perigoso!

(Todos ficam espiando Côco ao lado da menina. Entram Noca, Bichado, Frido e Nhanha.)

NHANHA - Que foi? Que foi, gente? Ai, meu Deus, que foi? Gá! Minha

Gá! (Nhanha atira-se sobre Gá e chora convulsamente.) Gá! Está morta!

Está morta! Minha criança! Minha filhinha!



FRIDO - Pobre menina! (Volta-se para os outros.) Morreu?

GILÓ - Não morreu, não... Foi matada. Aquê ele matou ela. Queria se tratar com ela.

FRIDO - Êle?... Filho da puta! (Aproxima-se de Côco.) Tu matou ela, desgraçado? Tu matou ela?

CÔCO (Levanta-se com a faca na mão. Está xxx histórico.) - Eu não matei. (Avança para Frido com a faca. Frido vai se afastando.) Eu não matei! Eu queria ela pra mim. Eu queria ela pra mim.

NHANHA (Que chorava sôbre o corpo de Gá, levanta a cabeça e pára de chorar. Olha fixo para Côco.) - Tu é um cão!

CÔCO (Volta-se para Nhanha.) - Eu não matei! Eu queria ela pra mim! Eu não matei!

NHANHA - (Fica em pé.) - Tu vai se acabar, maldito! (Anda lentamente para Côco.)

CÔCO - Tu chega perto, te furo! Eu te furo!

NHANHA (Vira-se de costas para Côco e grita histérica para todos.) - Êle é coisa da peste! Tem que morrer! Tem que morrer! Êle é coisa ruim! Tem que se acabar, gente! Tem que se acabar! Pega êle, gente! Mata! Mata! Mata!

(Todos se atiram sôbre Côco e o derrubam no chão, massacrando-o até matá-lo.) Nhanha fica de costas para êles, chorando baixinho. Aos poucos, as pessoas, sempre em silêncio, afastam-se de Côco. Frido vem até Nhanha.)

FRIDO - Êle está acabado, Nhanha.

NHANHA - Que Deus tenha dó de sua alma. (Nhanha começa a chorar.)

FRIDO - Ê assim a vida...

NHANHA - Ê assim mesmo... (Ajoelha-se ao lado de Gá e fica chorando baixinho. Todos espiam de longe, com respeito. Entra Berrão.)

BERRÃO - Que houve aqui?

CHICÃO - Tem dois que se acabaram.

BERRÃO - Putz merda! (Para a vida!) Agora vai dar buchicho! Quem se apagou?



TIÃO - Côco matou a menina.

MARIA-VAI - Nós matou o Côco.

PELADO - Foi bem feito o que a gente fêz. Foi todo mundo junto pra cima d'êle. Demos de verdade. Acabou rápido e rasteiro como o filho de uma vaca que êle era.

POQUINHA - Fizemos bem.

BERRÃO - Fizeram bem o cassete! Isso vai dar truta. Vai baixar cana! Vai dar um rôlo danado.

CHICÃO - Deixa dar!

BERRÃO - Deixa dar o que?!

CHICÃO - Deixa baixar a cana!

BERRÃO - Pra vagabundos tanto faz estar preso ou sôlto, né?

CHICÃO - É! É daí?

BERRÃO - E daí é que não quero nem saber. Não tenho nada com isso.

CHICÃO - Todo mundo tem que estar nessa jogada. Todo mundo, manjou? Até tu!

BERRÃO - O que tu tá querendo?

CHICÃO - Estou querendo te dizer que ninguém, nem tu, vai cair fora dessa.

PELADO - Isso que é. O Côco quis se servir da menina, Isso deu nôjo na gente. Nós fizemos êle. Agora a gente tem de se livrar a cara.

POQUINHA - A justa ainda não foi chamada.

NOCA - Só a gente que sabe.

TIÃO - A gente, mais tu.

(Pausa)

BERRÃO - **RemBAS** **RRRRA!** Ninguém aqui tem cabeça fria! Podiam deixar o Côco pra lá. Não precisavam ter matado êle. Da menina a gente se livrava fácil. Era só dizer que ela teve um ataque e pronto. Agora, **dêsse merda** é espêto. **Filho da puta** de quem teve a idéia de apagar o miserável.

CHICÃO - ...



CHICÃO - Tu não se mancou que a gente sentiu nójo do que ele fêz? Não se mancou? Foi todo mundo junto que quis pegar o tarado. Ele estava alí parado, de ferro na mão. Se não estivesse todo mundo picado de raiva, ninguém ia ter peito de entrar nêle. Não precisou falar duas vêzes. Ninguém deu pra trás. Foi mole jogar o canalha no chão com a faca e tudo. Pena que êle se apagou depressa. Nós devíamos era ir matando devagar. Pegar um pau e espetar ^{no cado} no rabo dêle até êle cagar sangue. Ou capar o porco com a própria faca e deixar êle aí pra te contar como foi. Nós demos ~~xx~~ mancada de acabar logo com êle. Demos, sim. Êle não prestava. Tinha que se estrepar. Só que devagar. Bem devagar. Para sentir o aroma da perpétua.

BOTAR

(Pausa)

BERRÃO - Bem, o que foi feito, está feito. Não adianta chorar. Agora é tratr de se mandar daqui. Quanto antes, melhor. Vamos fazer o ponto lá embaixo da ponte. Não se vem mais aqui. A gente esconde o resto do Côco aí atrás dos caixotes e a menina a gente leva. Amanhã eu chamo a polícia e digo que ela teve um ataque e morreu. O Côco, só quando começar a feder e os urubus começarem a baixar aqui, é que o pessoal vai se tocar que tem gente morta. Aí, é tarde. Fica assim mesmo. Êle não tem importância nenhuma. Morreu, morreu. Um a menos pra encher os bagulhos dos outros. Botem os sacos no caminhão. Temos que cair fora.

(Ninguém se mexe.) Estão surdos?

CHICÃO - Não vai pesar?

BERRÃO - Acha que eu vou ficar aqui a vida tôda? Quero me arrancar o mais depressa possível.

TIÃO - Mas a gente precisa da grana.

BERRÃO - Estou estranhando o papo aqui hoje. Que é que há? Tá todo mundo roncando grosso.



BERRÃO - Tu cala sua boca. Ninguém te chamou na conversa.

GILÓ - Eu falo quando quero.

BERRÃO - Então fala! Bota a boca no trombone, que eu também boto. Já estou dando uma colher de chá de me fechar em copas. Mas, se começam a se assanhar, chamo a cana e dedo todos vocês. Eles apanham um por um e eu apanho os sacos de graça.

POQUINHA - Isso é sacnagem.

BERRÃO - Mas é uma boa pedida. (V-i sair.) Vou mostrar como se lida com vagabundo.

(Nhanha entra na frente de Berrão.)

NHANHA - É melhor o senhor dar o dinheiro. do entêrro. Esse gôsto o senhor não tira da Gá.

BERRÃO (Puxa o revólver.) - Sabe o que é isso?

NHANHA - Bela merda!

(Todos rodeiam o Berrão.)

BERRÃO - Que é que há? Eu mando um pra glória.

NHANHA - A gente sabe que se tu tiver coragem, tu desgraça um. Mas a gente é uma porrada. Quem ficar te pega.

BERRÃO - Não está vendo o revólver na minha mão? Então, que papo é esse? Eu estouro um. Estouro o primeiro que vier, Estou avisando. Quem avisa amigo é. Eu queimo um. Eu queimo. Mas não dou um puto de um tostão pra sacana nenhum.

NHANHA - Então queima! (Mostra o peito.) Atira aqui! Atira! Falta peito? Tu não tem coragem? Atira! Atira, seu porco!

BERRÃO - Tu tá louca, mulher?

NHANHA - Tu é que está louco de medo. Atira! Tem medo, seu puto!

Então dá o dinheiro! (Pausa) Anda, dá a grana, ou atira! Atira!

Tu me mata. E daí? Estou destando ^{fazendo} um monte desse tamanho pra morrer.

Já morri um cassetão de vêzes, tá bom? Morri de fome. Morri de frio.

Morri de medo. Morri de ver minha cria morrer. E agora chegou tua

vez. Atira! Atira! Anda, atira! Mas, tu não escapa. Gasta tua verdade

aqui no meu peito. Anda! Daí, eles te pegam e te azaram. Essa é a

(GRANDE PAUSA)

da tua cria ! Ela merece.
pra frente. Não foi o fim do mundo, não é? Sal lá, mulher! Vai! Cuida
morre! Mas a gente está aí mesmo. Quem fica tem que tocar o barco
gritai. Essa onda me deixou zoeira. Mas, pombas! A vida continua! Um
mundo ficou perturbado. Tu gritou! Todo mundo gritou! Eu também
com isso. Eu também. A gente ficou batucando. Cabeça quente. Todo
quem? (Passa a mão no ombro de Nhamha) Todo mundo ficou cabreiro
Clare! Pombas! Quem não se queima com um troço escamoso desse?
Vai! Toda essa gente tá chateada com essa coisa toda! Eu também!
que os urubus deem conta dela. (Nhamha continua parada) Vai mulher!
Não tem tua grama? Então? Vai cuidar da tua cria morta antes
BERRÃO - (Fala com autoridade) Então, mulher? Não tá contente?

- Fritinho de verde e amarelo.
- Agora tá luzido de primeiro ao quinto.
- O durão ficou um monte de merda!
- Abertamos o trouxa, teve que se entregar.
- Ali pra merluqueta.
- Assim que tem de ser.
- Agora não tem mais mosquito.
- O machão se cagou.
- Agora é fogo no jabacule.
- Pau de dar em delde.
- A gente é breca.
- Miljon pra trás.
- Um a zero pra nós.
- Se render.
- Deu a grama.

murmurie. Isso deve ser meio inteligente!

SAIAS DO POVO - (Todos falam misturados, para dar impressão de
frente de Berrão; ela com certa desconfiança para o dinheiro)
BERRÃO - Frente! Tu já tem o que queria! (Nhamha fica parada na
(Berrão pega dinheiro e dá pra Nhamha)

NHAMHA - E.

Atual, é só isso que tu quer. Não é?

BERRÃO - E... E... Vou ajudar tu enterrar a criança. Vou ajudar.

MARIA-VAI - (aconselhando) - É melhor tu dar a grama pra ela.

(Nhamha anda lentamente, avançando sobre Berrão, que está apavorado)

Atira!

razão. E não vai ter ganho pra mudar o resultado. Anda, atira!
hora de acertar as contas. Quem tiver se danado mais está com a



[Handwritten mark]

75-

NHANHA- (bem triste) É ! É mesmo !

BERRÃO- Então vai logo.

(Nhanha olha para os outros, como se pedisse desculpas)

NHANHA- Gá vai ter entêrre de gente !

(Nhanha, sempre triste, abatida, afasta-se do Berrão e se ajoelha do lado da Gá. Depois de algum tempo, Frido olha para os companheiros como se pedisse desculpas.)

FRIDO- Gá vai ter entêrre de gente.

(Frido, lentamente, afasta-se do grupo e vai para junto da Gá. Fica em pé ao lado da Nhanha que inicia uma Ave Maria. Os catadores, meio embaraçados, olham-se e vão lentamente se colocando entre Berrão e Nhanha. Estão juntos em um bloco. Por alguns minutos, olham a cena. Depois, Chicão, que está na frente, vira-se para os outros).

CHICÃO- E nós ?

(Pausa longa)

MARIA-VAI- E nós, o que ?

CHICÃO- Amenina se apagou !

POQUINHA- A gente tá vende.

TIÃO- Nós não é cege.

CHICÃO- Então, como é que fica ?

(Pausa longa)

CHICÃO- O gaz da mulher acabou.

NOCA- Pois é.

(Pausa)- (Esse diálogo deve crescer de forma a ficar apenas um grande murmúrio ininteligível)

CHICÃO- Então ?

TIÃO- Tu que sabe.

CHICÃO- O negócio é de todos.

TIÃO- Sei disse.

CHICÃO- Então vai ter lenha.

TIÃO- Tem que ter.

(Pausa)

CHICÃO- Fala com êle.

TIÃO- Fala tu !

CHICÃO- Tu tem mais pape.

TIÃO- Mas tu que beleu tudo !

CHICÃO- A bronca maior é tua.

TIÃO- Não sei por que ?

CHICÃO- Sei eu !

TIÃO- Então abre !

CHICÃO- Ele come tua fêmea.

MARIA-VAI- Eu, não.

NOCA- Tu, sim.

MARIA-VAI- Não se atravessa comigo.

NOCA- O que é se diz.



Worte da empresa

~~- 5 -~~

(Nessa altura todos falam juntos)

- O cassete.
- Mas, porra !
- Assim que tem de ser !
- Vai à merda.
- Todos juntos.
- Quem não é de cá é de lá.
- Filho de uma cadela !
- Vai ter que botar pra quebrar.
- Mostra pra ele.
- É a tua.
- Parida da moléstia.
- Ou todos juntos ou não dá pedal.
- Ele sempre se serviu de ti.
- Afinados de merda.
- O meu cassete !
- Mas que merda !
- Cada um por si.
- É fogo.
- Ninguém é de porra nenhuma.
- Então se dane cada um por si.
- Quer mijar fora do pinico.
- Eu pago pra ver.
- Agora ou nunca.
- Vai na frente.
- E no teu rabo não vai nada ?
- Os cambaus.
- Escrotos de merda.
- Isso que é.
- Vamos firmes.
- Todos juntos.



coste da empresa.

(No auge do vezeirio, Berrão grita de forma que dá para abafar tudo. O falatório para de estalo)

BERRÃO- Como é, gente? Vamos calar a matraca e trabalhar? Ou preciso pegar no gogó de um ?

(Pausa longa. Só se escuta a reza de Nhanha/

NHANHA- Santa Maria mãe de Deus, rogai por nós...

BERRÃO- (Abafa a reza) Como é? Já estou com os bagos cheios.

(Nova pausa. Nhanha reza)

NHANHA- Rogai por nós os pecadores, etc...

(Todos entreolham-se e devem estar de forma que lembrem um bloco. Aos poucos, vão erguendo os braços em forma ameaçadora. Nhanha Reza. Os catadores dão um passo à frente com bastante cautela)

BERRÃO- (Duro) Querem fazer graça? Como a alma de um na porrade.

(Os catadores dão mais um passo à frente)

~~- 5 -~~

(Pausa. Nhanha reza)

BERRÃO- quem é o primeiro ?

(Tião dá um espurrão em Chicão, que vai para frente, seprando-se de bloco. Chicão olha apavaredo para o Berrão, depois pro grupo. Nhanha reza)

BERRÃO- Então é tu mesmo.

(Berrão bate no Chicão e o joga no chão. Niguem se mexe)

BERRÃO- Alguém quer mais ?

(Pausa. Niguem se mexe)

BERRÃO- Peguem os sacos e botem no caminhão! Anda ! (Um pontapé no Chicão)

BERRÃO - Vamos.

(Chicão olha para seus companheiros. Todos abaixam a cabeça. Nhanha reza. Chicão, lentamente, levanta-se pega um saco e sai. Os outros, um por um, seguem-se lentamente. Por ultimo, sai o Berrão)

NHANHA- (Rezando) Rogai por nós, pecadores... agora e na hora de nossa sorte. (Entram ruídos de grande cidade abafando a reza e o pano fecha lentamente.)

P I M

56
D.F.S.P.
SECRETARIA DE DIVERSOES
PUBlicas



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL NO PARANÁ E SANTA CATARINA

Curitiba,

Em 18 de março/68

Of. 3109/68/TCDP/PS/DR/PR-SC

Do Delegado Regional do DPF/DR/PR-SC

Ao Sr. Chefe do SCDP do DPF - Brasília

Assunto Encaminhamento (Faz)

Senhor Chefe,

Pelo presente encaminho a V.S^a, uma (1) cópia do "SCRIPT" da peça teatral de Plínio Marcos "HOMENS DE PAPEL" para a devida censura a fim de ser representada nesta capital, no período de 20 a 29 do corrente, no Teatro Guaira.

Salvo melhor juízo de V.S^a tomamos a liberdade de grifar em azul as palavras as quais achamos que devem ser cortadas, pois já existem vários cortes que estão sublinhados com lápis vermelho pela TCDP de São Paulo e pelo Diretor da Companhia Teatral.

Na oportunidade apresento a V.S^a os meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

M. Bianco

Waldemar Oswaldo Bianco
Cel. Delegado Regional do DPF/PR-SC

P. L. R.

Renovar os certificados com a propriedade para menores de 18 anos e cortes.
Boff



CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 153/68

PEÇA HOMENS DE PAPEL (RENOVAÇÃO)

ORIGINAL DE PLÍNIO MARCOS

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 20 de MARÇO de 19 69

CLASSIFICAÇÃO

**IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS**

COM CORTES

Brasília, 20 de MARÇO de 19 68
Manoel Felipe de Souza Leão Neto
MANOEL FELIPE DE SOUZA LEÃO NETO
 Chefe do S. C. D. P.





BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0059, P. 64

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

P-228

Luiz

CÓPIA PARA ARQUIVAMENTO POR ASSUNTO

GEN. WALDEMAR OSWALDO BIANCO
DELEGADO REGIONAL DO DPF/PR-SC
RUA XV DE NOVEMBRO 1318 - CURITIBA

74 20m 3 68

INFORMO SEGUIU MALOTE CERTIFICADO RENOVAÇÃO PEÇA
TEATRAL " HOMENS DE PAPEL " AUTORIA PLINIO MARCOS VG LIBERADA COM
IMPROPRIEDADE MENORES DEZOITO ANOS VG COM CORTES DE PALAVRAS ET
TEXTOS ASSINALADOS FÔLHAS 23; 29, 30, 31, 37, 39, 45, 48, 49, 50 ET
51 PT SDS MANOEL FELIPE DE SOUZA LEÃO NETO CHEFE DO SCDP

[Assinatura]



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0059, p. 65

P-228

CÓPIA PARA ARQUIVAMENTO POR ASSUNTO

URGENTE

GEN. WALDEMAR OSWALDO BIANCO
DELEGADO REGIONAL DO DPF/PR-SC
RUA XV DE NOVEMBRO 1318 - CURITIBA

63 15 03 68

INFORMO V. S^a. PEÇA TEATRAL "HOMENS DE PAPEL" SÔMENTE PODERÁ SER
ENCENADA ATEH DATA VALIDADE CERTIFICADO CENSURA CONFORME DISPOSITIVO
LEGAL PT EXPIRADO PRAZO PEÇA TERÁ SER REMETIDA BRASÍLIA FINALIDADE
REEXAME PT SDS - MANOEL FELIPE DE SOUZA LEÃO NETO - CHEFE SCDP



21 JAN 1980 001862



Ad
Arquivo
de providências
em 21.1.80

M. Blied José de Sousa
Matr. 2095 885

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ/DPF/SCDP/SR/BA

fu

DF. Nº **00155**/80-SCDP/SR/BA, Salvador, 15 de janeiro de 1980

SR.DIRETOR DA DCDP/BSA

ASSUNTO: Encaminhamento - faz

Senhor Diretor,

Com o presente, encaminho a V. Sa. os textos das peças abaixo discriminadas, a fim de serem examinadas, de acordo com as normas censórias em vigor:

- 1 - A FUGA DAS NOTAS MUSICAIS, de Ricardo Ottoni Vaz Japiassu
- 2 - HOMENS DE PAPEL, de Plínio Marcos

Na oportunidade, renovo a V. Sa. os protestos de estima e consideração.

Maria Helena
 MARIA HELENA GUEIMARÃO-BEL
 Técnica de Censura
 Chefe do SCDP/SR/DPF/BA

ILMO.SR.

DIRETOR DA DCDP/BSA

BRASILIA -DF.

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DO DPF/DF;

MARIA GUADALUPE MEDINA, brasileira, solteira, estudante, carteira de identidade nº 1.591.578, expedida pela / SSP/BA, residente e domiciliado à Praça Dois de Julho, 29, / Edf. Morada do Campo Grande apto. 301, na cidade de Salvador, Estado da Bahia, vem muito respeitosamente, requerer a V.Sa./ que se digne de mandar examinar o texto da peça teatral "HO-MENS DE PAPEL", de autoria de Plínio Marcos, de acordo com as normas censórias vigentes, para que possa ser apresentada.

Nestes termos,
Pede deferimento,

Salvador, 09 de janeiro de 1980

Maria Guadalupe Medina
MARIA GUADALUPE MEDINA

TEATRO

TÍTULO Homens de Papel

Plínio Marcos

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 anos

Praça Salvador - BA

Obs.: _____

DF. 22 / 01 / 80 /

Calina n. Gomes

Resp. pela elaboração do Processo

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação imprópria para menores de 18 anos, sem cortes, condicionada ao sucesso do ensaio geral.

Obs.: confronto

Brasília-DF, 28 de Janeiro de 1980

Hellé Prudente Carvalho
Matr. 445 791

Brasília-DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 20 / 1 / 1980

Bluel José d. Sousa
Matr. 2005 605

PARECER Nº 245 / 80TÍTULO: " HOMENS DE PAPEL "CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 anos

Autor: PLÍNIO MARCOS

Peça para confronto, já liberada com a impropriedade máxima e com cortes, segundo Certificado nº 3460-67e procedido o exame comparativo, constatamos semelhanças de conteúdo, diálogos e mensagem entre os textos.

Mesmo o texto contendo palavras e expressões de baixo calão, sugerimos sua liberação sem cortes e com a faixa etária de 18 anos, considerando a exibição de espetáculos similares e a atual orientação censória em relação ao teatro.

Brasília, 28 de janeiro de 1980

Lucia F. de Holanda
Maria Lucia F. de Holanda

883

"HOMENS DE PAPEL"

PLÍNIO MARCOS

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
18
DEZOITO ANOS

30

JANEIRO

85

30

JANEIRO

80

Jose V. Madeira
JOSÉ VIEIRA MADEIRA

HOMENS DE PAPEL

PLÍNIO MARCOS

MARIA GUADALUPE MEDINA - SALVADOR (BA)

28 JANEIRO 80

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONA
DA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDA
DE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

30 JANEIRO 80

ELIEL JOSÉ DE SOUSA

102/80-DCDP

30/01

80

Superintendente Regional do DPF na Bahia

"HOMENS DE PAPEL"

Plínio Marcos

Superintendente:

SALVADOR-BA

pr JOSÉ VIEIRA MADEIRA

SERVICO PUBLICO FEDERAL

MJ/DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SCDP/SR/BA

RELATÓRIO Nº 02/80-SCDP/SR/BA, Salvador, 01 de abril de 1980.

DO: TC Severino E. Souza

AO: Sr. Chefe do SCDP/SR/BA

ASSUNTO: Parecer de Ensaio Geral - apresenta

Senhor Chefe,

Assisti, dia 27.03.80, às 20,00 hs., no Teatro Sto. Antonio, à encenação da peça teatral HOMENS DE PAPEL, autoria de Plínio Marcos, apresentada pelos alunos da Escola de Teatro da UFBA., tendo a relatar o que se segue:

A peça trata do cotidiano na vida daqueles que vivem à margem da sociedade, coletando por conta própria papéis velhos pelas ruas e vendendo posteriormente a um intermediário de uma fábrica de transformação e industrialização de papel usado.

O texto não sofreu alterações, nem se fez necessário a utilização de cortes que no caso seria de palavrões, uma vez que os mesmos refletem a realidade do dia a dia do lingua jar desses miseráveis párias da sociedade.

A encenação desenvolveu-se de acordo com as normas censórias em vigor, no tocante ao cenário, iluminação, - música, guarda-roupa e expressão corporal.

Pela aridez, crueldade e agressividade da realidade que o tema apresenta, pelos gestos obscenos e depravados de pessoas desesperadas, despresadas, famintas e tocadas - pela miséria, onde os palavrões e os seus costumes chegam a ferir a sensibilidade do expectador, opino pela manutenção da faixa etária constante no Certificado de Censura, ou seja, impróprio para menores de 18 anos.

É o parecer, s.m.j.

Severino E. Souza
Sub. Chefe do SCDP



MJ - DPF - DCDP - BSB

23 AGO 1982 008070

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICASOfício: nº 237/82 -SCDP/SR/RS

EM: 16.08.82

DO: Chefe do SCDP/SR/RS

ENDEREÇO: Av. Presidente Roosevelt, 420

AO: Sra. Diretora da DCDP

ASSUNTO: Encaminhamento (faz)

Conforme determina a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13/07/78, estamos anexando a este, para o fim previsto na letra "d" da mesma portaria, os documentos a seguir:

- 1 - uma via do "script" da peça teatral intitulada HOMENS DE PAPEL, de autoria de PLÍNIO MARCOS;
- 2 - requerimento do interessado;
- 3 - relatórios da comissão técnica;
- 4 - relatórios do ensaio geral;
- 5 - uma via do Certificado de Censura provisório.

Atenciosamente,

João Bispo da Hora
Chefe do SCDP/SR/RS

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

ANTONIO ARISTIDES KALB
 BRASILEIRO, Nacionalidade
 Cart. de Identidade 1108673871, Profissional SSP.
 Orgão expedidor
 residente e domiciliado em RUA DANTEO FILHO, 781
 vem, mui respeitosamente, requerer de V.Sa. que se digne mandar exami-
 nar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a(s) com-
 posição(s) SCRIPT (TEATRO) abaixo relacionada(s), de autoria de:
 Espécie PRINIO MARCOS
 Nome do autor ou autores quando parceria
HOMENS DE PAPEL.
 Título(s) de(s) composição(s)
MONTAGGM - GRUPO TEATRO UNIVERSITARIO SANTO ANGELO -
(TUSA).

Nestes termos,

Pede deferimento.

SANTO ANGELO, 19.05.1982

Local e Data

[Handwritten Signature]
Requerente

CENSURA FEDERAL/MS
 Protocolado sob nº
 3309
 1216/82

1 - EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: TEATRO UNIVERSITARIO SANTO ANGELO-TUSA JGC:
Endereço da sede: RUA UNIVERSIDADE DAS MISSOES, 393
CEP: 98.800
Diretor ou responsável: CARLOS ALBERTO BUCHMANN

2 - DADOS DO AUTOR:

Nome: PLINIO MARCOS
Pseudônimo: _____ Filiação: _____
Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____
Data nasc: _____ Identificação: _____
Estado civil: _____
Profissão: _____
Endereço: _____ CEP: _____

3 - PARCERIA(S):

Nome: _____
Pseudônimo: _____ Filiação: _____
Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____
Data nasc: _____ Identificação: _____
Estado civil: _____
Profissão: _____
Endereço: _____ CEP: _____

Nome: _____
Pseudônimo: _____ Filiação: _____
Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____
Data nasc: _____ Identificação: _____
Estado civil: _____
Profissão: _____
Endereço: _____ CEP: _____

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

Data: SANTO ANGELO, 19-05-1982

Ass.: [Assinatura]

HOMENS DE PAPEL

Plinio Marcos

PERSONAGENS:

Berrão
Chicão
Tião
Maria-Vai
Pelado
Noca
Bichado
Poquinha
Giló
Coco
Nhanha
Frido
Gá



Peça em dois atos.

PRIMEIRO ATO

(Ao abrir o pano, Giló, Tião, Maria-vai, Chicão, Coko, Pelado e Noca estão diante de Berrão, que traz um um revólver na cinta e uma balança de gancho na mão. Cada um dos catadores de papel arrastam sacos cheios de papel.)

BERRÃO - Avança o primeiro.

(Giló aproxima-se)

GILÓ - Apanhei três sacos.

BERRÃO - E daí, o peso é que interessa.

GILÓ - Estão bem cheinhos.

BERRÃO - A balança que vai dizer.

GILÓ - Nos três sacos, um pelo outro, deve ter uns trinta kilos.

BERRÃO - Vamos ver. (pesa o primeiro) Três quilos.

GILÓ - Só?!

BERRÃO - Só por que?

GILÓ - Não foi mole arrastar os sacos até aqui.

BERRÃO - É que tu tá podre. Tu pensa que cachaça sustenta? Tem que comer as vezes.

GILÓ - Não bebo.

BERRÃO - Come com farinha. (Pesa o segundo saco.) Dois e meio.

GILÓ - Tá marcando mais.

BERRÃO - Estou vendo. Não sou cego.

GILÓ - Então não é dois e meio.

BERRÃO - Aqui a gente sempre arredonda.

GILÓ - Pra menos.

BERRÃO - É!

GILÓ - Mas tá dando quase três.

BERRÃO - Dois e meio, e fim. Se não estiver contente vai vender em outra parte. (Pesa o terceiro saco.) Também dois e meio.

GILÓ - Poxa, seu Berrão. Olha aí. Falta só um pouco pra três quilos.

BERRÃO - Será que toda a mão vou ter que explicar o negócio do ar-



redonda?

GILÓ - Não... É...

BERRÃO - Então não torra minhas idéias. Se tu começar a me aporri-
nhar eu te risco da lista.

GILÓ - Me desculpe, falei por falar.

BERRÃO - Veja lá. Em boca fechada não entra mosquito. Deu oito qui-
los bem pesados. Duzentos mangos por quilo, dá um conto e
seiscentos. Desconta a gasolina do caminhão, a minha par-
te e os institutos, tenho que te dar seiscentos mil réis.

GILÓ - Sempre foi meio a meio.

BERRÃO - Até ontem. Agora a gasolina subiu. Se não quiser fazer a-
certo comigo, leva direto pra fábrica. Mas já vou avisan-
do, e é bom que todo mundo aí escute. Tenho um arreglo com
os caras lá da fábrica. Dou sempre um come-quieto pro su-
jeito que compra o papel. Se falar pra ele não comprar de
alguém, ele não compra mesmo. Assim me cubro das sacana -
gens. Agora, sua cabeça é seu guia. Quer ir lá vender vai.

GILÓ - Não. Sempre fiz acerto com o senhor.

BERRÃO - Então pega o tutu e cai fora. Já enjoiei da tua fuça. (Giló
pega o dinheiro e três sacos vazios e se afasta.)

BERRÃO - Vem outro. (Aproxima-se Chicão.)

CHICÃO - Só dois.

BERRÃO - Pombas ninguém quer mais nada!

CHICÃO - Foi noite ruim.

BERRÃO - Sei! Tu ficou em algum boteco enchendo a caveira de pinga.
Isso é que foi.

CHICÃO - Foi noite ruim pra todo mundo. Pode perguntar pro povo.

MARIA=VAI - Foi ruim mesmo, seu Berrão.

PELADO - Parece até que alguém catou antes da gente.

NOCA - Nós, que é de catar cinco, catou só dois.

TIÃO - Acho até que deu uma dor de barriga de lascar e a gen-
tarada usou todo o papel. (Todos riem)

BERRÃO - (Bravo) Ei, que folga é essa? (Silêncio imediato) quero
respeito aqui. Não sou nenhum moleque pra escutar gra-



- cinha. Quem se fizer de besta comigo já viu! Sou muito legal. Mas quando me esquento viro bicho.
- CHICÃO - É que não deu mesmo pra catar mais. Se desse a gente ca-
tava. No duro que parece que alguém catou antes de nós.
- BERRÃO - Catou uma pinóia! Tu e essa gente são tudo uns vadios.
- CHICÃO - Vadio não!
- BERRÃO - Vadio, Sim! E tu é o pior! Mas tou de lho em ti. Dá uma
sopa pro azar e tu vê. Acerto teu passo. (Pausa) Quero
ver amanhã, se tu me aparece só com dois sacos. (Pesa os
sacos de Chicão.) O primeiro tem quilo e meio e o segun-
do tem dois.
- CHICÃO = Mas eu passei na venda do seu Quim antes de vir pra cá.
Deu cinco quilos.
- BERRÃO - (Atira os sacos na cara do Chicão.) Tá aí! Vai vender
pro seu Quim.
- CHICÃO - Ele não compra.
- BERRÃO - Entã se dane. (Chicão fica parado olhando Berrão)
- BERRÃO - Cai fora, anda!
- CHICÃO - Compra aí seu Berrão. Tou duro.
- BERRÃO - Aqui é três quilos.
- CHICÃO - Três e meio, o senhor falou.
- BERRÃO - Falei três.
- CHICÃO - Escutei bem. O senhor disse três e meio.
- BERRÃO - Falei três, e não vou pesar denovo só pra tirar a tua
cisma.
- CHICÃO - Todo o mundo ouviu o senhor falar três e meio.
- MARIA-VAI - Eu nãoescutei nada.
- TIÃO - Eu estou por fora.
- PELADO - Negócio dos outros, não quero nem saber.
- NOCA - É melhor, se a gente mete a butuca vão dizer que a gen-
te tá secando.
- BERRÃO - Mas tu ouviu eu falar três, não ouviu Noça?
- CHICÃO - Foi três e meio que ele falou, não foi?
- NOCA - Disse três. Só falei o que escutei e por que fui pergun-



- tada.
- BERRÃO - É três mesmo. Pega a grana e te arranca. (Chicão pega o dinheiro e dois sacos vazios e se afasta.)
- BERRÃO - Anda, Tu, Baiano Coco da peste.
- COCO - Tá aí. (Apresenta meio saco.)
- BERRÃO - Eta raça ruim! Meio saco! (Arranca o saco da mão do Coco e joga junto com os outros.) Isso não vale a pena nem pesar. Cai fora não vou pagar nada por isso, não!
- COCO - Tem coisa minha aí. (Vai pegar o saco)
- BERRÃO - Ei, que tu quer aí? Tira a nata desse saco.
- COCO - Só vou apanhar uma coisa.
- BERRÃO - Pega logo e se afasta dos sacos. Não quero ver ninguém aí. (Coco pega uma boneca quebrada de dentro do saco)
- BERRÃO - Que porcaria é essa?
- COCO - Uma bonequina (Todos riem)
- BERRÃO - Pra que tu quer essa droga?
- COCO - Pra mim
- BERRÃO - Vai brinca com boneca agora? (Todos riem)
- BERRÃO - Por isso que esse país não vai pra frente. Ninguém quer nada com o pesado. Esse puta marmanjo deu agora pra brincar com boneca. É o fim da picada. Vem outro! (Aproximam-se Maria-vai e Tião.)
- BERRÃO - Pra que vêm em dois? Tu sai de lado. Deixa a tua mulher cuidar das coisas. Ela entende melhor que tu.
- TIÃO - Fica os dois. Os dois que catou.
- MARIA-VAI - Te arranca, Tiaão. Seu Berrão já falou.
- TIÃO - Cala a boca mulher. Eu sei o que faço.
- BERRÃO - (Empurra tião pra longe.) Deixa só ela aqui! Tu não tem medo que eu cante tua mulher?
- MARIA-VAI - Onda dele seu Berrão, ele não é de nada! (Tião se afasta se triste.)
- BERRÃO - (Pesando os sacos) Tudo junto dá seis quilos



- MARIA-VAI - Pouco.
- BERRÃO - Quer ir na fábrica conferir, como no outro dia?
- MARIA-VAI - (Sem jeito) Vou.
- BERRÃO - Então tu vai. Tião, tua mulher não confia na balança. Diz que estou robando. Pra tirar a cisma dela, vou levar ela comigo lá na fábrica.
- TIÃO - Eu vou junto.
- BERRÃO - Tu não vai a parte nenhuma.
- TIÃO - Então a Maria também não vai.
- MARIA-VAI - Vou ! Quero saber o certo.
- TIÃO - Não vai.
- MARIA-VAI - Vou! Tu não me manda.
- TIÃO - Não vai!
- BERRÃO - Ela vai! Se ela não for, te tiro o ponto. Não vou que -
rer lidar com gente que acha que eu estou metendo a mão
Pombas! Logo hoje que eu estou de boa lua, que vou dar
uma colher de chá para ela ir lá na fábrica saber como
é o macete tu vai se invocar? Ela vai. Se tu espernear
te tomo o ponto e dou pra outro.
- MARIA-VAI - Deixa de ser chatto Tião. (Tião afasta-se triste)
- BERRÃO - Tu fica lá junto dos sacos. (Maria-vai fica perto da
pilha de sacos)
- BERRÃO - Anda, gente. Vamos logo com essa zorra! (Noca aproxima
se e Pelado vai para junto dos outros)
- BERRÃO - Dois sacos. Cinco quilos.
- NOCA - Vai levar a perebenta pra conferir?
- BERRÃO - Tu vai amanhã.
- NOCA - Deus me livre! Tu quer passar doença dessa vaca pra mim?
- BERRÃO - Dor de corno, bichinha! (Noca pega o dinheiro e vai pra
junto do Pelado)
- BERRÃO - Quem está faltando?
- MARIA-VAI - O Bichado e a Poquinha.
- BERRÃO - Que merda! Sempre se espera pelos mais jogados fora.
Será que aqueles não sabem que não estou aqui pra per-



der tempo? Têm a noite inteira pra se virar, mas ficam dormindo. Daí se atrasam. Também, tem um negócio. Se me chegam aqui com as mãos vazias, vão entrar bem. Não compro nada. (Pausa. Berrão anda nervosamente de um lado para o outro. O pessoal está agachado. Todos em silêncio. Chicão, sem que berrão perceba, aproxima-se de Tião.)

- CHICÃO - Tu vai deixar ele levar outra vez tua mulher?
- TIÃO - É só pra conferir.
- CHICÃO - Tu vai engolir isto?
- TIÃO - É bom alguém daqui ir conferir.
- CHICÃO - Então porque ele não te leva? Porque tu é feio que é a peste. Leva a Maria, que é fêmea.
- TIÃO - Que tu quer dizer com isso?
- CHICÃO - Que ele vai se servir às custas da tua mulher. Teu chifre vai crescer um pouco mais.
- TIÃO - Filho da puta!
- CHICÃO - Banca o homem pra cima do Berrão.
- TIÃO - Tu me dá nojo.
- CHICÃO - E tua mulher, essa vaca sem-vergonha que te passa pra trás na tua cara?
- TIÃO - Ela também me paga.
- CHICÃO - Papo furado.
- TIÃO - Ninguém vai perder por esperar.
- CHICÃO - Tu não é de nada. Quem tem que fazer o azar faz na hora. Esse negócio de ficar nas encolhas é negócio de trouxa.
- TIÃO - O bom cabrito não berra.
- CHICÃO - O chifre, tu já tem. Só que em vez de cabrito parece um bode.
- TIÃO - Te arranca daqui! Vai dar palpite na vida da peste que te pariu!
- CHICÃO = Não precisa azedar. Só estou querendo te dar uma mão.
- TIÃO - Que mão! Tu só sabe me azucrinar.



- CHICÃO - Quem azucrina sua vida não sou eu, não. É tua mulher mais esse Berrão. Ele que te desgraça. É ele. E não é só contigo que o merda se invoca. É com todo mundo.
- TIÃO - Se não é só comigo, tá aí. Por que ninguém estrila? (Pausa. Chicão sente a aproximação de Berrão, disfarça. Quando Berrão se afasta, Chicão volta a falar.)
- CHICÃO - Esse cara há de morrer leproso.
- TIÃO - Gente ruim não morre.
- CHICÃO - Tu podia acabar com ele.
- TIÃO - Não viu a razão pendurada na barriga dele?
- CHICÃO - É... Ele é a lei. Pau mais forte.
- TIÃO - Não adianta apitar. Temos que esperar a volta.
- CHICÃO - Nós devíamos armar um chaveco pra ele.
- TIÃO - Não dá.
- CHICÃO - Podemos forçar a barra.
- TIÃO - É bobagem. O Berrão é uma parada federal.
- CHICÃO - Como tá, não tá direito.
- BERRÃO - E esses desgraçados não chegam. Quero ser mico de circo se não pegar de pau esse Bichado.
- MARIA-VAI - Deixa eles no ora-veja. Vamos nós.
- BERRÃO - Se tu mais essa corja não fossem uns vagabundos, podia ir. Mas, como vou aparecer lá na fábrica com esse pingo de papel? Os caras vão cair no meu pelo. Essa porcaria não paga nem a gasolina. Mas, esses dois vão ter um acerto comigo. Pode botar fé. (Berrão continua a andar nervosamente de um lado para o outro.)
- CHICÃO - Tu escutou?
- TIÃO - A Maria tá assanhada, né? Mas, quando ela voltar, tu vai ver. Arreberto essa vaca.
- CHICÃO - Psiu! (pausa) Não falei da Maria, não. Tu não escutou o Berrão se queixar que é pouco papel?
- TIÃO - E daí? O miserável sempre quer mais.
- CHICÃO - E é aí que ele pode cair do burro.
- TIÃO - Não sei porquê.



- CHICÃO - Sei eu. É só a gente encostar o corpo, ele entra em pua. Se ninguém catar papel pra ele, quero ver o que o sacana vai dizer na fábrica.
- TIÃO - Precisava ser todo mundo nessa jogada.
- CHICÃO - Claro! (Pausa. Os dois pensam)
- TIÃO - Tu já falou com os outros?
- CHICÃO - Ainda não. Mas, se a gente fala, eles embarcam nessa canoa. Pode crer. Todo mundo tem bronca do Berrão.
- TIÃO - Isso é mesmo. Fala com o pessoal. Se eles entrarem no arrocho, eu também entro.
- CHICÃO - Não. Tem que ser tu o cara a levantar a lebre.
- TIÃO - É idéia tua.
- CHICÃO - Pôxa, mas tu tem mais papo que eu.
- TIÃO - Te manjo. Tu sabe enrolar. Fala com os outros. Daí me avisa.
- CHICÃO - Tem que ter a tua força.
- TIÃO - Vai ter. Mas, só depois que estiverem todos bem papeados.
- CHICÃO - Tu tá com medo.
- TIÃO - Claro. Como tu.
- CHICÃO - Eu estou firme.
- TIÃO - E quer tirar o loló da seringa?
- CHICÃO - Eu, não! Eu não falei com tu?
- TIÃO - Então fala com os outros.
- CHICÃO - Mas, que é isso? Se abre com eles. Tu sempre na boa com esse povo. Já de mim, tem cara que estranha.
- TIÃO - O lance é teu. Te vira.
- CHICÃO - Meu, não. De todos.
- TIÃO - Mas tu é o pai da criança.
- CHICÃO - Mas, tu tem mais motivo que eu pra querer fechar o Berrão.
- TIÃO - Não sei porquê. Ele mete a mão no teu bico como no meu.
- CHICÃO - Mas ele passa a tua mulher nas armas.
- TIÃO - Corta esse papo.
- CHICÃO - Mas não é?



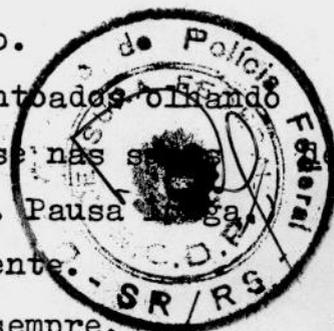
- TIÃO - Isso é comigo. Tu não te mete.
- CHICÃO - Então vai lá e dá uma chifrada nele.
- TIÃO - Filho-da-puta ! Eu te arrebento! (Tião pula em Chicão)
- NOCA - Briga!
- PELADO - Deixa brigar!
- COCO - Dá-lhe! Dá-lhe!
- GILÓ - Quem puder mais chora menos.
- BERRÃO - É só os dois. Ninguém se mete. (Entre vaias e risos, os dois rolam pelo chão.)
- MARIA-VAI - Dá-lhe, Tião! Dá nele, Tião! (Chicão leva a melhor e está estrangulando Tião.)
- TIÃO - (Sufocando) Ai... Ai...
- CHICÃO - Geme, corno manso!
- TIÃO - Me larga... Me larga... Ele me... mata... me...ajuda.
- PELADO - Ninguém se mete.
- MARIA-VAI - Ele vai matar o Tião. Não deixa, seu Berrão. Não deixa!
- CHICÃO - Esse sacana vai se acabar aqui.
- BERRÃO - (Dá um pontapé no peito de Chicão e o joga longe) Mixou!
- CHICÃO - Ele quis. Deixa comigo!
- BERRÃO - Mixou, já disse! Se quiser encrenca, é pra mim agora. (Puxa o revólver.) Vai querer?
- TIÃO - (Levantando-se, gemendo) Vai ter forra. Pode contar!
- CHICÃO - A hora que tu quiser.
- MARIA-VAI - Por que tu não apertou os bagos dele? Ele se entregava.
- TIÃO - Deixa ele. Eu ferro esse miserável.
- CHICÃO - Estou aqui mesmo.
- BERRÃO - Já mandei acabar com esse assunto. Já estou de ovo virado porque aqueles dois não aparecem. Se me p^o o saco, acerto um. (PAUSA)
- MARIA-VAI - Por que tu se grudou com ele?
- TIÃO - Ainda pergunta, sua vaca?
- MARIA-VAI - Eu que pago o pato?
- TIÃO - Foi por tua causa. Se tu não fosse tão galinha, eu não tinha que escutar desaforo.



- MARIA-VAI - Mas que é isso? Que é que eu fiz?
- TIÃO - Não tem nada que ir na fábrica.
- MARIA-VAI - Só vou lá conferir o peso.
- TIÃO - Mas todo mundo fica falando que o Berrão te passa na cara.
- MARIA-VAI - O Chicão falou isso?
- TIÃO - Foi.
- MARIA-VAI - Filho-da-puta! Nojento! Vai provar! (Para Chicão) Que tu tem que se meter na minha vida, seu azarento?
- CHICÃO - Me deixa, mulher!
- MARIA-VAI - Cavallo! Não sabe arrumar mulher no papo, fica costurando a vida delas.
- CHICÃO - Cala a boca!
- MARIA-VAI - Tu vai provar o que disse de mim.
- CHICÃO - Que foi?
- MARIA-VAI - Que o Berrão se trata comigo.
- CHICÃO - Vai à merda todo mundo sabe disso.
- MARIA-VAI - O senhor escutou isso, seu Berrão?
- BERRÃO - (que está um pouco mais afastado) Mas, pombas, o que é agora?
- MARIA-VAI - Esse desgraçado falou que o senhor me leva no caminhão pra dormir comigo.
- BERRÃO - Tu disse isso?
- CHICÃO - Eu, não!
- MARIA-VAI - Disse sim! Agora não dá pra trás.
- CHICÃO - Falei nada, não.
- MARIA-VAI - Porque o Tião se pegou com tu?
- BERRÃO - Foi por isso, Tião?
- TIÃO - Foi.
- BERRÃO - (Puxando o revólver) Canalha! Que tu quer me aprontar? O que? Te meto uma bala na testa, seu sacana de merda. Que tu quer comigo? Diz! (pausa) Tu não é bravo? Então diz! O que quer comigo?
- CHICÃO - Nada, não.



- MARIA-VAI - Nojento! na hora de provar, afina.
- BERRÃO - Vou te dar um castigo! (Dá vários tapas na cara de Chicão, joga-o no chão e lhe dá pontapés.) Quer mais? Diz! Quer mais?
- CHICÃO - Não! Por favor, chega!
- MARIA-VAI - Eu sei porque ele se mete na minha vida. Quis chamego comigo e eu não me arreglei com ele. É isso. Só pode ser isso.
- CHICÃO - Eu, não! Eu nunca te cantei.
- BERRÃO - Porco, sem-vergonha! Dando em cima de mulher que já tem homem. (Dá mais uns pontapés em Chicão.)
- TIÃO - Essa eu não sabia. Mas fica na conta. Vai ter acerto.
- BERRÃO - Eu devia te tomar o ponto.
- CHICÃO - A rua é livre. Eu cato papel onde quiser.
- BERRÃO - E limpa o rabo com ele. Eu não compro de você. Vai vender pra quem?
- NOCA - Dá pra nós o ponto dele, seu Berrão. Eu cato numa rua, o Pelado, na outra.
- MARIA-VAI - Ela mais o Pelado não dão conta nem do ponto que têm. Dá pra gente seu Berrão.
- NOCA - Puta invejosa!
- MARIA-VAI - Não se mete comigo!
- NOCA - Então não se atravessa no meu caminho.
- MARIA-VAI - Quem se meteu foi tu. Ninguém te chamou na conversa. (Entram Bichado e Poquinha, seguidos de Frido, Gá e Nhanha.)
- BICHADO - Ei pessoal! Olha só o que a gente achou!
- POQUINHA - Caras novas!
- BICHADO - Catando papel sem ordem do seu Berrão.
- POQUINHA - Pegaram seis sacos. (Ficam todos amontoados olhando Frido, Nhanha e Gá. A menina agarra-se nas costas de Nhanha que também está meio assustada. Pausa)
- GILÓ - Foi eles que cataram nos pontos da gente.
- PELADO - Por isso que a gente não catou o de sempre.



- NOCA = Poxa, bem que a gente desconfiou.
- TIÃO - Os sacos deles é da gente.
- CHICÃO - É de quem pegar.
(Todos se precipitam sobre os três novos. Frido e Nhanha tentam impedir, são derrubados, Gá grita. Reina grande confusão. Os catadores velhos pegam os sacos e disputam entre si com grande violência. Frido e Nhanha tentam recuperar os sacos, mas são repelidos. Berrão diverte-se)
- NOCA - Larga essa droga!
- MARIA-VAI - Esse saco é meu, sua desgraçada!
- CHICÃO - Solta daí, seu trouxa!
- GILÓ - Agarra outro, paspalho!
- COCO - Esse é meu!
- TIÃO - Cai fora, miserável!
- FRIDO - Por favor, gente, esses sacos são meus.
- NHANHA - Larga daí, moça.
- NOCA - Te arranca, pantera!
- MARIA-VAI - Cai fora, peste. Não gosto de mulher!
- CHICÃO - Já disse que esse saco é meu.
- FRIDO - Eu que catei ele.
- CHICÃO - E daí? Vai empombarcomigo?
- Gá - (Agarrando-se em Nhanha) Nhanha... Nhanha...
- NHANHA - Espera, Gá! Deixa eu solta! Deixa eu! Eles querem roubar o papel da gente!
- GÁ - Nhanha... Nhanha...
- NHANHA - Me solta, peste! (Empurra Gá longe)
- MARIA-VAI - Aqui ninguém rouba nada, não. Entendeu?
- NHANHA - Então larga os sacos da gente, moça. Deixa a gente em paz.
- NOCA - Que saco teu? Tu não tem nada aqui.
- GÁ - (Chora, nervosa) Nhanha! Gá quer Nhanha! Nhanha!
- MARIA-VAI - Vai cuidar da tua cria! Vai à puta que te pariu te larga daqui.
- NOCA - Ou prefere levar umas porradas?



- GÁ - Nhanha! Nhanha!
- FRIDO - Cuida da Gá, Nhanha! Cuida dela!
- NHANHA - Essa gente tá robando nós.
- FRIDO - Deixa comigo. A Gá vai ter um ataque. (Nhanha não sabe o que fazer, Gá começa a ter um ataque histérico)
- BERRÃO - Eta gente esganada. (Ri)
- FRIDO - Por favor, me ajuda!
- BERRÃO - Aqui é cada um pra si.
- FRIDO - Larga daí, seu peste!
- GILÓ - Que é, vai roncar grosso?
- FRIDO - Larga esse saco!
- GILÓ - E se não largar?
- FRIDO - Esse saco é meu!
- GILÓ - Era. Agora é meu.
- CHICÃO - Tu aqui não tem vez.
- TIÃO - Pega a reta, otário. É o único jeito de livrar a tua cara.
(Gá está no auge do ataque)
- NHANHA - (Atendendo Gá) Por favor, me acuda, gente. Minha Gá vai morrer. Vai morrer!
- FRIDO - Precisa de água. Ajuda, gente! Ficam com os sacos, mas ajuda!
- BERRÃO - Só faltava essa.
(Todos rodeiam Gá. Coco traz uma vasilha com água)
- NHANHA - Gá! Gá! Minha Gá! (Berrando) Ela Morreu! Minha filha morreu !
- FRIDO - Não morreu, não. Ela não morreu, Nhanha. É sempre assim
- NHANHA - Dessa vez morreu! Ai, meu Deus! Minha Gá! Minha Gá morreu! (Todos ajoelham-se e começam a rezar. Os únicos que ficam de pé são Berrão e Coco, que seguram a vasilha com água. Nhanha chora debruçada em cima de Gá)
- TODOS - Ave Maria, cheia de graça, etc...
(No meio da prece, Berrão avança até Gá)
- BERRÃO - (Gritando) Parem com essa droga! (Todos param murmurando)



- NHANHA - É minha filha. Ela está morta!
- BERRÃO - Arreda daí, mulher!
- FRIDO - O que vai fazer?
- BERRÃO - Olha pra ver. Chega aqui, Coco.
(Arranca a vasilha de água das mãos do Coco e joga a água no rosto de Gá que se mexe na hora. Todos murmuram)
- NHANHA - Está viva! Está Viva! Graças a Deus!
(Todos vão se levantando, alguns se benzem. estão contentes.)
- FRIDO - Obrigado. Muito obrigado.
- BERRÃO - Deixa pra lá.
- BICHADO - Boa, seu Berrão!
- BERRÃO - Eu sei das coisas.
- TIÃO - Viva o seu Berrão!
- TODOS - Viva, Viva!
- GILÓ - Esse negócio merece uma cachaça!
- COCO - Boa! Boa!
- TIÃO - Estamos aí!
- GILÓ - Quem vai entrar na vaquinha?
- TODOS - (Gritando, vão dando dinheiro ao Giló) Tou aí, Vou nessa! Olha eu! Boa! Boa! Vamos molhar a goela.
- MARIA-VAI - E eu que ainda tenho que ir na fábrica!
- TIÃO - Vai a lugar nenhum!
- BERRÃO - Te levo amanhã. Hoje já estou atrasado.
- NOCA - Fica com nós, seu Berrão. Vai ser farra grossa.
- BERRÃO - Outra vez.
- POQUINHA - Fica hoje, Seu Berrão. O senhor salvou a menina.
- BERRÃO - Coisa à-toa.
- TODOS - Fica, Seu Berrão! Fica!
- BERRÃO - Não dá. Se desse, ficava de gosto. Mas não dá.
- NHANHA - Então, obrigada.
- BERRÃO - (Olha Nhanha de cima em baixo) Tu fica me devendo, mulher.



- NHANHA - (Encabulada) Não sei como pagar.
- BERRÃO - Sei eu. Pode deixar que chega a hora.
- FRIDO - Que Deus lhe pague, meu Senhor.
- BERRÃO - Nada de botar na conta de Deus. Se tem que pagar, paga aqui mesmo.
- FRIDO - Se a gente puder lhe fazer alguma coisa, a gente faz.
- BERRÃO - Vamos ver. Agora vamos fazer os acertos dos sacos.
(Para Bichado) Quantos tem aí?
- BICHADO - Eu mais a Poquinha apanhamos três. Essa gente, seis.
- BERRÃO - Os deles ficam meus. E os teus, não vou pesar hoje, não. Assim tu aprende a chegar na hora.
- BICHADO - Mas a gente está a nenhum vintém.
- POQUINHA - O que vamos comer?
- BERRÃO - Tem cinco quilos aí nos três sacos. Não vou pesar. Se tiver menos, azar meu. Se tiver mais, azar do teu lado. (Dá dinheiro para Poquinha) E estou dando essa colher de chá porque tu e teu homem trouxeram essas caras pra cá.
- BICHADO - E o caso deles, Seu Berrão? O homem me viu catando papel e veio a mim, para saber onde eu vendia. Ele chegou hoje e já foi pondo a cara. Fazia isso na terra dele.
- BERRÃO - Que tu acha?
- BICHADO - Sei lá.
- BERRÃO - Ó, tu aí!
- FRIDO - Eu, Senhor?
- BERRÃO - Tu quer ser catador de papel?
- FRIDO - É só o que sei fazer.
- BERRÃO - Tá danado. Que tu fazia antes?
- FRIDO - A gente era de tratar a terra.
- BERRÃO - Trabalhava na roça?
- FRIDO - Capinava. Limpava as terras.
- BERRÃO - Saiu de lá por que?
- FRIDO - Ganhava pouco. Não dava pra nada. E a gente queria vir



- pra cidade grande cuidar de arranjar um doutor pra me
nina. Nós foi sair no Rio. lá a gente catou papel.
- NHANHA - A gente escutou o povo dizer que aqui dá mais. Nós
viemos. Chegamos hoje.
- BERRÃO - (Irônico) Aqui é só trabalhar que ficam ricos.
- FRIDO - Basta poder juntar algum pra levar a Gá no doutor e
a gente volta pra terra da gente.
- BERRÃO - Tu é de trabalhar?
- FRIDO - Trabalho não me mete medo, não, senhor. Nem em Nhanha.
Ela também trabalha como homem. Pode levar fé na gente
- BERRÃO - Vamos ver. Coco!
- COCO - Eu?
- BERRÃO - Essa gente vai catar no teu ponto, junto com tu. Vai
achar ruim?
- COCO - Eu, não. Pode catar. Eles precisam.
- BERRÃO - Tu não gosta de trabalhar mesmo. Bem, o pessoal te põe
dentro do macete. Pega esse dinheiro. Depois a gente
desconta.
- FRIDO - Obrigado.
- BERRÃO - Agora ajuda botar os sacos no caminhão.
(Todos pegam os sacos e saem acompanhados de Berrão,
que não leva saco nenhum. Só ficam em cena, Gá e Co-
co. Coco espia pra ver se o pessoal se afastou mesmo,
depois aproxima-se de Gá. Coco tira a boneca do bolso
e a mostra pra menina.)
- COCO - Olha!
- GÁ - Dá pra Gá.
- COCO - Tu quer a bonequinha?
- GÁ - Quer. Gá quer.
- COCO - Mas, é do Coco. (Ri)
- GÁ - Dá pra Gá! Gá quer!
- COCO - Se tu quer, eu te dou.
- GÁ - (Alegre) Dá! Dá! (Tenta pegar)
- COCO - (Tira a boneca) Não hoje. Outro dia. O Coco te dá, mas



- tu tem que agradar o Coco.
- GÁ - Dá!
- COCO - Vou dar! Vou dar! Mas não vai ser hoje. O povo só foi até o caminhão. (Olha pra ver se não vem ninguém) Outro dia que tu e o Coco ficarem sozinhos, tu ajuda o Coco que ele te dá.
- GÁ - Dá pra Gá! Gá quer! Dá!
- COCO - Agora não! Agora não!
- GÁ - Dá! Dá!
- COCO - Hoje não! Hoje não dá. Eles vem aí!
(Coco afasta-se rapidamente. Entram todos os que saíram, menos Berrão e Giló.)
- CHICÃO - Tomara que esse desgraçado encontre um poste no caminho.
- MARIA-VAI - Vai ser bem feito.
- NOCA - O diabo que o carregue.
- BICHADO - Unha de fome!
- POQUINHA - Morfético, nojento!
- TIÃO - Cara ruim de doer. E a bruxa não esbarra nele.
- CHICÃO - Nasceu de bunda pra lua.
- PELADO - Onde será que esse desgraçado arranjou esse caminhão?
- BICHADO - Entre as pernas da mulher dele. Aquela galinha que arranja as molezas pra ele. Se passa com o dono da fábrica.
- TIÃO - Tem cara de corno manso.
- NOCA - Fedorento (para a Nhanha) Não te fia na bondade dele, não. Ele é a peste.
- NHANHA - Ele foi bom pra gente.
- MARIA-VAI - Não fez mais que jogar água na cara da menina.
- CHICÃO - Nossa reza é que valeu pra ela.
- NHANHA - Estou agradecida a todos.
- POQUINHA - Não foi nada, não.
- MARIA-VAI - E a menina está melhor?
- NHANHA - Agora está.



- POQUINHA - Ela sempre tem isso?
- NHANHA - Só quando se assusta.
- NOCA - A gente não sabia.
- NHANHA - Já passou. Agora temos que ajuntar dinheiro pra levar ela no doutor.
- POQUINHA - Doutor é atraso de vida. Só serve pra comer dinheiro.
- NOCA - São todos uns enganadores.
- NHANHA - Mas a menina precisa. Que se há de fazer?
- MARIA-VAI - Podia levar no hospital do governo. Lá é de graça. É pros pobres.
- NOCA - Lá é que matam a menina de uma vez. Tu não lembra quando o Berrão atirou no Zé Catinga? Levaram ele no hospital do Governo. Demoraram tanto pra tratar do bruto, que ele se apagou antes. Só queriam saber quem atirou nele. Botar remédio que é bom, nada.
- MARIA-VAI - O melhor é mandar benzer. Tu acredita em reza?
- NHANHA - Escutei dizer que é bom.
- NOCA - A gente traz a Dona Chica Macumbeira. Ela faz trabalho forte. A gente pode mandar ela vir rezar a menina.
- NHANHA - Ela cobra caro?
- MARIA-VAI - Coisa pouca. Só as velas, a cachaça e a comida do santo. Mas tira qualquer encosto.
- NHANHA - Então deixa a gente poder. A gente manda ela aí.
- NOCA - Isso é encosto. Só pode ser.
- CHICÃO - E esse giló que não vem com a pinga?
- TIÃO - Vai ver que se chapou sozinho.
- PELADO - Ele não é besta de fazer um negócio destes.
- BICHADO - A gente foi trouxa em largar a grana na mão dele.
- FRIDO - Se o moço falou que vem, é que vem. As vezes demora.
- CHICÃO - Foi bom tu abrir o bico. Vou te dar o serviço certo desse Berrão.
- FRIDO - Parece bom homem.
- CHICÃO - Não vale a comida que come. É um filho-de-santa. Tu vai ver. Agora abre o teu olho. Não deixa ele se che-



- 20 -

gar muito pra junto de tua mulher, se não ele te desgraça.

- FRIDO - Nhanha é mulher direita.
 CHICÃO - E ele lá quer saber disso?
 FRIDO - Ela é mulher de homem.
 CHICÃO - Quem avisa amigo é. Te cuida.
 FRIDO - Se alguém faltar com respeito com Nhanha, eu mato.
 CHICÃO - Todo mundo diz isso quando chega. Depois o Berrão caga e pisa em cima.
 FRIDO - Falei, tá falado, moço.
 CHICÃO - Só te avisei.
 (Entra Giló)
 GILÓ - Olha a pinga, gente!
 CHICÃO - Demorou, peste.
 TIÃO - Abre logo essa malvada.
 NOCA - Ói nós aqui.
 MARIA-VAI - Mulher também é filha de Deus.
 POQUINHA - Vamos encher o caco.
 PELADO - Êta pinga boa.
 BICHADO - Faz roda, povo.

(Todos juntam-se. As garrafas vão passando de mão em mão. Todos bebem em silêncio, menos Nhanha, que fica com Gá. Estão todos tristes e pensativos. Ficam muito tempo em silêncio, bebendo. Coco sai da roda e fica olhando Gá que dorme. Tira a boneca do bolso e começa a acariciá-la.)

FIM DO PRIMEIRO ATO.



SEGUNDO ATO

(Ao abrir o pano, todos estão jogados pelos cantos, dormindo. As garrafas vazias estão espalhadas pelo palco. Nhanha acorda, olha o céu, o Sol lhe fere as vistas. Nhanha sacode Frido.)

- NHANHA - Acorda, Frido.
- FRIDO - Que é?
- NHANHA - O Sol já está alto. Levanta. homem..
- FRIDO - Deixa eu dormir.
- NHANHA - Acorda, Frido. (Sacode Frido) Levanta, homem de Deus! Levanta!
- FRIDO - (sentando-se) Hein?... Que é?
- NHANHA - Se mexe, homem. O dia já vai longe.
- FRIDO - Minha cabeça... como dói!
- NHANHA - Quem mandou beber?
- FRIDO - Não ía fazer desfeita pro pessoal logo no primeiro dia aqui. Não conheço ninguém. Eles podiam arrearpar.
- NHANHA - Eu não gostei dessa gente. E tu?
- FRIDO - Sei lá. (Passa a mão na cabeça.) Sei que não estou bem.
- NHANHA - Molha a cara que melhora.
- FRIDO - É. Mas, onde?
- NHANHA - Não sei.
- FRIDO - Essa cabeça está uma lasqueira. Parece que vai cair no bentar. Vou descansar mais um pouco. (Deixa-se.)



- NHANHA - Levanta, Frido. A gente tem que saber da vida. Precisamos arrumar dinheiro. Nós tem que cuidar da Gá. A Pobrezinha tem cada vez mais esse negócio ruim. Levanta, homem! Levanta! É preciso sacudir o corpo!
- FRIDO - Eu sei (Senta-se.) Eu sei! Oh, vida!
- NHANHA - A gente não pode reclamar. Tu bebeu, não tem costume, paciência. Mas tem que dar duro. A Gá precisa de doutor. E com ela sarada, a gente volta pra nossa terra. Isso aqui é muito bom, mas não presta pra nós.
- FRIDO - Todo lugar é igual. Ai, minha cabeça, como dói. Me dói tudo. Parece que apanhei de rabo de tatu.
- MARIA-VAI - (que há algum tempo estava acordada, assistindo à cena) Está de ressaca, parceiro? (Ri.)
- FRIDO - Estou bem ruim.
- MARIA-VAI - Como o tempo acostuma.
- NHANHA - Deus queria que não. Frido nunca foi de beber. Só bebeu ontem pra não desfeitear ninguém. A gente é nova aqui, alguém podia arrearpar.
- MARIA-VAI - Um fogo nunca matou ninguém. Nós, todas as noites, enchemos a cara de chachaça. É o jeito. A vida é uma merda mesmo. Só com cachaça a gente escora.
- NHANHA - A senhora é só com Seu Tião. Mas nós tem que pensar na Gá. Ela precisa de doutor. Deus me livre que Frido mais eu falte. Que vai ser dela largada nesse mundão?
- MARIA-VAI - Se sossega. Quem morre na véspera é peru. Nós dá jeito nela. A gente chama Dona Chica. Ela, com reza, bota essa menina boa.
- NHANHA - A gente agradece. Mas também quer saber de doutor.
- FRIDO - (Tenta ficar em pé.) Ai, está tudo rodando!
- MARIA-VAI - (rindo) Amarrou um fogo de gente, hein? Tá que não pode com o cadáver!



- FRIDO - (envergonhado) Falta de costume. (Senta-se.)
- NHANHA - Tem jeito, Frido. Temos que ir.
- MARIA-VAI - Onde quer ir a essa hora?
- NHANHA - Catar papel.
- MARIA-VAI - (rindo) Gente fominha! Isso lá é hora de se virar? Nós aqui só sai à tardinha. Antes é besteira. Não tá vendo o povo dormindo? Só vão acordar na hora de ir.
- FRIDO - É assim?
- NHANHA - Gente mole.
- MARIA-VAI - Ninguém está com a ganância pega. Nós sabe das coisas. Com trabalho ninguém se ajeita nessa merda de vida. Pra que dar duro? Pro Berrão ficar mais rico? Aqui, ó! (Faz gesto.)
- NHANHA - Mas nós não vai esperar deitado a noite chegar. Não estamos acostumados.
- MARIA-VAI - Que mulher mendiguenta. Descansa e deixa o teu homem descansar. Não se aguenta nas pernas. Fica aí.
- FRIDO - Acho que a dona tem razão.
- NHANHA - Tu quer passar o dia inteiro como um bicho-preguiça?
- FRIDO - Só hoje.
- NHANHA - Não me dá gosto.
- CHICÃO - (acordando) Que puta falação é essa aí?
- MARIA-VAI - Esse povo queria catar pepel desde já.
- CHICÃO - Estão loucos, gente?
- NHANHA - Nós precisamos.
- CHICÃO - Todo mundo precisa.
- FRIDO - Nós tem a menina.
- CHICÃO - E daí? Vai dar jeito, um quilo a mais, um quilo a menos?
- NHANHA - Um quilo hoje, outro amanhã...
- FRIDO - De manhã não dá?
- CHICÃO - Sempre dá.



- NHANHA - Então a gente vai.
- CHICÃO - Vai, o cacete!
- FRIDO - O que o senhor quis dizer?
- CHICÃO - Que de manhã ninguém sai catando porra nenhuma!
- FRIDO - E por que não?
- CHICÃO - Porque eu não vou deixar. E pra seu governo, é bom não se escamar comigo. Sei o que faço. Se tu sai ceco, vai pegar uns dez sacos. Aí, o Berrão vai querer uqe a gente peguei igual a tu.
- NHANHA - Mas ãs precisamos. Nós tem a menina.
- CHICÃO - Tu cala a boca. A conversa é de homem.
- FRIDO - Escute aqui, seu moço. Nhanha é minha mulher, tem que ser respeitada.
- CHICÃO - Vai à merda! Tu e ela. Quem chega por último, tem que respeitar o que os outros fizer.
- FRIDO - Acho que já falou demais.
- CHICÃO - E daí?
- FRIDO - Não gostei.
- CHICÃO - Coma menos.
(Frido tenta ficar em pé, sente-se tonto, senta-se outra vez.)
- FRIDO - Ai, minha cabeça!
- CHICÃO - Tá pobre e ainda quer bancar o valente! Logo comigo, raça de peste? É tudo sabujo do manda-chuva.
- NHANHA - Se o Frido estivesse bom, tu ía ver. Ele não é homem de aturar desaforo.
- CHICÃO - Papo furado. Não boto fé em cara que não sabe beber. Por isso é que teve essa filha endoidada de moléstia.
- NHANHA - A coitadinha não tem culpa de ser assim.
- CHICÃO - Disso sei eu. A culpa é desse frouxo.
- FRIDO - Me respeita, homem!
- CHICÃO - Vai querer?



- FRIDO - Espera eu melhorar.
- CHICÃO - Otário! Devia te arrebentar.
- MARIA-VAI - Deixa pra lá, Chicão.
- NHANHA - O Frido não está bom. Quando ele sarar, o senhor fala com ele. Aí quero ver.
- CHICÃO - Vai ver! É só avisar que está no jeito. Bota ele ou tra vez de molho.
- MARIA-VAI - Esquece essa onda, Chico.
- CHICÃO - Tu abre o olho. Se sair catando papel antes de nós, te estrepo.
- MARIA-VAI - Vai, vai puxar tua palha.
- CHICÃO - Logo agora que a gente está querendo dar um gelo no desgraçado do Berrão, esse aí vai querer furar a cha pa catando mais?
- MARIA-VAI - Que gelo é esse que não sei?
- CHICÃO - A gente está combinando de não catar nada uns dias. Só pra ver a cara do Berrão.
- MARIA-VAI - Se o Berrão sabe, come a alma de um.
- CHICÃO - Cagueta pra ele. Foi jogada do Tião.
- MARIA-VAI - Como ele não me disse nada?
- CHICÃO - Não se fia em ti.
- MARIA-VAI - Miserável! Ele me paga.
- CHICÃO - Não vai dizer que eu falei.
- MARIA-VAI - Não sou de entregar ninguém.
- CHICÃO - Melhor pra ti. Agora, segura esses dois, pra eles não se assanharem. Se o Berrão se engraça com eles, tira o ponto de um de nós e dá pra eles. Nosso trunfo é todos juntos. (Deita-se.)
- NHANHA - Que pouca vergonha! Teve medo do homem?
- MARIA-VAI - Não liga, não. Um dia é da caça, outro do caçador.
- NHANHA - Mulher de homem nunca é desfeiteada.
- FRIDO - Não estou bom, mulher!



- NHANHA - Quem mandou beber? Tá aí. Vexaram a gente.
- FRIDO - Vai ter troco.
- NHANHA - A senhora desculpa a gente. Não estamos acostumados a comer enrolado, não. Nunca ninguém falou grosso as sim com nós. Nem o capataz gritava com Frido. Ele sem pre foi homem de se respeitar. Só aqui foi acontecer isso. Porque ele bebeu e não está acostumado.
- FRIDO - Cala a boca, Nhanha! Cala a boca! Já não chega eu estar no virador? Já não chega esse peste me destratar, tu também vai botar lenha na fogueira? Então não sabe o homem que tem?
- NHANHA - Eu sei...
- FRIDO - Então fica calada! Tu acha que vou engolir tudo sem tugar nem mugir? Espera eu sarar. Ele engole cada um dos desaforos que me fez.
- MARIA-VAI - Não fica queimando a muga à-toa. Também não foi o fim do mundo. Pior foi comigo que o chachorro do Tião não me botou dentro da presepada que vão armar pro Berrão. Ele, sim, que vai me pagar. Vem molhar a cara, homem. Só assim tu fica bom. Vem, vou te levar na bica. (Maria pega Frido pela mão e sai com ele. Nhanha fica me io aflita, faz menção de sair. Gá acorda, chorando.)
- GÁ - Nhanha.. Nhanha...
- NHANHA - Estou aqui, Gá.
- GÁ - Gá tá com fome, Nhanha.
- NHANHA - Sei. (Apanha uma trouxa de roupa.)
- GÁ - Gá tem fome, Nhanha.
- NHANHA - Já vai, Gá! Já vai! (Tira da trouxa um pedaço de pão velho e dá pra Gá.)
- GÁ - Pão bom, Nhanha! (Come com gula.)
- NHANHA - Come, Gá! Come! (Levanta-se e olha apreensiva para o lado em que Frido saiu.)



- GÁ - Nhanha! Nhanha!
- NHANHA - Estou aqui, Gá. Não vou longe.
(Tião acorda.)
- TIÃO - (Olha em volta.) Poxa, essa Maria já se mandou? (Grita.) Maria! Maria! Onde tu se meteu?
- NHANHA - Ele saiu, moço.
- TIÃO - Onde ela foi? Não disse?
- NHANHA - Foi mostrar a bica para o meu Frido, que não está bom.
- TIÃO - Galinha desgraçada! Não pode ver macho, que já quer sair pra se roçar com ele. Vadia sem-vergonha! Hoje ela me paga.
- NHANHA - Mas ela foi só levar o Frido na bica.
- TIÃO - Eu manjo essa história da bica! Mas hoje pego essa puta na porrada. Frido ela.
- NHANHA - Frido é um homem direito!
- TIÃO - Não duvido. Mas a Maria é uma vaca descarada. Me larga dormindo pra andar com outro homem. Vagabunda! (Grita). Maria! Maria!
- MARIA-VAI - (fora de cena) Já vou, coisa ruim!
- TIÃO - Tá pondo as calças? Vem, desgraçada de uma figa!
- MARIA-VAI - (fora de cena) Espera! Não vou fugir! (Tião procura um pedaço de pau. Acha um que lhe serve.)
- TIÃO - Hoje ela vai se rebolar!
- NHANHA - O que o senhor vai fazer?
- TIÃO - Vou fazer o cacete cantar.
- NHANHA - Dona Maria não fez nada de mais.
- TIÃO - Deica essa cadela prá mim.
(Entram Maria-Vai e Frido, que vem com o rosto molhado).
- MARIA-VAI - Ainda está molhado. (Levanta a sai e enxuga o rosto de Frido.) Pronto, está aí teu homem. Tá novinho ou-



- tra vez.
- TIÃO - Se apronta, sua vaca. Vai ganhar o teu!
- MARIA-VAI - Que é que eu fiz?
- TIÃO - Muito engraçada! Sai com o cara e ainda pergunta?
- MARIA-VAI - Só fui mostrar a bica pra ele.
- TIÃO - Nojenta!
- FRIDO - É verdade.
- TIÃO - Tu não se mete. É melhor pra ti. Tu fez teu trabalho de homem. Mulher deu sopa, pegou e pronto. Tá certo assim. Agora, não põe o teu nariz em briga de casal, se não engrossa pro teu lado.
- FRIDO - Mas não aconteceu nada.
- TIÃO - Vai acontecer agora. Há muito que estou pra dar uma entortada nessa galinha. (Tião agarra Maria-Vai pelo braço e bate nela com o pau.) Toma, cadela! Toma!
- MARIA-VAI - Porco! Nojento! Só faz valentia com mulher! Ai, ai, corno manso! Ai, ai!
- (Todos acordam e ficam assistindo à briga)
- TIÃO - Vagabunda! (Bate mais. Derruba Maria no chão.)
- MARIA-VAI - Socorro! Socorro! Ai, ai, ele me mata! Socorro, gente. Ele me mata.
- FRIDO - Isso não está direito! (Faz menção de entrar na briga.)
- BICHADO - Não se mete! Isso é coisa deles. Vivem juntos porque querem.
- POQUINHA - São brancos, que se entendam!
- MARIA-VAI - Ai, ai! (Levanta-se e sai correndo para o lado em que está Gá.) Socorro! Socorro! (Gá, que já está assustada, começa a chorar e a gritar por Nhanha. Tenta levantar-se, mas Maria-Vai tropeça nela e as duas caem.)
- NHANHA - Olha a menina aí!
- GÁ - Nhanha! Nhanha!



- MARIA-VAI - Me larga! Me larga!
(Tião continua a bater em Maria-Vai. Nhanha tenta tirar Gá da confusão. Consegue. Gá tenta se afastar e cai em cima de Chicão.)
- CHICÃO - Poxa, quje zorra! (Levanta-se e empurra Gá com brutalidade.)
- GÁ - Não, não! Nhanha!
(Antes que Nhanha e Frido possam fazer alguma coisa, Coco agarra Chicão e o atira longe.)
- COCO - Não toca na menina! Não toca! (Gá corre para junto de Nhanha e se abraça com ela. Todos estão olhando Coco, surpresos. Até Tião para de bater em Maria e espia.)
- CHICÃO - Que é, Coco? Tu acha que eu ía fazer maldade com a menina?
- COCO - Se tu tocar nela eu te mato!
- CHICÃO - Seou teu chapa. Não faço mal pra menina, não. Logo eu?
(Coco afasta-se. Chicão fica em pé. Frido olha tudo pateticamente. Maria-Vai está jogada no chão gemendo)
- CHICÃO - (para Frido) Abre o olho com esse cara. Cuida da tua menina. Ele não é certo da cachola.
- COCO - (aproximando-se da Gá, que está chorando) Não chora, menina. Coco não deixa ninguém te bater. Coco não deixa. Quem quiser te maltratar, Coco mata!
- NHANHA - Viu, Gá? O homem não quer que tu chore.
- COCO - Quer a bonequinha? (Ri.) Coco te dá. Depois tu dá de novo pro Coco. (Tira a boneca do bolso e dá prá Gá.)
- GÁ - Gá quer. Gá quer.
- COCO - É do Coco.
- FRIDO - Devolve essa droga pra ele, Nhanha.
- NHANHA - Deixa ela brincar.
- FRIDO - Mandei devolver.



- COCO - Deixa com ela.
- FRIDO - Entrega essa merda pra ele, anda!
- NHANHA - Cuida daquela boneca ali. Está machucada por tua culpa.
- FRIDO - Tu quem sabe. (Afasta-se, irritado.)
- GÁ - (ninando a boneca) Nana! Nana! Nana! (Coco ri, feliz, vidrado na menina.)
- MARIA-VAI - Ai, ai, meu Deus! Ai!
(Poquinha e Noca aproximam-se dela.)
- POQUINHA - Levanta, Maria!
- NOCA - Vai ficar aí jogada fora?
- MARIA-VAI - Ai... Ai...
(Poquinha e Noca ajudam Maria-Vai a ficar em pé.)
- MARIA-VAI - Ele me quebrou toda.
- NOCA - Isso passa.
- POQUINHA - Não é nada.
- MARIA-VAI - Não foi no teu lombo as pauladas.
- NOCA - Deixa de onda, Maria. Logo tu tá inteira.
- MARIA-VAI - Onda? Tu vai ver o que é onda quando eu entregar esse porco nojento pro Berrão.
- TIÃO - Vai querer dizer que eu te bati? Ele vai cagar de rir. Vai achar que foi bem feito.
- MARIA-VAI - Vou caguetar pro Berrão que tu anda enchendo a cabeça do pessoal contra ele.
- TIÃO - Eu? Tu ficou louca? Acho que te deixei de moleira mole!
- MARIA-VAI - Pensa que eu não sei?
- TIÃO - Tu sabe o quê?
- MARIA-VAI - Que tu arrumou pra ninguém catar papel só pra encher a bucha do Berrão.
- TIÃO - Eu? Eu, não!
(Todos murmuram.)



- MARIA-VAI - Tu mesmo. E tá todo mundo nessa jogada. E tu é o cabeça.
- BICHADO - Não mete eu nisso.
- POQUINHA - Nem eu.
- PELADO - Livra minha cara.
- GILÓ - Vai botar a gente no fogo?
- NOCA - Vê lá.
- TIÃO - Essa cadela está batusquela.
- MARIA-VAI - O Chicão me pôs por dentro. Tu tinha medo que eu desse? Agora é que dedo mesmo.
- TIÃO - Que palhaçada é essa, Chicão? Tu que apareceu aqui com esse papo. Eu caí fora.
- CHICÃO - Escuta, gente Ninguém está por dentro. Só que joguei verde. Agora o jogo está aberto. Que tu diz, Pelado?
- PELADO - Sei, não.
- CHICÃO - O Tião ahca que a gente tem que dar um arrocho no Bernão.
- TIÃO - Eu, não! Tu que acha.
- CHICÃO - O filho-da-puta anda metendo a mão na gente, sem dó. Rouba pra valer.
- (Pausa)
- BICHADO - Continua.
- CHICÃO - O Tião acha que se agente não catar nada por uns dias, ele sente o aroma da perpétua e daí maneira.
- TIÃO - Eu não acho porra nenhuma. Isso é idéia tua!
- GILÓ - Se todos toparem, eu pago pra ver.
- CHICÃO - Só dá certo se ninguém mijar do penico.
- POQUINHA - Quem furar a chapa ganha divisa.
- CHICÃO - Mas aí a gente apaga o miserável.
- BICHADO - Sei, não.
- CHICÃO - Tem que saber.
- GILÓ - Eu já disse. Se todos toparem, estou aí.



- PELADO - Também eu.
- NOCA - Vamos lá.
- BICHADO - Há muito que esse Berrão precisava de uma entortada.
- TIÃO - Por isso que eu bolei o azar.
- CHICÃO - Com o Coco não tem mosquito. Nunca cata nada mesmo.
- POQUINHA - Eu vou firme.
- MARIA-VAI - Tu me fez de palhaça, mas eu vou firme.
- TODOS - Viva a Maria! Via a Maria!
- TIÃO - (abraçando a Maria-Vai) Mulher legal!
(Todos empurram o casal e dão vivas.)
- POQUINHA - O Berrão vai se estrepar!
- NOCA - Vai entrar bem!
- BICHADO - Vai gastar gasolina à-toa!
- PELADO - Não leva um saco daqui hoje.
- GILÓ - E a pinga? /
(Todos murmuram.)
- NOCA - Tenho algum. Dá pra cachaça.
- TODOS - Boa! Boa!
- CHICÃO - O Berrão caiu do burro!
(Todos os catadores cantam e dançam.)
- TODOS - O Berrão não é mais aquele/Pau na bunda dele.
- CHICÃO - Espera, gente!
(Todos murmuram.)
- GILÓ - Que foi?
- CHICÃO - (Aponta Frido.) E esse aí?
- TIÃO - Como é? Tá com a gente?
(Pausa. Frido olha Nhanha e abaixa a cabeça.)
- MARIA-VAI - Como é que é? Tá com a gente?
- FRIDO - Estou.
- TODOS - Boa! Legal! Viva nós! Cacete no Berrão.
- CHICÃO - E tua mulher?
- FRIDO - Tá comigo.



- TODOS - Legal! Berrão se danou! Boa!
- NHANHA - Espera! (Pausa) Eu estou com a minha filha. Com ela que estou. Vim aqui pra ganhar dinheiro pra levar e la no doutor. E vou ganhar. Quer queiram, quer não. Foi só pra isso que vim aqui pra essas lasqueira des sa terra. Não tenho nada com a vida dos outros. Quero que cada um amargue seu giló. Mas, de mim e dá Gá sei eu. Se todos aqui são uns vagabundos, eu não sou. Já perdi o dia, não vou perder a noite. Vou catar papel. Pela minha menina. Ela precisa.
- (pausa)
- NOCA - Fominha.
- POQUINHA - Morta de fome.
- MARIA-VAI - Unha de miséria.
- GILÓ - Mulher machucada.
- PELADO - O homem dela não manda?
- CHICÃO - É. Não é tu o galo dessa galinha?
- TIÃO - Se ela engrossar, faz que nem eu fiz com a Maria.
- FRIDO - Eu cuido dela.
- CHICÃO - A gente quer ver.
- FRIDO - Nhanha, eu sei que a Gá precisa do doutor. Mas, se tá todo mundo querendo se juntar contra um cara que é ruim, nós está com essa gente.
- NHANHA - Essa gente não presta.
- (Todos vão.)
- FRIDO - Tu faz o que eu mandar.
- NHANHA - Eu vou catar papel. A Gá precisa de doutor.
- MARIA-VAI - A gente traz a Dona Chica Macumbeira.
- FRIDO - Tá aí, pronto.
- NHANHA - Tu tá afrouxando, Frido. Homem à-toa! Nós veio aqui pra ganhar dinheiro. Só pra isso. Tu se meteu com essa mulher e com a bebida, já é igual à peste. Te



desconheço. Mas inada sou mais eu. Pari essa criança e sei que não vou soltar ela no mundo. Precisa de doutor. Vou dar! E tu com essa gente pode ir à merda!

(Pausa)

- GILÓ - Até de noite ela se encolhe.
- NOCA - Deixa ela esfriar a cuca.
- MARIA-VAI - A gente traz a Dona Chica rezadeira. Ela se sossega, então.
- FRIDO - Faz o que tu quiser. (Sai.)
- PELADO - Vamos procurar comida.
- POQUINHA - A jora é essa.
(Saem Pelado, Poquinha, Noca, Bichado e Giló)
- CHICÃO - Vê lá, mulher. É melhor não se botar contra a gente.
(Chicão e Nhanha encaram-se. Depois Chicão sai.)
- CHICÃO - Vamos nós.
- MARIA-VAI - Vamos.
(Saem Chicão, Maria-Vai e Tião. Nhanha está triste. Coco olha a menina brincar. Depois de algum tempo, Nhanha repara em Coco.)
- NHANHA - Tu não vai comer?
- COCO - Não estou com foem. (Pausa) A menina não tem fome?
- NHANHA - Ela já comeu pão. Dá pra se aguentar. Já passou pior, tá acostumada.
- COCO - Tu não tem fome?
- NHANHA - Não. (Pausa) Frido deve trazer comida pra gente. Ele nunca se esquece de nós. Ele é um bom homem. Hoje ele está ruim. Foi beber ontem à noite, não tem costume, deu o que deu. (Pausa) Mas, o Frido é um homem de trabalho. Sempre deu duro. É que a sorte não caiu pra gente. Tivemos a menina assim. Não tem a coitada. Mas, atrapalha. A gente já podia ter jeitado na vida.



- GÁ - Nana, nana, nana...
(Coco ri.)
- NHANHA - Pobre Gá. Nós tem que ajuntar dinheiro logo pra te levar no doutor. Assim que tu sarar, nós volta pra nossa terra. Lá é que é nosso lugar. Bem que o povo fala: Cada macaco no seu galho. Lá que a gente estava bem. Mas lá não tem doutor. A gente teve que vir. (Coco, sem ligar para o que Nhanha fala, contempla, com desejo estampado no rosto, a menina ninar a boneca.)
- NHANHA - Eu só tenho medo que o Frido fique igual aos homens daqui. Que ele fique homem à-toa. A gente tem que cuidar da Gá. Se a gente faltar, que há de ser dela? Nem é bom pensar em desgraça. Valha-me Deus, nosso Senhor! (Benze-se.)
(Nhanha para de falar, cai em si. Olha pra Coco, que está fixo em Gá. Nhanha fica apreensiva.)
- NHANHA - Agora chega, Gá. Já brincou. Dá a boneca pro homem.
- GÁ - Não! É da Gá!
- NHANHA - Dá a boneca!
- COCO - (rindo) É do Coco.
(Nhanha tira a boneca de Gá e dá pra Coco, que se afasta.)
- GÁ - Quer! Gá quer!
- COCO - Depois tem mais. (Afasta-se)
- GÁ - Quer! Gá quer! (Chora) Gá quer!
- NHANHA - Para de chorar, Gá! Não adianta abrir o berreiro. Não é da gente. Tem que se aguentar.
- GÁ - Gá quer!
- NHANHA - Não resmunga!
(Gá fica emburrada e Nhanha pensativa. Entra Chiquinho, Noca, Poquinha, Giló e Bichado.)



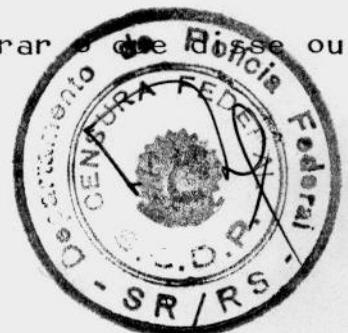
- CHICÃO - Já se decidiu a topar a parada com a gente?
- NHANHA - Sei de mim. Alguém viu o Frido por aí?
- GILÓ - Tá num pau só, lá no botequim. Ele mais o Tião e a Maria. Estão enchendo o caco.
- NHANHA - O Frido também?
- GILÓ - Todos os três.
- NHANHA - Valha-me Deus! O que será que deu no meu Frido pra ele se desgarrar a beber?
- NOCA - Nada. Só que hoje não vai sair ninguém catando papel. Então, bota pra beber.
- NHANHA - Nós vamos. O Frido sabe que nós temos precisão de dinheiro.
- PELADO - Mas sabe também que com a gente não vale a pena bancar o marrudo.
- BICHADO - Com a gente é nessa toada. Quem quiser sair catando papel, sai. Ninguém vai atrapalhar. Só que tem um porém... Quando voltar, a gente toca fogo nos sacos. (Todos riem).
- POQUINHA - E se duvidar, a gente toca fogo na roupa da trouxa também. É só ela bancar a boca-dura.
- PELADO - Quando a gente cisma, é dureza. Nós derruba qualquer um. Tu vai ver o Berrão. Vive aprontando as del. Todo mundo deixou andar. Um dia a gente se invocou. Es se dia foi hoje. Armamos a cama pra ele se deitar. De pois de hoje, ele se manca e fica manso como um bugio velho. Aque canhão que ele traz na barrigueira não vai lhe valer, não. Ninguém vai brigar, nem nada. Só que não se cata papel. Manda o palhaço dar tiro, gritar, espernear. Vai se estrepar. Vai dar tiro na vaca que o pariu. Que aqui a gente se mas não cata papel pra ele.
- GILÓ - Só quando ele falar direito com a gente.



- CHICÃO - E arrumar uma balança sem truques pra pesar os sacos.
- BICHADO - Os dias de machão daquele desgraçado acabaram. E não vai ser ninguém a dar colher de chá pro miserável. En tendeu? Ninguém!
- POQUINHA - Muito menos essa vadia aí.
- GILÓ - Muito tempo a gente deu o lombo pras porradas dele. Agora é a hora da virada.
- CHICÃO - O que ele fez não se faz nem com um cachorro cheio de sarna.
- GILÓ - Roubava a gente de dar gosto.
- CHICÃO - E não era nada, perto do que ele aprontava com o Bichado, o Tião e o Pelado. Cada dia arrastava a mulher de um.
- NOCA - Eu, não.
- POQUINHA - Eu, não!
- CHICÃO - Toda. E daí? O Berrão era a lei. A gente se afinando, ele se servia.
- PELADO - E em tu, então! O sarro dele era bater na tua cara. Qualquer coisinha te descia o braço.
- BICHADO - E tu não encarava.
- GILÓ - E alguém podia com a peste?
- CHICÃO - Era um salve-se-quem-puder de dar nojo. Um com olho mais comprido que os outros nos pontos bons. Um fazen do chavecada pro outro a toda hora.
- GILÓ - Isso quebrava a força.
- NOCA - Mas agora estamos aí!
- POQUINHA - Todos contra o fedorento do Berrão.
- NOCA - E quem não estiver com a gente entra bem.
- CHICÃO - Vai ser aquela parada.
- GILÓ - De dar gosto.
- PELADO - Assim que tem que ser.
- BICHADO - Com cara homem, não se folga. Vamos mostrar.



- NOCA - Se essa aí quiser catar papel, se dana toda.
- POQUINHA - Como é, vai querer sair catando?
(Pausa)
- NHANHA - Já disse que a gente precisa. Eu e o Frido vamos sair. Nós não é contra ninguém. Só que tem que olhar pela me-
nina.
- NOCA - O Frido não vai.
- NHANHA - Vai, moça. Ele sabe que deve ir.
- NOCA - Ele falou que não ía.
- NHANHA - Conheço bem meu Frido. Ele não vai esquecer a filha..
- NOCA - Só sei que ele disse que tá com a gente.
- NHANHA - Tá com a gente dele, que sou eu mais a menina.
- NOCA - Mulher marruda, essa! Se o Frido disse que não vai, pronto. Tu fica com ele, que dá certo pra tu também.
- NHANHA - Frido nunca ía dizer isso.
- NOCA - Quer me chamar de mentirosa?
- NHANHA - Não quero nada. Só quero cuidar da minha vida.
- NOCA - Então retira o que disse.
- NHANHA - O que eu disse?
- NOCA - Me chamou de mentirosa.
- NHANHA - Só falei que eu e o Frido vamos sair pra catar papel.
- NOCA - Vão a parte nenhuma. E tu dobra a língua quando falar comigo.
- NHANHA - Me deixa em paz, gente.
- NOCA - Quem mandou se meter?
- CHICÃO - Agora aguenta.
- POQUINHA - A Noca é dureza.
- BICHADO - Briga de mulher é um sarro.
- GILÓ - Vai engolir desaforo, Noca?
- NOCA - (Empurra NHANHA) Como é? Vai retirar ou não?
(Todos murmuram.)



- NHANHA - Por favor, moça. Não falei nada de mais. Se falei foi sem querer ofender. Me desculpe, pronto. Agora deixa eu.
- NOCA - Deixa uma porra. Tá com medo, por isso quer afinar. Mas, não vou deixar barto, não! Vou te ensinar a me dar respeito.
(Empurra Nhanha com mais força.)
- NHANHA - É pela menina que estou pedindo. Deixa eu em paz.
- NOCA - Cadela afinada! Vou te comer de tapa.
(Dá um tapa na cara de Nhanha.)
- NHANHA - Peste! Peste da moléstia!
(Todos murmuram.)
- NOCA - Quer mais?
(Nhanha atira-se sobre Noca e as duas rolam pelo chão em luta desesperada. Gá começa a gritar e tem o ataque outra vez. Ninguém liga. Todos incentivam a briga feroz de Nhanha e Noca.)
- TODOS - Dá nala, Noca! Agarra o cabel da otária! Aperta as tetas dela, Noca!
(Todos riem muito. Gá debate-se e geme. Coco tenta so correr Gá. Entram Frido, Tião e Maria-Vai. Estão meio bêbados.)
- TIÃO - Que zoeira é essa?
- CHICÃO - Tá legal!
- GILÓ - A mulher do Frido com a Noca.
- BICHADO - Tua mulher briga direito.
- PELADO - Tá enfrentando a Noca de verdade!
- FRIDO - Olha a menina, gente! Olha a menina!
(Todos olham Gá.)
- FRIDO - Acode a Gá, Nhanha! Tá ruim!
- NHANHA - Me larga! Me larga, cadela!
(Nhanha, tomada de fúria, atira Noca longe com grande violência.)



- NHANHA - Deixa eu cuidar da menina. (Empurra todos.) É minha filha, eu cuido dela. (Todos afastam-se um pouco, menos Frido.)
- NHANHA - Sai tu também, bêbado nojento!
- FRIDO - Ela é minha filha também.
- NHANHA - Devia ter vergonha nessa cara. Nós largada aqui sem comer e tu bebendo com esses vababundos. Arreda daqui, anda! Tu, Coco, me traz água.
(Nhanha faz massagens no rosto de Gá.)
- NHANHA - Filha! Gá! É a Nhanha, Gá!
- COCO - Olha a água.
(Nhanha esfrega a mão molhada no rosto da menina.)
- NHANHA - Gá! Gá! Sou eu. Nhanha.
(Gá vai se recuperando.)
- GÁ - (gemendo) Ai, ain... Nhanha...
- NHANHA - Estou aqui.
- COCO - (rindo) Ela não morreu.
- NHANHA - Graças a Deus!
- GÁ - Ai, ai, ... Nhanha...
- NHANHA - Encosta ela aqui, Coco. Aqui.
(Coco ajuda a encostar Gá em um caixote.)
- NHANHA - Ela já está bem.
- COCO - Quer a bonequinha?
- NHANHA - Dá pra ela, Coco.
- COCO - Só por um pouco. Depois ela devolve.
- NHANHA - Por favor, depois ela devolve.
(Coco dá a boneca pra Gá.)
- GÁ - (rindo, feliz) É da Gá.
- FRIDO - Ela está boa de novo.
- NHANHA - Graças a Deus! (Vira-se para todos. Está furiosa.)
cutem bem, seus filhos-da-puta!
- CHICÃO - Está falando comigo também?



NHANHA - (Agarra um pau.) Estou falando com todos! Entendeu? Com todos. Cada um cuida da sua vida e deixa eu mais minha filha em paz. Não quero saber de ninguém. Se todos aqui são uns vagabundos, uns frouxos, uns miseráveis sem porquê, quero que se danem. Eu sei de mim e da minha menina. Se não querem trabalhar, é coisa de cada um. Eu preciso de dinheiro. Eu vou trabalhar! Quer queiram, quer não. Entenderam?

(Pausa)

GILÓ - (para Frido) Tua mulher é paraíba?

MARIA-VAI - Ela que manda na tua vontade?

CHICÃO - A greluda te dobra fácil.

POQUINHA - Ela calou o bico de todo mundo.

PELADO - Como é, Frido? Fica assim mesmo?

TIÃO - Tu falou que fazia ela ficar com a gente.

(Pausa)

FRIDO - Escuta, Nhanha...

NHANHA - Me deixa, tu também!

(Pausa)

FRIDO - Eles me falaram do tal Berrão. Ele roubava e desfeiteava todo mundo. O homem está mesmo precisando aprender. Não custa nada a gente perder um dia mais uma noite, pra mostrar pra ele que aqui tudo mundo é gente. Nós fica com todos! (Pausa) Então, Nhanha?

NHANHA - Tu virou molenga! Fica, se quer. Eu fico com a minha filha. Foi pra isso que vim.

MARIA-VAI - Mas a gente sabe. É só por hoje. Pra gente pegar esse merda do Berrão pelo pé. Ele vive tirando o ranço no lombo da gente. Precisa aprender.

CHICÃO - Todo mundo tem bronca dele. É sinal que não presta.

POQUINHA - Ele sempre rouba a gente. Se tu não fica com os olhos te rouba também. E não vai te valer espremeir.



- MARIA-VAI - E se tu pensa que na cama tu ajeita a diferença, está engrupida. O sujeito é um cão. Com ele não tem ar reglo.
- GILÓ - Se ele te rouba, roba tua filha.
- CHICÃO - Isso! Ele vai roubar a tua filha.
- BICHADO - E agora, que tu diz?
(Pausa)
- MARIA-VAI - Perdeu a língua?
- TIÃO - Aí é que tá o nó! Se ele mete a mão na tua grana, tua filha se estrepa. E tu vai reclamar sozinha? (Pausa) Quero ver tu sair dessa. Vai ficar calada? É, tu sabe o que a gente queria dizer.
- NHANHA - Se alguém me roubar e roubar a Gá, eu joro por essa luz que me alumia, eu mato o desgraçado filho-da-puta. E quando digo que mato, é que mato mesmo. (Pausa) Assim é que tem que ser. Se um cabra sem jeito aporinha a vida da gente, não adianta ficar cozinhando o galo, não. Porque ele vai ser sempre sacana. O negócio é aqui, no pau. Acabar com o cara pra sempre. Conversa de parar pra ver a vida passar é pra cara de vida-à-toa. Cara de cabeça fresca. Os que têm a peste pra atormentar sabem que papo não serve pra nada. Diferença se tira é de pau. (Pausa) Se alguém estrava a vida da Gá, eu mato. Tá jurado pra todos. (Pausa) Mas eu não paro de trabalhar.
(Nhanha olha bem de frente para todos. O pessoal abaixa a cabeça, para não encarar Nhanha. Depois de algum tempo, Nhanha via até Gá, que dorme abraçada à boneca. Examina a menina, depois, com cuidado, retira a boneca e dá para coco.)
- NHANHA - Pega a tua boneca. Obrigada. Não vou esquecer. Agora, deixa ela sossegada. Está dormindo. Ela tem sono de



- pedra. Só via acordar com dia alto. Vamos catar papel.
- COCO - Ela fica sozinha?
- NHANHA - Fica. Não tem perigo, ela não acorda. Vamos, Frido! A gente tem precisão. (Frido olha para todos com quem se justifica. Como ninguém diz nada, dá de ombros, apanha o saco vazio e sai junto com Nhanha. Passam na frente de todos, sem ninguém fazer um gesto para detê-los. Coco os segue mais devagar, sempre olhando para a menina, como se tivesse pena de deixá-la ali sozinha. Depois que os três saem, reina grande silêncio. Um não tem coragem de olhar para o outro.)
- CHICÃO - Eles foram catar.
- GILÓ - Pois é.
(Pausa)
- NOCA - Ninguém diz nada?
- POQUINHA - Dizer o quê?
- TIÃO - Deixa ir.
(Pausa)
- CHICÃO - Mas não estava acertado de não ir ninguém?
- PELADO - Pra tu ver.
(Pausa)
- MARIA-VAI - (suspirando) Quer saber? Aqui ninguém é de nada.
- BICHADO - Agora tu disse tudo.
- PELADO - A gente é frouxo mesmo. Sempre fomos. Sorte do Berrão.
(Pausa)
- BICHADO - Eu ahco que a gente devia ir também.
- CHICÃO - É melhor a gente deixar pra outra vez a chavecada.
- PELADO - Se os três foram, a jogada está furada.
- GILÓ - Azar.
(Pausa)
- BICHADO - Então, vamos.
(Todos saem. Apenas Gá fica em cena. Dorme tranqui-



- mente. Coco entra furtivamente. Olha para todos os lados, para ver se ninguém o segue e, com todo cuidado, aproxima-se de Gá.)
- COCO - (baixinho) Gá! Gá! Ei, menina!
(Coco sacode a menina várias vezes.)
- GÁ - (acordando) Hum.. Nhanha... Nhanha...
- COCO - Nhanha não está. Saiu.
- GÁ - (Senta-se assustada) Nhanha!
- COCO - Foi catar papel.
- GÁ - (chorando) Gá quer Nhanha. Nhanha!
- COCO - Eu estou aqui. Olha eu aqui.
- GÁ - (gritando) Gá quer Nhanha. Nhanha!
- COCO - Psiu! Não grita! Não grita!
- GÁ - (com medo) Gá quer Nhanha!
- COCO - Não adianta gritar que ela não vem.
(Gá começa a chorar.)
- COCO - (Tapa a boca da menina.) Para esse berreiro! Menina bonita não chora. (Pausa. Coco presta atenção pra ver se alguém se aproxima, logo se tranquiliza.) Tu não precisa ter medo do Coco. Tu quer brincar com a bonequinha? Então para de chorar. Se tu parar, Coco te dá a boneca. Quer? (Coco solta Gá, que soluça.) Quer a bonequinha?
- GÁ - Gá quer a Nhanha.
- COCO - Ela não vem mais. Nhanha deu Gá pro Coco. (Ri.) Agora a Gá é do Coco.
- GÁ - Nhanha? A Nhanha?
- COCO - Foi embora.
- GÁ - (Chora). Nhanha! Nhanha!
- COCO - (Outra vez tapa a boca de Gá.) Quieta! Coco só estava fazendo onda. Nhanha volta logo. Ela foi catar papel. (Tira a boneca do bolso.) Tu quer? (Solta...)



- GÁ - Gá quer Nhanha.
- COCO - Já falei que ela vem logo. Não precisa ficar aporri-
nhada. Ela já vem. O Coco toma conta de Gá até Nhanha
voltar. Quer a bonequinha?
- GÁ - Quer! Gá quer! (Vai pegar.)
- COCO - (Retira a boneca e ri.) Ainda não. Tu tem que agradar
o Coco primeiro. (Ri,) Agrada o Coco. Anda, agrada.
(A menina está meio emburrada. Coco segura a mão dela
e passa no próprio rosto.)
- COCO - Assim. Faz sozinha. Faz, que o Coco te dá a bonequi-
nha. (Gá agrada Coco, que ri nervoso.)
- GÁ - Agora dá pra Gá.
- COCO - Quero mais.
(Gá agrada mais Coco, que ri.)
- COCO - Agora aqui. (Desabotoa a camisa, pega a mão de Gá e
esfrega no peito.) Assim. Assim. Faz sozinha. Fáz, Gá.
Coco faz também na Gá. Coco faz.
(Coco bolina Gá, que ri, com cócegas. Coco está bem
excitado. Levanta-se, pega Gá pelo braço. Ouve-se um
barulho qualquer. Coco fica apreensivo. Olha para to-
dos os lados. Certifica-se de que não há ninguém por
perto. Volta até Gá, abraça a menina, que grita.)
- GÁ - Nhanha! Nhanha!
- COCO - Não grita, Gá. Fica quieta.
(Coco afasta-se da menina e aproxima-se de uma pilha
de caixotes. Está bem nervoso, e a menina, meio indi-
ferente ao que está se passando.)
- COCO - Vem buscar a boneca. Vem, Gá. Coco te dá a bonequinha
pra sempre. Vem, Gá. Vem aqui atrás. (Coco enta atrás
dos caixotes.)
- GÁ - Tem bicho aí.
- COCO - Vem, não tem, não. Vem buscar a bonequinha. Vem. Coco
te dá.



- GÁ - Gá tem medo do bicho.
- COCO - Coco mata o bicho. Pode vir. Coco não deixa o bicho pegar Gá.
- GÁ - Gá não gosta do bicho.
- COCO - Vou matar o bicho. Olha! Vem ver!
(Coco sai de trás dos caixotes com um pau e dá paula das no ar, como se matasse o bicho.) Morre, bicho! Morre! Morre! Gá tem medo do bicho. Morre! Morre!(Gá ri, com muita inocência, dos gestos de Coco.)
- COCO - Pronto, matei o bicho. Agora, vem.
- GÁ - (rindo, ainda) Tem outro bicho lá.
- COCO - Não tem mais. Vem! Olha a bonequinha!
Vem pegar!
- GÁ - Tem bicho.
(Coco agarra a menina pelo braço e a leva até os caixotes. Gá vai com medo.)
- GÁ - Tem bicho. Gá tem medo.
- COCO - Coco não deixa vir bicho.
(Os dois somem atrás dos caixotes.)
- COCO - Olha a bonequinha.
- GÁ - Dá pra Gá.
- COCO - Gá agrada o Coco. Assim. Assim. Agora aqui. Aqui. Assim. Assim. Coco agrada a Gá. Assim.
(Gá ri, com cócegas.)
- COCO - Agora aqui! Aqui!
- GÁ - (Grita, desesperada.) Não! Não!
(Gá sai correndo de trás dos caixotes. Logo surge Coco atrás dela.)
- COCO - Vem cá, menina! Vem cá!
- GÁ - (apavorada) Não! Não!
(Coco agarra a menina pelo braço e tenta levá-la novamente para trás dos caixotes.)



- COCO - Coco não via te fazer maldade. Coco não vai.
- GÁ - Nhanha! Nhanha!
(Gá debate-se e começa a ter um ataque. Cai no chão em convulsões.)
- COCO - (Desespera-se) Merda! Filha-da-puta! (Dá tapas em Gá, que se debate.) Para com isso, Gá! Para com isso! Fica quieta! (Coci, agoniado, começa a arrastar a menina para trás dos caixotes. Gá debate-se, cada vez mais. Coco não consegue controlar-se) Para! Para! Para! Para, filha-da-puta! Fica quieta! (Coco começa a estrangular Gá.) Quieta! Quieta! Quieta! (Gá morre. Coco, transtornado, dá-se conta do que fez. Entra Giló)
- GILÓ - Porra, que é isso?
(Coco volta-se rápido para Giló.)
- GILÓ - Tu pegou a menina?
- COCO - Filho-da-puta!
- GILÓ - Nojento! Porco nojento!
(Coco, com fúria, atira-se contra Giló, que se livra dele.)
- COCO - (Puxa uma faca do bolso.) Coco vai te acabar! Coco vai te acabar, seu merda!
- GILÓ - Tu vai se danar de verde e amarelo. Deixa o pessoal saber.
(Giló, sai correndo. Coco, transtornado, vai até junto da menina e a fica olhando. Depois, deita-se a seu lado e tem uma crise de choro. Entra Giló, Chicão, Tião, Maria-Vai, Pelado e Poquinha.)
- GILÓ - Olha lá o tarado!
- MARIA-VAI - A menina está morta?
- GILÓ - O filho-da-puta é que matou.
- CHICÃO - Cachorro da peste.
- TIÃO - Puta merda, que coisa de moléstia.



- POQUINHA - A mão vai se azucrinar toda.
- PELADO - Vamos agarrar esse puto.
(Coc, sem expressão, olha a menina. Está com a faca na mão.)
- MARIA-VAI - Está de faca!
- TIÃO - É fogo!
- POQUINHA - Vamos esperar os outros.
- PELADO - A mão é que diz o que fazer.
- TODOS - É isso. Melhor esperar. A gente fica nas encolhas. O cara tá batusquela. É perigoso.
(Todos ficam espiando Coco ao lado da menina. Entram Noca, Bichado, Frido e Nhanha.)
- NHANHA - Que foi? Que foi, gente? Ai, meu Deus, que foi? Gá! Minha Gá! (Nhanha atira-se sobre Gá e chora convulsamente.) Gá! Está morta! Está morta! Minha criança! Minha filinha!
- FRIDO - Pobre menina.
- GILÓ - Aque ali que matou. Queria se tratar com ela.
- FRIDO - Ele? Filho-da-puta! (Avança sobre Coco.) Tu matou ela, desgraçado? Tu matou ela?
- COCO - (Levanta-se com a faca na mão. Está histérico.) Eu não matei. (Avança para Frido, com a faca. Frido vai se afastando.) Eu não matei. Eu queria ela pra mim. Eu queria ela pra mim.
- NHANHA - (que chorava sobre o corpo de Gá, para de chorar e olha fixo para Coco.) Tu é um cão!
- COCO - (para Nhanha) Eu não matei. Eu queria ela pra mim. Eu não matei.
- NHANHA - (em pé) Tu vai se acabar, maldito! (Anda lentamente para Coco.)
- COCO - Não chega perto que eu te furo! Eu te furo!
- NHANHA - (Vira-se de costas para Coco e grita histérica para



todos.) Ele é coisa da peste! Tem que morrer! Tem que morrer! Ele é coisa ruim! Tem que se acabar, gente! Tem que se acabar! Pega ele, gente! Mata! Mata! Mata! (Todos atiram-se sobre Coco e o derrubam no chão, mas sacrando-o, enquanto Nhanha grita: "Mata! Mata!" Nhanha está de costas para eles. Aos poucos, as pessoas sempre em silêncio, afastam-se de Coco. Frido vem até Nhanha, que chora baixinho.)

- FRIDO - Ele está acabado, Nhanha.
- NHANHA - Que Deus tenha dó de sua alma. (Ajoelha-se perto de Gá e fica chorando. Todos espiam de longe, com respeito. Entra Berrão.)
- BERRÃO - Que houve aqui?
- CHICÃO - Tem dois que se acabaram.
- BERRÃO - Puta merda! Agora vai dar bochicho! Quem se apagou?
- TIÃO - Coco matou a menina.
- MARIA-VAI - Nós matou o Coco.
- PELADO - Foi bem feito o que a gente fez. Foi todo mundo junto pra cima dele. Demos de verdade. Acabou rápido e rasteiro como o filho-de-uma-vaca que ele era.
- POQUINHA - Fizemos bem.
- BERRÃO - Fizeram bem, o cacete! Isso vai dar truta. Vai baixar cana. Vai dar um rolo danado.
- CHICÃO - Deixa dar.
- BERRÃO - Deixa dar o quê?
- CHICÃO - Deixa a cana baixar.
- BERRÃO - Pra vagabundo, tanto faz estar preso ou solto, né?
- CHICÃO - É. E daí?
- BERRÃO - E daí que não quero nem saber. Não tenho nada com isso.
- CHICÃO - Todo mundo tem que estar nessa jogada. Todo mundo manjou? Até tu!



- BERRÃO - O que tu tá querendo dizer?
- CHICÃO - Estou querendo dizer que ninguém, nem tu, vai cair fora dessa.
- PELADO - Isso que é. O Coco quis se servir de menina. Isso deu noje na gente. Nós fizemos ele. Agora a gente tem que livrar a cara.
- POQUINHA - A justa ainda não foi chamada.
- NOCA - Só a gente é que sabe.
- TIÃO - A gente, mais tu.
(Pausa)
- BERRÃO - Porra! Ninguém aqui tem cabeça fria? Podiam deixar o Coco pra lá. Não precisavam ter matado ele. Da menina a gente se livrava fácil. Era só dizer que ela teve um ataque e pronto. Agora, esse merda é esperto. Filho-da-puta de quem teve a idéia de apagar o miserável.
- CHICÃO - Tu não se mancou que a gente sentiu nojo do que ele fez? Não se mancou? Foi todo mundo junto que quis pegar o tarado. Ele estava ali parado, de ferro na mão. Se não tivesse todo mundo picado de raiva, ninguém ía ter peito de entrar nele. Não precisou falar duas vezes. Ninguém deu pra trás. Foi mole jogar o canalha no chão com faca e tudo. Pena que ele se apagou depressa. Nós devíamos era ir matando ele devagar. Pegar um pau e espetar no rabo dele até ele cagar sangue. Ou capar o porco com a própria faca e deixar ele aí pra te contar como foi. Ele não prestava. Tinha que se estrepar. Só que devagar. Bem devagar. Pra sentir o aroma da perpétua.
(Pausa)
- BERRÃO - Bem, o que está feito, está feito. Não adianta chorar. Agora, é tratar de se mandar daqui. Quanto antes, me-



Ihor. Vamos fazer o ponto lá embaixo da ponte. Não se vem mais aqui. A gente esconde o resto do Coco aí atrás dos caixotes e a menina a gente leva. Amanhã eu chamo a polícia, digo que ela teve um ataque e morreu. O Coco, só quando começar a feder e os urubus começarem a baixar aqui, é que o pessoal vai se tocar que tem gente morta. Aí, é tarde. Fica assim mesmo. Ele não tem importância nenhuma. Morreu, morreu. Um a menos pra encher os bagulhos da gente. Botem os sacos no caminhão. Temos que cair fora. (Ninguém se mexe.) Estão surdos?

- CHICÃO - Não vai pesar?
- BERRÃO - Acha que vou ficar aqui a vida inteira? Quero me arrancar o mais depressa possível.
- TIÃO - Mas a gente precisa da grana.
- BERRÃO - Estou estranhando o papo aqui hoje. Que é que há? Tá todo mundo roncando grosso.
- CHICÃO - É assim que é! A gente hoje aprendeu um troço pra toda a vida. Que coisa ruim acaba se agente quiser. E se a gente quer, não teme por onde. O Coco está aí pra não me deixar mentir. Se tu não quer pesar os sacos, não pesa. Tua cabeça é tue guia. Mas, tem um porém. Não leva porra nenhuma daqui.
- BERRÃO - Quero dar uma colher de chá e todos ficam assanhados. Tá combinado. Não levo os sacos. E daí? Que tu faz com eles?
- CHICÃO - Toco fogo neles.
- BERRÃO - E ganha muito com isso?
- CHICÃO - Mas tu te estrepa.
- BERRÃO - Só porque tu quer. Olha pra isso, otário. (Pega dinheiro do bolso.) Tá vendo? Isso me escora. E tu vai passar fome.



- CHICÃO - Pode ser. Mas ninguém vai me levar no bico.
- BERRÃO - Não vão botar os sacos no caminhão?
(Ninguém se mexe.) Como é?
- FRIDO - Seu Berrão, eu preciso de dinheiro pra enterrar minha criança. Por favor, pese os meus.
- BERRÃO - Que enterrar, que nada. Amanhã se dá jeito nela. Para isso tem Governo. Pra enterrar de graça os que estão na lona. (Nhanha, que reza ao lado da filha, volta-se para Berrão.)
- NHANHA - Seu Berrão, esse menina teve uma vida de cão, mas vai ter morte de gente. Estou lhe falando. O papel está aí. Foi catado por seu mando.
- BERRÃO - E vai ficar aí. E o dinheiro aqui. (Mostra os bolsos.)
- NHANHA - Nós precisa de dinheiro, Seu Berrão. Não é por nós, é pela menina!
- BERRÃO - Já se danou mesmo. Pra que gastar dinheiro à-toa com ela?
- NHANHA - Isso é coisa nossa. O senhor mando catar papel. Nós catou. Agora tem que comprar.
- BERRÃO - Eu compro o que eu quero. E tem mais uma coisa. O que eu ía pagar não dava pra enterrar ninguém.
- GILÓ - Juntando a grana de todos, dava.
- BERRÃO - Tu cala a sua boca. Ninguém te chamou na conversa.
- GILÓ - Eu falo quando quero.
- BERRÃO - Então fala. Bota a boca no trombone que eu também boto. Já estou dando uma colher de chá de me fechar em copas. Mas, se começam a se assanhar, chamo a cana e dedo todos vocês. Eles apanha um por um e eu apanho os sacos de graça.
- POQUINHA - Isso é sacanagem.
- BERRÃO - Mas é uma boa pedida. (Vai sair.) Vou mostrar a senhora se lida com vagabundos. (Nhanha entra na frente de Ber-



- rão)
- NHANHA - É melhor o senhor dá o dinheiro do enterro . Esse gosto o senhor não tira da Gá.
- BERRÃO - (Puxa o revólver.) Sabe o que é isso?
- NHANHA - Bela merda!
- (Todos rodeiam o Berrão.)
- BERRÃO - Que é que há? Eu mando um pra glória.
- NHANHA - A gente sabe que se tu tiver coragem, tu desgraça um. Mas a gente é uma porrada. Quem ficar te pega.
- BERRÃO - Não está vendo o revólver na minha mão? Então, que papo é esse? Eu estouro um. Estouro o primeiro que vier, estou avisando. Quem avisa amigo é. Eu queimo um. Mas, não dou um puto de um tostão pra sacana nenhum.
- NHANHA - (Mostra o peito) Então queima! Atira aqui! Atira! Falta peito? Tu não tem coragem? Atira! Atira, seu porco!
- BERRÃO - Tu tá louca, mulher!
- NHANHA - Tu é que está luouco de medo. Atira! Tem medo, seu puto? Então dá o dinheiro! (Pausa) Anda, dá a grana, ou atira! Atira! Tu me mata. E daí? Estou cagando um monte desse tamanho pra morrer. Já morri um cacetão de vezes, tá bom? Morri de fome, morri de frio, morri de medo, morri de ver a minha cria morrer. E agora chegou a tua vez. Atira! Atira! Anda, atira! Mas, tu não escapa. Gasta a tua verdade aqui no meu peito. Anda! Daí, eles te pegam e te azaram. Esta é a hora de acertar as contas. Quem tiver se danado mais está com a razão. E não vai ter canhão pra mudar o resultado. Anda, atira! Atira! (Nhanha anda lentamente, avançando sobre Berrão, que está apavorado.)
- MARIA-VAI - (aconselhando) É melhor tu dar a grana pra ela.
- BERRÃO - É... É.. vou ajudar tu enterrar a criança. Vou ajudar. Afinal, é só isso que tu quer, não é?



NHANHA

- É.

(Berrão pega todo o dinheiro e dá pra Nhanha.)

BERRÃO

- Pronto. Já tem o que queria.

(Nhanha fica parada na frente de Berrão. Olha com desconfiança para o dinheiro. Berrão, percebendo que já domina a situação novamente, fala agora com autoridade para Nhanha, comprando-a definitivamente.)

BERRÃO

- Então mulher? Não tá contente? Não tem tua grana? Então? Vai cuidar da tua cria morta, antes que os urubus dêem conta dela. (Nhanha continua parada.) Vai, mulher, vai! Vai! Toda essa gente tá chateada com essa coisa toda. Eu também, claro. Pombas! Quem não se queima com um troço escamoso desses? (Passa a mão no ombro de Nhanha.) Todo mundo ficou perturbado. Tu gritou. Todo mundo gritou. Eu também gritei. Essa onda me deixou zoeira. Mas, pombas! A vida continua. Um morre, mas a gente tá aí mesmo. Quem fica tem que tocar o barco pra frente. Não foi o fim do mundo, não é? VAI lá, mulher! Vai cuidar da tua cria. Ela merece.

NHANHA

- (bem triste) É. É.

BERRÃO

- Então vai logo, mulher!

(Nhanha olha para todos, como se pedisse desculpas.)

NHANHA

- Gá vai ter entrerro de gente.

(Nhanha, sempre triste, abatida, afasta-se de Berrão e se ajoelha ao lado de Gá, começando a rezar. Frido a acompanha. Os catadores, meio embaraçados, entreolham-se e vão lentamente se colocando entre Berrão e Nhanha. Estão juntos, formando um bloco. Chicão, que está na frente, volta-se para os outros.)

CHICÃO

- E nós? Como é que fica?

(Todos os catadores começam a falar ao mesmo tempo, iniciando-se uns aos outros para tomar a iniciativa e a



garrar o Berrão. No auge do vozeiro, Tião dá um empurrão em Chicão, que cai na frente de Berrão. Berrão dá-lhe um pontapé e o atira longe. Os outros tentam avançar, mas Berrão dá um tiro para o ar. Todos param de falar, e, apavorados, recuam.)

BERRÃO

- Peguem os sacos e botem no caminhão! (Um a um, lentamente, os catadores vão pegando os sacos e saindo. Reza de Nhanha cresce, misturando-se com ruídos de grande cidade que vão entrando, enquanto o pano fecha lentamente.)

F I M



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
RELATÓRIO Nº252/82/SCC.

Identificação:

Obra: HOMENS DE PAPEL

Autor: Plínio Marcos

Espécie: Peça Teatral

Conteúdo: Um grupo de operadores, digo, apanhadores de papéis, vivem em condições subumanas e são explorados por Berrão, que é o intermediário entre eles e a fábrica. O casal Frido e Nhanha, vindos do interior para procurar recursos médicos para sua filha Gá, vão juntarem-se aos demais papeleiros. Os participantes do grupo sentindo-se roubados por Berrão articulam um movimento de greve, que porém não tem o apoio de Nhanha. Corajosamente Nhanha enfrenta os demais papeleiros e sai à cata de papéis para, numa firme resolução adquirir recursos para cobrir o tratamento da filha doente. Enquanto todos estão ausentes do acampamento, Coco, um tarado pertencente ao grupo tenta violentar a menina Gá, que é finalmente estrangulada pelo mesmo.

Revoltados com o acontecido os demais papeleiros lincham Coco. Nhanha novamente mostra sua coragem e enfrenta Berrão e exige do mesmo o dinheiro para o funeral de sua filha, embora esteja ameaçada pelo revólver do intermediário. Os demais papeleiros mesmo que desejosos de alcançar melhores condições de preço para seus papéis, são rejeitados por Berrão, que com sua atitude agressiva intimida-os. Mensagem principal: A coragem, expressa na atitude de Nhanha, que quando persegue objetivos reais não teme as adversidades, perseguindo corajosamente tudo aquilo que tem em mente.

Público alvo: Adulto

Linguagem: O linguajar é vulgar contendo muitas gírias e palavras.

Grau de persuasão: Pouco convincente, penso que o tema já está muito desgastado.

Perspectiva censória: O autor focaliza uma parte marginalizada da sociedade, que organiza-se pela liderança espontânea. A obra faz alusão a necessidade de união das classes trabalhadoras e por outro lado, mostra a exploração que há na ação do intermediário desonesto que leva vantagens, impondo-se pela força.

Parecer: Considerando a cruesa do tema; o posicionamento radical do autor em registrar enfaticamente os aspectos negativos; a conotação indutora para a violência, sugiro seja liberada para maiores de 18 anos.

Justificativa de impropriedade: Cenas de angústia e violência.

Porto Alegre, 08 de julho de 1982.



Ruth Velho Lemos.

T. de Censura.

V. 110.
Edu 08.07.82
HORA
1983
SCC/DF/BS

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RELATÓRIO Nº 242/82/SCC

1. Identificação

Título: "HOMENS DE PAPEL"

Autor : Flínio Marcos

Espécie: Peça teatral

2. Conteúdo

2.1 - Enredo - Tião, Chicão, Maria-Vai, Pelado, Noca, Bichado, Poqui-nha, Giló e Coco, juntadores de papel, vendem o produto de seu trabalho a Berrão, o intermediário junto à fábrica. Este possui o caminhão, detém o "capital" e usa um revólver na cintura, motivos suficientes para explorá-los, humilhá-los, roubá-los, aproveitando-se, inclusive, de suas mulheres com quem mantém relações sexuais. Juntam-se ao grupo Frido, sua mulher Nhanha e sua filha Gá (doente mental). Entre cachaça, ofensas e brigas é planejada uma greve a fim de exigirem um melhor tratamento por parte de Berrão. Nhanha se opõe, pois necessita de dinheiro para levar sua filha doente ao médico. A greve não se realiza. Na ausência dos papeleiros, Coco tenta estuprar Gá. Esta resiste, é morta. Coco é justificado pelos companheiros, liderados por Nhanha. Berrão nega-se a custear as despesas do enterro da menina, os ameaça com o revólver. Nhanha o desafia a atirar. Berrão cede, entrega o dinheiro a Nhanha. Os demais papeleiros tentam enfrentar a Berrão. Ele os agride e dispara sua arma. Amedrontados, os papeleiros voltam a cumprir as ordens do intermediário.

2.2 - Mensagem principal - É preciso que o homem abandone a passividade, una-se e organize-se ao redor de um líder na busca de soluções para os problemas sociais que o atormentam, mesmo que preciso seja o uso da violência.

Positiva quando prega a união entre os homens para juntos encontrarem uma saída para seus conflitos vivenciais, porém

Negativa quando deixa essa mesma união a mercê de lideranças, posicionamento perigoso a medida que permite ao líder a manipulação da vontade humana, levando-os, inclusive, a atos de violência.

2.3 - Mensagem secundária - As deficiências e as virtudes do homem independem de sua condição social.

Negativa pois mostra que mesmo na mais miserável parcela da So -

Visto.
Em 08.07.82
JOÃO BISPO DA HORA
Téc. Cens. Matr. 2.324.463
Chefe do SCDP/SE/DP7/BS

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Negativa pois mostra que mesmo na mais miserável parcela da Sociedade existem seres que, além de sofrimento, possuem vícios e defeitos semelhantes aos das classes sociais mais elevadas.

3. Público alvo - Adulto, em especial os segmentos menos privilegiados da Comunidade.
4. Linguagem - com palavras adequados ao nível cultural dos personagens.
5. Grau de persuasão - Convincente
6. Perspectiva Censória - A obra objetiva uma crítica social, política e econômica. O autor ao focar o "modus vivendi" dos papeleiros, tenta transportar àquela parcela da Comunidade os problemas que afligem a Sociedade em geral. Mostra a luta entre o Capital e Trabalho com o poder econômico a destruir os valores sociais e morais do ser humano; a violência com a tentativa de estupro e morte da vítima; a justiça realizada pelas próprias mãos; a greve e seu impedimento pela necessidade econômica; o amor maternal a enfrentar os obstáculos em defesa da filha doente. Destaca a passividade do homem diante do infortúnio e o convida à reação.

PARECER

1. Pela liberação - Embora reconhecendo o posicionamento radical do autor quando defende a solução dos conflitos sociais mesmo com o uso da violência, consideramos que a peça pode ser liberada para um público adulto que a assimilará conforme suas convicções pessoais. Sugerimos que a obra seja liberada para maiores de 18 anos.
2. Justificação de impropriedade - Cenas de violência, angústia e vocabulário grosseiro.

Porto Alegre, 30 de junho de 1982.

Valdir Farias Franco
Valdir Farias Franco

Técnico de Censura.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS/RS

RELATÓRIO Nº 249/83-SCC

1. IDENTIFICAÇÃO:

- Título: HOMENS DE PAPEL
- Autor: Plínio Marcos
- Espécie: Peça teatral

2. CONTEÚDO:

2.1. ENREDO: Um grupo de juntadores de papel vive de maneira miserável e são explorados por Berrão, intermediário entre eles e a fábrica. O casal Frido e Nhanha vindos do interior à procura de recursos médicos para a filha Gá, juntam-se ao grupo, visando conseguir recursos para as despesas médicas. Alegando a necessidade do dinheiro, Nhanha opõe-se a uma greve organizada contra Berrão. Enquanto todos estão ausentes, Coco, um deles, tenta estuprar Gá, que termina estrangulada. Revoltados, os papeleiros lincham o tarado. Nhanha exige de Berrão o dinheiro para um funeral decente e enfrenta com destemor a negativa e a ameaça de revólver do comprador. Os demais tentam conseguir melhor tratamento por parte de Berrão, mas se amedrontam com a reação e rotomam a anterior submissão.

2.2. MENSAGEM: A pessoa que tem um objetivo definido assume a liderança em meio aos acomodados e serve-se deles para alcançar seus próprios fins, apelando, se necessário, para a violência.

É positiva quando visa a união de forças para a solução de problemas coletivos. É negativa quando a liderança manipula a expressão da massa em benefício individual.

3. PÚBLICO ALVO: Adulto, em especial o proletariado e os contestadores.

4. LINGUAGEM: Com palavões e gírias, de acordo com o nível cultural dos personagens.

5. GRAU DE PERSUASÃO: convincente

6. PERSPECTIVA CENSÓRIA: A vida no sub-mundo dos papeleiros, conservadas as proporções, sofre os mesmos tipos de problemas que afligem as classes sociais regularmente organizadas. A peça é uma crítica de cunho social, político e econômico e aborda os problemas que afligem a sociedade em geral.

7. PARECER: Considerando a crueza do tema desenvolvido; o posicionamento radical do autor em evidenciar com excesso os pontos negativos; a inclinação para a violência na solução de conflitos, e o baixo nível dos diálogos, sugiro liberação com impropriedade para menores de 18 (dezoito) anos.

8. JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE: Cenas de angústia e violência.

Porto Alegre, 04 de julho de 1982

Demétrio João Benvegnù
Técnico de Censura

V. 110.
Em 08.07.82
JOÃO BISPO DA HORA
Téc. Cens. Matr. 2.324.463
Chefe do SCCD/RS/DPF/RS

RELATÓRIO

Peça : "Homens de Papel"
Autor : Plinio Marcos
Grupo : TUSA - Teatro Universitário Santo Ângelo
Censura : 18 anos OF 193/82 SCDP/DPF/SR/RS de 08-07-82

Aos treze dias do mes de julho de 1982, às 21:00 horas, procedemos a fiscalização do ensaio geral da peça teatral supra citada, nas dependências do Teatro Municipal "Antonio Sepp", sito à rua Marques do Herval, centro, Santo Ângelo/RS.

A PEÇA:

Com a duração de uma hora e quinze minutos, é apresentada em dois atos. Plínio Marcos leva ao palco um problema social, ou seja, a miséria em que vivem os catadores de papel. Mostra a promiscuidade, falta de higiene, a fome e ainda a exploração a que estão sujeitos pela ignorância.

Algumas pinceladas como a força da união, sentimento humanitário, diminui um pouco o impacto negativo da peça.

COMPOSIÇÃO CÊNICA:

O cenário muito simples: esparramados pelo palco, jornal velho, papéis sujos e rasgados, caixotes de papelão empilhados ao fundo e nas laterais um cercado irregular formado por tiras de papelão, onde se lê frases avulsas e propagandas. Está bem representado o local de pouso e venda do papel arrecadado pelo grupo.

A iluminação é feita através de "spots" direcionais, luz normalmente clara, com variação penumbra (noite) e luz avermelhada (morte). Tanto no início como no final de cada ato o escurecimento é total.

A música utilizada nos momentos que precedem a encenação e no intervalo são adequadas para a ocasião.

Quanto ao guarda-roupa, os catadores de papel estão bem caracterizados, andrajos sujos cobrem os atores, dando nítida demonstração da miséria da classe, enquanto o comprador de papel a apresenta-se normalmente vestido.

O desempenho dos atores no palco é muito bom, sendo que a movimentação e gestos são admissíveis para o que representam.

CONCLUSÃO:

O tema abordado e também o linguajar livre adotado, requer uma platéia madura, portanto, estamos de acordo com a fixação da impropriedade para menores de 18 anos, feita por esse SCDP/SR - DPF/RS, na análise do script da peça.

Jouirgsk.
 Técnico de Censura - MAT: 022236
 SCDP/DPF/SA

Jorge Antonio Fronza
 Técnico de Censura - Mat. 2324480
 CHEFE SCDP/DPF/SA



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0059.p.138

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 270/82-SCC

PEÇA HOMENS DE PAPEL

ORIGINAL DE PLÍNIO MARCOS

APROVADO ~~PELO SCDP/SR/RS~~
~~PELO SCDP/SR/RS~~

VÁLIDO ATÉ 16 de outubro de 19 82

CLASSIFICAÇÃO

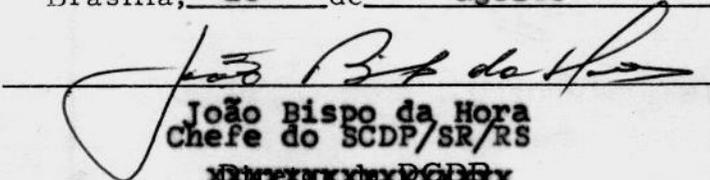
CENAS DE ANGÚSTIA E VIOLÊNCIA.

Brasília, 16 de agosto de 19 82

CENSURA FEDERAL/RS

IMPRÓPRIO PARA MENORES

DE 18 ANOS


João Bispo da Hora
Chefe do SCDP/SR/RS

~~Ministério da Justiça~~

M.J-D.P.F

CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada HOMENS DE PAPEL

Original de PLÍNIO MARCOS

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de TUSA-TEATRO UNIVERSITÁRIO SANTO ÂNGELO - SANTO ÂNGELO/RS

Requerida por ANTÔNIO ARISTIDES KALB

Tendo sido censurada em 16 de agosto de 19 82 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS, SEM CORTES.

CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VA -

LIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO POR ESTE

SCDP/SR/RS.

P. Alegre,

~~BRASILEIA~~ 16 de agosto de 19 82

Renato Rodrigues de Faria

RENATO RODRIGUES DE FÁRIA

Téc. Censura Matr. 2.415.818

Chefe da SCC/SCDP/SR/DPF/RS

~~Renato Rodrigues de Faria~~

TEATRO

TÍTULO HOMENS DE PAPELAUTOR: PLÍNIO MARCOS

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 anosPraça SCDP/SR/RS

Obs.: _____

DF. 24 / 08 / 82 / _____Consolação

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: Imprópria para menores de 18 (dezoito) anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio.

Obs.: sent. provisória - SR/RSBrasília - DF 24 de 08 de 19 82

Brasília - DF

Beate Dantas Cavallhada
Méd. 2 415 791

de 1.97

15 Tema adulto - linguagem livre

4) SERVIÇO DE CENSURA

A consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de P.T. para o qual os censores propõem a classificação etária de 18 anos

Brasília-DF, 25 de 08 de 19 82

Em _____ de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em 25 / 08 / 19 82

Solange M. T. Hernandez
Diretora da DCDP

2040/82-SE/DCDP

08 set

RS

"HOMENS DE PAPEL" de Plínio '

Marcos.

Atenciosamente,

Solange M. F. Hernandez
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0059, p. 142
 MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
 DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 883

PEÇA "HOMENS DE PAPEL"

ORIGINAL DE PLÍNIO MARCOS

VÁLIDO ATÉ 25 de AGOSTO de 19 87

CLASSIFICAÇÃO

UMA ADULTO - LINGUAGEM LIVRE"

BRASÍLIA 25 de AGOSTO de 19 82

18

**IMPRÓPRIO PARA
 MENORES DE
 DEZOITO ANOS**

Solange M. F. Fernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

Diretora da DCDP

CERTIFICADO DE CENSURA

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada HOMENS DE PAPEL

Original de PLINIO MARCOS

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de _____

Requerida por ANTONIO ARISTIDES KALB - SANTO ANGELO/RS

Tendo sido censurada em 16 de AGOSTO de 1982 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18(DEZOITO) ANOS, CONDICIONADA

AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

NEI DE OLIVEIRA

Chefe do Serviço de Censura

BSB 25 de AGOSTO de 1982



MJ - DPF - DCDP - BSB

24 MAR 1983 002431

FICHA DO DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

OF. 014/83-SCDP/SR/DPF/AM
.....

Manaus, 23 de março de 1983.
Em

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas no Amazonas
Ao Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto Peça Teatral (encaminha)

Em anexo, encaminhamos a V.Sa. três vias do texto teatral "HOMENS DE PAPEL" de autoria de PLINIO MARCOS, para exame e liberação por essa Divisão, bem como, requerimento de Hermano Mascarenhas Soares em nome do Grupo Teatral "GRITO".

Atenciosamente

Juaneide Moraes de Souza
Chefe do S. D. DPF/AM

.....HERMANO MASCARENHAS SOARES

Requerente

Brasileiro

Nacionalidade

Motociclista

Profissã

Carteira de Identidade

399.778 - Seseb - Am

Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à

Rua Recife conj. Paulo Nery

Bloco 42 Ap. 2A

, vem ,

mui respeitosamente, requerer de V.Sa. que se digne mandar examinar ,
de conformidade com as normas censórias vigentes, a (s) Peça

Teatral

abaixo relacionada (s), de autoria.....
especie.....

- Plinio Marcos

Nome do autor

"Homens de Papel"

Titulo (s)

Nestes termos,

Pede deferimento,

Manaus 17-03-83

Local e data

Hermes Mascarenhas

Requerente

Anexos:

Nome: GRITO CGC: _____
Sede: Rua Recife Conj. Paulo Vem B. 42 002A CEP: 69.000
Diretor ou Responsável: Hermano Mascarenhas Soares

2 - DADOS DO ANTCR

Nome: Plinio Marcos
Pseudônimo: _____ Filiação: _____
Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____
Data do Nasc.: _____ Identificação: _____
Estado Civil: _____
Profissão: _____
Endereço: _____ CEP: _____

3 - PARCERIA

Nome: _____
Pseudônimo: _____ Filiação: _____
Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____
Data do Nasc.: _____ Identificação: _____
Estado Civil: _____
Profissão: _____
Endereço: _____ CEP: _____

Nome: _____
Pseudônimo: _____ Filiação: _____
Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____
Data do Nasc.: _____ Identificação: _____
Estado Civil: _____
Profissão: _____
Endereço: _____ CEP: _____

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: Manaus, 17-03-83

Ass.: Hermano Mascarenhas Soares

Peça de Plínio Marcos



PRIMEIRO ATO:

(Ao abrir o pano, Giló, Tião, Maria-Vai, Chicão, Coco, sendo e Koca estão diante de Berão, que traz um revólver na cinta e uma balança na mão. Cada um dos catadores de papel arrastam sacos cheios).

BERRÃO - Avança o primeiro. (Giló aproxima-se).

GILÓ - Apanhei três sacos.

BERRÃO - E daí? O peso é que interessa.

GILÓ - Estão bem cheinhos.

BERRÃO - A balança é quem vai dizer.

GILÓ - Nos três sacos, um pelo outro, deve ter uns trinta quilos.

BERRÃO - Vamos ver. (Pesa o primeiro saco). Três quilos.

GILÓ - Só?!

BERRÃO - Só porque?

GILÓ - Não foi mole arrastar os sacos até aqui.

BERRÃO - É que tu tá podre. Pensa que cachaça sustenta? Tem que comer as vezes.

GILÓ - Não bebo.

BERRÃO - Come com farinha. (Pesa o segundo) Dois e meio.

GILÓ - Tá marcando mais.

BERRÃO - Estou vendo. Não sou cego.

GILÓ - Então não é dois e meio.

BERRÃO - Aqui a gente arredonda.

GILÓ - Pra menos.

BERRÃO - É.

GILÓ - Mas tá dando quase três.

BERRÃO - Dois e meio, e fim. Se não estiver satisfeito, vai vender em outra parte (Pesa o terceiro) Também dois e meio.

GILÓ - Poxa, Seu Berrão. Olha aí, Falta só um pouco pra três quilos.

BERRÃO - Será que toda a mão vou ter que explicar o negocio do arredonda?

GILÓ - Não...E...

BERRÃO - Então não torra as minhas ideias. Se começar a me aporrinhar, te riscó da lista.

GILÓ - Me desculpe, falei por falar.

BERRÃO - Veja lá. Em boca fechada não entra mosquito. Deu oito quilos bem pesados. Duzentos mangos por quilo, dá um conto e seiscentos. Desconta a gasolina do caminhão, a minha parte e os institutos, tenho que te dar seiscentos mil réis.

GILÓ - Sempre foi meio a meio.

BERRÃO - ATÉ ontem. Agora a gasolina subiu. Se não quiser fazer acerto comigo leva direto pra fábrica. Mas já vou avisando, e é bom que todo mundo escute. Tenho um arreglo com os caras lá da fábrica. Dou sempre um 'come-quite pro sujeito que compra o papel. Se falar pra ele pra não comprar de alguém, ele não compra mesmo. Assim, me cubro das sacanagens. Agora, sua cabeça é seu guia. Quer ir lá vender, vai.

GILÓ - Não. Sempre fiz acerto com o senhor.

BERRÃO - Então não o tutu e cai fora. Já enjoei da tua cara.
(Giló pega o dinheiro e três sacos vazios e se afasta)

BERRÃO - Venha cá.
(Aproxima-se de Chicão).

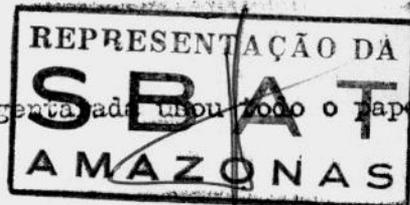
CHICÃO - Só com...

BERRÃO - Pomba! Alguem quer mais nada?

CHICÃO - Foi bom demais.

BERRÃO - Sei! Foi bom em algum boteco enchendo a caveira de pinga. Isso que foi.

CHICÃO - Foi bom demais pra todo mundo. Fode perguntar pro povo.



MARIA-VAI - Foi ruim mesmo, seu Berrão.

PELADO - Parece até que alguém catou antes da gente.

NOCA - Nós, que é de catar cinco, catou dois.

TIÃO - Acho que até que deu uma dor de barriga de lascar e a gente não pôde fazer nada. (Todos riem).

BERRÃO - (Bravo) Ei, que folga é essa?

(SILENCIA TOTAL E IMEDIATO)

BERRÃO - Quero respeito aqui. Não sou nenhum moleque pra escutar gracinhas. Quem se fizer de besta comigo, já viu! Sou muito legal. Agora, quando me esquento, viro bicho.

CHICÃO - É que não deu mesmo para catar mais. Se desse, a gente catava. No duro que parece que alguém catou antes de nós.

BERRÃO - Catou uma pinóia! Tu e essa gente não tudo uns vadios.

CHICÃO - Vadio, não!

BERRÃO - Vadio, sim! E tu é o pior! Mas, estou de olho em ti. Dá uma sápra pro azar e tu vê. Acerto teu passo. (PAUSA) Quero ver amanhã, se tu aparece só com dois sacos (Pesa os sacos do Chicão). O primeiro tem um quilo e meio e o segundo tem dois.

CHICÃO - Mas eu passei na venda do Seu Quim, antes de vir pra cá. Deu cinco quilos.

BERRÃO - (Atira os sacos na cara de Chicão). Tá aí! Vai vender pro Seu Quim.

CHICÃO - Ele não compra.

BERRÃO - Então se dane. (Chicão fica parado, olhando Berrão).

BERRÃO - Cai fora, anda!

CHICÃO - Compra aí, Seu Berrão. Estou duro.

BERRÃO - Aqui é três quilos.

CHICÃO - Três e meio, o senhor falou.

BERRÃO - Falei três.

CHICÃO - Escutei bem. O senhor disse três e meio.

BERRÃO - Falei três, e não vou pesar de novo só pra tirar sua cisma.

CHICÃO - Todo mundo ouviu o senhor falar três e meio.

MARIA-VAI - Eu não escutei nada.

TIÃO - Eu estou por fora.

PELADO - Negócio dos outros, não quero nem saber.

NOCA - É melhor, se a gente mete a butuca vão dizer que a gente tá sacaneando.

BERRÃO - Mas tu ouviu eu falei três, não ouviu, Noca?

CHICÃO - Foi três e meio que ele falou, não foi?

NOCA - Disse três. Só falei o que escutei e porque fui perguntada.

BERRÃO - É três mesmo. Pega a grana e te arranca. (Chicão pega o dinheiro e dois sacos vazios e sai).

BERRÃO - Anda, tu, Baiano Coco da Peste.

COCO - Tá aí. (Apresenta meio saco.)

BERRÃO - Eta raça ruim! Meio saco. (Arranca o saco da mão de Coco e o joga junto aos outros)

Isso não vale a pena nem pesar. Cai fora! Não vou pagar nada por isso, não!

COCO - Tem coisa minha aí. (Vai pegar o saco).

BERRÃO - Ei, que tu quer aí? Tira a pata dessa saco.

COCO - Vou apanhar uma coisa.

BERRÃO - Pega logo e se afasta dos sacos. Não quero ver ninguém aí. (Coco retira uma boneca quebrada de dentro do saco).

BERRÃO - Que porcaria é essa?

COCO - Uma bonequinha. (Todos riem)

BERRÃO - Pra que tu quer essa droga?

COCO - Pra mim.

BERRÃO - Vai brincar com ela, agora? (todos riem).

BERRÃO - Por isso é que não vai pra frente. Não quer saber de nada com o pesado. Esse puta mané agora pra brincar com ela. (TODOS RIEM)

BERRÃO - É o fim da pira! (Todos riem)

(APROXIMA-SE DE TIÃO)

BERRÃO - Pra que vem aqui se saiu de lado. Deixa tu cuidar das coisas. Ela entende melhor do que tu.

TIÃO - Fica os dois. (COCO catou).

MARIA-VAI - Te arranca. (Berrão já falou).

(Espanta Tião pra longe) Deixa se ir aqui! Tem medo que eu cante tua mulher?

MARIA-VAI - Onda dele, Seu Berrão. Ele não é de nada.

(TIÃO AFASTA-SE TRISTE).

BERRÃO - (Pesando os sacos) Tudo junto dá seis quilos.

MARIA-VAI - Pouco.

BERRÃO - Quer ir na fábrica conferir, como no outro dia?

MARIA-VAI - (Sem jeito) Vou.

BERRÃO - Então tu vai. Tião, tua mulher não confia na balança. Diz que estou roubando. Pra tirar a oisma dela, vou levar ela comigo lá na fábrica.

TIÃO - Eu vou junto.

BERRÃO - Tu não vai a parte nenhuma.

TIÃO - Então a Maria também não vai.

MARIA-VAI - Vou! Quero saber o certo.

TIÃO - Não vai.

MARIA-VAI - Vou! Tu não me manda.

TIÃO - Não vai!

BERRÃO - Ela vai! Se ela não for, te tiro o ponto. Não Vou lidar com gente que acha que estou metendo a mão. Pombas! Hoje que estou de boa lua, que vou dar uma colher de chá pra ela ir saber lá na fábrica como é o macete, tu vai se invovar? Ela vai. Se tu esperar, te tomo o ponto e dou pra outro.

MARIA-VAI - Deixa de ser chato, Tião.

(TIÃO AFASTA-SE TRISTE)

BERRÃO - Tu fica lá junto dos sacos.

(Maria fica perto da Pilha de sacos).

BERRÃO - Anda, gente. Vamos logo com essa zorra!

(Noca de aproxima e Pelado vai para junto dos outros).

BERRÃO - Dois sacos (Pesa). Cinco quilos.

NOCA - Vai levar a perebenta pra conferir?!

BERRÃO - Tu vai amanhã.

NOCA - Deus me livre! Tu quer passar doença dessa vaca pra mim?

BERRÃO - Dor de corno, bichinha?

(NOCA PEGA O DINHEIRO E VAI PRA JUNTO DE PELADO)

BERRÃO - Quem está faltando?

MARIA-VAI - O Bichado e a Poquinha.

BERRÃO - Que merda! Sempre se espera pelos mais jogado-fora. Será que aqueles dois não sabem que não estou aqui pra pvrder tempo? Tem a noite inteira pra se virer, mas ficam dor^{do} mindo. Daí se atrasam. Também, tem um negócio. Se me chegarem aqui com as mãos vazias, vão entrar bem. Não compro nada. (PAUSA)(Berrão anda nervosamente de um lado pra outro. O Pessoal está agachado. Todos em silêncio. Chicão, sem que Berrão perceba, aproxima-se de Tião.)

CHICÃO - Tu vai deixar ele levar outra vez tua mulher?

TIÃO - É só pra conferir.

CHICÃO - Tu vai engolir isso?

TIÃO - É bom alguém daqui ir conferir.

CHICÃO - Então porque que ele não te leva? Porque tu é feio que nem a peste. Leva a Maria, que é fêmea.

TIÃO - Que tu quer dizer com isso?

CHICÃO - Que ele vai se servir às custas da tua mulher. Teu chifre vai crescer um pouco mais.

TIÃO - Filho-da-puta!

CHICÃO - Vai. Banco o homem pra cima do Berrão.

TIÃO - Tu me dá nojo.

CHICÃO - E tua mulher? Essa vaca sem-vergonha que te passa tra trás na tua cara?

TIÃO - Ela também me paga.

CHICÃO - Papo furado.

TIÃO - Ninguém vai perder por esperar.

CHICÃO - Tu não é de nada. Quando que fazer o azar faz na hora. Esse negócio de ficar nas encolhas é negócio de...

TIÃO - O bem cabrito não beu...



CHICÃO - Não precisa apelar. Só está querendo dar uma mão.

TIÃO - Que mão! Tu só sabe no azucrinar.

CHICÃO - Quem azucrina sua vida não sou eu, não. É tua mulher mais esse Berrão. Ele que tá desgraça. É dele. E não é só contigo que o merda só invoca. É com todo mundo. Vive sacanando a gente.

TIÃO - Se não é só comigo, tá aí. Por que ninguém estrilha?

(PAUSA. Chicão sente a aproximação de Berrão, disfarça. Quando Berrão se afasta, Chicão volta a falar.)

CHICÃO - Esse cara há de morrer leproso.

TIÃO - Gente ruim não morre.

CHICÃO - Tu podia acabar com ele.

TIÃO - Não viu a razão pendurada na barriga dele?

CHICÃO - É... Ele é a lei. Pau mais forte.

TIÃO - Não adianta a gente apitar. Temos que esperar a volta.

CHICÃO - Nós devíamos armar um chaveco pra ele.

TIÃO - Não dá.

CHICÃO - Podemos forçar a barra.

TIÃO - É bobagem, O Berrão é uma parada federal.

CHICÃO - Como tá, não tá direito.

BERRÃO - E Esses desgraçados não chegam. Quero ser mico de circo se não pegar de pau esse Bichado.

MARIA-VAI - Deixa eles no ora-veja. Vamos nós.

BERRÃO - Se tu mais essa carjo não fossem uns vagabundos, podia ir. Mas, como vou aparecer lá na fábrica com esse pingo de papel? Os caras vão cair no meu pelo. Essa porcaria não paga nem a gasolina. Mas esses dois vão ter um acerto comigo. Pode botar fé.

(Berrão continua a andar nervosamente de um lado para outro).

CHICÃO - Tu escutou?

TIÃO - A Maria tá assanhada, né? Mas, quando ela voltar, tu vai ver. Arreberto essa vaca.

CHICÃO - Psiu! (Pausa) Não falei da Maria, não. Tu não escutou o Berrão se queixar que é pouco papel?

TIÃO - E daí? O miserável sempre quer mais.

CHICÃO - E é aí que ele pode cair no burro.

TIÃO - Não sei porquê.

CHICÃO - Sei eu. É só a gente sacanar o corpo, ele entra em pua. Se ninguém caçar papel pra ele, quem vai o que o sacana vai dizer na fábrica.

TIÃO - Precisava ser todo mundo nessa jogada.

CHICÃO - Claro!

(Pausa. Os dois param.)

TIÃO - Tu já falou com os outros?

CHICÃO - Ainda não. Mas, se eles não vão, eles embarcam na canoa. Pode crer. Todo mundo tem bródo no Berrão.

TIÃO - Isso mesmo. Pala com eles, se eles entram no rio, eu também entro.



TIÃO - É ideia tua.

CHICÃO - Foa, mas tu tem mais papo que eu.

TIÃO - Te manjo. Tu sabe enrolar. Fala com os outros. Daí me avisa.

CHICÃO - Tem que ter a tua força.

TIÃO - Vai ter. Mas, só depois que estiverem todos bem papeados.

CHICÃO - Tu tá com medo.

TIÃO - Claro. Como tu.

CHICÃO - Eu estou firme.

TIÃO - E quer tirar o loló da seringa?

CHICÃO - Eu, não! Eu não falci com tu?

TIÃO - Então fala com os outros.

CHICÃO - Mas, que é isso? Se abre com eles. Tu sempre esteve na boa com esse povo. Já de mim, tem cara que estranha.

TIÃO - O lance é teu. Te vira.

CHICÃO - Meu, não. De todos.

TIÃO - Mas tu é o pai da criança.

CHICÃO - Mas tu tem mais motivo que eu de querer ferrar o Berrão.

TIÃO - Não sei porquê. Ele mete a mão no teu bolso como no meu.

CHICÃO - Mas ele passa a tua mulher nas armas.

TIÃO - Corta esse papo.

CHICÃO - Mas não é?

TIÃO - Isso é comigo. Tu não te mete.

CHICÃO - Então vai lá e dá uma chifrada nele.

TIÃO - Filho-da-puta! Eu te arrebento!

(Tião pula em Chicão)

Noca - Briga!

PELADO - Deixa brigar!

COCO - Dá-lhe! Dá-lhe!

GILÓ - Quem puder mais chora menos.

BERRÃO - É só os dois. Ninguém se mete.

(Entre vaias e risos, os dois homens relam pelo chão.)

MARIA-VAI - Dá-lhe Tião! Dá nele, Tião!

(Chicão leva a melhor e vai estrangular Tião)

TIÃO - (Sufocado) Ai... Ai...

CHICÃO - Geme, corno manso!

TIÃO - Me larga... Me larga... Ele me... mata... Me... Ajuda...

PELADO - Ninguém se mete.

MARIA-VAI - Ele vai matar o Tião. Não deixa, seu Berrão. Não deixa!

CHICÃO - Esse sacana vai se acabar aqui.

BERRÃO - (Dá um pé no peito de Chicão e o joga longe) Mixou!

CHICÃO - Ele quis. Deixa comigo!

BERRÃO - Mixou, já disse! Se quiser encrenca, é pra mim agora. (Puxa o revolver) Vai querer?

TIÃO - (Levantando-se quando) Vai ter forra. Pode contar!

CHICÃO - A hora que tu quiser.

MARIA-VAI - Porque tu não apertou os bagos dele? Ele se entregava.

TIÃO - Deixa ele. É mesmo esse miserável.

CHICÃO - Estou aqui, não.

BERRÃO - Já mandei resolver esse assunto. Já estou de ovo virado porque aqueles dois não aparecem. Se não vierem o saco, acerto um.

(PAUSA)

MARIA-VAI - Por que tu não apertou nele?

TIÃO - Ainda pergunto a vaca?

MARIA-VAI - Eu que pergunto o pato?

TIÃO - Foi por teu pai. Se tu não fosse tão galbana, eu não tinha que escutar desaforo.

MARIA-VAI - Mas que é que tu fez que é que eu fiz?

TIÃO - Não tem nada a ver na fábrica.

MARIA-VAI - Só vem aqui e dá o peso.



TIÃO - Foi

MARIA-VAI - Filho-da-puta! Nojento! Vai provar! (Para Chicão) Que tu tem que se meter na minha vida seu lazarento?

CHICÃO - Me deixa, mulher!

MARIA-VAI - Cavalos! Não sabe arrumar mulher no papo, fica costurando a vida delas.

CHICÃO - Cala a boca!

MARIA-VAI - Tu vai provar o que disse de mim.

CHICÃO - Que foi?

MARIA-VAI - Que o Berrão se trata comigo.

CHICÃO - Vai à merda! Todo mundo sabe disso.

MARIA-VAI - O senhor escutou isso, seu Berrão?

BERRÃO - (Esta um pouco afastado) Mas, bombas, o que é agora?

MARIA-VAI - Esse desgraçado falou que o senhor me leva no caminhão pra dormir comigo.

BERRÃO - Tu disse isso?

CHICÃO - Eu, não!

MARIA-VAI - Disse, sim! Agora não dá pra trás.

CHICÃO - Falei nada, não.

MARIA-VAI - Por que é Tião se pegou com tu?

BERRÃO - Foi por isso, Tião?

TIÃO - Foi.

BERRÃO - (Puxando o revólver) Canalha! Que tu quer me aprontar? O que? Te meto uma bala na testa, seu savana de merda! Que tu quer comigo? Diz! (Pausa) Tu não é bravo? Então, diz! O que quer comigo?

CHICÃO - Nada, não.

MARIA-VAI - Nojento! Na hora de provar, afina.

BERRÃO - Vou te dar um castigo! (Dá varios tapas na cara de Chicão, joga-o no chão e lhe dá pontapés) Quer mais? Diz! Quer mais?

CHICÃO - Não! Por favor, chega!

MARIA-VAI - Eu sei porque ele se mete na minha vida. Quis chamego comigo e eu não me arreglei com ele. É isso. Só pode ser isso.

CHICÃO - Eu, não! Eu nunca te cantei.

BERRÃO - Porco, sem-vergonha! Dando em cima de mulher que já tem homem. (Dá mais uns pontapés em Chicão)

TIÃO - Essa eu não sabia. Mas fica na conta. Vai ter acerto.

BERRÃO - Eu devia te tomar o ponto.

CHICÃO - A rua é livre. Eu cato papel onde quiser.

BERRÃO - E limpa o rabo com ele. Eu não compro de voce. Vai vender pra quem?

NOCA - Dá pra nós o ponto dele, Seu Berrão. Eu cato numa rua, o Pelado, na outra.

MARIA-VAI - Ela mais o pelado não dão conta nem do ponto que tem. Dá pra gente, Seu Berrão.

NOCA - Puta invejosa!

MARIA-VAI - Não se mete comigo!

NOCA - Então não se atravessa no meu caminho.

MARIA-VAI - Quem se meteu foi tu. Ninguem te chamou na conversa.

(ENTRAM BICHADO E FOQUINHA, SEGUIDOS DE FRIDO, GÁ E NHANHA.)

BICHADO - Ei, pessoal! Olha só o que a gente achou!

FOQUINHA - Cara novas!

BICHADO - CATANDO PAPEL, sem ordem do Seu Berrão.

FOQUINHA - Pegaram seis sacos.

(NICAM TODOS AMONTOADOS OLHANDO FRIDO, GÁ E NHANHA. A BIRHINA AGARRA-SE NAS SARTAS DE NHANHA, QUE TAMBEM ESTÁ MEIO ASSUSTADA.)

GILÓ - Foi eles que cataram nos pontos da gente.

PELADO - Por isso é que a gente não catou o de sempre.

NOCA - Ieee, hein que a gente desconfiou.

TIÃO - Os sacos deles é da gente.

CHICÃO - É de quem pagar.

(Todos se precipitam sobre os novos. Estes tentam fugir, são derrubados, Gá grita. Há uma grande situação de confusão. Os catadores pegam os sacos e dispostos a sair correm em direção à saída. Frido e Nhanha tentam pegar os sacos, mas são repulidos.)

NOCA - Larga essa droga!

MARIA-VAI - Esse saco é meu, sua desgraçada!

CHICÃO - Solta daí, seu trouxa!

GILÓ - Agarra outro, paspalho!

COCO - Esse é meu!

TIÃO - Cai fora, miserável!

FRIDO - Por favor, gente, esses sacos são meus.

NHANHA - Larga daí, moça.

NOCA - Te arranca, pantera!

MARIA-VAI - Cai fora, peste! Não gosto de mulher!

CHICÃO - Já disse que esse saco é meu.

FRIDO - Tu catei ele.

CHICÃO - E daí? Vai empombar comigo?

GÁ - (Agarrando-se em Nhanha) Nhanha... Nhanha...

NHANHA - Espera, Gá! Deixa eu solta! Deixa eu! Eles querem roubar o papel da gente!

GÁ - Nhanha... Nhanha...

NHANHA - Me solta, peste (empurra Gá longe)

MARIA-VAI - Aqui ninguém rouba nada, não. Entendeu?

NHANHA - Então larga os sacos da gente, moça. Deixa a gente em paz.

NOCA - Que saco teu? Tu não tem nada aqui.

● - (Chora nervosa) Nhanha! Gá quer Nhanha! Nhanha!

MARIA-VAI - Vai cuidar da tua cria! Vai puta que te pariu, mas te larga daqui.

NOCA - Ou prefere levar umas porradas?

GÁ - Nhanha! Nhanha!

FRIDO - Cuida da Gá, Nhanha! Cuida dela!

Nhanha - Essa gente tá roubando nós.

FRIDO - Deixa comigo. A Gá vai ter um ataque.

(Nhanha não sabe o que fazre, Gá começa a ter um ataque histerico)

BERRÃO - Êta gente enganada. (Ri)

FRIDO - Por favor, me ajuda!

BERRÃO - Aqui é cada um por si.

FRIDO - Larga daí, seu peste!

GILÓ - Que é, vai roncar grosso?

FRIDO - Larga esse saco?

GILÓ - E se não largar?

FRIDO - Esse saco é meu!

● - Era. Agora é mau.

CHICÃO - Tu aqui não tem vez.

TIÃO - Pega a reta, otário. É o unico jeito de livrar a tua cara.

(Gá está no auge do ataque)

Nhanha - (Atendendo Gá) Por favor, me ajuda, gente. Minha Gá vai morrer. Vai morrer!

FRIDO - Precisa de água. Ajuda, gente! Ficam com os sacos, mas ajuda!

BERRÃO - Só faltava essa.

(Todos rodeiam Gá. Coco traz uma vasilha com água)

NHANHA - Gá! Minha Gá! Ela morreu! Minha filha morreu!

FRIDO - Não morreu, não. Ela não morreu, Nhanha. É sempre assim.

NHANHA - Dessa vez morreu! Ai, meu Deus! Minha Gá! Minha Gá morreu!

(Todos ajoelham-se e começam a chorar. O unico que fica de pé é Berrão e Coco, que segura a vasilha com água. Nhanha chora debruçada em cima de Gá)

Todos - Ave Maria...

(No meio da prece, Berrão e Coco olham para Gá.)

BERRÃO - (Cantando) Parem com essa prece!

(Todos param de estalo. Berrão e Coco olham para o geral)

NHANHA - É minha filha. Ela está morrendo!

BERRÃO - Arroda daí, mulher!

FRIDO - O que vai fazer?

BERRÃO - Olha pra ver. Chega aqui,

(Arreia a vasilha das mãos de Coco e joga a água na cara de Gá, que se mexe no b...
Toda. Todos murmuram)

BERRÃO - Deixa pra lá.

BICHADO - Boa, Seu Berrão!

BERRÃO - Eu sei das coisas.

TIÃO - Viva o Seu Berrão!

Todos - Viva!

GILÓ - Esse negócio merece uma cachaça!

COCC - Boa! Boa!

TIÃO - Estamos aí!

GILÓ - Quem vai entrar na vaquinha?

TODOS - (GRITANDO, VÃO DANDO DINHEIRO) Tou aí! Vou nessa! Olha eu! E...! Boa! Vamos molhar a guela!

MARIA-VAI - E eu que ainda tenho que ir na fábrica!

TIÃO - Vai a lugar nenhum!

BERRÃO - Te levo amanhã. Hoje já estou atrasado.

NOCA - Fica com nós, Seu Berrão. Vai ser farra grossa.

BERRÃO - Outra vez.

POQUINHA - Fica hoje, Seu Berrão. O senhor salvou a menina.

BERRÃO - Coisa à-toa.

TODOS - Fica Seu Berrão! Fica!

BERRÃO - Não dá. Se desse, ficava de gosto. Mas não dá.

NHANHA - Então, obrigada.

BERRÃO - (Olha Nhanha de cima a baixo) Tu fica me devendo favor, mulher.

NHANHA - (encabulada) Não sei como pagar.

BERRÃO - Sei eu. Pode deixar que chega a hora.

FRIDO - Que Deus lhe pague, meu senhor.

BERRÃO - Nada de botar na conta de Deus. Se tem que pagar, paga aqui mesmo.

FRIDO - Se a gente puder lher fazer alguma coisa, a gente faz.

BERRÃO - Vamos ver. Agora, vamos fazer os acertos dos sacos. (Para Bichado) Quantos tem aí?

BICHADO - Eu mais Poquinha apanhamos três. Essa gente, seis.

BERRÃO - Os deles ficam meus. E os teus, não vou pesar hoje, não. Assim tu aprende a chegar nahora,-

BICHADO - Mas a gente está a nenhum vintém.

POQUINHA - O que vamos comer?

BERRÃO - Tem cinco quilos aí nos três sacos. Não vou pesar. Se tiver menos, azar meu. Se tiver mais azar do teu lado. (Dá dinheiro pra Poquinha) E estou dando essa colher de chá porque tu e teu homem trouxeram esses caras pra cá.

BICHADO - E o caso deles, Seu Berrão? O homem me viu catando papel e veio a mim, pra saber onde eu vendia. Ele chegou hoje e já foi pondo a cara. Fazia isso na terra dele.

BERRÃO - Que tu acha?

BICHADO - Sei lá!

BERRÃO - Ô, tu aí!

FRIDO - Eu, senhor?

BERRÃO - Tu quer ser catador de Papel?

FRIDO - É só o que sei fazer.

BERRÃO - Tá danado. Que tu fazia antes?

FRIDO - A gente era de tratar a terra.

BERRÃO - Trabalhava na roça?

FRIDO - Capinava. Limpava as terras.

BERRÃO - Saiu de lá porque?

FRIDO - Ganhava pouco. Não dava pra nada. E a gente queria vir para cá pra grande cuidar de arranjar um doutor pra menina. Nós foi sair do rio. Lá a gente catou papel.

NHANHA - A gente escutou o povo dizer que aqui dá mais.

NHANHA - Nós viemos. Chegamos hoje.

BERRÃO - (IRÔNICO) Aqui é só trabalhar que fica rico.

FRIDO - Basta poder ajuntar algum pra levar a cá no doutor e a gente volta pra terra da gente.

BERRÃO - Tu é de trabalhar?

FRIDO - Trabalho não me mete medo, não, senhor. Nem em Nhanha. Ela lá trabalha como homem. Pode levar só na gente.



BERRÃO - Depá gente vai catar no teu ponto. Junto com tu. Vai achar ruim?

COCO - Eu, não. Pode catar. Eles precisam.

BERRÃO - Tu não gosta de trabalhar mesmo. Bem, o pessoal te põem dentro do macete. Pega es de dinheiro. Depois a gente desconta;

FRIDO - Obrigado.

BERRÃO - Agora ajuda a botar os sacos no caminhão.

(Todos pegam os sacos e saem acompanhados de Berrão, que não leva sacos nenhum. Só ficam em cena Gá e Coco. Coco espia pra ver se o pessoal se afastou mesmo, depois aproxima-se de Gá. Coco tira a boneca do bolso e a mostra pra menina)

COCO - Olha!

GÁ - Dá pra Gá.

COCO - Tu quer a bonequinha?

GÁ - Quer. Gá quer.

COCO - Mas é de Coco. (Ri)

GÁ - Dá pra Gá! Gá quer!

COCO - Se tu quer, eu te dou.

GÁ - (Alegre) Dá! Dá! (Tenta pegar)

COCO - (TIRA A BONECA) Não hoje. Outro dia. O Coco te dá, mas tu tem que agradecer o Coco.

GÁ - Dá!

COCO - Vou dar! Vou dar! Mas não vai ser hoje. O povo só foi até o caminhão. (Olha pra ver se não vem ninguém) Outro dia que tu e Coco ficarem sozinhos, tu ajuda o Coco e ele te dá.

GÁ - Dá pra Gá! Gá quer! Dá!

COCO - Agora não! Agora não!

GÁ - Dá! Dá!

Coco - Hoje não! Hoje não dá. Eles vem aí! (Coco afasta-se rapidamente. Entram todos os que saíram, menos Berrão e Giló)

CHICÃO - Tomara que esse desgraçado encontre um poste no caminho.

MARIA-VAI - Vai ser bem feito.

NOCA - O diabo que o carregue.

BICHADO - Unha de fome!

POQUINHA - Morfético! Nojento!

TIÃO - Cara ruim de doer. E a bruxa não esbarra nele.

CHICÃO - Nasceu de bunda pra lua.

ELIÃO - Onde será que esse desgraçado arranhou esse caminhão?

BICHADO - Entre as pernas da mulher dele. Aquela galinha é que arranja as molezas pra ele. Se passa com o dono da fábrica.

TIÃO - Tem cara de corcô manso.

NOCA - Fedorento! (para Nhanha) Não te fia na bondade dele, não. Ele é a peste.

NHANHA - Ele foi bom pra gente.

MARIA-VAI - Não fez mais do que jogar água na cara da menina.

POQUINHA - Nossa reza é que valeu pra ela.

NHANHA - Estou agradecida a todos.

POQUINHA - Não foi nada não.

MARIA-VAI - E a menina está melhor?

NHANHA - Agora está.

POQUINHA - Ela sempre tem isso?

NHANHA - Só quando se assustia.

NOCA - A gente não sabia.

NHANHA - Já passou. Agora temos que juntar dinheiro pra levar ela no doutor.

POQUINHA - Doutor é atrazo de vida. Só serve pra coar dinheiro.

NOCA - São todos uns enganadores.

NHANHA - Mas a máquina precisa. Que se há de fazer?

MARIA-VAI - podia levar no hospital do Governo. Lá tem doutor. É pros pobres.

NOCA - Lá é que matam a menina de uma vez. Tu não lembra quando o Berrão atirou no Zé Catinga? Levaram ele no hospital do Governo. Só pra tanto pra tratar do bruto, que ele se apagou deitar. Só queriam saber que aconteceu nele. Botar remédio que é



...teu dizer que é bom.

NOCA - A gente conhece Dona Chica Macumbona. Ela faz trabalho forte. A gente pode mandar ela vir rezar na menina.

NHANHA - Ela cobra caro?

MARIA-VAI - Coisa pouca. Só as velas, a enchaga e a comida do Santo. Mas tira qualquer en , custo.

NHANHA - Então, deixa a gente poder. A gente manda ela aí.

NOCA - Isso é encosto. Só pode ser.

CHICÃO - E esse Giló que não vem com a pinga?

TIÃO - Vai ver que se chapou sozinho.

PELADO - Ele não é besta de fazer uma dessa.

BICHADO - A gente foi trouxa em largar a grana na mão dele.

FRÍDO - Se o moço falou que vem, é que vem. Às vezes demora.

CHICÃO - Foi bom tu abrir o bico. Vou te dar o serviço certinho desse Berrão.

FRÍDO - Parece bom homem.

CHICÃO - Não vale a comida que come, É um filho-da-puta. Tu vai ver. Agora, abre o teu olho.

Não deixa ele se chegar muito pra junto da tua mulher, se não ele te desgraça.

FRÍDO - Nhanha é mulher direita.

CHICÃO - E ele quer saber lá disso?

FRÍDO - Ela é mulher de homem.

CHICÃO - Quem avisa amigo é. Te cuida.

FRÍDO - Se alguem faltar com o respeito com Nhanha, eu mato.

CHICÃO - Todo mundo diz isso quando chega. Depois, o Berrão caga e pisa em cima.

FRÍDO - Falei tá falado, moço.

CHICÃO - Só te avisei.

(Entra Giló)

GILÓ - Olha a pinga, gente!

CHICÃO - Demorou, peste.

GILÓ - Fui buscar longe.

TIÃO - Abre logo essa malvada.

NOCA - Ói nós aqui.

MARIA-VAI - Mulher também é filha de Deus.

POQUINHA - Vamos encher o caco.

PELADO - Eta pinga boa.

BICHADO - Faz roda, povo.

(Todos juntam-se. As garrafas não passando de mão em mão. Todos bebem em silêncio, menos Nhanha, que fica com Gá. Estão todos tristes e pensativos. Fioam muito tempo em silêncio, bebendo. Coco sai da roda e fica olhando Gá, que dorme. Tira a boneca do bolso e começa a acariciá-la)

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO.

(Ao abrir o pano, todos estão jogados pelos cantos, dormindo. As garrafas vazias estão empalhadas pelo palco. Nhanha acorda, olha o céu, o Sol lhe fere as vistas. Nhanha sacode Frído).

NHANHA - Acorda, Frído.

FRÍDO - Que é?

NHANHA - O sol já está alto. Levanta, homem.

FRÍDO - Deixa eu dormir.

NHANHA - Acorda, Frído. (Sacode Frído) Levanta, homem de Deus! Levanta!

FRÍDO - (sentendo-se) Hein?... Que é?

NHANHA - Se mexe homem. O dia já vai longe.

FRÍDO - Minha cabeça... como dói!

FRÍDO - NHANHA - Quem mandou beber?

FRÍDO - Não ia fazer desfeita pro pessoal logo no primeiro dia aqui. Não conheço ning



FRIDO - SEI lá. (Passa a mão na cabeça) Sei que não estou bem.

NHANHA - Molha a cara que malhora.

FRIDO - E? Mas, onde?

NHANHA - Não sei.

FRIDO - Essa cabeça está uma lasqueira. Parece que vai arrebentar. Vou descansar mais um pouco. (Deita-se).

NHANHA - Levanta, Frido. A gente tem que saber da vida. Precisamos arrumar dinheiro. Nós tem que cuidar de Gá. A pobrezinha tem cada vez mais esse negócio ruim. Levanta, homem! Levanta! É preciso sacudir o corpo!

FRIDO - Eu sei! (Senta-se) Eu sei! Oh, vida!

NHANHA - A gente não pode reclamar. Tu bebeu, não tem costume, paciência. Mas tem que dar duro. A Gá precisa de doutor. E com ela sarada, a gente volta pra nossa terra. Isso aqui é muito bom, mas não presta pra nós.

FRIDO - Todo lugar é igual. Ai, minha cabeça, como dói. Me dói tudo. Parece que apanhei de rabo de tatu.

MARIA-VAI - (que há algum tempo estava acordada assistindo à oena) Está de ressaca, parceiro? (Ri)

FRIDO - Eu estou bem ruim.

MARIA-VAI - Com o tempo acostuma.

NHANHA - Deus queira que não. Frido nunca foi de beber. Só bebeu ontem pra não desfeitear ninguém. A gente é nova aqui. Alguém podia arrearar.

MARIA-VAI - Um fogo nunca matou ninguém. Nós, todas as noites, enchemos a cara de cachaça. É o jeito. A vida é uma merda mesmo. Só com cachaça a gente ascora.

NHANHA - A senhora é só com Seu Tião. Mas nós tem que pensar na Gá. Ela precisa de doutor. Deus me livre que Frido mais eu falte. Que vai ser dela largada nesse mundão?

MARIA-VAI - Se sossega. Quem morre na véspera é peru. Nós dá jeito nela. A gente chama Dona Chica. Ela, com reza, bota essa menina boa.

NHANHA - A gente agradece. Mas também quer saber de doutor.

FRIDO - (tenta ficar de pé) Ai, está tudo rodando!

MARIA-VAI - (rindo) Amarrou um fogo de gente, heim? Tá que não pode com o cadáver!

FRIDO - (envergonhado) Falta de costume. (Senta-se)

NHANHA - Tem jeito, Frido. Temos que ir.

MARIA-VAI - Onde quer ir a essa hora?

NHANHA - Catar papel.

MARIA-VAI - (rindo) Gente fominha! Isso lá é hora de se virar? Nós aqui só sai tardinha. Antes é besteira. Não tá vendo o povo dormindo? Só vão acordar na hora de ir. K

FRIDO - É assim?

NHANHA - Gente mole.

MARIA-VAI - Ninguém está com a ganância pega. Nós sabe das coisas. Com trabalho ninguém se ajeita nessa merda de vida. Pra que dar duro? Pro Berrão ficar mais rico? Aqui ó! (faz gesto)

NHANHA - Mas nós não vai esperar deitado a noite chegar. Não estamos acostumados. KKK

MARIA-VAI - Que mulher mendiguenta. Descansa e deixa o teu homem descansar. Não se aguenta nas pernas. Fica aí.

FRIDO - Acho que a dona tem razão.

NHANHA - Tu quer passar o dia inteiro como um bicho-preguiça?

FRIDO - Só hoje.

NHANHA - Não me dá gosto.

CHICÃO - (acordando) Que puta falação é essa aí?

MARIA-VAI - Esse povo queria catar papel desde já.

CHICÃO - Estão loucos gente?

NHANHA - Nós precisamos.

CHICÃO - Todo mundo precisa.

FRIDO - Nós tem a menina.

CHICÃO - E daí? Vai dar jeito, um quilo a mais, um quilo a menos?

NHANHA - Um quilo hoje, outro amanhã...

FRIDO - De manhã não dá?

CHICÃO - Sempre dá.

que o senhor quis dizer?

CHICÃO - Que de manhã ninguém sai catando porra nenhuma!

FRIDO - E porque não?

CHICÃO - Porque eu não vou deixar. E pra seu governo, é bom não se escamar comigo. Sei o que faço. Se tu sai cedo, vai pegar uns dez savos. Aí, o Berrão vai querer que a gente pegue igual a tu.

NHANHA - Mas nós precisamos. Nós tem a menina.

CHICÃO - Tu cala a boca. A conversa é de homem.

FRIDO - Escute aqui, seu moço. Nhanha é minha mulher, tem que ser respeitada.

CHICÃO - Vai à merda! Tu e ela. Quem chega por último, tem que respeitar o que os outros fizeram.

FRIDO - Acho que já falou demais.

CHICÃO - E daí?

FRIDO - Não gostei.

CHICÃO - Coma menos.

(Frido tenta se levantar, sente-se tonto, senta-se outra vez)

FRIDO - Ai, minha cabeça!

CHICÃO - Tá podre e ainda quer bancar o valente! Logo comigo, raça de peste? É tudo sabujo do manda-chuva.

NHANHA - Se o Frido estivesse bom, tu ia ver. Ele não é homem de aturar desaforo.

CHICÃO - Papo furado. Não boto fé em cara que não sabe beber. Por isso é que teve essa filha endoidade da moléstia.

NHANHA - A coitadinha não tem culpa de ser assim.

CHICÃO - Disso sei eu. A culpa é desse frouxo.

FRIDO - Me respeita, homem!

CHICÃO - Vai querer?

FRIDO - Espera eu melhorar.

CHICÃO - Otário! Devia te arrebentar.

MARIA-VAI - Deixa pra lá, Chicão.

NHANHA - O Frido não está bom. Quando ele sarar, o senhor fala com ele. Aí quero ver.

CHICÃO - Vai ver! É só avisar que está no jeito. Boto ele outra vez de molho.

MARIA-VAI - Esquece essa onda, Chico.

CHICÃO - Tu abre o olho. Se sair catando papel antes de nós, te estrepo.

MARIA-VAI - Vai, vai puxar tua palha.

CHICÃO - Logo agora que a gente estava querendo dar um gelo no desgraçado do Berrão, esse aí vai querer furar a chapa catando mais?

MARIA-VAI - Que gelo é esse que eu não sei?

CHICÃO - A gente está combinando de não catar nada uns dias. Só pra ver a cara do Berrão.

MARIA-VAI - Se o Berrão sabe, come a alma de um.

CHICÃO - Cagueta pra ele. Foi jogada do Tião.

MARIA-VAI - Como ele não me disse nada?

CHICÃO - Não se fia em ti.

MARIA-VAI - Miserável! Ele me paga.

CHICÃO - Não vai dizer que eu falei.

MARIA-VAI - Não sou de entregar ninguém.

CHICÃO - Melhor pra ti. Agora, segura esses dois, pra eles não se assanharem. Se o Berrão se congraçar com eles, tira o ponto de um de nós e dá pra eles. Nosso trunfo é todos juntos (Deita-se).

NHANHA - Que pouca vergonha! Teve medo do homem?

MARIA-VAI - Não liga, não. Um dia é da caça, outro é do caçador.

NHANHA - Melhor do homem nunca é desfeitada.

FRIDO - Não estou bom, mulher!

NHANHA - Que vontade de beber? Tá aí. Vexaram a gente.

FRIDO - Vou dar um troco.

NHANHA - A mulher desculpa a gente. Não estamos acostumados a comer enrolado, não. Nunca ninguém falou grosso assim com nós. Nem o capitão gritava com Frido. Ele sempre foi homem de se respeitar. Só aqui foi acontecer isso. Porque ele bebeu e não está acostu-



...tão fica calada! Tu achas que eu vou engolir tudo sem tugar nem mugir? Espera eu sarar. Ele engolê cada um dos desaforos que me fez.

MARIA-VAI - Não fica queimando a mufa à-toa. Também não foi o fim do mundo. Pior foi comigo que o cachorro do Tião não me botou dentro da presepada que vão armer pro Berrão. Ele, sim, que vai me pagar. Vem melhor molhar a cara, homem. Só assim tu fica bom. Vem, vou te levar na bica. (Maria pega Frido pela mão e sai. Nhanha fica meio aflita, faz menção de sair. Gá acorda, chorando.)



GÁ - Nhanha... Nhanha...

NHANHA - Estou aqui, Gá.

GÁ - Gá tá com fome, Nhanha.

NHANHA - Sei. (Apanha uma troxa de roupa)

GÁ - Gá tem fome, Nhanha.

NHANHA - Já vai, Gá! Já vai! (Tira da trouxa um pedaço de pão velho e dá pra Gá).

GÁ - Pão bom, Nhanha! (Come com gula)

NHANHA - Come, Gá! Come! (Levanta-se e olha apreensiva para o lado em q. Frido saiu.)

GÁ - Nhanha! Nhanha!

NHANHA - Estou aqui, Gá. Não vou longe.

(Tião acorda)

TIÃO - (Olha em volta) Poxa, essa Maria já se mandou? (GRITA) Maria! Maria! Onde tu se meteu?

NHANHA - Ela saiu, moço.

TIÃO - Onde ela foi? Não disse?

NHANHA - Foi mostrar a bica pro meu Frido, que não está bom.

TIÃO - Galinha desgraçada! Não pode ver macho, que já quer sair pra roçar com ele. Vadia sem-vergónha! Hoje ela me paga.

NHANHA - Mas ela foi só levar o Frido na bica.

TIÃO - Eu manjo essa história da bica! Mas hoje pago essa puta na porrada. Frito ela.

NHANHA - Frido é um homem direito!

TIÃO - Não duvido. Mas a Maria é uma vaca descarada. Me larga dormindo pra andar com outro homem. Vagabunda! (GRITA) Maria! Maria!

MARIA - (Fora de cena) Já vou, coisa ruim!

TIÃO - Tá pondo as calças? Vem, desgraçada de uma figa!

MARIA-VAI - (fora de cena) Espera! Não vou fugir! (Tião procura um pedaço de pau. Acha um que serve).

TIÃO - Hoje ela vai se rebolar!

NHANHA - O que o senhor vai fazer?

TIÃO - Vou fazer o cacete cantar.

NHANHA - Dona Maria não fez nada de mais.

TIÃO - Deixa essa cadela pra mim.

(ENTRAM MARIA E FRIDO COM O ROSTO MOLHADO)

MARIA-VAI - Ainda está molhado (Levanta a saia e enxuga o rosto de Frido). Pronto, está aí teu homem. Tá novinho outra vez.

TIÃO - Se apronta, sua vaca. Vai ganhar o teu!

MARIA-VAI - Que é que eu fiz?

TIÃO - Muito engraçada! Sai com o cara e ainda pergunta?

MARIA-VAI - Só fui mostrar a bica pra ele.

TIÃO - Nojenta!

FRIDO - E verdade!

TIÃO - Tu não se meto. É melhor pra ti. Tu fez teu trabalho de homem. Mulher deu sopa, pegou e pronto. Tá certo assim. Agora, não põe o teu nariz em briga de casal, se não engrossa pro teu lado.

FRIDO - Mas não aconteceu nada.

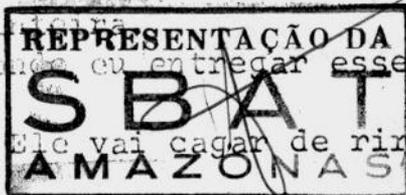
TIÃO - Vai acontecer agora. Há muito que estou pra dar uma entortada nela se galinha. (TIÃO AGARRA MARIA PELO BRAÇO E BATE NELA COM O PAU). Toma, cadela! Toma!

MARIA-VAI - Porco! Nojento! Só faz valentia com mulher! Ai, ai, corno só! Ai, ai!

(TODOS ACORDAM E FICAM ASSISTINDO A BRIGA)



- TIÃO -- Vagabunda! (Bate mais. Derruba Maria no chão)
- MARIA-VAI - Socorro! Socorro! Ai, ai, ele me mata.
Socorro, gente. Ele me mata.
- FRIDO - Isso não está direito! (Faz menção de entrar na briga)
- BICHADO - Não se mete! Isso é coisa deles. Vivem juntos porque querem.
- POQUINHA - São brancos, que se entendam!
- MARIA-VAI - Ai, ai! (Levanta-se e sai correndo para o lado em que está Gá.) Socorro! Socorro! (Gá, que já está assustada, começa a chorar e a gritar por Nhanha. Tenta levantar-se, mas Maria-Vai tropeça nela e as duas caem.)
- NHANHA - Olha a menina aí!
- GÁ - Nhanha! Nhanha!
- MARIA-VAI - Me larga! Me larga!
(Tião continua a bater em Maria-Vai. Nhanha tenta tirar Gá da confusão. Consegue. Gá tenta se afastar e cai em cima de Chicão.)
- CHICÃO - Poxa, que zorra! (Levanta-se e empurra Gá com brutalidade.)
- GÁ -- - Não, não! Nhanha!
(Antes que Nhanha e Frido possam fazer alguma coisa, Coco agarra Chicão e o atira longe.)
- COCO - Não toca na menina! Não toca! (Gá corre para junto de Nhanha e se abraça com ela. Todos estão olhando Coco, surpresos. Até Tião para de bater em Maria e espia.)
- CHICÃO - Que é, Coco? Tu acha que eu ia fazer maldade com a menina?
- COCO - Se tu tocar nela, eu te mato!
- CHICÃO - Sou teu chapa. Não faço mal pra menina, não. Logo eu?
(Coco afasta-se. Chicão fica em pé. Frido olha tudo pateticamente. Maria-Vai está jogada no chão gemendo.)
- CHICÃO - (para Frido) Abre o olho com esse cara.
Cuida da tua menina. Ele não é certo da cachola.
- COCO - (aproxima-se de Gá, que está chorando) Não chora, menina.
Coco não deixa ninguém te bater. Coco não deixa. Quem quiser te maltratar, Coco mata!
- NHANHA - Viu, Gá? O homem não quer que tu chore.
- COCO - Quer a bonequinha? (Ri) Coco te dá. Depois tu dá de novo pro Coco. (Tira a boneca do bolso e dá prá Gá)
- GÁ - Gá quer. Gá quer.
- COCO - É do Coco.
- FRIDO - Devolve essa droga pra ele, Nhanha.
- NHANHA - Deixa ela brincar.
- FRIDO - Mandei devolver.
- COCO - Deixa com ela.
- FRIDO - Entregue essa merda pra ele, anda!
- NHANHA - Cuida daquela boneca ali. Está machucada por tua culpa.
- FRIDO - Tu quem sabe. (Afasta-se, irritado.)
- GÁ - (ninando a boneca) Nana! Nana! Nana!
(Coco ri, feliz, mas vidrado na menina.)
- MARIA-VAI - Ai, ai, meu Deus! Ai!
(Poquinha e Noca aproximam-se dela)
- POQUINHA - Levanta, Maria!
- NOCA - Vai ficar aí jogada fora?
- MARIA-VAI - Ai...Ai...
(Poquinha e Noca ajudam Maria-Vai a ficar em pé.)
- MARIA-VAI - Ele me quebrou toda.
- NOCA - Isso passou.
- POQUINHA - Não é nada.



- NOCA - Deixa de onda, Maria. Logo tu tá i...
- MARIA-VAI - Onda? Tu vai ver o que é onda quando eu entregar esse porco nojento pro Berrão.
- TIÃO - Vai querer dizer que eu te bati? Ele vai cagar de rir. Vai achar que foi bem feito.
- MARIA-VAI - Vou caguetar pro Berrão que tu anda enchendo a cabeça do pessoal contra ele.
- TIÃO - Eu? Tu ficou louca? Acho que te deixei de moleira mole!
- MARIA-VAI - Pensa que eu não sei?
- TIÃO - Tu sabe o quê?
- MARIA-VAI - Que tu arrumou pra ninguém catar papel só pra encher a bucha do Berrão.
- TIÃO - Eu? Eu, não!
(Todos murmuram.)
- MARIA-VAI - Tu mesmo. E tá todo mundo nessa jogada. E tu é o cabeça.
- BICHADO - Não mete eu nisso.
- POQUINHA - Nem eu.
- PELADO - Livra minha cara.
- GILÓ - Vai botar a gente no fogo?
- NOCA - Vê lá.
- TIÃO - Essa cadela está batusquela.
- MARIA-VAI - O Chicão me pôs por dentro. Tu tinha medo que eu dedasse? Agora é que dedo mesmo.
- TIÃO - Que palhaçada é essa, Chicão? Tu que apareceu aqui com esse papo. Eu caí fora.
- CHICÃO - Escuta, gente. Ninguém está por dentro. Só que joguei verde. Agora o jogo está aberto. Que tu diz, Pelado?
- PELADO - Sei, não.
- CHICÃO - O Tião acha que a gente tem que dar um arrocho no Berrão.
- TIÃO - Eu, não! Tu que acha.
- CHICÃO - O filho-da-puta anda metendo a mão na gente, sem dó. Rouba pra valer.
(Pausa)
- BICHADO - Continua.
- CHICÃO - O Tião acha que se a gente não catar nada por uns dias, ele sente o aroma da perpétua e daí maneira.
- TIÃO - Eu não acho porra nenhuma. Isso é idéia tua!
- GILÓ - Se todos toparem, eu pago pra ver.
- CHICÃO - Só dá certo se ninguém mijar fora do penicó.
- POQUINHA - Quem furar a chapa ganha divisa.
- CHICÃO - Mas aí a gente apaga o miserável.
- BICHADO - Sei, não.
- CHICÃO - Tem que saber.
- GILÓ - Eu já disse. Se todos toparem, estou aí.
- PELADO - Também eu.
- NOCA - Vamos lá.
- BICHADO - Há muito que esse Berrão precisava de uma entortada.
- TIÃO - Por isso que eu bolei o azar.
- CHICÃO - Com o Coco não tem mosquito. Nunca cata nada mesmo.
- POQUINHA - Eu vou firme.
- MARIA-VAI - Tu me fez de palhaça, mas eu vou firme.
- TODOS - Viva a Maria! Viva a Maria!
- TIÃO - (abraçando a Maria-Vai) Mulher legal!
(Todos empurram o casal e dão vivas.)
- POQUINHA - O Berrão vai se estrepar!
- NOCA - Vai entrar bem!
- BICHADO - Vai gastar das liga à-toa!

- GILÓ - (Todos murmuram.)
- NOCA - Tenho algum. Dá pra cachaça
- TODOS - Boa! Boa!
- CHICÃO - O Berrão caiu do burro!
(Todos os catadores cantam e dançam)
- TODOS - O Berrão não é mais aquele/Pau na bunda dele
- CHICÃO - Espera, gente!
(Todos murmuram)
- GILÓ - Que foi?
- CHICÃO - (Aponta Frido.) E esse aí?
- TIÃO - Como é? Tá com a gente?
(Pausa. Frido olha Nhanha e abaixa a cabeça.)
- MARIA-VAI - Como é que é? Tá com a gente?
- FRIDO - Estou.
- TODOS - Boa! Legal! Viva nós! Cacete no Berrão.
- CHICÃO - E tua mulher?
- FRIDO - Tá comigo.
- TODOS - Legal! Berrão se danou! Boa!
- NHANHA - Espera! (Pausa) Eu estou com minha filha. Com ela que estou. Vim aqui pra ganhar dinheiro pra levar ela no doutor. E vou ganhar. Quer queiram, quer não. Foi só pra isso que vim aqui pra essa lasqueira dessa terra. Não tenho nada com a vida dos outros. Quero que cada um amargue seu giló. Mas, de mim e da Gá sei eu. Se todos aqui são uns vagabundos, eu não sou. Já perdi o dia, não vou perder a noite. Vou catar papel. Pela minha menina. Ela precisa.

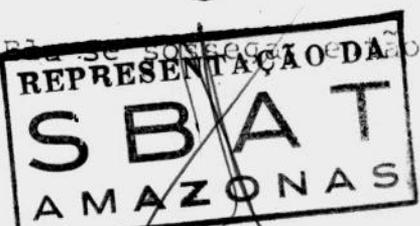
(PAUSA)

- NOCA - Fominha.
- POQUINHA - Morta de fome.
- MARIA-VAI - Unha de miséria.
- GILÓ - Mulher machuda.
- PELADO - O homem dela não manda?
- CHICÃO - É. Não é tu o galo dessa galinha?
- TIÃO - Se ela engrossar, faz que nem eu fiz com a Maria.
- FRIDO - Eu cuido dela.
- CHICÃO - A gente quer ver.
- FRIDO - Nhanha, eu sei que a Gá precisa do doutor. Mas, se tá todo mundo querendo se juntar contra um cara que é ruim, nós está com essa gente.
- NHANHA - Essa gente não presta.
(TODOS VAIAM)
- FRIDO - Tu faz o que eu mandar.
- NHANHA - Eu vou catar papel. A Gá precisa de doutor.
- MARIA-VAI - A gente traz a Dona Chica Macumbeira.
- FRIDO - Tá pronto.
- NHANHA - Tu tá brincando, Frido. Homem à-toa!
Nós vim aqui pra ganhar dinheiro. Só pra isso. Tu se meteu com essa mulher e com a bebida, que é igual à peste. Te desconheço. Mas ainda assim mais eu. Pari essa criança e sei que não vou soltar ela no mundo. Precisa de doutor. Vou dar!
E essa gente pode ir à merda!

(PAUSA)



- NÓCA - Até de noite ela se enche.
 NÓCA - Deixa ela esfriar a boca.
 MARIA-VAI - A gente traz Dona Chica rezadeira. Ela se sossega o dia.
 FRIDO - Faz o que tu quiser. (Sai)
 PELADO - Vamos procurar comida.
 POQUINHA - A hora é essa.



(Saem Pelado, Poquinha, Noca, Bichado e Gilb)

- CHICÃO - Vê lá, mulher. É melhor não se botar contra a gente.

(Chicão e Nhanha encaram-se. Depois Chicão sai.)

- CHICÃO - Vamos nós.

- MARIA-VAI - Vamos.

(Saem Chicão, Maria-Vai e Tião. Nhanha está triste. Coco olha a menina brincar. Depois de algum tempo, Nhanha repara em Coco)

- NHANHA - Tu não vai comer?

- COCO - Não estou com fome. (Pausa) A menina não tem fome?

- NHANHA - Ela já comeu pão. Dá pra se aguentar. Já passou pior, tá acostumada.

- COCO - Tu não tem fome?

- NHANHA - Não. (Pausa) Frido deve trazer comida pra gente. Ele nunca esquece de nós. Ele é um bom homem. Hoje ele está ruim. Foi beber ontem à noite, não tem costume, deu o que deu. (Pausa) Mas, o Frido é um homem de trabalho. Sempre deu duro. É que a sorte não caiu pra gente. Tivemos a menina assim. Não tem culpa, coitadinha. Mas, atrapalha. A gente já podia ter se ajeitado na vida.

- GÁ - Nana, nana, nana...
(COCO RI.)

- NHANHA - Pobre Gá. Nós tem que juntar dinheiro logo pra te levar no doutor. Assim que tu sarar, nós volta pra nossa terra. Lá é que é nosso lugar. Bem que o povo fala: Cada macaco no seu galho. Lá que a gente estava bem. Mas lá não tem doutor. A gente teve que vir. (Coco, sem ligar para o que Nhanha fala, contempla, com desejo estampado no rosto, a menina ninar a boneca.)

- NHANHA - Eu só tenho medo que o Frido fique igual aos homens daqui. Que ele fique homem à-toa. A gente tem que cuidar da Gá. Se a gente faltar, que há de ser dela? Nem é bom pensar em desgraça. Valha-me Deus, nosso Senhor! (Benze-se.)

(Nhanha para de falar, cai em si. Olha pra Coco, que está fixo em Gá. Nhanha fica apreensiva.)

- NHANHA - Agora chega, Gá. Já brincou. Dá a boneca pro homem.

- GÁ - Não! É da Gá!

- NHANHA - Dá a boneca!

- COCO - (rindo) É do Coco.

(Nhanha tira a boneca de Gá e dá pra Coco, que se afasta.)

- QUER! Gá quer!

- Depois tomou... (Afasta-se)

- Quer! Gá quer! (Chora) Gá quer!

(Nhanha para de falar, cai em si. Olha pra Coco, que está fixo em Gá. Nhanha fica apreensiva.)

GÁ - Gá quer!

NHANHA - Não resmungá!

(Gá fica emburrada e Nhanha pensativa. Entram Chicão, Noca, Poquinha, Giló e Bichado.)



CHICÃO - Já se decidiu a topar a parada com a gente?

NHANHA - Sei de mim. Alguém viu o Frido por aí?

GILÓ - Tá num pau só, lá no botequim. Ele não tá com o Tião e a Maria. Estão enchendo o caco.

NHANHA - O Frido também?

GILÓ - Todos os três.

NHANHA - Valha-me Deus! O que será que deu no meu Frido pra se desgarrar a beber?

NOCA - Nada. Só que hoje não vai sair ninguém catando papel. Então, bota pra beber.

NHANHA - Nós vamos. O Frido sabe que nós temos precisão de dinheiro.

PELADO - Mas sabe também que com a gente não vale a pena bancar o marrudo.

BICHADO - Com a gente é nessa toada. Quem quiser sair catando papel, sai. Ninguém vai atrapalhar. Só que tem um porém... Quando voltar, a gente toca fogo nos sacos.

(TODOS RIEM)

POQUINHA - E se duvidar, a gente toca fogo na roupa da trouxa também. É só ela bancar a boca-dura.

PELADO - Quando a gente cisma, é dureza. Nós derruba qualquer um. Tu vai ver o Berrão. Vive aprontando as dele. Todo mundo deixou andar. Um dia a gente se invocou. Esse dia foi hoje. Armamos a cama pra ele se deitar. Depois de hoje, ele se manca e fica manso como um bugiu velho. Aquele canhão que ele traz na barrigueira não vai lhe valer, não. Ninguém vai brigar, nem nada. Só que não se cata papel. Manda o palhaço dar tiro, gritar, espernear. Vai se estrear. Vai dar tiro na vaca que o pariu. Que aqui a gente se lasca, mas não cata papel pra ele.

GILÓ - Só quando ele falar direito com a gente.

CHICÃO - E arrumar uma balança sem truques pra pesar os sacos.

BICHADO - Os dias de machão daquele desgraçado acabaram. E não vai ser ninguém a dar colher de chá pro miserável. Entendeu?
NINGUÉM!

POQUINHA - Muito menos essa vadia aí.

GILÓ - Muito tempo a gente deu o lombo pras porradas dele. Agora é a hora da virada.

CHICÃO - O que ele fez não se faz nem com um cachorro cheio de sarna.

GILÓ - Roubava a gente do dar gosto.

CHICÃO - E não era nada, quando ele aprontava com o Bichado, o Tião e o Pelado. Cada um aprastava a mulher de um.

NOCA - Eu, não.

POQUINHA - Eu, não!

CHICÃO - Todas. E daí? Quando era a lei. A gente se afinando, ele se servia.

PELADO - E em tu, então? Quando dele era bater na tua cara. Qualquer coisinha te desmanchava o braço.

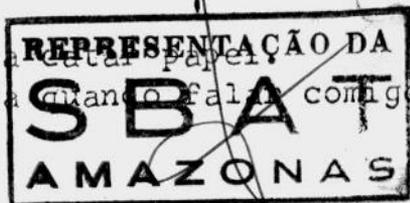
BICHADO - E tu não encara?

GILÓ - E alguém pôde fazer o quê com este?



- CHICÃO - Era um salve-se-quem-puder de dar nojo. Um com olho mais comprido que os outros nos pontos bons. Um fazendo chavecada pro outro a toda hora.
- GILÓ - Isso quebrava a força.
- NOCA - Mas agora estamos aí!
- POQUINHA - Todos contra o fedorento do Berrão.
- NOCA - E quem não estiver com a gente entra bem.
- CHICÃO - Vai ser aquela parada.
- GILÓ - De dar gosto.
- PELADO - Assim que tem que ser.
- BICHADO - Com cara homem, não se folga. Vamos mostrar.
- NOCA - Se essa aí quiser catar papel, se dana toda.
- POQUINHA - Como é, vai querer sair catando?
- (PAUSA)
- WHANHA - Já disse que a gente precisa. Eu e o Frido vamos sair. Nós não é contra ninguém. Só que tem que olhar pela menina.
- NOCA - O Frido não vai.
- WHANHA - Vai, moça. Ele sabe que deve ir.
- NOCA - Ele falou que não ia.
- WHANHA - Conheço bem meu Frido. Ele não vai esquecer a filha.
- NOCA - Só sei que ele disse que tá com a gente.
- WHANHA - Tá com a gente dele, que sou eu mais a menina.
- NOCA - Mulher, parada, essa! Se o Frido disse que não vai, pronto. Tu fica com a gente que dá certo pra tu também.
- WHANHA - Frido não ia dizer isso.
- NOCA - Quer saber de mentirosa?
- WHANHA - Não, não. Só quero cuidar da minha vida.
- NOCA - Então é o que disse.

- NOCA - Me chamou de mentirosa.
 NHANHA - Só falei que eu e o Frido vamos sair pra ~~cutar papel~~ ~~quando o falar contigo.~~
 NOCA - Não a parte nenhuma. E tu dobra a língua
 NHANHA - Me deixa em paz, gente.
 NOCA - Quem mandou se meter?
 CHICÃO - Agora aguenta.
 POQUINHA - A Noca é dureza.
 BICHADO - Briga de mulher é um sarro.
 GILÓ - Vai engolir desaforo, Noca?
 NOCA - (EMPURRA NHANHA.) Como é? Vai retirar o que disse ou não?



(TODOS MURMURAM)

- NHANHA - Por favor, moça. Não falei nada de mais.
 Se falei foi sem querer ofender. Me desculpe, pronto. Agora deixa eu.
 NOCA - Deixa uma porra. Tá com medo, por isso quer afinar. Mas, não vou deixar barato, não! Vou te ensinar a me dar respeito.

(EMPURRA NHANHA COM MAIS FORÇA.)

- NHANHA - É pela menina que estou pedindo. Deixa eu em paz.
 NOCA - Cadela afinada! Vou te comer de tapa.

(DÁ UM TAPA NA CARA DE NHANHA)

- NHANHA - Peste! Peste da moléstia!

- NOCA - Quer mais?

(Nhanha atira-se sobre Noca e as duas rolam pelo chão em luta desesperada. Gá começa a gritar e tem o ataque outra vez. Ninguém liga. Todos incentivam a briga feroz de Nhanha e Noca.)

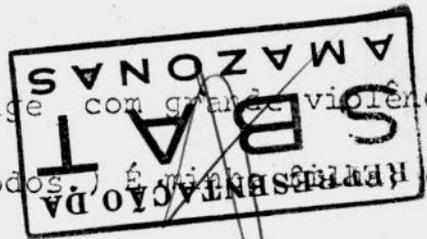
- TODOS - Dá nele, Noca! Agarra o cabelo da otária! Aperta as tetas dela, Noca!

(Todos riem muito. Gá debate-se e geme. Coco tenta socorrer Gá
 ENTRAM Frido, Tião e Maria. Vai. Estão meio bêbados.)

- TIÃO - Que zoeira é essa?
 CHICÃO - Tá legal!
 GILÓ - A mulher do Frido com a Noca.
 BICHADO - ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ Tua mulher tá de direito.
 FELADO - Tá enfrentando a Noca de verdade?
 FRIDO - Olha a menina, gente! Olha a menina!

(TODOS OLHAM PARA GÁ)

- FRIDO - Acode a Gá, Bichado! Tá ruim!
 NHANHA - Me larga! Me larga, cadela!



(Nhanha, tomada de fúria, atira Noca longe com grande violência.)

NHANHA - Deixa eu cuidar da menina. (Empurra todos) É minha filha! meu cuidado dela.

(Todos afastam-se um pouco, menos Frido.)

NHANHA - Sai tu também, bêbado nojento!
FRIDO - Ela é minha filha também.
NHANHA - Devia ter vergonha nessa cara. Nós largada aqui sem comer e tu bebendo com esses vagabundos. Arreda daqui, anda! Tu, Coco, me traz água.

(Nhanha faz massagens no rosto de Gá)

NHANHA - Filha! Gá! É a Nhanha, Gá!

COCO - Olha a água.

(Nhanha esfrega a mão molhada no rosto da menina.)

NHANHA - Gá! Gá! Sou eu. Nhanha.

(Gá vai se recuperando.)

GÁ :- (GEMENDO) Ai, ai...Nhanha...

NHANHA - Estou aqui.

COCO - (RINDO) Ela não morreu.

NHANHA - Graças a Deus!

GÁ - Ai, ai... Nhanha...

NHANHA - Escosta ela aqui, Coco. Aqui.

(Coco ajuda a encostar Gá em um caixote.)

NHANHA - Ela já está bem.

COCO - Quer a bonequinha?

NHANHA - Dá pra ela, Coco.

COCO - Só por um pouco. Depois ela devolve.

NHANHA - Por favor, depois ela devolve.

(COCO DÁ A BONECA PRA GÁ.)

GÁ - (RINDO, FELIZ) É da Gá.

FRIDO - Ela está boa de novo.

NHANHA - Graças a Deus! (Vira-se para todos. Está furiosa.) Escutem bem, seus filhos-deputa!

CHICÃO - Está falando comigo também?

NHANHA - (Agarra um pau.) Estou falando com todos! Entendeu? Com todos. Cada um cuida da sua filha e deixa eu mais minha filha em paz. Não quero saber de ninguém. Se todos aqui são uns vagabundos, uns frouxos, uns bêbados sem porquê, quero que se danem. Eu sei de mim e da minha filha. Se não querem trabalhar, é coisa de cada um. Eu preciso de dinheiro. Eu vou trabalhar! Quer quem tam, quer não. Entendeu?



(Para Frido) ...

- MARIA-VAI - Ela que manda na tua vontade?
 CHICÃO - A greluda te dobra fácil?
 POQUINHA - Ela calou o bico de todo mundo.
 PELADO - Como é, Frido? Fica assim mesmo?
 TIÃO - Tu falou que fazia ela ficar com a gente.

(PAUSA)

- FRIDO - Escuta, Nhanha...
 NHANHA - Me deixa, tu também!

(PAUSA)

- FRIDO - Eles me falaram do tal Berrão. Ele roubava e desfeiteava todo mundo. O homem está mesmo precisando aprender. Não custa nada a gente perder um dia mais uma noite, pra mostrar pra ele que aqui todo mundo é gente. Nós fica com todos! (PAUSA) Então, Nhanha?

- NHANHA - Tu virou molenga! Fica, se quiser. Eu fico com a minha filha. Foi pra isso que vim.

- MARIA-VAI - Mas a gente sabe. É só por hoje. Pra gente pegar esse merda do Berrão pelo pé.
 Ele vive tirando o ranço no lombo da gente. Precisa aprender.

- CHICÃO - Todo mundo tem bronca dele. É sinal que não presta.
 POQUINHA - Ele sempre rouba a gente. Se tu não fica com nós, ele te rouba também. E não vai te valer espernear.

- MARIA-VAI - E se tu pensa que na cama tu ageita a diferença, está engrupida. O sujeito é um cão. Com ele não tem arreglo.

- GILÓ - Se ele te rouba, rouba tua filha.
 CHICÃO - Isso! Ele vai roubar a tua filha.
 BICHADO - E agora, que tu diz?

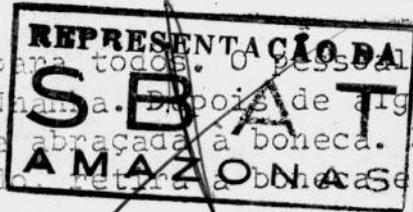
(PAUSA)

- MARIA-VAI - Perdeu a língua?
 TIÃO - Aí é que tá o nó! Se ele mete a mão na tua gata, tua filha se estrepa. E tu vai reclamar sozinha? (PAUSA) Quero ver tu sair dessa. Vai ficar calada? É, tu sabe que a gente queria dizer.

- NHANHA - Se alguém me roubar e roubar a Gá, eu juro na luz que me alumia, eu mato o desgraçado filho-da-puta. Não digo que mato, é que mato mesmo. (PAUSA)
 Assim é que tem que ser, se um cabra sem jeito arranha a vida da gente, não adianta ficar cozinhando o galinha. Porque ele vai ser sempre sacana. O negócio é aqui, não é trabalhar com o cara pra sempre. Converte-se pra ver e passar é pra cara de vida à-toa. Cabe de cabeça fresca. Com a peste pra atormentar sabem que não serve pra diferença se

(PAUSA) Se alguém entrava a vida da Gá, eu mato. Tá jurado pra todos. (PAUSA)
Mas eu não paro de trabalhar.

(NHANHA olha bem de frente para todos. O pessoal abaixa a cabeça, para não encarar Nhanha. Depois de algum tempo, Nhanha vai até Gá, que dorme abraçada à boneca. Examina a menina, depois, com cuidado, retira a boneca e dá para Coco.)



NHANHA - Pega a tua boneca. Obrigada. Não vou esquecer. Agora, deixa ela sossegada. Está dormindo. Ela tem sono de pedra. Só vai acordar com o dia alto. Vamos catar papel.

COCO - Ela fica sozinha?

NHANHA - Fica. Não tem perigo, ela não acorda.
Vamos, Frido! A gente tem precisão.

(Frido olha para todos com quem se justifica. Como ninguém diz nada, dá de ombros, apanha o saco vazio e sai junto com Nhanha. Passam na frente de todos, sem ninguém fazer um gesto para detê-los. Coco os segue mais devagar, sempre olhando para a menina, como se tivesse pena de deixá-la ali sozinha. Depois que os três saem, reina grande silêncio. Um não tem coragem de olhar para o outro.)

CHICÃO - Eles foram catar.
GILÓ - Pois é.

(PAUSA)

NOCA - Ninguém diz nada?
POQUINHA - Dizer o que?
TIÃI - Deixa ir.

(PAUSA)

CHICÃO - Mas não estava acertado de não ir ninguém?
PELADO - Pra tu ver.

(PAUSA)

MARIA-VAI- (SUSPIRANDO) Quer saber? Ninguém é de nada.

BICHADO - Agora tu disse tu...
 PELADO - A gente é frouxo mesmo. Sempre fomos.
 Sorte do Berrão.

(PAUSA)

BICHADO - Eu acho que a gente devia ir também.
 CHICÃO - É melhor a gente deixar pra outra vez a chavecada.
 PELADO - Se os três foram, a jogada está furada.
 GILÓ - Azar.

(PAUSA)



BICHADO - Então, vamos.
 (Todos saem. Apenas Gá fica em cena.
 Dorme tranquilamente. Coco entra furtivamente (ocultamente).
 Olha para todos os lados, para ver se ninguém o segue e, com
 todo cuidado, aproxima-se de Gá.)

COCO - (BAIXINHO) Gá! Gá! Ei, menina!
 (Coco sacode a menina várias vezes.)

Gá - (ACORDANDO) Hum...Nhanha...Nhanha...

COCO - Nhanha não está. Saiu.
 GÁ - (Senta-se assustada) Nhanha!

COCO - Foi catar papel.
 GÁ - (CHORANDO) Gá quer Nhanha. Nhanha!
 COCO - Eu estou aqui. Olha eu aqui.
 GÁ - (G R I T A N D O) Gá quer Nhanha. Nhanha!
 COCO - Psiu! Não grita! Não grita!
 GÁ - (COM MEDO) Gá quer Nhanha!
 COCO - Não adianta gritar que ela não vem

(GÁ COMEÇA A CHORAR.)

COCO - (Tapa a boca da menina.) Para esse berreiro! Menina bonita,
 não chora. (Pausa. Coco presta atenção pra ver se alguém se
 aproxima, logo se tranquiliza.) Tu não precisa ter medo do
 Coco. Tu quer brincar com a bonequinha? Então para de chorar.
 Se tu parar, Coco te dá a boneca.
 Quer? (Coco solta Gá, que soluça.) Quer a bonequinha?

GÁ - Gá quer a Nhanha.

COCO - Ela não vem mais, Nhanha deu Gá pro Coco. (RI) Agora a Gá
 é do Coco.

GÁ - Nhanha? A Nhanha?

COCO - Foi embora.

GÁ - (CHORA) Nhanha! Nhanha!

- COCO - (Outra vez tapa a boca de Gá.) Quieta!
 Coco só estava fazendo onda. Nhanha volta logo. Ela foi catar papel. (Tira a boneca do bolso.) Tu quer? (Solta a Gá.)
- GÁ - Gá quer Nhanha.
 COCO - Já falei que ela vem logo. Não precisa ficar apressada. Ela já vem. O Coco toma conta da Gá até Nhanha voltar. Quer a bonequinha?
- GÁ - Quer! Gá quer! (Vai pegar.)
 COCO - (RETIRA A BONECA E RI.) Ainda não. Tu tem que agradar o Coco primeiro. (RI)
 Agradar o Coco. Anda, agrada.
 (A menina está meio emburrada. Coco segura a mão dela e passa no próprio rosto.)
- COCO - Assim. Faz sozinha. Faz, que o Coco te dá a bonequinha. (Gá agrada Coco, que ri nervoso.)
 GÁ - Agora dá pra Gá.
 COCO - Quero mais.
 (Gá agrada mais Coco, que ri.)
 COCO - Agora aqui. (DESABOTOA A CAMISA, PEGA A MÃO DE GÁ E A ESFREGA NO PEITO.) Assim. Assim. Faz sozinha. Faz, Gá. Coco faz também na Gá. Coco faz.
 (COCO BOLINA GÁ, QUE RI, COM CÓCEGAS. COCO ESTÁ BEM EXCITADO. LEVANTA-SE, PEGA GÁ PELO BRAÇO. OUVÊ-SE UM BARULHO QUALQUER. COCO FICA APREENSIVO. OLHA PARA TODOS OS LADOS. CERTIFICA-SE DE QUE NÃO HÁ NINGUÉM POR PERTO. VOLTA ATÉ GÁ, ABRAÇA A MENINA, QUE GRITA.)
- GÁ - Nhanha! Nhanha!
 COCO - Não grita, Gá. Fica quieta.
 (COCO AFASTA-SE DA MENINA E APROXIMA-SE DE UMA PILHA DE CAIXOTES. ESTÁ BEM NERVOSO, E A MENINA, MEIO INDIFERENTE AO QUE ESTÁ SE PASSANDO.)
- COCO - Vem buscar a boneca. Vem, Gá. Coco te dá a bonequinha pra sempre. Vem, Gá.
 Vem aqui atrás. (COCO ENTRA ATRÁS DOS CAIXOTES.)
- GÁ - Tem bicho aí.
 COCO - Vem, não tem, não. Vem buscar a bonequinha. Vem! Coco te dá.
 GÁ - Gá tem medo do bicho.
 COCO - Coco mata o bicho. Pode vir. Coco não deixa o bicho pegar Gá.
 GÁ - Gá não gosta do bicho.
 COCO - Vou matar o bicho. Olha! Vem ver!
 (Coco sai de trás dos caixotes com um pau e o bicho voa no ar, como se matasse o bicho.) Morre, bicho! Morre! Morre! Gá tem medo do bicho. Morre! Morre! (Gá ri de muita inocência, dos gestos de Coco.)
- COCO - Pronto, matei o bicho. Agora, vem.
 GÁ - (RINDO, AINDA) Tem outro bicho lá.
 COCO - Não tem mais. Vem! Olha a bonequinha!





- GÁ - Tem bicho.
(Coco agarra a menina pelo braço e a leva até os caixotes. Gá vai com medo.)
- GÁ - Tem bicho. Gá tem medo.
- COCO - Coco não deixa vir bicho.
(Os dois somem atrás dos caixotes.)
- COCO - Olha a bonequinha.
- GÁ - Dá pra Gá.
- COCO - Gá agrada o Coco. Assim. Assim. Agora aqui. Aqui. Assim. Assim. Coco agrada a Gá. Assim.
(Gá ri, com cócegas.)
- COCO - Agora aqui! Aqui!
- GÁ - (GRITA, DESESPERADA.) Não! Não!
(Gá sai correndo de trás dos caixotes. Logo surge Coco atrás dela.)
- COCO - Vem cá, menina! Vem cá!
- GÁ - (APAVORADA) Não! Não!
(Coco agarra a menina pelo braço e tenta levá-la novamente para trás dos caixotes.)
- COCO - Coco não vai te fazer maldade. Coco não vai.
- GÁ - Nhanha! Nhanha!
(Gá debate-se e começa a ter um ataque. Cai no chão em convulsões.)
- COCO - (DESESPERA-SE.) Merda! Filha-da-puta!
(Dá tapas em Gá, que se debate.) Para com isso, Gá! Para com isso! Fica quieta! (Coco, agoniado, começa a arrastar a menina pra trás dos caixotes. Gá debate-se, cada vez mais. Coco não consegue controlar-se.) Para! Para! Para! Para, filha-da-puta! Fica quieta! (Coco começa a estrangular Gá.) Quieta! Quieta! Quieta! (Gá morre. Coco, transtornado, dá-se conta do que fez. Entra Giló.)
- GILÓ - Porra, que é isso?
(Coco volta-se rápido para Giló.)
- GILÓ - Tu pegou a menina?
- COCO - Filho-da-puta!
- GILÓ - N^ojento! Porco Nojento!
(Coco, com fúria, atira-se contra Giló, que se livra dele.)
- COCO - (Puxa uma faca do bolso.) Coco vai te acabar! Coco vai te acabar, seu merda!
- GILÓ - Tu vai se danar de verde e amarelo. Deixa o pessoal saber.
(Giló sai correndo. Coco, transtornado, vai até junto da menina e a fica olhando.
Depois, deita-se a seu lado e tem uma crise de choro. Entram Giló, Chicão, Tião, Maria-Vai, Pelado e Poquinha.)
- GILÓ - Olha lá o tarado!
- MARIA-VAI - A menina está morta?
- GILÓ - O filho-da-puta é que matou.
- CHICÃO - Cachorro da peste.
- TIÃO - Puta merda, que coisa da moléstia.
- POQUINHA - A mãe vai se azucrinar toda.
- PELADO - Vamos agarrar esse puto.
(Coco, sem expressão, olha a menina. Está com a faca na mão.)

- MARIA-VAI
TIÃO
POQUINHA
PELADO
TODOS
- Está de faca!
 - É fogo!
 - Vamos esperar os Cutros.
 - A mãe é que diz o que fazer.
 - É isso. Melhor esperar. A gente fica nas entrelhas. O cara tá batusquela. É perigoso.
- (Todos ficam espionando Coco ao lado da menina.
Entram Noca, Bichado, Frido e Nhanha.)
- NHANHA
- Que foi? Que foi, gente? Ai, meu Deus, que foi? Gá! Minha Gá! (Nhanha atira-se sobre Gá e chora convulsamente.) Gá! Está morta! Está morta! Minha criança! Minha filhinha!
- FRIDO
GILÓ
FRIDO
- Pobre menina.
 - Aquele ali que matou. Queria se tratar com ela.
 - Ele? Filho-da-puta! (Avança sobre Coco.) Tu matou ela, desgraçado? Tu matou ela?
- COCO
- (Levanta-se com a faca na mão. Está histérico.) Eu não matei. (Avança para Frido, com a faca. Frido vai se afastando.) Eu não matei. Eu queria ela pra mim. Eu queria ela pra mim.
- NHANHA
- (que chorava sobre o corpo de Gá, para de chorar e olha fixo para Coco.) Tu é um cão!
- COCO
- (para Nhanha) Eu não matei. Eu queria ela pra mim. Eu não matei.
- NHANHA
- (em pé) Tu vai se acabar, maldito! (Anda lentamente para Coco.)
- COCO
- Não chega perto que eu te furo! Eu te furo!
- NHANHA
- (Vira-se de costas para Coco e grita histérica para todos.) Ele é coisa da peste! Tem que morrer! Tem que morrer! Ele é coisa ruim! Tem que se acabar, gente! Tem que se acabar! Pega ele, gente! Mata! Mata! Mata! (Todos atiram-se sobre Coco e o derrubam no chão, massa crando-o, enquanto Nhanha grita: "Mata! Mata!" Nhanha está de costas para eles. Aos poucos, as pessoas, sempre em silêncio, afastam-se de Coco. Frido vem até Nhanha, que chora baixinho.)
- FRIDO
- Ele está acabado, Nhanha.
- NHANHA
- Que Deus tenha dó de sua alma. (Ajoelha-se perto de Gá e fica chorando. Todos espiam de longe, com respeito. Entra Berrão.)
- BERRÃO
- Que houve aqui?
- CHICÃO
- Tem dois que se acabaram.
- BERRÃO
- Puta merda! Agora vai dar bochicho! Quem se apagou?
- TIÃO
- Coco matou a menina.
- MARIA VAI
- Nós matou o Coco.
- PELADO
- Foi bem feito o que a gente fez. Foi todo mundo junto pra cima dele. Damos de verdade. Acabou rápido e res-teiro como o filho-de-uma-vaca que ele era.

- BERRÃO
- CHICÃO
- PELADO
- POQUINHA
- NOCA
- BERRÃO
- CHICÃO
- BERRÃO
- Fizemos...
 - Fizeram boa, o que... Isso vai dar truta. Vai baixar cana. Vai dar um rolo danado.
 - Deixa dar.
 - Deixa dar o quê?
 - Deixa a cana baixar.
 - Pra vagabundo, tanto faz estar preso ou solto, né?
 - É. E daí?
 - E daí que não quero nem... Não tenho nada com isso.
 - Todo mundo tem que estar nessa jogada.
 - Todo mundo, manjou? Até tu!
 - O que tu tá querendo dizer?
 - Estou querendo dizer que ninguém, nem tu, vai cair fora dessa.
 - Isso que é. O Coco quis se servir da menina. Isso deu nojo na gente. Nós fizemos ele. Agora a gente tem que livrar a cara.
 - A justa ainda não foi chamada.
 - Só a gente, mais tu.
 (Pausa)
 - Porra! Ninguém aqui tem cabeça fria? Podiam deixar o Coco pra lá. Não precisavam ter matado ele. Da menina a gente se livrava fácil. Era só dizer que ela teve um ataque e pronto. Agora, esse merda é espeto. Filho-da-puta de quem teve a idéia de apagar o miserável.
 - Tu não se mancou que a gente sentiu nojo do que ele fez? Não se mancou? Foi todo mundo junto que quis pegar o tarado. Ele estava ali parado, de ferro na mão. Se não tivesse todo mundo picado de raiva, ninguém ia ter peito de entrar nele. Não precisou falar duas vezes. Ninguém deu prá trás. Foi mole jogar o canalha no chão com faca e tudo. Pena que ele se apagou depressa. Nós devíamos era ir matando ele devagar. Pegar um pau e espetar no rabo dele até ele cagar sangue. Ou capar o porco com a própria faca e deixar ele aí pra te contar como foi. Ele não prestava. Tinha que se estrear. Só que devagar. Bem devagar. Pra sentir o aroma da perpétua.
 (PAUSA)
 - Bem, o que está feito, está feito. Não adianta chorar. Agora, é tratar de se mandar daqui. Quanto antes, melhor. Vamos fazer o ponto lá embaixo da ponte. Não se vem mais aqui. A gente esconde o resto do Coco aí atrás dos caixotes e a menina a gente leva. Amanhã eu chamo a polícia, digo que ela teve um ataque e morreu. O Coco, só quando começar a feder e os urabus começarem a baixar aqui, é que o pessoal vai se tocar que tem gente morta. Aí, é tarde. Fica assim mesmo. Ele não tem importância nenhuma. Morreu. Um a menos pra encher os bagulhos da gente. Botar os sacos no caminhão. Temos que cair fora. (Ninguém mexe.) Estão surdos?

- CHICÃO
BERRÃO - Não vai pesar?
- Acha que eu vou ficar aqui a vida inteira? Quero me arrancar o mais depressa possível.
- TIÃO
BERRÃO - Mas a gente precisa da grana.
- Estou estranhando o papo aqui hoje.
Que é que há? Tá todo mundo roçando grosso.
- CHICÃO - É assim que é! A gente hoje aprendeu um troço pra toda a vida
que coisa ruim acaba se a gente quiser. E se a gente quer, não tem por onde. O Coco está aí pra não me deixar mentir. Se tu não quer pesar os sacos, não pesa tua cabeça é teu guia. Mas, tem um porém. Não leva porra nenhuma daqui.
- BERRÃO - Quero dar uma colher de chá e todos ficam assanhados. Tá combinado. Não levo os sacos. E daí? Que tu faz com eles?
- Toco fogo neles.
- CHICÃO
BERRÃO - E ganha muito com isso?
CHICÃO - Mas tu te estrepa.
BERRÃO - Só porque tu quer. Olha pra isso, otário! (Pega dinheiro do bolso.) Tá vendo?
Isso me escora. E tu vai passar fome.
- CHICÃO
BERRÃO - Pode ser. Mas ninguém vai me levar no bico.
- Não vão botar os sacos no caminhão?
(Ninguém se mexe) Como é?
- FRIDO - Seu Berrão, eu preciso de dinheiro pra enterrar minha criança. Por favor, pese os meus.
- BERRÃO - Que enterrar, que nada. Amanhã se dá jeito nela. Para isso tem Governo. Pra enterrar de graça os que estão na lona. (Nhanha, que reza ao lado da filha, volta-se para Berrão.)
- NHANHA - Seu Berrão, essa menina teve uma vida de cão, mas vai ter morte de gente. Estou lhe falando. O papel está aí. Foi catado por seu mando.
- BERRÃO
NHANHA - E vai ficar aí. E o dinheiro aqui. (Mostra os bolsos)
- Não precisa de dinheiro, Seu Berrão. Não é por nós, é pela menina!
- BERRÃO
NHANHA - Já se danou mesmo. Pra que gastar dinheiro à - toa com ela?
- Isso é coisa nossa. O senhor mandou catar papel. Nós catou. Agora tem que comprar.
- BERRÃO - Eu compro o que eu quero. E tem mais uma coisa. O que eu ia pagar não dava pra enterrar ninguém.
- GILÓ - Juntando a grana de todos, dava.
- BERRÃO - Tu cãla a sua boca. Ninguém te chamou na conversa.
- GILÓ - Eu falo quando quero.
- BERRÃO - Então fala. Bota a boca no trombone que eu também boto. Já estou dando uma colher de chá de me fechar em copas. Mas, se começarem a se assanhar, chamo a cana e dedo todos vocês. Eles apanham um por um e eu apanho os sacos de graça.

POQUINHA

BERRÃO

- Isso é sacanagem.
 - Mas é uma boa pedida. (Vai sair) Vou mostrar como lida com vagabundos.

(Nhanha entra na frente de Berrão.)

NHANHA

- É melhor o senhor dá o dinheiro. Esse gosto o senhor não tira da Gá.

BERRÃO

- (Puxa o revólver.)

NHANHA

- Bela merda!

(Todos rodeiam o Berrão.)

BERRÃO

- Que é que há? Eu mando um pra glória.

NHANHA

- A gente sabe que se tu tiver coragem, tu desgraça um. Mas a gente é uma porrada. Quem ficar te pega.

BERRÃO

- Não está vendo o revólver na minha mão? Então, que papo é esse? Eu estouro um. Estouro o primeiro que vier, estou avisando. Quem avisa amigo é. Eu queimo um. Eu queimo. Mas, não dou um puto de um tostão pra sacana nenhum.

NHANHA

- (Mostra o peito) Então queima! Atira aqui! Atira! Falta peito? Tu não tem coragem? Atira! Atira, seu porco!

BERRÃO

- Tu tá louca, mulher!

NHANHA

- Tu é que está louco, de medo. Atira! Tem medo, seu puto? Então dá o dinheiro!

(Pausa) Anda, dá a grana, ou atira! Atira! Tu me mata.

E daí? Estou cagando um monte desse tamanho pra morrer.

Já morri um cacetão de vezes, tá bom?

Morri de fome, morri de frio, morri de medo, morri de ver a minha cria morrer.

E agora chegou a tua vez. Atira! Atira!

Anda, atira! Mas, tu não escapa. Gasta a tua verdade aqui no meu peito. Anda!

Daí, eles te pegam e te azaram. Esta é a hora de acertar as contas. Quem tiver se danado mais está com a razão. E não vai ter canhão pra mudar o resultado. Anda, atira! Atira!

(Nhanha anda lentamente, avançando sobre Berrão, que está apavorado.)

MARIA-VAI

BERRÃO

- (aconselhando) É melhor tu dar a grana pra ela. É...É... vou ajudar tu enterrar a criança. Vou ajudar. Afinal, é só isso que tu quer, não é?

NHANHA

É.

(Berrão pega todo o dinheiro e dá pra Nhanha.)

BERRÃO

- Pronto. Já tem o que queria.

(Nhanha fica parada na frente de Berrão.)

Olha com desconfiança para o dinheiro.

Berrão, percebendo que já domina a situação novamente, fala

para ela com autoridade: COMPRANDO-A definitivamente.

BERRÃO

- Então mulher? Não tá contente? Não tem tua grana? Então? Vai cuidar da tua cria morta, antes que os urubus dêem conta dela. (Nhanha continua parada.) Vai, mulher, vai! Vai! Toda essa gente tá chateada com essa coisa toda. Eu também, claro. Pombas! Quem não se queima com um troco de cigarro desses?

(Passa a mão no cabelo.) (Nhanha) Todo mundo ficou perturbado. Tu gritou. Todo mundo gritou. Eu também gritei. Essa onda me deixou zoeira. Mas, pombas! A vida continua. Um morre, mas a gente tá aí mesmo. Quem fica tem que tocar o barco pra frente. Não foi o fim do mundo, não é? Vai lá, mulher! Vai cuidar da tua cria. Ela merece.

NHANHA
BERRÃO

- (bem triste) É.É.
- Então vai logo, mulher!

(Nhanha olha para todos, como se pedisse desculpas.)

NHANHA

-Gá vai ter enterro de gente.
(Nhanha, sempre triste, abatida, afasta-se de Berrão e se ajoelha ao lado de Gá, começando a rezar. Frído a acompanha. Os catadores, meio embaraçados, entreolham-se e vão lentamente se colocando entre Berrão e Nhanha. Estão juntos, formando um bloco. Chicão, que está na frente, volta-se para os outros.)

CHICÃO

- E nós? Como é que fica?

(Todos os catadores começam a falar ao mesmo tempo, incitando-se uns aos outros para tomar a iniciativa e agarrar o Berrão. No auge do vozerio, Tião dá um empurrão em Chicão, que cai na frente de Berrão. Berrão dá-lhe um pontapé e o atira longe. Os outros tentam avançar, mas Berrão dá um tiro para o ar. Todos param de falar e, apavorados, recuam.)

BERRÃO

- Peguem os sacos e botem no caminhão!

(Um a um, lentamente, os catadores vão pegando os sacos e saindo. Reza de Nhanha cresce, misturando-se com ruídos de grande cidade que vão entrando, enquanto o pano fecha lentamente.)

FIM

TÍTULO HOMENS DE PAPEL

AUTOR: PLINIO MARCOS

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 18 anos

Praça SR/AM

Obs.: _____

DF. BSB 25 / 03 / 83

Inácio
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

...mita-se e ...
...mento de censura e com a classificação; impropria para menores de 18 (dezoito) anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.: confronto

Brasília-DF, 04 de 04 de 1983

Brasília-DF Welly Duda Carvalho de 1.97
Matr. 416 791

II - Tema adulto -
linguagem livre

4) SERVIÇO DE CENSURA

A consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de _____ para o qual os sensores propõem a classificação etária de 18 anos.
Brasília-DF, 04 de 04 de 1983

Em _____ de _____ de 1.97 _____

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer

Em, 04 / 04 / 1983

Solange M. T. Fernandes
Diretora da DCDP



PARECER Nº 1584 / 83

TÍTULO: HOMENS DE PAPEL.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Dezoito anos.

Identificação: Texto de Plínio Marcos liberado para maiores de dezoito anos, com certificado em validade até 25/08/82. Em confronto com a liberada pela SR/RS, constante no processo, verificamos serem idênticos.

Enredo: É o relacionamento de um grupo de catadores de papel com Berrão, o comprador.

Mensagem principal: Tecer um retrato das misérias de um submundo.

Mensagem secundária: As pessoas seriam menos exploradas se unissem suas forças contra um comerciante arbitrário e ambicioso.

A força e razões de uma mãe, que luta pela saúde da filha, fá-la enfrentar com destemor tanto as ameaças de um grupo como a arma ameaçadora.

Os quadros apresentados revestem-se de caráter positivo ao expor que é possível defender os direitos se não houver medo e o grupo maltrapilho sobrevive mantendo-se unido com a própria ética. É de negativo a prática da justiça pelas próprias mãos, o vício da bebida.

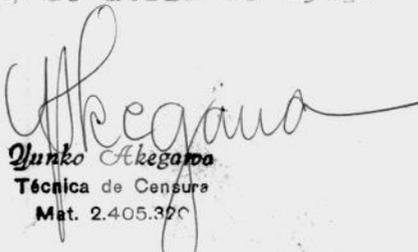
Público alvo: adultos.

Linguagem: a oral é agressiva nos diálogos e com expressões chulas; a cênica é deprimente ao apresentar a vida miserável dos catadores de papel e com violência em brigas, na tentativa de estupro de uma criança inocente, no linchamento do assassino e na forma de uma mãe enfrentar um homem armado.

Grau de persuasão: Leva a meditar que a acomodação e aceitação de uma situação injusta, pelo hábito, só beneficia o que detem o poder.

Parecer: Pela liberação com a mesma faixa etária pela presença de situações fortes, aos maiores de dezoito anos.

Brasília, 4 de abril de 1983.


Yunko Akegawa
Técnica de Censura
Mat. 2.405.320

579/83-SE/DCDP

08-04-83

Chefe do Serviço de Censura da AM

HOMENS DE PAPELO

Plinio Marcos

Chefe

Manaus - AM

Solange M. F. Hernandez
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0059, p.181
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 0883

PEÇA " HOMENS DE PAPEL "

ORIGINAL DE PLÍNIO MARCOS

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO
"IA ADULTO LINGUAGEM LIVRE "

VÁLIDO ATÉ 05 de ABRIL de 1988

Brasília, 05 de ABRIL de 1983

Solange M. F. Hernandez

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

Diretor da DCDP

18

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada " HOMENS DE PAPEL "

Original de PLÍNIO MARCOS

Tradução de _____

Adaptação de _____

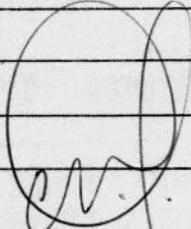
Produção de _____

Requerida por HERMANO MASCARENHAS SOARES - MANAUS/AM.

Tendo sido censurada em 04 de ABRIL de 19 83 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE DEZOITO (18) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 05 de ABRIL de 19 83


NEI DE OLIVEIRA

Chefe do Serviço de Censura

MJ-DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
CÓDIGO - 08202

25 OUT 14 59 83 008771

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DCDP / BSB

Ofício: nº 254/83 -SCDP/SR/RS

EM: 20.10.83

DO: Chefe do SCDP/SR/RS

ENDEREÇO: Av. Presidente Roosevelt, 420

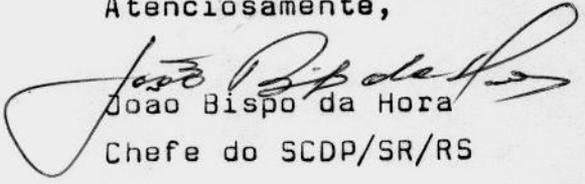
AO: Sra. Diretora da DCDP

ASSUNTO: Encaminhamento (faz)

Conforme determina a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13/07/78, estamos anexando a este, para o fim previsto na letra "d" da mesma portaria, os documentos a seguir:

- 1 - uma via do "script" da peça teatral intitulada HOMENS DE PAPEL, de autoria de PLÍNIO MÁRCOS;
- 2 - requerimento do interessado;
- 3 - relatórios da comissão técnica;
- 4 - relatórios do ensaio geral;
- 5 - uma via do Certificado de Censura provisório.

Atenciosamente,


João Bispo da Hora

Chefe do SCDP/SR/RS

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CRISTINA BEATRIZ COIMBRA

Requerente

BRASILEIRA

Nacionalidade

ECONOMIÁRIA

Profissão

Carteira de Identidade

8004270842 - SSP

Nº e Órgão Expedidor

Residente e domiciliado à

RUA PINHEIRO MACAEDO, 231/9

, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas cen-

sórias vigentes, a (s)

PEÇA DE FERRO

abaixo relacionada (s),

Espécie

de autoria de:

PLINIO MARCOS

HOMENS DE PAPEZ

Título (s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

P. ALEGRE, 29 DE JUNHO DE 1983.

Local e Data

[Handwritten Signature]

Requerente

CENSURA FEDERAL/RS
Protocolado sob nº
<u>3919</u>
P. Alegre, <u>29-06-83</u>
<u>[Signature]</u>

Anexos :

1 - EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: GRUPO DE TENDAS DA CEF CGC: _____
 Sede: RUA CALDAS JR, 11-3º ANDAR
 CEP: PALMIRA
 Diretor ou Responsável: CRISTINA B. COIMBRA

2 - DADOS DO AUTOR

Nome: PLINIO MARCOS
 Pseudônimo: _____ Filiação: _____
 Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____
 Data do Nasc.: _____ Identificação: _____
 Estado Civil: _____
 Profissão: _____
 Endereço: _____
 CEP: _____

3 - PARCERIA

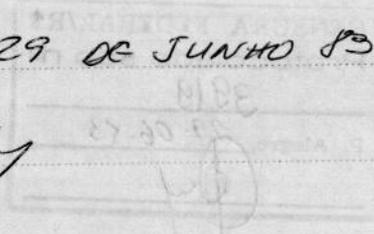
Nome: _____
 Pseudônimo: _____ Filiação: _____
 Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____
 Data do Nasc.: _____ Identificação: _____
 Estado Civil: _____
 Profissão: _____
 Endereço: _____
 CEP: _____

Nome: _____
 Pseudônimo: _____ Filiação: _____
 Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____
 Data do Nasc.: _____ Identificação: _____
 Estado Civil: _____
 Profissão: _____
 Endereço: _____
 CEP: _____

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

Data: PALMIRA, 29 DE JUNHO 83

Ass.: [Assinatura]



SBAT

LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FINS DE CENSURA DO TEXTO.
AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO
SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO

Plínio Marcos

Obras de PLÍNIO MARCOS
na GLOBAL

• Torção de um imbecil até ao entendimento
• Q'abair filis

• Uma reportagem maldita (quero)

• Gração para um pé-da-chinelo

• Dois perdidos numa noite sua

• Quando as máquinas param

• Navalha na carne

• Na barra do catimbo

• Histórias das quebradas do mundaréu

• Na aldeia do desconho

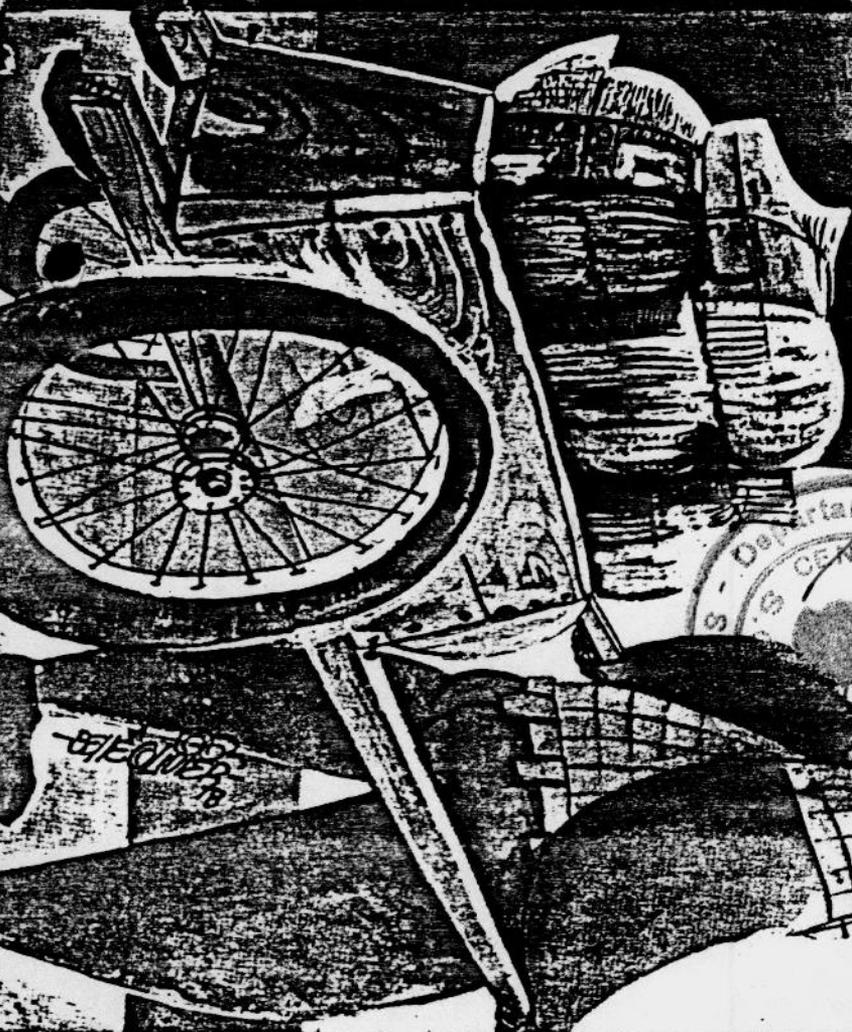
• Novas histórias da barra do catimbo

• Homens de papel



PLÍNIO MARCOS

HOMENS DE PAPEL (TEATRO)



HOMENS DE PAPEL (TEATRO)

PLÍNIO MARCOS



1950
Baleoni

Copyright © 1978
GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA.

Capa: BENÉ OLIVIER

Nº de Catálogo – 1108

Direitos Reservados Por
GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA.
Rua José Antonio Coelho, 814
Cep 04011 – São Paulo – SP – Tel. 549-3137

Composto na
FONTE SISTEMA DE COMPOSIÇÃO E ARTES
GRÁFICAS LTDA.
Rua Tabapuã, 953
Cep 04533 – São Paulo – SP

Impresso na
EDITORA PARMA LTDA.
Rua da Várzea, 394
São Paulo – SP

HOMENS DE PAPEL

PEÇA EM DOIS ATOS



personagens:

Berrão
Chicão
Tião
Maria-Vai
Pelado
Noca
Bichado
Poquinho
Giló
Coco
Nhanha
Frido
Gá



PRIMEIRO ATO

(Ao abrir o pano, Giló, Tião, Maria-Vai, Chicão, Coco, Pelado e Noca estão diante de Berrão, que traz um revólver na cinta e uma balança de gancho na mão. Cada um dos catadores de papel arrastam sacos cheios de papel.)

Berrão — Avança o primeiro.

(Giló aproxima-se.)

Giló — Apanhei três sacos.

Berrão — E daí? O peso é que interessa.

Giló — Estão bem cheinhos.

Berrão — A balança é que vai dizer.

Giló — Nos três sacos, um pelo outro, deve ter uns trinta quilos.

Berrão — Vamos ver. *(Pesa o primeiro saco.)*
Três quilos.

Giló — Só?!



Berrão — Só por que?

Giló — Não foi mole arrastar os sacos até aqui.

Berrão — É que tu tá podre. Pensa que cachaça sustenta? Tem que comer às vezes.

Giló — Não bebo.

Berrão — Come com farinha. *(Pesa o segundo saco.)* Dois e meio.

Giló — Tá marcando mais.

Berrão — Estou vendo. Não sou cego.

Giló — Então não é dois e meio.

Berrão — Aqui a gente sempre arredonda.

Giló — Pra menos.

Berrão — É!

Giló — Mas tá dando quase três.

Berrão — Dois e meio, e fim. Se não estiver contente, vai vender em outra parte. *(Pesa o terceiro saco.)* Também dois e meio.

Giló — Poxa, Seu Berrão. Olha aí. Falta só um pouco pra três quilos.

Berrão — Será que toda a mão vou ter que explicar o negócio do arredonda?

Giló — Não ... É ...

Berrão — Então não torra as minhas idéias. Se começar a me aporrinhar, te risco da lista.

Giló — Me desculpe, falei por falar.

Berrão — Veja lá. Em boca fechada não entra mosquito. Deu oito quilos bem pesa-

dos. Duzentos mangos por quilo, dá um conto e seiscentos. Desconta a gasolina do caminhão, a minha parte e os institutos, tenho que te dar seiscentos mil réis.

Giló — Sempre foi meio a meio.

Berrão — Até ontem. Agora a gasolina subiu. Se não quiser fazer acerto comigo, leva direto pra fábrica. Mas já vou avisando, e é bom que todo mundo escute. Tenho um arreglo com os caras lá da fábrica. Dou sempre um come-quieto pro sujeito que compra o papel. Se falar pra ele pra não comprar de alguém, ele não compra mesmo. Assim, me cubro das sacanagens. Agora, sua cabeça é seu guia. Quer ir lá vender, vai.

Giló — Não. Sempre fiz acerto com o senhor.

Berrão — Então pega o tutu e cai fora. Já enjoiei da tua fuça.

(Giló pega o dinheiro e três sacos vazios e se afasta.)

Berrão — Vem outro.

(Aproxima-se Chicão.)

Chicão — Só dois.

Berrão — Pombas! Ninguém quer mais nada?

Chicão — Foi noite ruim.

Berrão — Sei! Tu ficou em algum boteco enchendo a caveira de pinga. Isso que foi.



Chicão — Foi noite ruim pra todo mundo. Pode perguntar pro povo.

Maria-Vai — Foi ruim mesmo, Seu Berrão.

Pelado — Parece até que alguém catou antes da gente.

Noca — Nós, que é de catar cinco, catou só dois.

Tião — Acho até que deu uma dor de barriga de lascar e a gentarada usou todo o papel.
(*Todos riem.*)

Berrão — (*Bravo*) Ei, que folga é essa?
(*Silêncio imediato.*)

Berrão — Quero respeito aqui. Não sou nenhum moleque pra escutar gracinha. Quem se fizer de besta comigo, já viu! Sou muito legal. Agora, quando me esquento, viro bicho.

Chicão — É que não deu mesmo pra catar mais. Se desse, a gente catava. No duro que parece que alguém catou antes de nós.

Berrão — Catou uma pinóial! Tu e essa gente são tudo uns vadios.

Chicão — Vadio, não!

Berrão — Vadio, sim! E tu é o pior! Mas, estou de olho em ti. Dá uma sopa pro azar e tu vê. Acerto teu passo. (*PAUSA*) Quero ver amanhã, se tu me aparece só com dois sacos. (*Pesa os sacos de Chicão.*) O

primeiro tem quilo e meio e o segundo tem dois.

Chicão — Mas eu passei na venda do Seu Quim, antes de vir pra cá. Deu cinco quilos.

Berrão — (*Atira os sacos na cara de Chicão.*) Tá aí! Vai vender pro Seu Quim.

Chicão — Ele não compra.

Berrão — Então se dane.

(*Chicão fica parado, olhando Berrão.*)

Berrão — Cai fora, anda!

Chicão — Compra aí, Seu Berrão. Estou duro.

Berrão — Aqui é três quilos.

Chicão — Três e meio, o senhor falou.

Berrão — Falei três.

Chicão — Escutei bem. O senhor disse três e meio.

Berrão — Falei três, e não vou pesar de novo só pra tirar a sua cisma.

Chicão — Todo mundo ouviu o senhor falar três e meio.

Maria-Vai — Eu não escutei nada.

Tião — Eu estou por fora.

Pelado — Negócio dos outros, não quero nem saber.

Noca — É melhor, se a gente mete a butuca vão dizer que a gente tá secando.

Berrão — Mas tu ouviu eu falar três, não ouviu, Noca?

Chicão — Foi três e meio que ele falou, não foi?



- Noca** — Disse três. Só falei o que escutei e porque fui perguntada.
- Berrão** — É três mesmo. Pega a grana e te arranca. (*Chicão pega o dinheiro e os dois sacos vazios e se afasta.*)
- Berrão** — Anda, tu, Baiano Coco da Peste.
- Coco** — Tá aí. (*Apresenta meio saco.*)
- Berrão** — Eta raça ruim! Meio saco! (*Arranca o saco da mão de Coco e o joga junto com os outros.*) Isso não vale a pena nem pesar. Cai fora! Não vou pagar nada por isso, não!
- Coco** — Tem coisa minha aí. (*Vai pegar o saco.*)
- Berrão** — Ei, que tu quer aí? Tira a pata desse saco.
- Coco** — Só vou apanhar uma coisa.
- Berrão** — Pega logo e se afasta dos sacos. Não quero ver ninguém aí. (*Coco retira uma boneca quebrada de dentro do saco.*)
- Berrão** — Que porcaria é essa?
- Coco** — Uma bonequinha. (*Todos riem.*)
- Berrão** — Pra que tu quer essa droga?
- Coco** — Pra mim.
- Berrão** — Vai brincar com boneca, agora? (*Todos riem.*)
- Berrão** — Por isso que esse país não vai pra fren-

- te. Ninguém quer saber de nada com o pesado. Esse puta marmanjo deu agora pra brincar com boneca. (*Todos riem.*)
- Berrão** — É o fim da picada. Vem outro! (*Aproximam-se Maria-Vai e Tião.*)
- Berrão** — Pra que vem em dois? Tu sai de lado. Deixa tua mulher cuidar das coisas. Ela entende melhor do que tu.
- Tião** — Fica os dois. Os dois que catou.
- Maria-Vai** — Te arranca, Tião. Seu Berrão já falou.
- Tião** — Cala a boca, mulher. Sei o que faço.
- Berrão** — (*Empurra Tião pra longe.*) Deixa só ela aqui! Tem medo que eu cante tua mulher?
- Maria-Vai** — Onda dele, Seu Berrão. Ele não é de nada. (*Tião afasta-se triste.*)
- Berrão** — (*pesando os sacos.*) Tudo junto dá seis quilos.
- Maria-Vai** — Pouco.
- Berrão** — Quer ir na fábrica conferir, como no outro dia?
- Maria-Vai** — (*sem jeito*) Vou.
- Berrão** — Então tu vai. Tião, tua mulher não confia na balança. Diz que estou roubando. Pra tirar a cisma dela, vou levar ela comigo lá na fábrica.



- Tião — Eu vou junto.
- Berrão — Tu não vai a parte nenhuma.
- Tião — Então a Maria também não vai.
- Maria-Vai — Vou! Quero saber o certo. —
- Tião — Não vai.
- Maria-Vai — Vou! Tu não me manda.
- Tião — Não vai!
- Berrão — Ela vai! Se ela não for, te tiro o ponto. Não vou querer lidar com gente que acha que eu estou metendo a mão. Pombas! Hoje que estou de boa lua, que vou dar uma colher de chá para ela ir saber lá na fábrica como é o macete, tu vai se invocar? Ela vai. Se tu espernear, te tomo o ponto e dou pra outro.
- Maria-Vai — Deixa de ser chato, Tião. *(Tião afasta-se, triste.)*
- Berrão — Tu fica lá junto dos sacos. *(Maria-Vai fica perto da pilha de sacos.)*
- Berrão — Anda, gente. Vamos logo com essa zorra! *(Noca aproxima-se e Pelado vai para junto dos outros.)*
- Berrão — Dois sacos. *(Pesa.)* Cinco quilos.
- Noca — Vai levar a perebenta pra conferir?
- Berrão — Tu vai amanhã.
- Noca — Deus me livre! Tu quer passar doença dessa vaca pra mim?

- Berrão — Dor de corno, bichinha! *(Noca pega o dinheiro e vai pra junto de Pelado.)*
- Berrão — Quem está faltando?
- Maria-Vai — O Bichado e a Poquinha.
- Berrão — Que merda! Sempre se espera pelos mais jogado-fora. Será que aqueles dois não sabem que não estou aqui pra perder tempo? Têm a noite inteira pra se virar, mas ficam dormindo. Daí se atrasam. Também, tem um negócio. Se me chegarem aqui com as mãos vazias, vão entrar bem. Não compro nada. *(PAUSA. Berrão anda nervosamente de um lado pra outro. O pessoal está agachado. Todos em silêncio. Chicão, sem que Berrão perceba, aproxima-se de Tião.)*
- Chicão — Tu vai deixar ele levar outra vez tua mulher?
- Tião — É só pra conferir.
- Chicão — Tu vai engolir isso?
- Tião — É bom alguém daqui ir conferir.
- Chicão — Então por que ele não te leva? Porque tu é feio que nem a peste. Leva a Maria, que é fêmea.
- Tião — Que tu quer dizer com isso?
- Chicão — Que ele vai se servir às custas da tua mu-



Iher. Teu chifre vai crescer um pouco mais.

Tião — Filho-da-puta!

Chicão — Banca o homem pra cima do Berrão.

Tião — Tu me dá nojo.

Chicão — E tua mulher? Essa vaca sem-vergonha que te passa pra trás na tua cara?

Tião — Ela também me paga.

Chicão — Papo furado.

Tião — Ninguém vai perder por esperar.

Chicão — Tu não é de nada. Quem tem que fazer o azar faz na hora. Esse negócio de ficar nas encolhas é negócio de trouxa.

Tião — O bom cabrito não berra.

Chicão — O chifre, tu já tem. Só que em vez de cabrito parece um bode.

Tião — Te arranca daqui! Vai dar palpite na vida da peste que te pariu!

Chicão — Não precisa azedar. Só estou querendo te dar uma mão.

Tião — Que mão! Tu só sabe me azucrinar.

Chicão — Quem azucrina sua vida não sou eu, não. É tua mulher mais esse Berrão. Ele que te desgraça. É ele. E não é só contigo que o merda se invoca. É com todo o mundo. Vive sacaneando a gente.

Tião — Se não é só comigo, tá aí. Por que ninguém estrila?

(PAUSA. Chicão sente a aproximação de Berrão, disfarça. Quando Berrão se afasta, Chicão volta a falar.)

Chicão — Esse cara há de morrer leproso.

Tião — Gente ruim não morre.

Chicão — Tu podia acabar com ele.

Tião — Não viu a razão pendurada na barriga dele?

Chicão — É . . . Ele é a lei. Pau mais forte.

Tião — Não adianta a gente apitar. Temos que esperar a volta.

Chicão — Nós devíamos armar um chaveco pra ele.

Tião — Não dá.

Chicão — Podemos forçar a barra.

Tião — É bobagem. O Berrão é uma parada federal.

Chicão — Como tá, não tá direito.

Berrão — E esses desgraçados não chegam. Quero ser mico de circo se não pegar de pau esse Bichado.

Maria-Vai — Deixa eles no ora-veja. Vamos nós.

Berrão — Se tu mais essa corja não fossem uns vagabundos, podia ir. Mas, como vou aparecer lá na fábrica com esse pingão de papel? Os caras vão cair no meu pelo. Essa porcária não paga nem a gasolina.



Mas, esses dois vão ter um acerto comigo. Pode botar fé.

(Berrão continua a andar nervosamente de um lado para outro.)

Chicão — Tu escutou?

Tião — A Maria tá assanhada, né? Mas, quando ela voltar, tu vai ver. Arrebento essa vaca.

Chicão — Psiu! *(Pausa)* Não falei da Maria, não. Tu não escutou o Berrão se queixar que é pouco papel?

Tião — E daí? O miserável sempre quer mais.

Chicão — E é aí que ele pode cair do burro.

Tião — Não sei porquê.

Chicão — Sei eu. É só a gente encostar o corpo, ele entra em pua. Se ninguém catar papel pra ele, quero ver o que o sacana vai dizer na fábrica.

Tião — Precisava ser todo mundo junto nessa jogada.

Chicão — Claro!

(Pausa. Os dois pensam.)

Tião — Tu já falou com os outros?

Chicão — Ainda não. Mas, se a gente fala, eles embarcam nessa canoa. Pode crer. Todo mundo tem bronca desse Berrão.

Tião — Isso é mesmo. Fala com o pessoal, se

eles entrarem no arrocho, eu também entro.

Chicão — Não. Tem que ser tu o cara a levantar a lebre.

Tião — É idéia tua.

Chicão — Poxa, mas tu tem mais papo que eu.

Tião — Te manjo. Tu sabe enrolar. Fala com os outros. Daí me avisa.

Chicão — Tem que ter a tua força.

Tião — Vai ter. Mas, só depois que estiverem todos bem papeados.

Chicão — Tu tá com medo!

Tião — Claro. Como tu.

Chicão — Eu estou firme.

Tião — E quer tirar o loló da seringa?

Chicão — Eu, não! Eu não falei com tu?

Tião — Então fala com os outros.

Chicão — Mas, que é isso? Se abre com eles. Tu sempre esteve na boa com esse povo. Já de mim, tem cara que estranha.

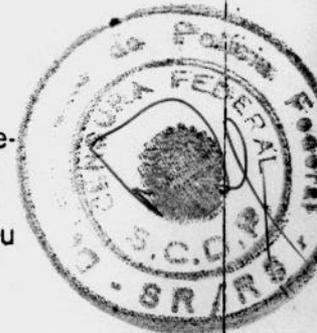
Tião — O lance é teu. Te vira.

Chicão — Meu, não. De todos.

Tião — Mas tu é o pai da criança.

Chicão — Mas, tu tem mais motivo que eu de querer ferrar o Berrão.

Tião — Não sei porquê. Ele mete a mão no teu bolso como no meu.



- Chicão** — Mas ele passa a tua mulher nas armas.
Tião — Corta esse papo.
Chicão — Mas não é?
Tião — Isso é comigo. Tu não te mete.
Chicão — Então vai lá e dá uma chifrada nele.
Tião — Filho-da-puta! Eu te arrebento!
(Tião pula em Chicão.)
Noca — Briga!
Pelado — Deixa brigar!
Coco — Dá-lhe! Dá-lhe!
Giló — Quem puder mais chora menos.
Berrão — É só os dois. Ninguém se mete.
(Entre vaias e risos, os dois homens ro- lam pelo chão.)
Maria-Vai — Dá-lhe, Tião! Dá nele, Tião!
(Chicão leva a melhor e vai estrangulan- do Tião.)
Tião — *(sufocando)* Ai... Ai...
Chicão — Geme, corno manso!
Tião — Me larga... Me larga... Ele me... mata... Me... ajuda...
Pelado — Ninguém se mete.
Maria-Vai — Ele vai matar o Tião. Não deixa, seu Berrão. Não deixal
Chicão — Esse sacana vai se acabar aqui.
Berrão — *(Dá um pé no peito de Chicão e o joga longe.)* Mixoul
Chicão — Ele quis. Deixa comigo!

- Berrão** — Mixou, já disse! Se quiser encrenca, é pra mim agora. *(Puxa o revólver.)* Vai querer?
Tião — *(levantando-se, gemendo)* Vai ter forra. Pode contar!
Chicão — A hora que tu quiser.
Maria-Vai — Por que tu não apertou os bagos dele? Ele se entregava.
Tião — Deixa ele. Eu ferro esse miserável.
Chicão — Estou aqui mesmo.
Berrão — Já mandei acabar esse assunto. Já estou de ovo virado porque aqueles dois não aparecem. Se me torram o saco, acerto um.
(Pausa)
Maria-Vai — Por que tu se grudou com ele?
Tião — Ainda pergunta, sua vaca?
Maria-Vai — Eu que pago o pato?
Tião — Foi por tua causa. Se tu não fosse tão galinha, eu não tinha que escutar de- saforo.
Maria-Vai — Mas que é isso? Que é que eu fiz?
Tião — Não tem nada que ir na fábrica.
Maria-Vai — Só vou lá conferir o peso.
Tião — Mas todo mundo fica falando que o Berrão te passa na cara.
Maria-Vai — O Chicão falou isso?
Tião — Foi.



Maria-Vai — Filho-da-puta! Nojento! Vai provar!
(*Para Chicão.*) Que tu tem que se meter
na minha vida, seu lazarento?

Chicão — Me deixa, mulher!

Maria-Vai — Cavallo! Não sabe arrumar mulher no
papo, fica costurando a vida delas.

Chicão — Cala a boca!

Maria-Vai — Tu vai provar o que disse de mim.

Chicão — Que foi?

Maria-Vai — Que o Berrão se trata comigo.

Chicão — Vai à merda! Todo mundo sabe disso.

Maria-Vai — O senhor escutou isso, seu Berrão?

Berrão — (*que está um pouco afastado*) Mas,
pombas, o que é agora?

Maria-Vai — Esse desgraçado falou que o senhor me
leva no caminhão pra dormir comigo.

Berrão — Tu disse isso?

Chicão — Eu, não!

Maria-Vai — Disse, sim! Agora não dá pra trás.

Chicão — Falei nada, não.

Maria-Vai — Por que o Tião se pegou com tu?

Berrão — Foi por isso, Tião?

Tião — Foi.

Berrão — (*puxando o revólver*) Canalha! Que tu
quer me aprontar? O quê? Te meto uma
bala na testa, seu sacana de merda! Que
tu quer comigo? Diz! (*Pausa*) Tu não é
bravo? Então, diz! O que quer comigo?

Chicão — Nada, não.

Maria-Vai — Nojento! Na hora de provar, afina.

Berrão — Vou te dar um castigo! (*Dá vários tapas
na cara de Chicão, joga-o no chão e lhe
dá pontapés.*) Quer mais? Diz! Quer
mais?

Chicão — Não! Por favor, chega!

Maria-Vai — Eu sei por que ele se mete na minha vida.
Quis chamego comigo e eu não me arre-
glei com ele. É isso. Só pode ser isso.

Chicão — Eu, não! Eu nunca te cantei.

Berrão — Porco, sem-vergonha! Dando em cima de
mulher que já tem homem. (*Dá mais uns
pontapés em Chicão.*)

Tião — Essa eu não sabia. Mas fica na conta. Vai
ter acerto.

Berrão — Eu devia te tomar o ponto.

Chicão — A rua é livre. Eu cato papel onde quiser.

Berrão — E limpa o rabo com ele. Eu não compro
de você. Vai vender pra quem?

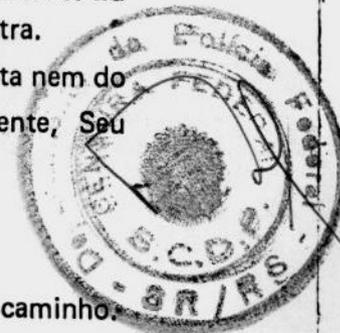
Noca — Dá pra nós o ponto dele, Seu Berrão. Eu
cato numa rua, o Pelado, na outra.

Maria-Vai — Ela mais o Pelado não dão conta nem do
ponto que têm. Dá pra gente, Seu
Berrão.

Noca — Puta invejosa!

Maria-Vai — Não se mete comigo!

Noca — Então não se atravessa no meu caminho.



Maria-Vai — Quem se meteu foi tu. Ninguém te chamou na conversa.

(Entram Bichado e Poquinha, seguidos de Frido, Gá e Nhanha.)

Bichado — Ei, pessoal! Olha só o que a gente achou!

Poquinha — Cara novas!

Bichado — Catando papel, sem ordem do Seu Berrão.

Poquinha — Pegaram seis sacos.

(Ficam todos amontoados olhando Frido, Nhanha e Gá. A menina agarra-se nas saias de Nhanha, que também está meio assustada. Pausa longa.)

Giló — Foi eles que cataram nos pontos da gente.

Pelado — Por isso que a gente não catou o de sempre.

Noca — Poxa, bem que a gente desconfiou.

Tião — Os sacos deles é da gente.

Chicão — É de quem pegar.

(Todos se precipitam sobre os três novos. Frido e Nhanha tentam impedir, são derrubados, Gá grita. Reina grande confusão. Os catadores velhos pegam os sacos e disputam entre si com grande violência. Frido e Nhanha tentam recuperar os sacos, mas são repelidos. Berrão diverte-se.)

Noca — Larga essa droga!

Maria-Vai — Esse saco é meu, sua desgraçada!

Chicão — Solta daí, seu trouxa!

Giló — Agarra outro, paspalho!

Coco — Esse é meu!

Tião — Cai fora, miserável!

Frido — Por favor, gente, esses sacos são meus.

Nhanha — Larga daí, moça.

Noca — Te arranca, pantera!

Maria-Vai — Cai fora, peste. Não gosto de mulher!

Chicão — Já disse que esse saco é meu.

Frido — Eu que catei ele.

Chicão — E daí? Vai empombar comigo?

Gá — *(agarrando-se em Nhanha)* Nhanha. . .

Nhanha. . .

Nhanha — Espera, Gá! Deixa eu solta! Deixa eu!

Eles querem roubar o papel da gente!

Gá — Nhanha. . . Nhanha. . .

Nhanha — Me solta, peste! *(Empurra Gá longe.)*

Maria-Vai — Aqui ninguém rouba nada, não. Entendeu?

Nhanha — Então larga os sacos da gente, moça. Deixa a gente em paz.

Noca — Que saco teu? Tu não tem nada aqui.

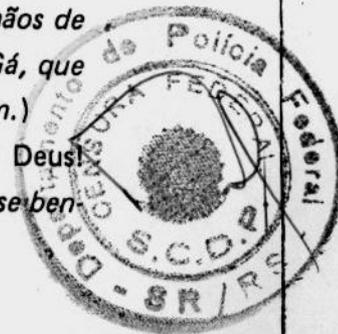
Gá — *(Chora, nervosa.)* Nhanha! Gá quer
Nhanha! Nhanha!

Maria-Vai — Vai cuidar da tua cria! Vai à puta que te pariu, mas te larga daqui.



- Noca — Ou prefere levar umas porradas?
 Gá — Nhanha! Nhanha!
 Frido — Cuida da Gá, Nhanha! Cuida dela!
 Nhanha — Essa gente tá roubando nós.
 Frido — Deixa comigo. A Gá vai ter um ataque.
(Nhanha não sabe o que fazer, Gá começa a ter um ataque histérico.)
 Berrão — Éta gente esganada. *(Ri.)*
 Frido — Por favor, me ajuda!
 Berrão — Aqui é cada um pra si.
 Frido — Larga daí, seu peste!
 Giló — Que é, vai roncar grosso?
 Frido — Larga esse saco!
 Giló — E se não largar?
 Frido — Esse saco é meu!
 Giló — Era. Agora é meu.
 Chicão — Tu aqui não tem vez.
 Tião — Pega a reta, otário. É o único jeito de livrar a tua cara.
(Gá está no auge do ataque.)
 Nhanha — *(atendendo Gá)* Por favor, me acuda, gente. Minha Gá vai morrer. Vai morrer!
 Frido — Precisa de água. Ajuda, gente! Ficam com os sacos, mas ajuda!
 Berrão — Só faltava essa.
(Todos rodeiam Gá. Coco traz uma vasilha com água.)

- Nhanha — Gá! Gá! Minha Gá! *(Berrando)* Ela morreu! Minha filha morreu!
 Frido — Não morreu, não. Ela não morreu, Nhanha. É sempre assim.
 Nhanha — Dessa vez morreu! Ai, meu Deus! Minha Gá! Minha Gá morreu!
(Todos ajoelham-se e começam a rezar. Os únicos que ficam de pé são Berrão e Coco, que segura a vasilha com água. Nhanha chora, debruçada em cima de Gá.)
 Todos — Ave Maria, cheia de graça etc.
(No meio da prece, Berrão avança até Gá.)
 Berrão — *(gritando)* Parem com essa droga!
(Todos param de estalo. Murmúrio geral.)
 Nhanha — É minha filha. Ela está morta!
 Berrão — Arreda daí, mulher!
 Frido — O que vai fazer?
 Berrão — Olha pra ver. Chega aqui, Coco.
(Arranca a vasilha de água das mãos de Coco e joga a água no rosto de Gá, que se mexe na hora. Todos murmuram.)
 Nhanha — Está viva! Está viva! Graças a Deus!
(Todos vão se levantando, alguns se benzezem. Estão contentes.)
 Frido — Obrigado. Muito obrigado.



- Berrão — Deixa pra lá.
- Bichado — Boa, Seu Berrão!
- Berrão — Eu sei das coisas.
- Tião — Viva o Seu Berrão!
- Todos — Vival Vival
- Giló — Esse negócio merece uma cachaça!
- Coco — Boal Boal
- Tião — Estamos aí!
- Giló — Quem vai entrar na vaquinha?
- Todos — *(gritando, vão dando dinheiro ao Giló.)*
Tou aí! Vou nessa! Olha eu! Boal Boal!
Vamos molhar a guela!
- Maria-Vai — E eu que ainda tenho que ir na fábrica!
- Tião — Vai a lugar nenhum!
- Berrão — Te levo amanhã. Hoje já estou atrasado.
- Noca — Fica com nós, Seu Berrão. Vai ser farra grossa.
- Berrão — Outra vez.
- Poquinha — Fica hoje, Seu Berrão. O senhor salvou a menina.
- Berrão — Coisa à-toa.
- Todos — Fica, Seu Berrão! Fical
- Berrão — Não dá. Se desse, ficava de gosto. Mas não dá.
- Nhanha — Então, obrigada.
- Berrão — *(Olha Nhanha de cima em baixo.)* Tu fica me devendo favor, mulher.
- Nhanha — *(encabulada)* Não sei como pagar.

- Berrão — Sei eu. Pode deixar que chega a hora.
- Frido — Que Deus lhe pague, meu senhor.
- Berrão — Nada de botar na conta de Deus. Se tem que pagar, paga aqui mesmo.
- Frido — Se a gente puder lhe fazer alguma coisa, a gente faz.
- Berrão — Vamos ver. Agora, vamos fazer os acertos dos sacos. *(Para Bichado)* Quantos tem aí?
- Bichado — Eu mais Poquinha apanhamos três. Essa gente, seis.
- Berrão — Os deles ficam meus. E os teus, não vou pesar hoje, não. Assim tu aprende a chegar na hora.
- Bichado — Mas a gente está a nenhum vintém.
- Poquinha — O que vamos comer?
- Berrão — Tem cinco quilos aí nos três sacos. Não vou pesar. Se tiver menos, azar meu. Se tiver mais, azar do teu lado. *(Dá dinheiro para Poquinha.)* E estou dando essa colher de chá porque tu e teu homem trouxeram esses caras para cá.
- Bichado — E o caso deles, Seu Berrão? O homem me viu catando papel e veio a mim, para saber onde eu vendia. Ele chegou hoje e já foi pondo a cara. Fazia isso na terra dele.
- Berrão — Que tu acha?



Bichado — Sei lál

Berrão — Ó, tu afl

Frido — Eu, senhor?

Berrão — Tu quer ser catador de papel?

Frido — É só o que sei fazer.

Berrão — Tá danado. Que tu fazia antes?

Frido — A gente era de tratar a terra.

Berrão — Trabalhava na roça?

Frido — Capinava. Limpava as terras.

Berrão — Saiu de lá por que?

Frido — Ganhava pouco. Não dava pra nada. E a gente queria vir para a cidade grande cuidar de arranjar um doutor pra menina. Nós foi sair no Rio. Lá a gente catou papel.

Nhanha — A gente escutou o povo dizer que aqui dá mais.

Nhanha — Nós viemos. Chegamos hoje.

Berrão — *(irônico)* Aqui é só trabalhar que ficam rico.

Frido — Basta poder ajuntar algum pra levar a Gá no doutor e a gente volta pra terra da gente.

Berrão — Tu é de trabalhar?

Frido — Trabalho não me mete medo, não, senhor. Nem em Nhanha. Ela também trabalha como homem. Pode levar fé na gente.

Berrão — Vamos ver. Cocol

Coco — Eu?

Berrão — Essa gente vai catar no teu ponto. Junto com tu. Vai achar ruim?

Coco — Eu, não. Pode catar. Eles precisam.

Berrão — Tu não gosta de trabalhar mesmo. Bem, o pessoal te põe dentro do macete. Pega esse dinheiro. Depois a gente desconta.

Frido — Obrigado.

Berrão — Agora ajuda a botar os sacos no caminhão.

(Todos pegam os sacos e saem acompanhados de Berrão, que não leva saco nenhum. Só ficam em cena Gá e Coco. Coco espia pra ver se o pessoal se afastou mesmo, depois aproxima-se de Gá. Coco tira a boneca do bolso e a mostra pra menina.)

Coco — Olha!

Gá — Dá pra Gá.

Coco — Tu quer a bonequinha?

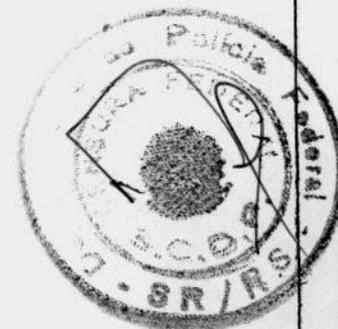
Gá — Quer. Gá quer.

Coco — Mas é do Coco. *(Ri.)*

Gá — Dá pra Gá! Gá quer!

Coco — Se tu quer, eu te dou.

Gá — *(alegre)* Dá! Dá! *(Tenta pegar.)*



Coco — (*Tira a bonecã.*) Não hoje. Outro dia. O Coco te dá, mas tu tem que agradecer o Coco.

Gá — Dál

Coco — Vou dar! Vou dar! Mas não vai ser hoje. O povo só foi até o caminhão. (*Olha pra ver se não vem ninguém.*) Outro dia que tu e Coco ficarem sozinhos, tu ajuda o Coco e ele te dá.

Gá — Dá pra Gá! Gá quer! Dál

Coco — Agora não! Agora não!

Gá — Dál! Dál!

Coco — Hoje não! Hoje não dá. Eles vêm aí (*Coco afasta-se rapidamente. Entram todos os que saíram, menos Berrão e Giló.*)

Chicão — Tomara que esse desgraçado encontre um poste no caminho.

Maria-Vai — Vai ser bem feito.

Noca — O diabo que o carregue.

Bichado — Unha de fome!

Poquinha — Morfético! Nojentol

Tião — Cara ruim de doer. E a bruxa não esbarra nele.

Chicão — Nasceu de bunda pra Lua.

Pelado — Onde será que esse desgraçado arranjou esse caminhão?

Bichado — Entre as pernas da mulher dele. Aquela galinha é que arranja as molezas pra ele.

Se passa com o dono da fábrica.

Tião — Tem cara de corno manso.

Noca — Fedorento! (*Para Nhanha*) Não te fia na bondade dele, não. Ele é a peste.

Nhanha — Ele foi bom pra gente.

Maria-Vai — Não fez mais que jogar água na cara da menina.

Poquinha — Nossa reza é que valeu pra ela.

Nhanha — Estou agradecida a todos.

Poquinha — Não foi nada, não.

Maria-Vai — E a menina está melhor?

Nhanha — Agora está.

Poquinha — Ela sempre tem isso?

Nhanha — Só quando se assusta.

Noca — A gente não sabia.

Nhanha — Já passou. Agora temos que juntar dinheiro pra levar ela no doutor.

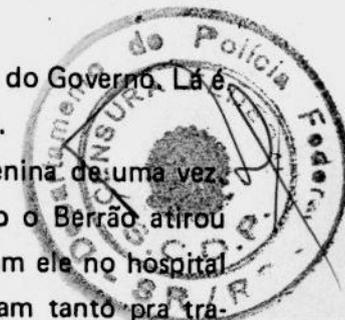
Poquinha — Doutor é atraso de vida. Só serve pra comer dinheiro.

Noca — São todos uns enganadores.

Nhanha — Mas a menina precisa. Que se há de fazer?

Maria-Vai — Podia levar no hospital do Governo. Lá é de graça. É pros pobres.

Noca — Lá é que matam a menina de uma vez. Tu não lembra quando o Berrão atirou no Zé Catinga? Levaram ele no hospital do Governo. Demoraram tanto pra tra-



tar do bruto, que ele se apagou antes. Só queriam saber quem atirou nele. Botar remédio que é bom, nada.

Maria-Vai — O melhor é mandar benzer. Tu acredita em reza?

Nhanha — Escutei dizer que é bom.

Noca — A gente conhece Dona Chica Macumbeira. Ela faz trabalho forte. A gente pode mandar ela vir rezar a menina.

Nhanha — Ela cobra caro?

Maria-Vai — Coisa pouca. Só as velas, a cachaça e a comida do Santo. Mas tira qualquer encosto.

Nhanha — Então, deixa a gente poder. A gente manda ela aí.

Noca — Isso é encosto. Só pode ser.

Chicão — E esse Giló que não vem com a pinga?

Tião — Vai ver que se chapou sozinho.

Pelado — Ele não é besta de fazer uma dessa.

Bichado — A gente foi trouxa em largar a grana na mão dele.

Frido — Se o moço falou que vem, é que vem. Às vezes demora.

Chicão — Foi bom tu abrir o bico. Vou te dar o serviço certinho desse Berrão.

Frido — Parece bom homem.

Chicão — Não vale a comida que come. É um filho-da-puta. Tu vai ver. Agora, abre o teu

olho. Não deixa ele se chegar muito pra junto da tua mulher, se não ele te desgraça.

Frido — Nhanha é mulher direita.

Chicão — E ele quer saber lá disso?

Frido — Ela é mulher de homem.

Chicão — Quem avisa amigo é. Te cuida.

Frido — Se alguém faltar com o respeito com Nhanha, eu mato.

Chicão — Todo mundo diz isso quando chega. Depois, o Berrão caga e pisa em cima.

Frido — Falei, tá falado, moço.

Chicão — Só te avisei.

(Entra Giló.)

Giló — Olha a pinga, gentel

Chicão — Demorou, peste.

Giló — Fui buscar longe.

Tião — Abre logo essa malvada.

Noca — Ôi nós aqui.

Maria-Vai — Mulher também é filha de Deus.

Poquinha — Vamos encher o caco.

Pelado — Éta pinga boa.

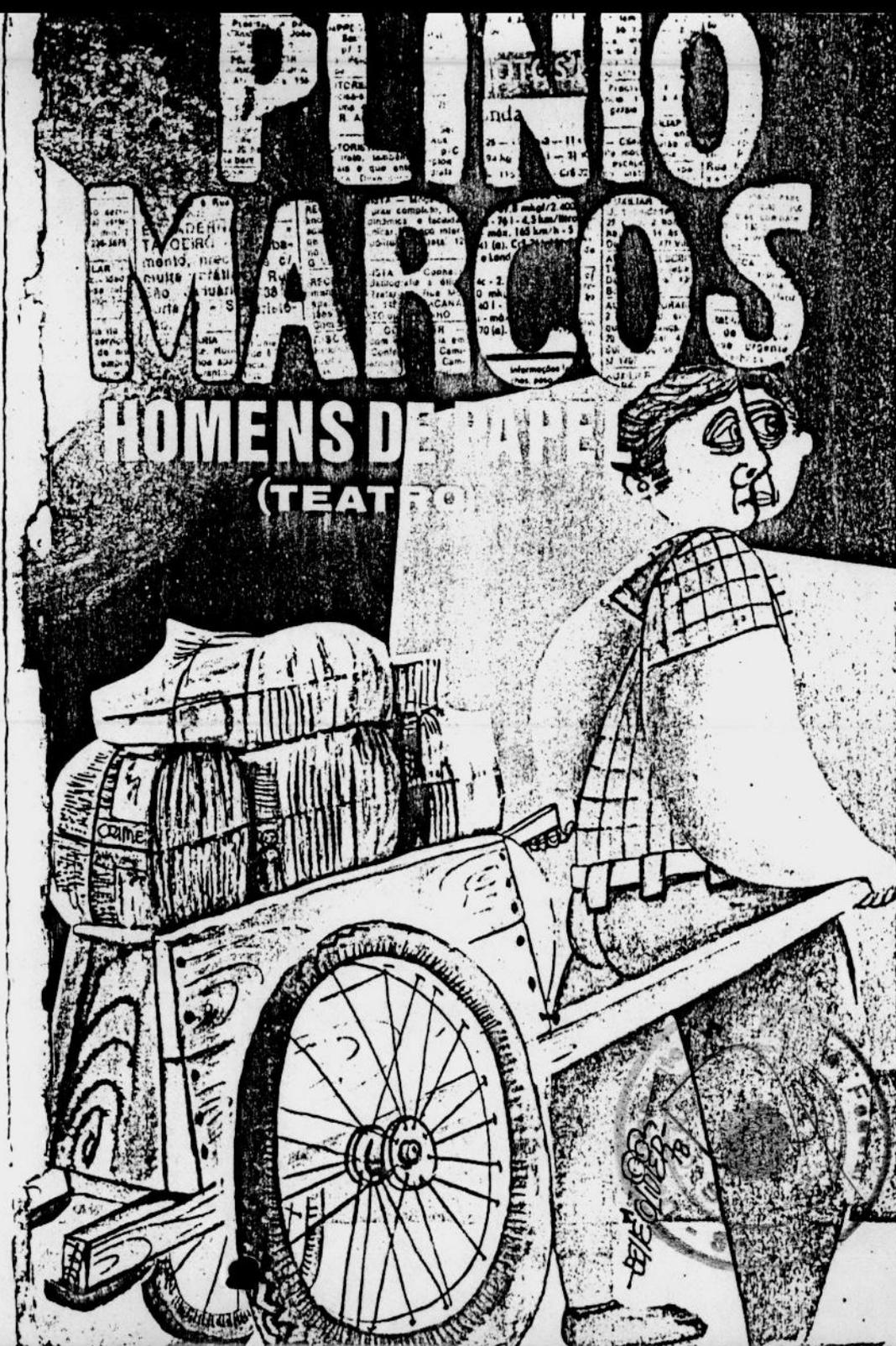
Bichado — Faz roda, povo.

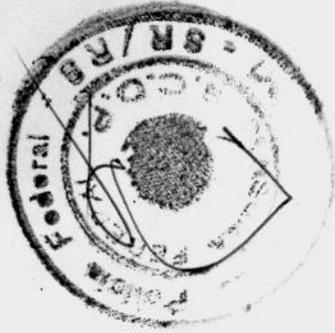
(Todos juntam-se. As garrafas vão passando de mão em mão. Todos bebem em silêncio, menos Nhanha, que fica com Gá. Estão todos tristes e pensativos. Ficam muito tempo em silêncio bebendo.)



Coco sai da roda e fica olhando Gá, que dorme. Tira a boneca do bolso e começa a acariciá-la.)

FIM DO PRIMEIRO ATO





SEGUNDO ATO

(Ao abrir o pano, todos estão jogados pelos cantos, dormindo. As garras vazias estão espalhadas pelo palco. Nhanha acorda, olha o céu, o Sol lhe fere as vistas. Nhanha sacode Frido.)

Nhanha - Acorda, Frido.

Frido - Que é?

Nhanha - O Sol já está alto. Levanta, homem.

Frido - Deixa eu dormir.

Nhanha - Acorda, Frido. (Sacode Frido.) Levanta,

homem de Deus! Levanta!

Frido - (sentando-se) Hein?.. Que é?

Nhanha - Se mexe, homem. O dia já vai longe.

Frido - Minha cabeça... como dó!

Nhanha - Quem mandou beber?

Frido - Não fa fazer desteita pro pessoal logo no

primeiro dia aqui. Não conheço nin-

guém. Eles podiam arrearar.

Nhanha - Eu não gostei dessa gente. E tu?

Frido - Sei lá. (Passa a mão na cabeça.) Sei que

não estou bem.

Nhanha - Molha a cara que melhora.

Frido — É. Mas, onde?

Nhanha — Não sei.

Frido — Essa cabeça está uma lasqueira. Parece que vai arrebentar. Vou descansar mais um pouco. *(Deita-se.)*

Nhanha — Levanta, Frido. A gente tem que saber da vida: Precisamos arrumar dinheiro. Nós tem que cuidar de Gá. A pobrezinha tem cada vez mais esse negócio ruim. Levanta, homem! Levanta! É preciso sacudir o corpo!

Frido — Eu sei! *(Senta-se.)* Eu sei! Oh, vida!

Nhanha — A gente não pode reclamar. Tu bebeu, não tem costume, paciência. Mas tem que dar duro. A Gá precisa de doutor; E com ela sarada, a gente volta pra nossa terra. Isso aqui é muito bom, mas não presta pra nós.

Frido — Todo lugar é igual. Ai, minha cabeça, como dói. Me dói tudo. Parece que apanhei de rabo de tatu.

Maria-Vai — *(que há algum tempo estava acordada, assistindo à cena)* Está de ressaca, parceiro? *(Ri.)*

Frido — Estou bem ruim.

Maria-Vai — Com o tempo acostuma.

Nhanha — Deus queira que não. Frido nunca foi de beber. Só bebeu ontem pra não desfei-

tear ninguém. A gente é nova aqui, alguém podia arrearar.

Maria-Vai — Um fogo nunca matou ninguém. Nós, todas as noites, enchemos a cara de cachaça. É o jeito. A vida é uma merda mesmo. Só com cachaça a gente escora.

Nhanha — A senhora é só com Seu Tião. Mas nós tem que pensar na Gá. Ela precisa de doutor. Deus me livre que Frido mais eu falte. Que vai ser dela largada nesse mundo?

Maria-Vai — Se sossega. Quem morre na véspera é peru. Nós dá jeito nela. A gente chama Dona Chica. Ela, com reza, bota essa menina boa.

Nhanha — A gente agradece. Mas também quer saber de doutor.

Frido — *(Tenta ficar em pé.)* Ai, está tudo rodando!

Maria-Vai — *(rindo)* Amarrou um fogo de gente, hein? Tá que não pode com o cadáver!

Frido — *(envergonhado)* Falta de costume. *(Senta-se.)*

Nhanha — Tem jeito, Frido. Temos que ir.

Maria-Vai — Onde quer ir a essa hora?

Nhanha — Catar papel.

Maria-Vai — *(rindo)* Gente fominhal! Isso lá é hora de se virar? Nós aqui só sai à tardinha. An-



tes é besteira. Não tá vendo o povo dormindo? Só vão acordar na hora de ir.

Frido — É assim?

Nhanha — Gente mole.

Maria-Vai — Ninguém está com a ganância pega. Nós sabe das coisas. Com trabalho ninguém se ajeta nessa merda de vida. Pra que dar duro? Pro Berrão ficar mais rico? Aqui, ó! *(Faz gesto.)*

Nhanha — Mas nós não vai esperar deitado a noite chegar. Não estamos acostumado.

Maria-Vai — Que mulher mendiguenta. Descansa e deixa o teu homem descansar. Não se aguenta nas pernas. Fica aí.

Frido — Acho que a dona tem razão.

Nhanha — Tu quer passar o dia inteiro como um bicho-preguiça?

Frido — Só hoje.

Nhanha — Não me dá gosto.

Chicão — *(acordando)* Que puta falação é essa aí?

Maria-Vai — Esse povo queria catar papel desde já.

Chicão — Estão loucos, gente?

Nhanha — Nós precisamos.

Chicão — Todo mundo precisa.

Frido — Nós tem a menina.

Chicão — E daí? Vai dar jeito, um quilo a mais, um quilo a menos?

Nhanha — Um quilo hoje, outro amanhã. . .

Frido — De manhã não dá?

Chicão — Sempre dá.

Nhanha — Então a gente vai.

Chicão — Vai, o cacete!

Frido — O que o senhor quis dizer?

Chicão — Que de manhã ninguém sai catando porra nenhuma!

Frido — E por que não?

Chicão — Porque eu não vou deixar. E pra seu governo, é bom não se escamar comigo. Sei o que faço. Se tu sai cedo, vai pegar uns dez sacos. Aí, o Berrão vai querer que a gente pegue igual a tu.

Nhanha — Mas nós precisamos. Nós tem a menina.

Chicão — Tu cala a boca. A conversa é de homem.

Frido — Escute aqui, seu moço. Nhanha é minha mulher, tem que ser respeitada.

Chicão — Vai à merda! Tu e ela. Quem chega por último, tem que respeitar o que os outros fizer.

Frido — Acho que já falou demais.

Chicão — E daí?

Frido — Não gostei.

Chicão — Coma menos.

(Frido tenta ficar em pé, sente-se tonto, senta-se outra vez.)

Frido — Ai, minha cabeça!

Chicão — Tá podre e ainda quer bancar o valente!



Logo comigo, raça da peste? É tudo sabujo do manda-chuva.

Nhanha — Se o Frido estivesse bom, tu fá ver. Ele não é homem de aturar desaforo.

Chicão — Papo furado. Não boto fé em cara que não sabe beber. Por isso é que teve essa filha endoidada da moléstia.

Nhanha — A coitadinha não tem culpa de ser assim.

Chicão — Disso sei eu. A culpa é desse frouxo.

Frido — Me respeita, homem!

Chicão — Vai querer?

Frido — Espera eu melhorar.

Chicão — Otário! Devia te arrebentar.

Maria-Vai — Deixa pra lá, Chicão.

Nhanha — O Frido não está bom. Quando ele sarar, o senhor fala com ele. Aí quero ver.

Chicão — Vai ver! É só avisar que está no jeito. Boto ele outra vez de molho.

Maria-Vai — Esquece essa onda, Chico.

Chicão — Tu abre o olho. Se sair catando papel antes de nós, te estrepo.

Maria-Vai — Vai, vai puxar tua palha.

Chicão — Logo agora que a gente está querendo dar um gelo no desgraçado do Berrão, esse aí vai querer furar a chapa catando mais?

Maria-Vai — Que gelo é esse que não sei?

Chicão — A gente está combinando de não catar nada uns dias. Só pra ver a cara do Berrão.

Maria-Vai — Se o Berrão sabe, come a alma de um.

Chicão — Cagueta pra ele. Foi jogada do Tião.

Maria-Vai — Como ele não me disse nada?

Chicão — Não se fia em ti.

Maria-Vai — Miserável! Ele me paga.

Chicão — Não vai dizer que eu falei.

Maria-Vai — Não sou de entregar ninguém.

Chicão — Melhor pra ti. Agora, segura esses dois, pra eles não se assanharem. Se o Berrão se engraça com eles, tira o ponto de um de nós e dá pra eles. Nosso trunfo é todos juntos. *(Deita-se.)*

Nhanha — Que pouca vergonha! Teve medo do homem?

Maria-Vai — Não liga, não. Um dia é da caça, outro do caçador.

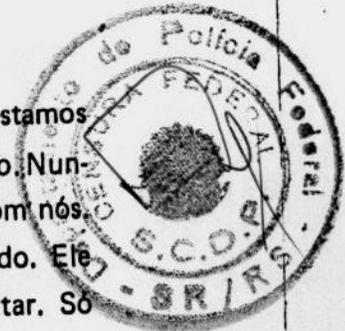
Nhanha — Mulher de homem nunca é desfeiteada.

Frido — Não estou bom, mulher!

Nhanha — Quem mandou beber? Tá aí. Vexaram a gente.

Frido — Vai ter troco.

Nhanha — A senhora desculpa a gente. Não estamos acostumados a comer enrolado, não. Nunca ninguém falou grosso assim com nós. Nem o capataz gritava com Frido. Ele sempre foi homem de se respeitar. Só



aqui foi acontecer isso. Porque ele bebeu e não está acostumado.

Frido — Cala a boca, Nhanha! Cala a boca! Já não chega eu estar no virador? Já não chega esse peste me destratar, tu também vai botar lenha na fogueira? Então não sabe o homem que tem?

Nhanha — Eu sei. . .

Frido — Então fica calada! Tu acha que vou engolir tudo sem tugar nem mugir? Espera eu sarar. Ele engole cada um dos desaforos que me fez.

Maria-Vai — Não fica queimando a mufa à-toa. Também não foi o fim do mundo. Pior foi comigo que o cachorro do Tião não me botou dentro da presepada que vão armar pro Berrão. Ele, sim, que vai me pagar. Vem molhar a cara, homem. Só assim tu fica bom. Vem, vou te levar na bica. *(Maria pega Frido pela mão e sai com ele. Nhanha fica meio aflita, faz menção de sair. Gá acorda, chorando.)*

Gá — Nhanha. . . Nhanha. . .

Nhanha — Estou aqui, Gá.

Gá — Gá tá com fome, Nhanha.

Nhanha — Sei. *(Apanha uma trouxa de roupa.)*

Gá — Gá tem fome, Nhanha.

Nhanha — Já vai, Gá! Já vai! *(Tira da trouxa um*

pedaço de pão velho e dá pra Gá.)

Gá — Pão bom, Nhanha! *(Come com gula.)*

Nhanha — Come, Gá! Come! *(Levanta-se e olha apreensiva para o lado em que Frido saiu.)*

Gá — Nhanha! Nhanha!

Nhanha — Estou aqui, Gá. Não vou longe.

(Tião acorda.)

Tião — *(Olha em volta.)* Poxa, essa Maria já se mandou? *(Grita.)* Maria! Maria! Onde tu se meteu?

Nhanha — Ela saiu, moço.

Tião — Onde ela foi? Não disse?

Nhanha — Foi mostrar a bica para o meu Frido, que não está bom.

Tião — Galinha desgraçada! Não pode ver macho, que já quer sair pra se roçar com ele. Vadia sem-vergonha! Hoje ela me paga.

Nhanha — Mas ela foi só levar o Frido na bica.

Tião — Eu manjo essa história da bica! Mas hoje peço essa puta na porrada. Frito ela.

Nhanha — Frido é um homem direito!

Tião — Não duvido. Mas a Maria é uma vaca descarada. Me larga dormindo pra andar com outro homem. Vagabunda! *(Grita.)* Maria! Maria!

Maria-Vai — *(fora de cena)* Já vou, coisa ruim!



Tião — Tá pondo as calças? Vem, desgraçada de uma figa!

Maria-Vai — *(fora de cena)* Espera! Não vou fugir!
(Tião procura um pedaço de pau. Acha um que lhe serve.)

Tião — Hoje ela vai se rebolar!

Nhanha — O que o senhor vai fazer?

Tião — Vou fazer o cacete cantar.

Nhanha — Dona Maria não fez nada de mais.

Tião — Deixa essa cadela prá mim.

(Entram Maria-Vai e Frido, que vem com o rosto molhado.)

Maria-Vai — Ainda está molhado. *(Levanta a saia e enxuga o rosto de Frido.)* Pronto, está aí teu homem. Tá novinho outra vez.

Tião — Se apronta, sua vaca. Vai ganhar o teu!

Maria-Vai — Que é que eu fiz?

Tião — Muito engraçada! Sai com o cara e ainda pergunta?

Maria-Vai — Só fui mostrar a bica pra ele.

Tião — Nojenta!

Frido — É verdade.

Tião — Tu não se mete. É melhor pra ti. Tu fez teu trabalho de homem. Mulher deu sopa, pegou e pronto. Tá certo assim. Agora, não põe o teu nariz em briga de casal, se não engrossa pro teu lado.

Frido — Mas não aconteceu nada.

Tião — Vai acontecer agora. Há muito que estou pra dar uma entortada nessa galinha.
(Tião agarra Maria-Vai pelo braço e bate nela com o pau.) Toma, cadela! Toma!

Maria-Vai — Porco! Nojento! Só faz valentia com mulher! Ai, ai, corno manso! Ai, ai!
(Todos acordam e ficam assistindo à briga.)

Tião — Vagabunda! *(Bate mais. Derruba Maria no chão.)*

Maria-Vai — Socorro! Socorro! Ai, ai, ele me mata! Socorro, gente. Ele me mata.

Frido — Isso não está direito! *(Faz menção de entrar na briga.)*

Bichado — Não se mete! Isso é coisa deles. Vivem juntos porque querem.

Poquinha — São brancos, que se entendam!

Maria-Vai — Ai, ai! *(Levanta-se e sai correndo para o lado em que está Gá.)* Socorro! Socorro!
(Gá, que já está assustada, começa a chorar e a gritar por Nhanha. Tenta levantar-se, mas Maria-Vai tropeça nela e as duas caem.)

Nhanha — Olha a menina aí!

Gá — Nhanha! Nhanha!

Maria-Vai — Me larga! Me larga!

(Tião continua a bater em Maria-Vai. Nhanha tenta tirar Gá da confusão. Con-



Maria-Vai — Ele me quebrou toda.

Noca — Isso passa.

Poquinha — Não é nada.

Maria-Vai — Não foi no teu lombo as pauladas.

Noca — Deixa de onda, Maria. Logo tu tá inteira.

Maria-Vai — Onda? Tu vai ver o que é onda quando eu entregar esse porco nojento pro Berrão.

Tião — Vai querer dizer que eu te bati? Ele vai cagar de rir. Vai achar que foi bem feito.

Maria-Vai — Vou caguetar pro Berrão que tu anda enchendo a cabeça do pessoal contra ele.

Tião — Eu? Tu ficou louca? Acho que te deixei de moleira mole!

Maria-Vai — Pensa que eu não sei?

Tião — Tu sabe o quê?

Maria-Vai — Que tu arrumou pra ninguém catar papel só pra encher a bucha do Berrão.

Tião — Eu? Eu, não!

(Todos murmuram.)

Maria-Vai — Tu mesmo. E tá todo mundo nessa jogada. E tu é o cabeça.

Bichado — Não mete eu nisso.

Poquinha — Nem eu.

Pelado — Livra minha cara.

Giló — Vai botar a gente no fogo?

Noca — Vê lá.

Tião — Essa cadela está batusquela.

Maria-Vai — O Chicão me pôs por dentro. Tu tinha medo que eu dedasse? Agora é que dedo mesmo.

Tião — Que palhaçada é essa, Chicão? Tu que apareceu aqui com esse papo. Eu caí fora.

Chicão — Escuta, gente. Ninguém está por dentro. Só que joguei verde. Agora o jogo está aberto. Que tu diz, Pelado?

Pelado — Sei, não.

Chicão — O Tião acha que a gente tem que dar um arrocho no Berrão.

Tião — Eu, não! Tu que acha.

Chicão — O filho-da-puta anda metendo a mão na gente, sem dó. Rouba pra valer.

(Pausa)

Bichado — Continua.

Chicão — O Tião acha que se a gente não catar nada por uns dias, ele sente o aroma da perpétua e daí maneira.

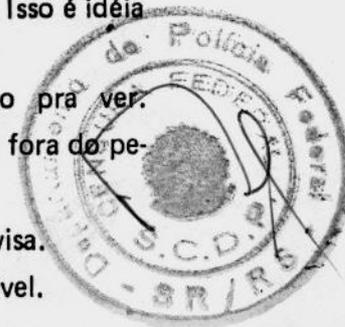
Tião — Eu não acho porra nenhuma. Isso é idéia tua!

Giló — Se todos toparem, eu pago pra ver.

Chicão — Só dá certo se ninguém mijar fora do penico.

Poquinha — Quem furar a chapa ganha divisa.

Chicão — Mas aí a gente apaga o miserável.



segue. Gá tenta se afastar e cai em cima de Chicão.)

Chicão — Poxa, que zorra! *(Levanta-se e empurra Gá com brutalidade.)*

Gá — Não, não! Nhanha!
(Antes que Nhanha e Frido possam fazer alguma coisa, Coco agarra Chicão e o atira longe.)

Coco — Não toca na menina! Não toca! *(Gá corre para junto de Nhanha e se abraça com ela. Todos estão olhando Coco, surpresos. Até Tião para de bater em Maria e espia.)*

Chicão — Que é, Coco? Tu acha que eu ia fazer maldade com a menina?

Coco — Se tu tocar nela, eu te mato!

Chicão — Sou teu chapa. Não faço mal pra menina, não. Logo eu?
(Coco afasta-se. Chicão fica em pé. Frido olha tudo pateticamente. Maria-Vai está jogada no chão gemendo.)

Chicão — *(para Frido)* Abre o olho com esse cara. Cuida da tua menina. Ele não é certo da cachola.

Coco — *(aproximando-se de Gá, que está chorando)* Não chora, menina. Coco não deixa

ninguém te bater. Coco não deixa. Quem quiser te maltratar, Coco mata!

Nhanha — Viu, Gá? O homem não quer que tu chore.

Coco — Quer a bonequinha? *(Ri.)* Coco te dá. Depois tu dá de novo pro Coco. *(Tira a boneca do bolso e dá pra Gá.)*

Gá — Gá quer. Gá quer.

Coco — É do Coco.

Frido — Devolve essa droga pra ele, Nhanha.

Nhanha — Deixa ela brincar.

Frido — Mandei devolver.

Coco — Deixa com ela.

Frido — Entrega essa merda pra ele, anda!

Nhanha — Cuida daquela boneca ali. Está machucada por tua culpa.

Frido — Tu quem sabe. *(Afasta-se, irritado.)*

Gá — *(ninando a boneca)* Nana! Nana! Nana!

(Coco ri, feliz, mas vidrado na menina.)

Maria-Vai — Ai, ai, meu Deus! Ai!

(Poquinha e Noca aproximam-se dela.)

Poquinha — Levanta, Maria!

Noca — Vai ficar aí jogada fora?

Maria-Vai — Ai... Ai...

(Poquinha e Noca ajudam Maria-Vai a ficar em pé.)



Maria-Vai— Unha de miséria.

Giló — Mulher machuda.

Pelado — O homem dela não manda?

Chicão — É. Não é tu o galo dessa galinha?

Tião — Se ela engrossar, faz que nem eu fiz com a Maria.

Frido — Eu cuido dela.

Chicão — A gente quer ver.

Frido — Nhanha, eu sei que a Gá precisa do doutor. Mas, se tá todo mundo querendo se juntar contra um cara que é ruim, nós está com essa gente.

Nhanha — Essa gente não presta.
(*Todos vão.*)

Frido — Tu faz o que eu mandar.

Nhanha — Eu vou catar papel. A Gá precisa de doutor.

Maria-Vai— A gente traz a Dona Chica Macumbeira.

Frido — Tá aí, pronto.

Nhanha — Tu tá afrouxando, Frido. Homem à-toa! Nós veio aqui pra ganhar dinheiro. Só pra isso. Tu se meteu com essa mulher e com a bebida, já é igual à peste. Te desconheço. Mas ainda sou mais eu. Pari essa criança e sei que não vou soltar ela no mundo. Precisa de doutor. Vou dar! E tu com essa gente pode ir à merda!
(*Pausa*)

Giló — Até de noite ela se encolhe.

Noca — Deixa ela esfriar a cuca.

Maria-Vai — A gente traz a Dona Chica rezadeira. Ela se sossega, então.

Frido — Faz o que tu quiser. (*Sai.*)

Pelado — Vamos procurar comida.

Poquinha — A hora é essa.

(*Saem Pelado, Poquinha, Noca, Bichado e Giló.*)

Chicão — Vê lá, mulher. É melhor não se botar contra a gente.

(*Chicão e Nhanha encaram-se. Depois Chicão sai.*)

Chicão — Vamos nós.

Maria-Vai — Vamos.

(*Saem Chicão, Maria-Vai e Tião. Nhanha está triste. Coco olha a menina brincar. Depois de algum tempo, Nhanha repara em Coco.*)

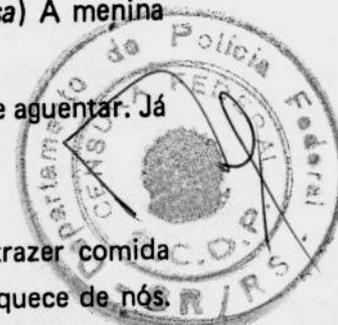
Nhanha — Tu não vai comer?

Coco — Não estou com fome. (*Pausa*) A menina não tem fome?

Nhanha — Ela já comeu pão. Dá pra se aguentar. Já passou pior, tá acostumada.

Coco — Tu não tem fome?

Nhanha — Não. (*Pausa*) Frido deve trazer comida pra gente. Ele nunca se esquece de nós. Ele é um bom homem. Hoje ele está



56

- Bichado — Sei, não.
- Chicão — Tem que saber.
- Giló — Eu já disse. Se todos toparem, estou aí.
- Pelado — Também eu.
- Noca — Vamos lá.
- Bichado — Há muito que esse Berrão precisava de uma entortada.
- Tião — Por isso que eu bolei o azar.
- Chicão — Com o Coco não tem mosquito. Nunca cata nada mesmo.
- Poquinha — Eu vou firme.
- Maria-Vai — Tu me fez de palhaça, mas eu vou firme.
- Todos — Viva a Maria! Viva a Maria!
- Tião — *(abraçando a Maria-Vai)* Mulher legal!
(Todos empurram o casal e dão vivas.)
- Poquinha — O Berrão vai se estrepar!
- Noca — Vai entrar bem!
- Bichado — Vai gastar gasolina à-toa!
- Pelado — Não leva um saco daqui hoje.
- Giló — E a pinga?
(Todos murmuram.)
- Noca — Tenho algum. Dá pra cachaça.
- Todos — Boa! Boa!
- Chicão — O Berrão caiu do burro!
(Todos os catadores cantam e dançam.)
- Todos — O Berrão não é mais aquele/Pau na bun da dele.

57

- Chicão — Espera, gente!
(Todos murmuram.)
- Giló — Que foi?
- Chicão — *(Aponta Frido.)* E esse aí?
- Tião — Como é? Tá com a gente?
(Pausa. Frido olha Nhanha e abaixa a cabeça.)
- Maria-Vai — Como é que é? Tá com a gente?
- Frido — Estou.
- Todos — Boa! Legal! Viva nós! Cacete no Berrão.
- Chicão — E tua mulher?
- Frido — Tá comigo.
- Todos — Legal! Berrão se danou! Boa!
- Nhanha — Espera! *(Pausa)* Eu estou com a minha filha. Com ela que estou. Vim aqui pra ganhar dinheiro pra levar ela no doutor. E vou ganhar. Quer queiram, quer não. Foi só pra isso que vim aqui pra essa lasqueira dessa terra. Não tenho nada com a vida dos outros. Quero que cada um amargue seu giló. Mas, de mim e da Gá sei eu. Se todos aqui são uns vagabundos eu não sou. Já perdi o dia, não vou perder a noite. Vou catar papel. *(Pela minha menina. Ela precisa.)*
(Pausa)
- Noca — Fominha.
- Poquinha — Morta de fome.



ruim. Foi beber ontem à noite, não tem costume, deu o que deu. *(Pausa)* Mas, o Frido é um homem de trabalho. Sempre deu duro. É que a sorte não caiu pra gente. Tivemos a menina assim. Não tem culpa, coitadinha. Mas, atrapalha. A gente já podia ter se ajeitado na vida.

Gá — Nana, nana, nana. . .
(Coco ri.)

Nhanha — Pobre Gá. Nós tem que ajuntar dinheiro logo pra te levar no doutor. Assim que tu sarar, nós volta pra nossa terra. Lá é que é nosso lugar. Bem que o povo fala: Cada macaco no seu galho. Lá que a gente estava bem. Mas lá não tem doutor. A gente teve que vir. *(Coco, sem ligar para o que Nhanha fala, contempla, com desejo estampado no rosto, a menina ninar a boneca.)*

Nhanha — Eu só tenho medo que o Frido fique igual aos homens daqui. Que ele fique homem à-toa. A gente tem que cuidar da Gá. Se a gente faltar, que há de ser dela? Nem é bom pensar em desgraça. Valha-me Deus, nosso Senhor! *(Benze-se.)*
(Nhanha para de falar, cai em si. Olha pra Coco, que está fixo em Gá. Nhanha fica apreensiva.)

Nhanha — Agora chega, Gá. Já brincou. Dá a boneca pro homem.

Gá — Não! É da Gá!

Nhanha — Dá a boneca!

Coco — *(rindo)* É do Coco.

(Nhanha tira a boneca de Gá e dá pra Coco, que se afasta.)

Gá — Quer! Gá quer!

Coco — Depois tem mais. *(Afasta-se.)*

Gá — Quer! Gá quer! *(Chora.)* Gá quer!

Nhanha — Para de chorar, Gá! Não adianta abrir o berreiro. Não é da gente. Tem que se aguentar.

Gá — Gá quer!

Nhanha — Não resmungal

(Gá fica emburrada e Nhanha pensativa. Entram Chicão, Noca, Poquinho, Giló e Bichado.)

Chicão — Já se decidiu a topar a parada com a gente?

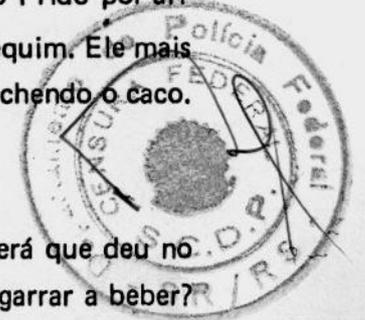
Nhanha — Sei de mim. Alguém viu o Frido por aí?

Giló — Tá num pau só, lá no botequim. Ele mais o Tião e a Maria. Estão enchendo o caco.

Nhanha — O Frido também?

Giló — Todos os três.

Nhanha — Valha-me Deus! O que será que deu no meu Frido pra ele se desgarrar a beber?

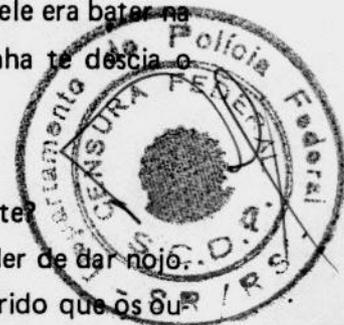


62

- Noca** — Nada. Só que hoje não vai sair ninguém catando papel. Então, bota pra beber.
- Nhanha** — Nós vamos. O Frido sabe que nós temos precisão de dinheiro.
- Pelado** — Mas sabe também que com a gente não vale a pena bancar o marrudo.
- Bichado** — Com a gente é nessa toada. Quem quiser sair catando papel, sai. Ninguém vai atrapalhar. Só que tem um porém. . . Quando voltar, a gente toca fogo nos sacos. *(Todos riem.)*
- Poquinha** — E se duvidar, a gente toca fogo na roupa da trouxa também. É só ela bancar a boca-dura.
- Pelado** — Quando a gente cisma, é dureza. Nós derruba qualquer um. Tu vai ver o Berrão. Vive aprontando as dele. Todo mundo deixou andar. Um dia a gente se invocou. Esse dia foi hoje. Armamos a cama pra ele se deitar. Depois de hoje, ele se manca e fica manso como um bugio velho. Aquele canhão que ele traz na barrigueira não vai lhe valer, não. Ninguém vai brigar, nem nada. Só que não se cata papel. Manda o palhaço dar tiro, gritar, espernear. Vai se estrepar. Vai dar tiro na vaca que o pariu. Que aqui a gente se lasca, mas não cata papel pra ele.

63

- Giló** — Só quando ele falar direito com a gente.
- Chicão** — E arrumar uma balança sem truques pra pesar os sacos.
- Bichado** — Os dias de machão daquele desgraçado acabaram. E não vai ser ninguém a dar colher de chá pro miserável. Entendeu? Ninguém!
- Poquinha** — Muito menos essa vadia aí.
- Giló** — Muito tempo a gente deu o lombo pras porradas dele. Agora é a hora da virada.
- Chicão** — O que ele fez não se faz nem com um cachorro cheio de sarna.
- Giló** — Roubava a gente de dar gosto.
- Chicão** — E não era nada, perto do que ele aprontava com o Bichado, o Tião e o Pelado. Cada dia arrastava a mulher de um.
- Noca** — Eu, não.
- Poquinha** — Eu, não!
- Chicão** — Todas. E daí? O Berrão era a lei. A gente se afinando, ele se servia.
- Pelado** — E em tu, então! O sarro dele era bater na tua cara. Qualquer coisinha te descia o braço.
- Bichado** — E tu não encarava.
- Giló** — E alguém podia com a peste?
- Chicão** — Era um salve-se-quem-puder de dar nojo. Um com olho mais comprido que os outros.



tros nos pontos bons. Um fazendo chavecada pro outro a toda hora.

Giló — Isso quebrava a força.

Noca — Mas agora estamos aí!

Poquinha — Todos contra o fedorento do Berrão.

Noca — E quem não estiver com a gente entra bem.

Chicão — Vai ser aquela parada.

Giló — De dar gosto.

Pelado — Assim que tem que ser.

Bichado — Com cara homem, não se folga. Vamos mostrar.

Noca — Se essa aí quiser catar papel, se dana toda.

Poquinha — Como é, vai querer sair catando?

(Pausa)

Nhanha — Já disse que a gente precisa. Eu e o Frido vamos sair. Nós não é contra ninguém. Só que tem que olhar pela menina.

Noca — O Frido não vai.

Nhanha — Vai, moça. Ele sabe que deve ir.

Noca — Ele falou que não ía.

Nhanha — Conheço bem meu Frido. Ele não vai esquecer a filha.

Noca — Só sei que ele disse que tá com a gente.

Nhanha — Tá com a gente dele, que sou eu mais a menina.

Noca — Mulher marruda, essa! Se o Frido disse

que não vai, pronto. Tu fica com ele, que dá certo pra tu também.

Nhanha — Frido nunca ía dizer isso.

Noca — Quer me chamar de mentirosa?

Nhanha — Não quero nada. Só quero cuidar da minha vida.

Noca — Então retira o que disse.

Nhanha — O que eu disse?

Noca — Me chamou de mentirosa.

Nhanha — Só falei que eu e o Frido vamos sair pra catar papel.

Noca — Vão a parte nenhuma. E tu dobra a língua quando falar comigo.

Nhanha — Me deixa em paz, gente.

Noca — Quem mandou se meter?

Chicão — Agora aguenta.

Poquinha — A Noca é dureza.

Bichado — Briga de mulher é um sarro.

Giló — Vai engolir desaforo, Noca?

Noca — (Empurra Nhanha.) Como é? Vai retirar o que disse ou não?

(Todos murmuram.)

Nhanha — Por favor, moça. Não falei nada de mais. Se falei foi sem querer ofender. Me desculpe, pronto. Agora deixa eu.

Noca — Deixa uma porra. Tá com medo por isso quer afinar. Mas, não vou deixar barato não! Vou te ensinar a me dar respeito.



(Empurra Nhanha com mais força.)

Nhanha — É pela menina que estou pedindo. Deixa eu em paz.

Noca — Cadela afinada! Vou te comer de tapa.
(Dá um tapa na cara de Nhanha.)

Nhanha — Pestel Peste da moléstia!
(Todos murmuram.)

Noca — Quer mais?
(Nhanha atira-se sobre Noca e as duas ro- lam pelo chão em luta desesperada. Gá começa a gritar e tem o ataque outra vez. Ninguém liga. Todos incentivam a briga feroz de Nhanha e Noca.)

Todos — Dá nela, Noca! Agarra o cabelo da otá- ria! Aperta as tetas dela, Nocal
(Todos riem muito. Gá debate-se e geme. Coco tenta socorrer Gá. Entram Frido, Tião e Maria-Vai. Estão meio bêbados.)

Tião — Que zoeira é essa?

Chicão — Tá legal!

Giló — A mulher do Frido com a Noca.

Bichado — Tua mulher briga direito.

Pelado — Tá enfrentando a Noca de verdade!

Frido — Olha a menina, gente! Olha a menina!
(Todos olham Gá.)

Frido — Acode a Gá, Nhanha! Tá ruim!

Nhanha — Me larga! Me larga, cadela!

(Nhanha, tomada de fúria, atira Noca longe com grande violência.)

Nhanha — Deixa eu cuidar da menina. *(Empurra todos.)* É minha filha, eu cuido dela.
(Todos afastam-se um pouco, menos Frido.)

Nhanha — Sai tu também, bêbado nojento!

Frido — Ela é minha filha também.

Nhanha — Devia ter vergonha nessa cara. Nós larga- da aqui sem comer e tu bebendo com esses vagabundos. Arreda daqui, anda! Tu, Coco, me traz água.
(Nhanha faz massagens no rosto de Gá.)

Nhanha — Filha! Gá! É a Nhanha, Gá!

Coco — Olha a água.

(Nhanha esfrega a mão molhada no rosto da menina.)

Nhanha — Gá! Gá! Sou eu, Nhanha.
(Gá vai se recuperando.)

Gá — *(gemendo)* Ai, ai... Nhanha...

Nhanha — Estou aqui.

Coco — *(rindo)* Ela não morreu.

Nhanha — Graças a Deus!

Gá — Ai, ai... Nhanha...

Nhanha — Encosta ela aqui, Coco. Aqui.
(Coco ajuda a encostar Gá em um canto te.)

Nhanha — Ela já está bem.



- Coco — Quer a bonequinha?
 Nhanha — Dá pra ela, Coco.
 Coco — Só por um pouco. Depois ela devolve.
 Nhanha — Por favor, depois ela devolve.
 (Coco dá a boneca pra Gá.)
 Gá — (rindo, feliz) É da Gá.
 Frido — Ela está boa de novo.
 Nhanha — Graças a Deus! (Vira-se para todos. Está furiosa.) Escutem bem, seus filhos-da-puta!
 Chicão — Está falando comigo também?
 Nhanha — (Agarra um pau.) Estou falando com todos! Entendeu? Com todos. Cada um cuida da sua vida e deixa eu mais minha filha em paz. Não quero saber de ninguém. Se todos aqui são uns vagabundos, uns frouxos, uns miseráveis sem porquê, quero que se danem. Eu sei de mim e da minha menina. Se não querem trabalhar, é coisa de cada um. Eu preciso de dinheiro. Eu vou trabalhar! Quer queiram, quer não. Entenderam?
 (Pausa)
 Giló — (para Frido) Tua mulher é paraíba?
 Maria-Vai — Ela que manda na tua vontade?
 Chicão — A greluda te dobra fácil.
 Poquinha — Ela calou o bico de todo mundo.
 Pelado — Como é, Frido? Fica assim mesmo?

- Tião — Tu falou que fazia ela ficar com a gente.
 (Pausa)
 Frido — Escuta, Nhanha. . .
 Nhanha — Me deixa, tu também!
 (Pausa)
 Frido — Ejes me falaram do tal Berrão. Ele roubava e desfeiteava todo mundo. O homem está mesmo precisando aprender. Não custa nada a gente perder um dia mais uma noite, pra mostrar pra ele que aqui todo mundo é gente. Nós fica com todos! (Pausa) Então, Nhanha?
 Nhanha — Tu virou molenga! Fica, se quer. Eu fico com a minha filha. Foi pra isso que vim.
 Maria-Vai — Mas a gente sabe. É só por hoje. Pra gente pegar esse merda do Berrão pelo pé. Ele vive tirando o ranço no lombo da gente. Precisa aprender.
 Chicão — Todo mundo tem bronca dele. É sinal que não presta.
 Poquinha — Ele sempre rouba a gente. Se tu não fica com nós, ele te rouba também. E não vai te valer espernear.
 Maria-Vai — E se tu pensa que na cama tu ajeta a diferença, está engrupida. O sujeito é um cão. Com ele não tem arrejo.
 Giló — Se ele te rouba, rouba tua filha.
 Chicão — Isso! Ele vai roubar a tua filha.



Bichado — E agora, que tu diz?

(Pausa)

Maria-Vai — Perdeu a língua?

Tião — Aí é que tá o nó! Se ele mete a mão na tua grana, tua filha se estrepa. E tu vai reclamar sozinha? (Pausa) Quero ver tu sair dessa. Vai ficar calada? É, tu sabe o que a gente queria dizer.

Nhanha — Se alguém me roubar e roubar a Gá, eu juro por essa luz que me alumia, eu mato o desgraçado filho-da-puta. E quando digo que mato, é que mato mesmo. (Pausa) Assim é que tem que ser. Se um cabra sem jeito aporrinha a vida da gente, não adianta ficar cozinhando o galo, não. Porque ele vai ser sempre sacana. O negócio é aqui, no pau. Acabar com o cara pra sempre. Conversa de parar pra ver a vida passar é pra cara de vida à-toa. Cara de cabeça fresca. Os que têm a peste pra atormentar sabem que papo não serve pra nada. Diferença se tira é de pau. (Pausa) Se alguém entrava a vida da Gá, eu mato. Tá jurado pra todos. (Pausa) Mas eu não paro de trabalhar. (Nhanha olha bem de frente para todos. O pessoal abaixa a cabeça, para não encarar Nhanha. Depois de algum tempo,

Nhanha vai até Gá, que dorme abraçada à boneca. Examina a menina, depois, com cuidado, retira a boneca e dá para Coco.)

Nhanha — Pega a tua boneca. Obrigada. Não vou esquecer. Agora, deixa ela sossegada. Está dormindo. Ela tem sono de pedra. Só vai acordar com dia alto. Vamos catar papel.

Coco — Ela fica sozinha?

Nhanha — Fica. Não tem perigo, ela não acorda. Vamos, Frido! A gente tem precisão. (Frido olha para todos com quem se justifica. Como ninguém diz nada, dá de ombros, apanha o saco vazio e sai junto com Nhanha. Passam na frente de todos, sem ninguém fazer um gesto para detê-los. Coco os segue mais devagar, sempre olhando para a menina, como se tivesse pena de deixá-la ali sozinha. Depois que os três saem, reina grande silêncio. Um não tem coragem de olhar para o outro.)

Chicão — Eles foram catar.

Giló — Pois é.

(Pausa)

Noca — Ninguém diz nada?

Poquinha — Dizer o quê?

Tião — Deixa ir.

(Pausa)



Chicão — Mas não estava acertado de não ir ninguém?

Pelado — Pra tu ver.

(Pausa)

Maria-Vai — (*suspirando*) Quer saber? Aqui ninguém é de nada.

Bichado — Agora tu disse tudo.

Pelado — A gente é frouxo mesmo. Sempre fomos. Sorte do Berrão.

(Pausa)

Bichado — Eu acho que a gente devia ir também.

Chicão — É melhor a gente deixar pra outra vez a chavecada.

Pelado — Se os três foram, a jogada está furada.

Giló — Azar.

(Pausa)

Bichado — Então, vamos.

(*Todos saem. Apenas Gá fica em cena. Dorme tranquilamente. Coco entra furtivamente. Olha para todos os lados, para ver se ninguém o segue e, com todo cuidado, aproxima-se de Gá.*)

Coco — (*baixinho*) Gál Gál Ei, meninal

(*Coco sacode a menina várias vezes.*)

Gá — (*acordando*) Hum... Nhanha... Nhanha...

Coco — Nhanha não está. Saiu.

Gá — (*Senta-se assustada.*) Nhanha!

Coco — Foi catar papel.

Gá — (*chorando*) Gá quer Nhanha. Nhanha!

Coco — Eu estou aqui. Olha eu aqui.

Gá — (*gritando*) Gá quer Nhanha. Nhanha!

Coco — Psiu! Não grita! Não grita!

Gá — (*com medo*) Gá quer Nhanha!

Coco — Não adianta gritar que ela não vem.

(*Gá começa a chorar.*)

Coco — (*Tapa a boca da menina.*) Para esse berreiro! Menina bonita não chora. (*Pausa. Coco presta atenção pra ver se alguém se aproxima, logo se tranquiliza.*) Tu não precisa ter medo do Coco. Tu quer brincar com a bonequinha? Então para de chorar. Se tu parar, Coco te dá a boneca. Quer? (*Coco solta Gá, que soluça.*) Quer a bonequinha?

Gá — Gá quer a Nhanha.

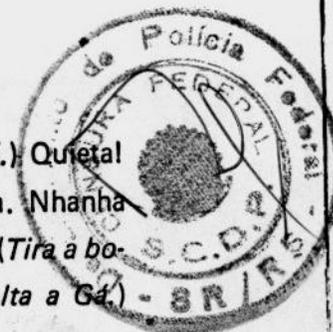
Coco — Ela não vem mais. Nhanha deu Gá pro Coco. (*Ri.*) Agora a Gá é do Coco.

Gá — Nhanha? A Nhanha?

Coco — Foi embora.

Gá — (*Chora.*) Nhanha! Nhanha!

Coco — (*Outra vez tapa a boca de Gá.*) Quer! Quer! Coco só estava fazendo onda. Nhanha volta logo. Ela foi catar papel. (*Tira a boneca do bolso.*) Tu quer? (*Solta a Gá.*)



Gá — Gá quer Nhanha.

Coco — Já falei que ela vem logo. Não precisa ficar aporrinhada. Ela já vem. O Coco toma conta da Gá até Nhanha voltar. Quer a bonequinha?

Gá — Quer! Gá quer! (*Vai pegar.*)

Coco — (*Retira a boneca e ri.*) Ainda não. Tu tem que agradecer o Coco primeiro. (*Ri.*) Agrada o Coco. Anda, agrada. (*A menina está meio emburrada. Coco segura a mão dela e passa no próprio rosto.*)

Coco — Assim. Faz sozinha. Faz, que o Coco te dá a bonequinha. (*Gá agrada Coco, que ri nervoso.*)

Gá — Agora dá pra Gá.

Coco — Quero mais.

(*Gá agrada mais Coco, que ri.*)

Coco — Agora aqui. (*Desabotoa a camisa, pega a mão de Gá e a esfrega no peito.*) Assim. Assim. Faz sozinha. Faz, Gá. Coco faz também na Gá. Coco faz. (*Coco bolina Gá, que ri, com cócegas. Coco está bem excitado. Levanta-se, pega Gá pelo braço. Ouve-se um barulho qualquer. Coco fica apreensivo. Olha para todos os lados. Certifica-se de que*

não há ninguém por perto. Volta até Gá, abraça a menina, que grita.)

Gá — Nhanhal Nhanhal

Coco — Não grita, Gá. Fica quieta.

(*Coco afasta-se da menina e aproxima-se de uma pilha de caixotes. Está bem nervoso, e a menina, meio indiferente ao que está se passando.*)

Coco — Vem buscar a boneca. Vem, Gá. Coco te dá a bonequinha pra sempre. Vem, Gá. Vem aqui atrás. (*Coco entra atrás dos caixotes.*)

Gá — Tem bicho aí.

Coco — Vem, não tem, não. Vem buscar a bonequinha. Vem! Coco te dá.

Gá — Gá tem medo do bicho.

Coco — Coco mata o bicho. Pode vir. Coco não deixa o bicho pegar Gá.

Gá — Gá não gosta do bicho.

Coco — Vou matar o bicho. Olhal Vem ver! (*Coco sai de trás dos caixotes com um pau e dá pauladas no ar, como se matasse o bicho.*) Morre, bicho! Morre! Morre! Gá tem medo do bicho. Morre! Morre! (*Gá ri, com muita inocência, dos gestos de Coco.*)

Coco — Pronto, matei o bicho. Agora, vem.

Gá — (*rindo, ainda*) Tem outro bicho lá.



Maria Vai — A menina está morta?

Giló — O filho-da-puta é que matou.

Chicão — Cachorro da peste.

Tião — Puta merda, que coisa da moléstia.

Poquinha — A mãe vai se azucrinar toda.

Pelado — Vamos agarrar esse puto.

(Coco, sem expressão, olha a menina. Está com a faca na mão.)

Maria Vai — Está de facal!

Tião — É fogo!

Poquinha — Vamos esperar os outros.

Pelado — A mãe é que diz o que fazer.

Todos — É isso. Melhor esperar. A gente fica nas encolhas. O cara tá batusquela. É perigoso.

(Todos ficam espiando Coco ao lado da menina. Entram Noca, Bichado, Frido e Nhanha.)

Nhanha — Que foi? Que foi, gente? Ai, meu Deus, que foi? Gá! Minha Gá! *(Nhanha atira-se sobre Gá e chora convulsamente.)* Gá! Está morta! Está morta! Minha criança! Minha filhinha!

Frido — Pobre menina.

Giló — Aquele ali que matou. Queria se tratar com ela.

Frido — Ele? Filho-da-puta! *(Avança sobre Coco.)* Tu matou ela, desgraçado? Tu matou ela?

Coco — *(Levanta-se com a faca na mão. Está histérico.)* Eu não matei. *(Avança para Frido, com a faca. Frido vai se afastando.)* Eu não matei. Eu queria ela pra mim. Eu queria ela pra mim.

Nhanha — *(que chorava sobre o corpo de Gá, para de chorar e olha fixo para Coco.)* Tu é um cão!

Coco — *(para Nhanha)* Eu não matei. Eu queria ela pra mim. Eu não matei.

Nhanha — *(em pé)* Tu vai se acabar, maldito! *(Anda lentamente para Coco.)*

Coco — Não chega perto que eu te furol! Eu te furol!

Nhanha — *(Vira-se de costas para Coco e grita histérica para todos.)* Ele é coisa da pestel! Tem que morrer! Tem que morrer! Ele é coisa ruim! Tem que se acabar, gente! Tem que se acabar! Pega ele, gente! Mata! Mata! Mata!

(Todos atiram-se sobre Coco e o derrubam no chão, massacrando-o, enquanto Nhanha grita: "Mata! Mata!" Nhanha está de costas para eles. Aos poucos, as pessoas, sempre em silêncio, afastam-se de Coco. Frido vem até Nhanha, que chora baixinho.)

Frido — Ele está acabado, Nhanha.



Nhanha — Que Deus tenha dó de sua alma. (*Ajoe-lha-se perto de Gá e fica chorando. Todos espiam de longe, com respeito. Entra Berrão.*)

Berrão — Que houve aqui?

Chicão — Tem dois que se acabaram.

Berrão — Puta merda! Agora vai dar bochichol Quem se apagou?

Tião — Coco matou a menina.

Maria-Vai — Nós matou o Coco.

Pelado — Foi bem feito o que a gente fez. Foi todo mundo junto pra cima dele. Demos de verdade. Acabou rápido e rasteiro como o filho-de-uma-vaca que ele era.

Poquinha — Fizemos bem.

Berrão — Fizeram bem, o cacetel Isso vai dar truta. Vai baixar cana. Vai dar um rolo danado.

Chicão — Deixa dar.

Berrão — Deixa dar o quê?

Chicão — Deixa a cana baixar.

Berrão — Pra vagabundo, tanto faz estar preso ou solto, né?

Chicão — É. E daí?

Berrão — E daí que não quero nem saber. Não tenho nada com isso.

Chicão — Todo mundo tem que estar nessa jogada. Todo mundo, manjou? Até tu!

Berrão — O que tu tá querendo dizer?

Chicão — Estou querendo dizer que ninguém, nem tu, vai cair fora dessa.

Pelado — Isso que é. O Coco quis se servir da menina. Isso deu nojo na gente. Nós fizemos ele. Agora a gente tem que livrar a cara.

Poquinha — A justa ainda não foi chamada.

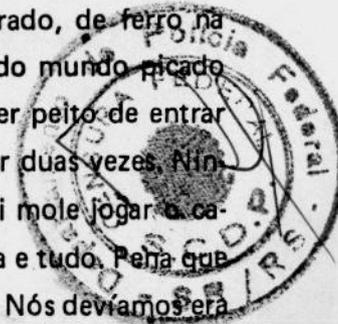
Noca — Só a gente é que sabe.

Tião — A gente, mais tu.

(*Pausa*)

Berrão — Porra! Ninguém aqui tem cabeça fria? Podiam deixar o Coco pra lá. Não precisavam ter matado ele. Da menina a gente se livrava fácil. Era só dizer que ela teve um ataque e pronto. Agora, esse merda é espeto. Filho-da-puta de quem teve a idéia de apagar o miserável.

Chicão — Tu não se mancou que a gente sentiu nojo do que ele fez? Não se mancou? Foi todo mundo junto que quis pegar o tarado. Ele estava ali parado, de ferro na mão. Se não tivesse todo mundo picado de raiva, ninguém ía ter peito de entrar nele. Não precisou falar duas vezes. Ninguém deu pra trás. Foi mole jogar o canalha no chão com faca e tudo. Pena que ele se apagou depressa. Nós devíamos era



ir matando ele devagar. Pegar um pau e espetar no rabo dele até ele cagar sangue. Ou capar o porco com a própria faca e deixar ele aí pra te contar como foi. Ele não prestava. Tinha que se estrepar. Só que devagar. Bem devagar. Pra sentir o aroma da perpétua.

(Pausa)

Berrão — Bem, o que está feito, está feito. Não adianta chorar. Agora, é tratar de se mandar daqui. Quanto antes, melhor. Vamos fazer o ponto lá embaixo da ponte. Não se vem mais aqui. A gente esconde o resto do Coco aí atrás dos caixotes e a menina a gente leva. Amanhã eu chamo a polícia, digo que ela teve um ataque e morreu. O Coco, só quando começar a feder e os urubus começarem a baixar aqui, é que o pessoal vai se tocar que tem gente morta. Aí, é tarde. Fica assim mesmo. Ele não tem importância nenhuma. Morreu, morreu. Um a menos pra encher os bagulhos da gente. Botem os sacos no caminhão. Temos que cair fora. (Ninguém se mexe.) Estão surdos?

Chicão — Não vai pesar?

Berrão — Acha que eu vou ficar aqui a vida intei-

ra? Quero me arrancar o mais depressa possível.

Tião — Mas a gente precisa da grana.

Berrão — Estou estranhando o papo aqui hoje. Que é que há? Tá todo mundo roncando grosso.

Chicão — É assim que é! A gente hoje aprendeu um troço pra toda a vida. Que coisa ruim acaba se a gente quiser. E se a gente quer, não tem por onde. O Coco está aí pra não me deixar mentir. Se tu não quer pesar os sacos, não pesa. Tua cabeça é teu guia. Mas, tem um porém. Não leva porra nenhuma daqui.

Berrão — Quero dar uma colher de chá e todos ficam assanhados. Tá combinado. Não levo os sacos. E daí? Que tu faz com eles?

Chicão — Toco fogo neles.

Berrão — E ganha muito com isso?

Chicão — Mas tu te estrepa.

Berrão — Só porque tu quer. Olha pra isso, otá-riol (Pega dinheiro do bolso.) Tá vendo? Isso me escora. E tu vai passar fome.

Chicão — Pode ser. Mas ninguém vai me levar no bico.

Berrão — Não vão botar os sacos no caminhão? (Ninguém se mexe.) Como é?

Frido — Seu Berrão, eu preciso de dinheiro pra



enterrar minha criança. Por favor, pese os meus.

Berrão — Que enterrar, que nada. Amanhã se dá jeito nela. Para isso tem Governo. Pra enterrar de graça os que estão na lona. *(Nhanha, que reza ao lado da filha, volta-se para Berrão.)*

Nhanha — Seu Berrão, essa menina teve uma vida de cão, mas vai ter morte de gente. Estou lhe falando. O papel está aí. Foi catado por seu mando.

Berrão — E vai ficar aí. E o dinheiro aqui. *(Mostra os bolsos.)*

Nhanha — Nós precisa de dinheiro, Seu Berrão. Não é por nós, é pela meninal

Berrão — Já se danou mesmo. Pra que gastar dinheiro à-toa com ela?

Nhanha — Isso é coisa nossa. O senhor mandou catar papel. Nós catou. Agora tem que comprar.

Berrão — Eu compro o que eu quero. E tem mais uma coisa. O que eu ía pagar não dava pra enterrar ninguém.

Giló — Juntando a grana de todos, dava.

Berrão — Tu cala a sua boca. Ninguém te chamou na conversa.

Giló — Eu falo quando quero.

Berrão — Então fala. Bota a boca no trombone

que eu também boto. Já estou dando uma colher de chá de me fechar em copas. Mas, se começam a se assanhar, chamo a cana e dedo todos vocês. Eles apanham um por um e eu apanho os sacos de graça.

Poquinha — Isso é sacanagem.

Berrão — Mas é uma boa pedida. *(Vai sair.)* Vou mostrar como se lida com vagabundos. *(Nhanha entra na frente de Berrão.)*

Nhanha — É melhor o senhor dá o dinheiro do enterro. Esse gosto o senhor não tira da Gá.

Berrão — *(Puxa o revólver.)* Sabe o que é isso?

Nhanha — Bela merda!

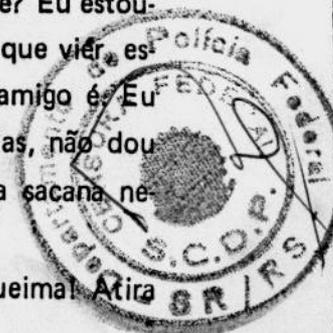
(Todos rodeiam o Berrão.)

Berrão — Que é que há? Eu mando um pra glória.

Nhanha — A gente sabe que se tu tiver coragem, tu desgraça um. Mas a gente é uma porrada. Quem ficar te pega.

Berrão — Não está vendo o revólver na minha mão? Então, que papo é esse? Eu estou avisando. Quem avisa amigo é. Eu queimo um. Eu queimo. Mas, não dou um puto de um tostão pra sacana nenhum.

Nhanha — *(Mostra o peito.)* Então queima! Atira



aqui! Atira! Falta peito? Tu não tem coragem? Atira! Atira, seu porco!

Berrão — Tu tá louca, mulher!

Nhanha — Tu é que está louco de medo. Atira! Tem medo, seu puto? Então dá o dinheiro! (Pausa) Anda, dá a grana, ou atira! Atira! Tu me mata. E daí? Estou cagando um monte desse tamanho pra morrer. Já morri um cacetão de vezes, tá bom? Morri de fome, morri de frio, morri de medo, morri de ver a minha cria morrer. E agora chegou a tua vez. Atira! Atira! Anda, atira! Mas, tu não escapa. Gasta a tua verdade aqui no meu peito. Anda! Daí, eles te pegam e te azaram. Esta é a hora de acertar as contas. Quem tiver se danado mais está com a razão. E não vai ter canhão pra mudar o resultado. Anda, atira! Atira! (Nhanha anda lentamente, avançando sobre Berrão, que está apavorado.)

Maria-Vai — (aconselhando) É melhor tu dar a grana pra ela.

Berrão — É. . . É. . . vou ajudar tu enterrar a criança. Vou ajudar. Afinal, é só isso que tu quer, não é?

Nhanha — É.

(Berrão pega todo o dinheiro e dá pra Nhanha.)

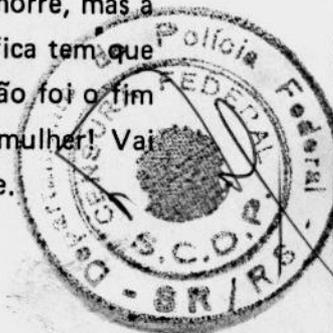
Berrão — Pronto. Já tem o que queria.

(Nhanha fica parada na frente de Berrão. Olha com desconfiança para o dinheiro. Berrão, percebendo que já domina a situação novamente, fala agora com autoridade para Nhanha, comprando-a definitivamente.)

Berrão — Então mulher? Não tá contente? Não tem tua grana? Então? Vai cuidar da tua cria morta, antes que os urubus dêem conta dela. (Nhanha continua parada.) Vai, mulher, vai! Vai! Toda essa gente tá chateada com essa coisa toda. Eu também, claro. Pombas! Quem não se queima com um troço escamoso desses? (Passa a mão no ombro de Nhanha.) Todo mundo ficou perturbado. Tu gritou. Todo mundo gritou. Eu também gritei. Essa onda me deixou zoeira. Mas, pombas! A vida continua. Um morre, mas a gente tá aí mesmo. Quem fica tem que tocar o barco pra frente. Não foi o fim do mundo, não é? Vai lá, mulher! Vai cuidar da tua cria. Ela merece.

Nhanha — (bem triste) É. É.

Berrão — Então vai logo, mulher!



(Nhanha olha para todos, como se pedisse desculpas.)

Nhanha — Gá vai ter enterro de gente.

(Nhanha, sempre triste, abatida, afasta-se de Berrão e se ajoelha ao lado de Gá, começando a rezar. Frido a acompanha. Os catadores, meio embaraçados, entreolham-se e vão lentamente se colocando entre Berrão e Nhanha. Estão juntos, formando um bloco. Chicão, que está na frente, volta-se para os outros.)

Chicão — E nós? Como é que fica?

(Todos os catadores começam a falar ao mesmo tempo, incitando-se uns aos outros para tomar a iniciativa e agarrar o Berrão. No auge do vozerio, Tião dá um empurrão em Chicão, que cai na frente de Berrão. Berrão dá-lhe um pontapé e o atira longe. Os outros tentam avançar, mas Berrão dá um tiro para o ar. Todos param de falar e, apavorados, recuam.)

Berrão — Peguem os sacos e botem no caminhão!

(Um a um, lentamente, os catadores vão pegando os sacos e saindo. Reza de Nhanha cresce, misturando-se com ruídos de grande cidade que vão entrando, enquanto o pano fecha lentamente.)

FIM



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RELATÓRIO Nº 416/83 - SCC

1. Identificação:

Título: " HOMENS DE PAPEL " Visto.
Em 21.10.83
 Autor: Plínio Marcos
 Espécie: peça teatral (EXAME DO ENSAIO GERAL)
 Local- Caixa Econômica Federal
 Data- 17 de outubro de 1983, às 16 horas.

2. Conteúdo:

Enredo: um grupo de papeleiros que vive em um barraco em ruínas é explorado por um intermediário que vende os papéis recolhidos. Quando o grupo resolve rebelar-se contra o aproveitador, parando de juntar o papel, aparece gente nova, no local. É uma casal que vem do interior, trazendo a filha doente, a procura de maiores recursos para curar a menina. Ela é retardada mental e tem ataques. O casal, contrariando a decisão do grupo, quer juntar papel que lhes dará algum dinheiro. O grupo não aceita o ato de rebeldia e começam as provocações. O ex-colono adere e começa a beber. A mulher, entretanto, só pensa em trabalhar para poder levar a filha a um médico. Surgem daí discussões, que resultam em lutas corporais. Ao final acovardados, todos resolvem ir juntar o papel. A menina doente fica sozinha, dormindo. Um débil mental, que faz parte do grupo de papeleiros, aproveitando-se da ausência dos outros, tenta estuprar a menina. Esta, apavorada, sofre um ataque e morre. Quando todos voltam, o desespero dos pais é imenso. Os papeleiros resolvem fazer justiça e lincham o agressor da menina. Quando chega o aproveitador intermediário, recusa-se a dar o dinheiro dos papéis. A mãe da menina morta, enfrenta-o e ele vencido pela coragem da mulher dá o dinheiro necessário para o enterro. Retomando os ares de valentia, o intermediário enfrenta os papeleiros que acovardados voltam a carregar o caminhão com os papéis velhos.

Mensagem principal: mostrar a fraqueza humana. Mesmo explorado, o homem acovarda-se e acomoda-se. Só em momentos de extremo desespero, como no caso da mãe que perde a filha, é que surge a coragem.

A peça apresenta uma crítica social dirigida contra a exploração do povo miserável. O que vale é a lei do mais forte, mais esperto e mais rico.

A crítica é positiva.

3. Público alvo: adultos.

4. Linguagem: comum, com uso de gíria e abuso de palavras.

5. Grau de persuasão: convincente.

6. Perspectiva censória: a peça focaliza o submundo da sociedade. São marginais, prostitutas, gigolôs, débeis mentais convivendo em ambiente de marginalidade que propicia a violência, a exploração dos mais fracos e enfim, a degradação física e moral.

ENSAIO GERAL

Composição Cênica:

Cenário: casebre em ruínas, muro semi-destruído, trapos dependurados, sacos de papel etc.

Iluminação: com pequenos efeitos.

Guarda-roupa: vestidos, calças, camisas, roupas do cotidiano, porém

.....

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

.....

com aspecto de sujeira e farrapos.

Expressão corporal: usada para dar ênfase aos personagens.

Marcação: a encenação segue o texto liberado.

Som: duas músicas são cantadas e ao final é apresentada uma gravação com música de Chico Buarque de Holanda.

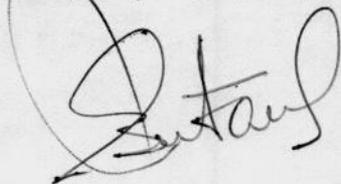
PARECER

Tendo em vista o que foi apresentado no ensaio geral e considerando a legislação censória, creio que a peça possa ser liberada, integralmente.

Classificação: a peça apresenta cenas de violência, como a tentativa de estupro, o linchamento e lutas corporais. A linguagem pornográfica e a ambientação da peça chocam o espectador. Tendo em vista estes fatores, creio que a peça deva ser assistida somente por público adulto. Opino pela liberação para maiores de 18 anos.

Justificação de impropriedade: Cenas de violência e linguagem pornográfica.

Porto Alegre, 19 de outubro de 1983.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
 RELATÓRIO Nº 413/83 - SCC

1 - IDENTIFICAÇÃO

- 1.1 - Título: "Homens de papel"
 1.2 - Autor: Plínio Marcos
 1.3 - Espécie: peça teatral (ensaio-geral)
 1.4 - Local: prédio da Caixa Econômica Federal
 1.5 - Dia: 17.10.83
 1.6 - Horário: 16:00 hs

Visto.
 em 21.10.83
 João Bispo da Hora
 Téc. Cens. Matr. 2.324.463
 Chefe do SCDP/ISB/DPF/BS

2 - CONTEÚDO

- 2.1 - Enredo: Um grupo de miseráveis catadores de papel é explorado por Berrão, personagem cínico e cruel, que, por métodos violentos, sempre abaixa o preço da mercadoria, a fim de revendê-la à fábrica com a maior margem de lucro possível. A solução para acabar com tal exploração seria todos os catadores se unirem e, por algum tempo, pararem de apanhar papéis, pois Berrão, sem ter o que revender à fábrica, seria forçado a melhorar seu preço para conseguir o papel. Esta é a pretensão do grupo quando aparece, na casa em ruínas onde vivem, mais um casal, vindo do interior, trazendo uma filha doente e disposto a integrar o grupo. A mulher, porém, não concorda com a greve dos catadores porque necessita de dinheiro urgente para tratar da saúde de sua filha. Isso cria um ipas-se. Marido e mulher saem, então, à procura do papel, sendo acompanhados por outro personagem - Coco - que apresenta sintomas de debilidade mental. A greve, assim, é furada, contrariando a expectativa geral. E já que três dos componentes do grupo foram trabalhar, aos demais não resta outra alternativa senão fazer o mesmo, uma vez que a tentativa de união fracassara. Todos partem para a labuta ingrata, permanecendo no local apenas a filha do casal, descansando. Pouco depois, retorna Coco, que já havia demonstrado interesse sexual anormal pela menina e, ao verificar que ela está sozinha, tenta estuprá-la. A menina, cuja saúde era débil, morre em consequência do violento choque emocional. Coco não sabe o que fazer. Neste momento, estão voltando os papeleiros, os quais, ao perceberem a situação e instigados pela mãe da criança, decidem matá-lo. Mais tarde, aparece Berrão, ocasião em que a mãe lhe exige dinheiro pelos seus sacos de papéis para poder dar um enterro decente à filha. Berrão reluta, mas, sob a liderança da mãe da garota, todos se unem e o forçam a dar o dinheiro. Acalmado os ânimos, Berrão volta a dominar a situação e convence os catadores a colocar seus sacos de papéis no caminhão. Estes, com raiva, tentam agredi-lo. Ele, porém, saca de sua arma, dá um tiro para o alto e subjuga o grupo. Resignados, abatidos, os "homens de papel" cumprem, então, mais uma vez, sua triste tarefa diária.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
RELATÓRIO Nº 413/83 - SCC (CONTINUAÇÃO)

- 2.2 - Mensagem: Crítica contundente à penúria social, à opressão a que estão submetidos os miseráveis e à sua falta de capacidade de união para a extinção da injustiça.
- 3 - PÚBLICO ALVO
Adultos.
- 4 - LINGUAGEM
Popularesca, com muitos palavrões.
- 5 - GRAU DE PERSUASÃO
Muito convincente.
- 6 - AMBIENTAÇÃO CÊNICA
- 6.1 - Cenário: O cenário procura caracterizar uma casa semi-destruída.
- 6.2 - Iluminação: Sem nenhum efeito especial.
- 6.3 - Música: Há duas canções na peça e, no final, é tocada uma música de Chico Buarque.
- 6.4 - Guarda-Roupa: Os atores se trajam como pessoas miseráveis, com roupas rasgadas e sujas.
- 6.5 - Expressão Corporal: Muito empregada, realçando a maneira chula de falar e de agir dos papeleiros.
- 7 - PERSPECTIVA CENSÓRIA
- 7.1 - Comentário: A peça retrata com profundo realismo o cotidiano opressivo, desesperançado e sombrio que pesa sobre os ombros daqueles que compõem uma camada social sem direito a nada, a não ser vegetar na própria miséria.
- 7.2 - Parecer: Pela liberação com restrição etária, nada havendo na peça que contrarie a legislação censória em vigor.
- 7.3 - Classificação: Imprópria para menores de 18 (dezoito) anos.
- 7.4 - Justificação: Linguajar pornográfico e cenas de violência.

Porto Alegre, 19 de outubro de 1983.

Alex Cardia Eschiletti

Alex Cardia Eschiletti
Técnico de Censura

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS-SR/DPF/RS
RELATÓRIO Nº 412/83-SCC

1. Identificação:

Título: HOMENS DE PAPEL

Autor: Plínio Marcos

Espécie: Peça Teatral - Exame de ENSAIO GERAL

Grupo: Grupo de Teatro da CEF

Local: Andradas, 1780/6º - dependências da CEF

Data e hora: 17/10/83 - às 16:00 horas.

Visto.
Em 21.10.83
[Assinatura]
CENSURA BÍSPPO DA HORA
Cens. Matr. 2.324.433
SCDPI/SR/DPF/RS

2. Conteúdo:

2.1. Enredo:

Uma comunidade de catadores de papel é explorada por Berrão, que compra-lhes o papel recolhido, mas os extorque no peso e na remuneração e, ainda, "usa" sexualmente as mulheres, sem que os seus maridos possam reagir efetivamente. Ele é a "lei" para o grupo. Certo dia, uma família do interior (marido, mulher e filha), recém chegada, é apanhada por um dos papeleiros e, conduzida ao local, é ameaçada por Berrão que con fisca-lhe o papel. Mas, diante da confusão criada, a menina tem uma convulsão, Berrão se faz de bonzinho e "paga" o papel ao ca sal, que precisava de dinheiro para levar a filha ao médico. No ambiente de promiscuidade, porém, o homem do interior é levado a ambiente de promiscuidade, digo, é levado a beber com os demais e no dia seguinte não consegue levantar-se para o trabalho e perde a "moral" perante a mulher e os demais do grupo e tem que sujeitar-se a só trabalhar poucas horas por dia, como era costume dos demais. Por outro lado, o grupo deseja unir-se con tra Berrão, mas não consegue a adesão do casal à sua greve. Todos então se põem ao trabalho, deixando a menina só. "Coco", um papeleiro demente, que antes conquistara a amizade da garota com uma bonequinha, volta em seguida e tenta seduzir a doente. Não o conseguindo, tenta o estupro, quando a sufoca e ela morre. Nisso chegam os papeleiros e o "justiciam". Diante do ocorrido, Berrão não quer pagar-lhes e exige que busquem outro local, mas é enfrentado pela mão da morta, que exige o pagamento para poder enterrar sua filha dignamente. Berrão ameaça matá-la, mas se o fizesse seria linchado pelos demais e opta então por dar-lhe o dinheiro. Todos se retiram, exceto o casal interiorano, que fica contemplando o cadáver da filha. Como dar-lhe-ão um enterro decente?

2.2. Mensagem:

Constatação crítica de uma realidade do sub-mundo social.

3. Público alvo: Adulto.

4. Linguagem: Popular, com grande incidência de gíria e palavre ado pornográfico.

- segue -

[Assinatura]

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS-SR/DPF/RS
Relatório Nº 412/83-SCC - continuação

Fls. 2

5. Grau de persuasão: Convincente.

6. Ambientação cênica:

- Cenário e elementos de cena: um barraco de caixotes atrás de um muro, papel velho espalhado pelos cantos, latas, fogareiro, lampião de querosene, um ambiente de miséria e promiscuidade;

- Iluminação: Luz difusa, com caracterização de dia e noite;

- Som: Alguns ruídos durante a encenação e música mecânica ao final, esta cantando a miséria encontrada na cidade por gente do interior que vem em busca de dias melhores;

- Figurino: Papeleiros vestem-se maltrapilhos. Interioranos com roupas "domingueiras". Berrão, calça e ac, digo, calça e camisa, trazendo na cintura um revólver, um molho de chaves e balança de gancho;

- Marcação: A peça é marcada pela miséria, física, digo, física e moral, num ambiente promíscuo em que o recato inexiste, com brigas frequentes e onde a valentia e a covardia sucodem-se em momentos na mesma pessoa. Não há uma passagem especial de marcação a destacar.

7. Perspectiva Censória:

Trata-se de uma crítica social, mostrando o sub-mundo em que são jogados os papeleiros e a miséria que espera incautos interioranos que pensam encontrar na cidade melhor vida que no interior. A peça revela um ambiente promíscuo e sem moral, com ocorrência de um homicídio por tentativa de estupro e outro por linchamento, além de mostrar a exploração do atravessador do papel. É um espetáculo para adultos.

PARECER:

Opinamos pela liberação do espetáculo, por não contrariar a legislação censória.

Classificação etária: Opinamos por classificar o espetáculo em epígrafe como IMPRÓPRIO PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS, considerando as cenas de violência e o palavreado pornográfico.

Justificação de impropriedade:

"Cenas de violência e linguagem pornográfica".

Porto Alegre, 19 de outubro de 1.983.

Avelino Gambim
AVELINO GAMBIM
Matr. Nº 2 324 369



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0059, p. 235

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 332/83-RS

PEÇA HOMENS DE PAPEL

ORIGINAL DE PLÍNIO MARCOS

PELO SCDP/SR/RS
APROVADO ~~XXXXXXXXXX~~

VÁLIDO ATÉ 20 de dezembro de 19 83

CLASSIFICAÇÃO

~~GENAS DE VIOLÊNCIA E LIN-
GUAGEM PORNOGRÁFICA~~

~~P. Alegre,~~ 20 de outubro de 19 83
~~Brasília,~~

CENSURA FEDERAL/RS
IMPRÓPRIO PARA MENORES
LE 18 ANOS

João Bispo da Hora
João Bispo da Hora
Chefe do SCDP/SR/RS
~~xxxxxx~~
Diretor de DGGP

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada HOMENS DE PAPEL

Original de PLÍNIO MARCOS

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de GRUPO DE TEATRO DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL - PORTO ALEGRE/RS

Requerida por CRISTINA BEATRIZ COIMBRA

Tendo sido censurada em 20 de outubro de 19 83 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS, SEM CORTES.

CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VA-

LIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO POR ESTE

SCDP/SR/RS.

P. Alegre, 20 de outubro de 19 83
Brasília

Renato Faria

RENATO RODRIGUES DE FARIA
Téc. Censura Matr. 2.415.816
Chefe da SCC/SCDP/SR/DPF/RS

XXXXXX Serviço de Censura XXXXXX

TÍTULO HOMENS DE PAPEL

autor: PLÍNIO MARCOS

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 18 anos

Praça SR/RS

Obs.:

DF. 31 / 10 / 83

Francis
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 18 (dezoito) anos, se cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.: cut provisório - SR/RS
Brasília-DF, 01 de 11 de 19 83

Belle Prudente Carvalho
Matr. 447 791

Brasília-DF de de 1.97

SI - cenas de violência
linguajar chulo

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de para o qual os senhores propõem a classificação etária de 18 (dezoito) anos.

Brasília-DF 12 de 11 de 19 83

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em, 12 / 11 / 1983

Solange M. T. Fernandes
Diretora da DCDP



**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS**

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº 883	EMIÇÃO 19 NOVEMBRO 1983	VALIDADE 19 NOVEMBRO 1988
------------------------------	-----------------------------------	-------------------------------------

TÍTULO
HOMENS DE PAPEL

AUTOR (ES)
PLÍNIO MARCOS

CLASSIFICAÇÃO
18 IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIIDADE
CENAS DE VIOLÊNCIA/LINGUAGEM CHULO

Solange M. F. Fernandes
SOLANGE MARI TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP
ASSINATURA

TÍTULO: **HOMENS DE PAPEL**

ESPÉCIE: **PEÇA TEATRAL**

CERTIFICADO Nº **883**

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: **CRISTINA BEATRIZ COIMBRA - PORTO ALEGRE/RS -**

DECISÃO: **IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18(DEZOITO) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE / QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.**

Nei de Oliveira
NEI DE OLIVEIRA
Chefe do SC/DCDP
ASSINATURA

BSB , 19 DE NOVEMBRO DE 19 83

08 novembro 1983

1.997/83.4/DCDP

RS.

" A SALAMANCA DE JARAU ", de J. Simões Lopes Neto.
" HOMENS DE PAPEL ", de Plínio Marcos.

Atenciosamente,

Solange M. F. Hernandez
SOLANGE MARLI TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP